



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E QUESTÃO**  
**SOCIAL**

**YASHMIN MICHELLE RIBEIRO DE ARAUJO**

**PENSAMENTO PÓS-MODERNO E SERVIÇO SOCIAL: RECEPÇÃO E**  
**POSICIONAMENTOS DA CATEGORIA PROFISSIONAL NOS CBAS, NOS ENPESSE**  
**E NA UECE**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2017**

YASHMIN MICHELLE RIBEIRO DE ARAUJO

PENSAMENTO PÓS-MODERNO E SERVIÇO SOCIAL: RECEPÇÃO E  
POSICIONAMENTOS DA CATEGORIA PROFISSIONAL NOS CBAS, NOS ENPESS E  
NA UECE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Serviço Social, Trabalho e Questão Social. Área de concentração: Serviço Social.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristiane Maria Marinho.

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Araujo, Yashmin Michelle Ribeiro de.

Pensamento pós-moderno e Serviço Social: recepção e posicionamentos da categoria profissional nos CBAS, nos ENPESS e na UECE [recurso eletrônico] / Yashmin Michelle Ribeiro de Araujo. - 2017.

1 CD-ROM: 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 276 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Serviço Social.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Ph.D. Cristiane Maria Marinho.

1. Pensamento pós-moderno. 2. Serviço Social. 3. Marxismo. 4. (Neo)conservadorismo. I. Título.

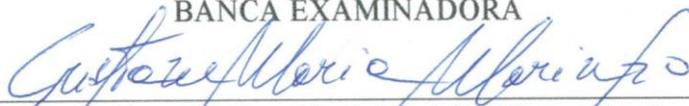
YASHMIN MICHELLE RIBEIRO DE ARAUJO

PENSAMENTO PÓS-MODERNO E SERVIÇO SOCIAL: RECEPÇÃO E  
POSICIONAMENTOS DA CATEGORIA PROFISSIONAL NOS CBAS, NOS ENPESSE E  
NA UECE

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Serviço Social, Trabalho e Questão Social. Área de concentração: Serviço Social.

Aprovada em: 20/04/2017

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Cristiane Maria Marinho (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes (UFCG - Membro)  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG



Profª. Dra. Aurineida Maria Cunha (UECE - Membro)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Profª. Dra. Erlênia Sobral do Vale (UECE - Membro)  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

À minha mãe, Lourdes, a melhor de todas.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar forças para seguir em frente, esperança em dias melhores, garra e determinação para conquistar meus objetivos e projetos.

À minha mãe, Lourdes, por ser tão importante quanto o ar que eu respiro, por me mostrar que para se conquistar o que se quer, o trabalho duro é o único caminho. Meus eternos agradecimentos por ser minha fortaleza e minha muleta nas horas difíceis, pelas orações e conselhos e pela torcida permanente.

Aos meus queridos irmãos Miguel e Samara por me ajudarem nos momentos necessários e me mostrarem, cada qual a seu modo, como encarar os problemas da vida.

Ao meu namorado Kenny por me ensinar todos os dias a ter paciência com os sonhos futuros, a levar os desafios da realidade com leveza, a ser feliz com as pequenas alegrias e a amar sem exigências.

À turma 4 do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social (MASS) pela companhia nos momentos difíceis, pela troca de experiências e conhecimentos, pelas contribuições na minha pesquisa, pelo compartilhamento de angústias e preocupações e pelas palavras de ânimo e incentivo. O meu muito obrigada, de todo o coração, à Jéssyca, Raylka, Richelly, Pâmela, Valdênia, Jana, Flávia, Camila, Renata, Verônica e David. Certamente o mestrado não teria sido o mesmo sem vocês.

Às amigas Larissa, Suzane e Pâmella pelas palavras de incentivo, pela presença na minha vida e pela compreensão em minhas ausências.

Ao amigo André Dardengo pelas discussões teóricas e o empréstimo de livros.

À minha orientadora, professora Cristiane Marinho, por aceitar o desafio de me orientar na construção deste trabalho, pela paciência, pela atenção em todas as solicitações e a dedicação permanente para sanar minhas dúvidas e questionamentos. Este trabalho é o que é, porque foi construído em conjunto por nós: muita obrigada por tudo!

Às professoras Cristina Nobre, Erlênia Sobral e Laura Cunha, que gentilmente aceitaram participar da banca de qualificação, contribuindo sobremaneira para o texto final que está materializado nas páginas seguintes. Igualmente, às duas últimas professoras mencionadas e ao professor Dorgival Fernandes pela disponibilidade e gentileza em aceitarem participar da banca para defesa deste trabalho, expressando solidariedade em contribuir para suprimir as limitações teórico-metodológicas e enriquecer nossa pesquisa.

Aos/às professores/as do MASS pelas reflexões, questionamentos e debates em sala de aula, que possibilitaram a ampliação de nossos conhecimentos.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo financiamento que tornou esta pesquisa possível.

Aos/às professores/as participantes de nossa entrevista, que cederam um momento do seu tempo para contribuir com nossa pesquisa e que forneceram elementos, informações, opiniões e perspectivas indispensáveis para a construção do nosso objeto.

Ao MASS por acreditar em minha proposta de estudo e me ajudar nas solicitações e necessidades surgidas ao longo dos anos de inclusão no mestrado.

Ao curso de graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a todos os funcionários desta instituição de ensino que de algum modo cooperaram com este estudo.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

“Que aqui se afaste toda a suspeita  
Que neste lugar se despreze todo o medo”.

(Dante Alighieri, A Divina Comédia)

## RESUMO

A atualidade das discussões com respeito à presença, os influxos ou os rebatimentos do pensamento pós-moderno nas pesquisas e na prática da categoria dos/as assistentes sociais do Brasil e a necessidade de maiores aprofundamentos sobre a temática do pós-moderno justificam este trabalho de pesquisa, que objetiva analisar os posicionamentos da categoria profissional sobre a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro. Para tanto, ele se propõe como uma investigação de natureza qualitativa, composta de pesquisa documental, sobretudo, nas matrizes curriculares do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e na Proposta Básica para o Projeto de Formação Profissional; de pesquisa bibliográfica, principalmente, nos trabalhos publicados nos anais dos últimos Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) e Encontro Nacional de Pesquisa e Ensino em Serviço Social (ENPESS); e de pesquisa de campo, realizada por meio de entrevista semiestruturada com nove (9) professores/as do referido curso de graduação. Consoante nossa investigação, amparada nas pesquisas supramencionadas, identificamos que a categoria profissional dos/as assistentes sociais, pesquisadores/as e professores/as de Serviço Social do Brasil apresenta diferentes e heterogêneas interpretações sobre a recepção do pós-moderno pela profissão: há, grosso modo, de um lado, a defesa do diálogo entre o marxismo e o pós-moderno como exercício do pluralismo e há, de outro lado, a posição de que o pensamento pós-moderno poderia contribuir para a reatualização do conservadorismo profissional, acarretando prejuízos para o projeto ético-político do Serviço Social. Nesta perspectiva, consideramos ser imprescindível nos munir de conhecimentos teóricos e metodológicos tanto a respeito do marxismo, quanto a respeito do pós-moderno para então posicionarmos-nos conscientemente e criticamente sobre estes, não nos esquecendo, como assistentes sociais, da direção hegemônica marxista da profissão.

**Palavras-chave:** Pensamento pós-moderno. Serviço Social. Marxismo. (Neo)conservadorismo.

## ABSTRACT

The relevance of the discussions regarding the presence, influxes or refutations of postmodern thought in the research and practice of the category of social workers in Brazil, and the need for further study on the postmodern theme justify this work of research, which aims to analyze the positions of the professional category on the reception of postmodern thinking by the Brazilian Social Work. To do so, it is proposed as an investigation of a qualitative nature, composed of documentary research, above all in the curricular matrices of the undergraduate course in Social Work of the University of the State of Ceará (UECE) and in the Basic Proposal for the Professional Training Project; mainly in the papers published in the annals of the last Brazilian Congress of Social Workers (CBAS) and the National Meeting of Research and Teaching in Social Work (ENPESS); and field research, carried out through a semistructured interview with nine (9) professors of said undergraduate course. According to our research, based on the aforementioned researches, we identified that the professional category of social workers, researchers and professors of Social Work of Brazil presents different and heterogeneous interpretations about the reception of the postmodern by the profession: there are, on the one hand, the defense of the dialogue between marxism and the postmodern as an exercise of pluralism and, on the other hand, there is the position that postmodern thought could contribute to the re-visualization of professional conservatism, the ethical-political project of Social Work. In this perspective, we consider it essential to provide theoretical and methodological knowledge both of marxism and of the postmodern, in order to position ourselves consciously and critically on them, not forgetting, as social workers, the hegemonic marxist of this profession.

**Keywords:** Postmodern thinking. Social Work. Marxism. (Neo)conservatism.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABESS	Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social
ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
CAPESS	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CBAS	Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais
CEAS	Centro de Estudos e Ação Social
CE	Código de Ética
CETROS	Centro de Estudos do trabalho e Ontologia do Ser Social
CFESS/CRESS	Conselho Federal de Serviço Social/Conselho Regional de Serviço Social
CNE/CES	Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior
ENESSO	Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social
ENPESS	Encontro Nacional de Pesquisadoras (es) em Serviço Social
EUA	Estados Unidos da América
FHTMSS	Fundamentos históricos, teóricos e metodológicos de Serviço Social
IMO	Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário
JEPTRA	Observatório Juventude, Educação Profissional e Trabalho
LABVIDA	Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LAPESS	Laboratório de Pesquisas e Estudos em Serviço Social
LASSOS	Laboratório de Estudos e Pesquisas em Seguridade Social e Serviço Social
NUAFRO	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Afrobrasilidade, Gênero e Família
NUPES	Núcleo de Pesquisas Sociais
PEP	Projeto profissional ético-político
PET de Serviço Social	Programa de Educação Tutorial de Serviço Social
PET Saúde	Programa de Educação Tutorial de Saúde
OBSERVEM	Observatório da Violência contra a mulher no Ceará
PUC/RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCISS	União Católica de Serviço Social
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>PENSAMENTO PÓS-MODERNO: ORIGENS, PROPOSTAS E CRÍTICAS.....</b>	<b>30</b>
2.1	DA CRISE DE PARADIGMAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS AO MODERNO E AO PÓS-MODERNO.....	31
2.2	PENSAMENTO PÓS-MODERNO: UM “LEQUE” DE POSIÇÕES.....	50
2.3	CRÍTICAS DIALÉTICO-MARXISTAS AO PÓS-MODERNO E À EXISTÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE.....	65
<b>3</b>	<b>RECEPÇÃO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO PELO SERVIÇO SOCIAL DO BRASIL.....</b>	<b>83</b>
3.1	MEDIAÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS PARA A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO NO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO.....	84
3.2	UMA CARTOGRAFIA DA RECEPÇÃO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO NO SERVIÇO SOCIAL: O POSICIONAMENTO DA CATEGORIA PROFISSIONAL A PARTIR DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NOS CBAS E NOS ENPESS.....	95
3.3	O QUE O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO PENSA E DISCUTE SOBRE O PÓS-MODERNO?: (NEO)CONSERVADORISMO E REBATIMENTOS SOBRE O PEP.....	112
<b>4</b>	<b>PENSAMENTO PÓS-MODERNO E SERVIÇO SOCIAL: POSICIONAMENTOS DOS/AS PROFESSORES/AS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UECE.....</b>	<b>132</b>
4.1	OS SUJEITOS DA PESQUISA: PERFIL DOS/AS PROFESSORES/AS ENTREVISTADOS/AS, TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL.....	133
4.2	POSICIONAMENTOS DOS/AS PROFESSORES/AS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UECE SOBRE O PÓS-MODERNO.....	138
4.2.1	Posicionamentos sobre o pós-moderno: elementos constitutivos e existência ou não da pós-modernidade.....	139
4.2.2	Posicionamentos sobre as relações entre o pensamento pós-moderno e o Serviço Social: pluralismo, ecletismo e (neo)conservadorismo.....	162

<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>194</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>212</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>230</b>
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	231
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	233
	APÊNDICE C – RESUMO DAS ENTREVISTAS.....	234

## 1 INTRODUÇÃO

Em toda pesquisa que se propõe científica, é fundamental ser leal ao dado da realidade. Num primeiro momento, isto pode parecer óbvio, porém nem sempre é simples – ou possível – conseguirmos nos desprender de nossos juízos de valor, ou como mostrou Heller (1985), desligarmo-nos da “ultrageralização” realizada pelo nosso pensamento e pelo nosso comportamento na vida cotidiana, materializada quando “*assumimos* estereótipos, analogias e esquemas já elaborados; [ou quando] [...] eles nos são ‘*impingidos*’ pelo meio em que crescemos” (HELLER, 1985, p. 44-45, grifos da autora), dificultando uma atitude crítica diante de diferentes questões postas na cotidianidade. Neste determinado ponto reside uma das mais elementares dificuldades de se fazer uma pesquisa científica: conseguir distanciar os juízos provisórios (que podem se constituir como preconceitos) de uma ultrageralização, para que estes não afetem os juízos científicos.

No caso específico da investigação que ora apresentamos, procuramos torná-la científica, afastando – o máximo possível – dogmatismos teóricos e ideológicos, com a finalidade de construir nosso objeto de pesquisa com clareza e fidedignidade a sua expressão no real. Nosso objeto é a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro e os posicionamentos da categoria profissional diante deste. Nossa motivação para estudá-lo adveio de observarmos a atualidade da discussão sobre o pós-moderno e a necessidade de haver maiores aprofundamentos no campo de pesquisas do Serviço Social brasileiro sobre o referido assunto. Nos corredores das universidades, nos grupos de estudos, nos laboratórios de pesquisa, nas discussões dos movimentos sociais, nos debates das organizações representativas da profissão, é comum escutarmos falar de uma tal pós-modernidade, um pensamento pós-moderno e um pós-modernismo<sup>1</sup>, sem, algumas vezes, compreendermos seus fundamentos, o que dizem os próprios autores rotulados como pós-modernos e como a categoria se posiciona diante do debate sobre a perspectiva teórico-metodológica pós-moderna.

Podemos afirmar, antes de qualquer coisa, que “toda realidade é sempre muito mais rica e complexa do que a possibilidade de compreensão, análise e explicação que se faça sobre esta” (OSTERNE; BRASIL; ALMEIDA, 2013, p. 158). Isto significa, que reconhecemos não ser possível e nem temos a pretensão de desvelar o problema sobre o qual

---

<sup>1</sup> Devemos ressaltar que neste trabalho geralmente nos referimos à pós-modernidade como uma era histórica, ao pós-modernismo como uma expressão cultural, artística e/ou literária da pós-modernidade e ao pós-moderno como a manifestação de pensamento da ideia de pós-modernidade em alguns momentos e como generalização para o que a pós-modernidade e o pós-modernismo sugerem em outros momentos.

nos debruçamos neste trabalho em sua totalidade. Na verdade, nem conseguiríamos, já que ao mesmo tempo em que buscamos conhecê-lo, aproximando-nos dele sucessivamente, a fim de explorar seus detalhes, nuances e controvérsias, damos-nos conta de que o processo de conhecimento é também um processo de desconhecimento e de descoberta gradual e provisória.

Este trabalho se justifica pelo imperativo de refletir sobre a complexidade de elementos que subjazem o debate em torno do pós-moderno e suas relações com o Serviço Social brasileiro, tendo em vista os diferentes aspectos trazidos pela categoria acerca desta linha de pensamento. As controvérsias e os diversos elementos colocados para reflexão e análise (como a ideia de reatualização do conservadorismo, de expressão do ecletismo ou do pluralismo, os rebatimentos sobre o projeto profissional ético-político (PEP), o debate das diferenças e das minorias), incluídos no estudo dos posicionamentos do Serviço Social sobre o pós-moderno, fizeram-nos levantar a hipótese de que a categoria profissional dos/as assistentes sociais, pesquisadores/as e professores/as de Serviço Social<sup>2</sup> no Brasil apresenta diferentes e heterogêneas interpretações sobre a recepção do pós-moderno pela profissão. Dessa forma, a pergunta de partida que norteia este trabalho é a seguinte: “Quais os posicionamentos da categoria profissional dos/as assistentes sociais, pesquisadores/as e professores/as do Serviço Social brasileiro sobre a recepção do pensamento pós-moderno pela profissão?”.

Seguindo esta direção, nosso objetivo geral é analisar os posicionamentos da categoria profissional sobre a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro. Para chegar ao nosso objetivo geral, lançamos mão de alguns objetivos específicos: apreender os fundamentos e a caracterização da pós-modernidade, do pós-modernismo e do pensamento pós-moderno pelos próprios autores tidos como pós-modernos; identificar quais as principais críticas dialético-marxistas ao pós-moderno – incluindo os autores vinculados ao Serviço Social que coadunam com esta perspectiva teórico-metodológica; e reconhecer como se deu a recepção do pensamento pós-moderno no Brasil e no Serviço Social do nosso país.

É importante ressaltar que antes mesmo de que o Serviço Social brasileiro tivesse qualquer contato ou recebesse alguma influência do pensamento pós-moderno, outras matrizes teórico-metodológicas embasaram seu modo de ser como profissão. Na verdade, a

---

<sup>2</sup> Referimo-nos aos/as professores/as, assistentes sociais e pesquisadores/as, pelo fato de nossa entrevista semiestruturada haver sido realizada com professores/as do curso de graduação em Serviço Social da UECE. Porém a pesquisa nos anais do Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) e do Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Serviço Social (ENPESS) apresentam os posicionamentos de um grupo mais diverso, como assistentes sociais atuando na área e pesquisadores/as. Logicamente, nada impede que alguns dos/as entrevistados/as possam acumular as funções de docente, assistente social e pesquisador/a.

formação profissional do/a assistente social manifestou em suas origens a presença do neotomismo, do positivismo, do funcionalismo, da fenomenologia e desde os anos 1990, vincula-se ao marxismo. Esta vinculação é consequência de um processo fervoroso de debates e estudos realizados pelas vanguardas intelectuais da categoria, iniciado desde meados dos anos 1980, em favor da reformulação das bases teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operativas da profissão, que terminaram por constituir o PEP (de teor marxista) vigente até o presente momento.

O surgimento das primeiras escolas de Serviço Social no Brasil esteve marcado pela presença e a atuação da Igreja Católica<sup>3</sup>. As duas primeiras escolas de Serviço Social fundadas em nosso país foram a Escola de Serviço Social de São Paulo, nascida do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), em 1936 e a Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro, em 1937. Nestas o neotomismo foi tomado como a primeira corrente de pensamento a embasar o Serviço Social, explicitando a ligação deste à Doutrina Social da Igreja, que foi apresentada aos alunos das Escolas de Serviço Social por meio das disciplinas de Moral, Ética, Doutrina Social ou Doutrina Católica, entre outras. Apoiando-se numa “retomada da filosofia expressa por Santo Tomás de Aquino, no século XIII” (AGUIAR, 2011, p. 56), a Doutrina Social da Igreja foi ensinada aos/às primeiros/as assistentes sociais fundamentando-se na “visão de pessoa humana, [nos] conceitos de sociedade e bem comum e [na] questão ética como pressupostos básicos [para] [...] a formação do assistente social” (*ibid.*, p. 58).

Até o início dos anos 1960, o neotomismo esteve presente com força no Serviço Social brasileiro, recebendo a influência de Jacques Maritain<sup>4</sup>, que através do seu humanismo integral, provocou que nos discursos e nos documentos da época escritos por assistentes sociais no Brasil, o neotomismo e o positivismo fossem divulgados (EVELIN, 2013, p. 144). Além dele, também influenciaram o Serviço Social nesta época, a União Católica de Serviço Social (UCISS) e a organização do tomismo nos Estados Unidos da América (EUA)<sup>5</sup> e no

---

<sup>3</sup> As posições assumidas por esta em nosso país foram influenciadas pelas diretrizes dos Papas Leão XIII, Pio X e Pio XI, esboçadas principalmente na Encíclica *Rerum Novarum* (que foi substituída pela *Quadragesimo Anno*, mudando fundamentalmente por não reduzir a questão social à questão operária, como fazia a primeira), do final do século XIX e na Encíclica *Divini Redemptoris*, de 1937 (AGUIAR, 2011, p. 27-29).

<sup>4</sup> Jacques Maritain “foi o grande filósofo cristão do século XX que retomou com propriedade o legado de Santo Tomás” (AGUIAR, 2011, p. 71). No que concerne à filosofia prática, entre outras coisas, ele propôs o humanismo integral, que se fundamentava na ideia, contraposta ao humanismo liberal-burguês, de que os cristãos agissem na história de modo a ajudar os outros, criando um novo regime, o do humanismo integral (AGUIAR, *loc. cit.*).

<sup>5</sup> Neste processo, é importante destacar que foi na década de 1940 que o Serviço Social brasileiro firmou seus primeiros contatos com o Serviço Social norte-americano, de onde adotou inúmeras “técnicas para o agir profissional, técnicas essas que terão como pressuposto teórico o funcionalismo” (AGUIAR, 2011, p. 80), sendo marcado pelas abordagens das Ciências Sociais elaboradas por Durkheim, Malinoviski, Parsons e Merton (*ibid.*, p. 83).

Canadá, que se expressou nas abordagens utilizadas pelo Serviço Social de Caso, Grupo e Comunidade. Estas abordagens ou modos de se fazer o Serviço Social, apesar de suas diferenças, tinham como fio condutor a fundamentação cristã e a filosofia neotomista. Com o passar do tempo, as duas primeiras expressões do Serviço Social supracitadas foram se derruindo e deram lugar ao fortalecimento da abordagem “comunitária<sup>6</sup>”, trazendo o surgimento de disciplinas que sensibilizaram os/as assistentes sociais para os “problemas macrossociais” e a admissão destes profissionais em “equipes multiprofissionais” (PAULO NETTO, 1991a, p. 137).

O Desenvolvimento de Comunidade também acabou se esgotando e pouco a pouco o Serviço Social foi se afastando dele e se aproximando do marxismo ainda nos anos 1960. O histórico do Serviço Social mostra que sua aproximação com o pensamento marxista/marxiano ocorreu de modo progressivo e gradual e marca sua renovação como profissão. Esta renovação profissional se solidificou de meados dos anos 1960 até o início dos anos 1980 (PAULO NETTO, 1991a, 1991b), mediante três momentos: a vertente modernizadora, a reatualização do conservadorismo e a intenção de ruptura (PAULO NETTO, 1991a, 154-163).

A primeira vertente, a modernizadora, teve seu auge na segunda metade dos anos 1960 e se expressou nos textos dos seminários de Araxá e de Teresópolis. O núcleo principal desta perspectiva foi efetuar a tematização do Serviço Social como profissão interveniente, dinamizadora e integradora no processo de desenvolvimento. Houve reiteraões da tradição, mas também avanços, influenciados pelo “*back-ground* do estrutural-funcionalismo norte-americano”, caracterizando o caráter modernizador desta perspectiva (*ibid.*, p. 155).

A segunda direção do movimento de renovação do Serviço Social no país se instaurou na década de 1970, tendo suas primeiras expressões na tese de livre docência de Anna Augusta Almeida, de 1978 (*ibid.*, p. 201). A perspectiva de reatualização do conservadorismo buscou recuperar a herança histórica conservadora do Serviço Social, repondo-a sob uma base teórico-metodológica que se dizia nova, mas ao mesmo tempo rejeitava a tradição positivista e criticava as referências de raiz marxiana (*ibid.*, p. 157). Ela usou a inspiração fenomenológica, deu relevo às dimensões da subjetividade e aos aspectos psicologizantes,

---

<sup>6</sup> A adoção do Desenvolvimento de Comunidade como abordagem de trabalho principal dos/as assistentes sociais marcou, por um lado, a crise do Serviço Social “tradicional”, em decorrência do desenvolvimento de novas “formas de intervenção (e de representação) [...] mais consentâneas com a realidade brasileira” (CASTRO, 1993, p. 138). Por outro lado, revelou uma “perspectiva profundamente funcionalista no trato da questão social”, que aparecia na redução da questão social a “problemas técnicos”, sobre os quais o/a assistente social respondia com os recursos imediatos a sua disposição (*ibid.*, p. 138-139).

anulou a crítica às realidades macrossocietárias e às intervenções baseadas em critérios teóricos e sociais objetivos (PAULO NETTO, *loc. cit.*).

A terceira perspectiva se propôs como intenção de ruptura com o Serviço Social tradicional nos anos 1970/1980. Sua proposta era a de romper com a herança teórico-metodológica do pensamento conservador de tradição positivista e com as expressões de intervenção social baseadas no reformismo conservador. Ela se expressou em três momentos: o momento da sua emergência, o momento da consolidação acadêmica e o momento do espalhamento no âmbito da categoria profissional (*ibid.*, p. 154-160).

Com relação ao primeiro momento, o de emergência da intenção de ruptura, o grupo da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais se destacou de 1972 a 1975, ao elaborar o “Método BH”, por meio de um “marxismo sem Marx”, mas que trouxe a crítica teórico-prática ao tradicionalismo (*ibid.*, p.287, grifos do autor). O momento de consolidação acadêmica veio a lume no final da década de 1970 e início da década de 1980, apresentando-se até o início da década de 1980. Com ele, ganhou relevo o trabalho *Legitimidade e crise do Serviço Social: um ensaio de interpretação sociológica da profissão* (de 1982), de Marilda Vilela Iamamoto, onde se destacou o recurso às fontes marxianas e aos textos originais de Marx. Ao mesmo tempo, as universidades se sobressaíram com a ampliação da produção de conhecimento embasada na perspectiva da intenção de ruptura. O momento de seu espalhamento, por sua vez, ocorreu de 1982 a 1983, quando o debate sobre esta perspectiva se estendeu para o conjunto dos/as profissionais; as escolas de Serviço Social implantaram o currículo mínimo em 1982<sup>7</sup>; a Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social (ABESS) se empenhou na crítica ao tradicionalismo; lançou-se a revista *Serviço Social e Sociedade*, em 1979; e ocorreu a qualificação do debate acadêmico (PAULO NETTO, 1991a, p. 159-163; 247-249).

Este processo de renovação profissional do Serviço Social demonstrou que gradualmente nos aproximamos do pensamento marxista/marxiano. Entretanto, os anos 1990<sup>8</sup>, revelaram, no plano do conhecimento, a possibilidade de existência e de convivência entre diferentes posições teórico-metodológicas e ideológicas (em voga desde os anos 1980 no Brasil) nos campos de formação intelectual (YAZBEK, 2009, p. 13-14; LARA, 2009, p. 52),

<sup>7</sup> Mediante a disciplina de Metodologia do Serviço Social passou-se a estudar Marx através de seus intérpretes e leitores (QUIROGA, 1991, p. 83),

<sup>8</sup> É importante ressaltar que em 1991 foi publicada a tese de doutoramento de Paulo Netto, que também se constituiu como um marco para o Serviço Social (BARROCO, 2010, p. 182). A tese aludida teve como título original, *Autocracia burguesa e Serviço Social* e veio a lume para o público acadêmico-profissional mais amplo por meio de duas publicações: *Capitalismo Monopolista e Serviço Social* e *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. Nestas publicações está presente a vinculação do autor à teoria crítico-dialética marxista.

ocasionando que na academia surgissem questionamentos sobre os paradigmas racionais da modernidade – onde se inclui o marxismo (YAZBEK, 2009, p. 13-15). Neste processo, as discussões em torno de uma crise dos paradigmas nas ciências sociais e de uma crise do próprio marxismo se fizeram presentes. Ao mesmo tempo, especificamente, no Serviço Social, houve uma ativa participação da categoria e das entidades representativas da profissão para elaborar um PEP orientado pela relação orgânica com o projeto das classes trabalhadoras e embasado na teoria social crítico-dialética. A partir deste PEP, organizaram-se as Diretrizes Curriculares de 1996, a legislação que regulamenta o exercício do Serviço Social, isto é, a Lei nº 8.662/1993 e o Código de Ética (CE) de 1993: todos estes orientados pela direção hegemônica marxista (*ibid.*, p.11-15).

Como podemos perceber, os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social revelam a adoção de diferentes paradigmas de pensamento, que foram sendo progressivamente substituídos, até a adoção hegemônica do marxismo como norte para a teoria e a prática profissional do/a assistente social. As condições contemporâneas da realidade social; a ferocidade com que o capitalismo vem destruindo as relações sociais, trabalhistas, políticas e culturais; o avanço do poder das grandes empresas e do capital financeiro e bancário; a ampliação da influência dos meios de comunicação; o aumento do acesso às novas tecnologias; a percepção da fugacidade das coisas e das relações humanas; a transitoriedade da vida; a visibilidade das manifestações por direitos e por igualdade, organizadas pelas minorias, entre outras questões, acabaram por tornar relevante o debate sobre o pós-moderno e sua articulação com uma categoria profissional, que apresenta em seu PEP, um direcionamento claro de adoção das propostas marxistas, como é o caso do Serviço Social.

Para permear a complexidade que envolve nosso objeto de estudo, isto é, a recepção e os posicionamentos sobre o pensamento pós-moderno, defendidos pelo Serviço Social, optamos pela utilização da pesquisa qualitativa por esta permitir a apreensão com propriedade do conteúdo das ideias transmitidas pelos sujeitos da pesquisa. Na pesquisa de natureza qualitativa a preocupação “não é com a representação numérica do grupo pesquisado, mas [sim] com o aprofundamento da compreensão do grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 2007, p.14). A abordagem qualitativa “[...] traz à tona o que os participantes pensam a respeito do que está sendo pesquisado. Os dados ganham vida com os depoimentos, com as narrativas que os sujeitos nos trazem” (MARTINELLI, 1999, p. 21).

O fato de nossa pesquisa buscar analisar os posicionamentos da categoria dos/as assistentes sociais, pesquisadores/as e professores/as do Serviço Social sobre a recepção do pós-moderno por esta profissão mostrou-nos ser mais adequado à adoção de dados qualitativos, porque eles trazem descrições detalhadas de situações ou ideias apresentadas pelos indivíduos em seus próprios termos. Ao mesmo tempo, a pesquisa qualitativa estuda questões de difícil quantificação, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais (MARTINELLI, *loc. cit.*), possibilitando-nos resgatar elementos pessoais importantes nos relatos de nossos/as entrevistados/as. “Os dados da pesquisa qualitativa se dão em um contexto fluente de relações. São colhidos interativamente em um processo de ida e vinda e na interação com os sujeitos” (BAPTISTA, 1999, p. 33). Logo, esta interação, o resgate das ideias e percepções sobre os tópicos referentes às relações entre o pós-moderno e o Serviço Social sobre o qual nos debruçamos, a vivacidade trazida pelo embate entre os dados e as narrativas dos/as entrevistados nos ajudaram a estabelecer um leque variado de novas informações e questões referentes ao tema central de nosso estudo.

Referido estudo se constituiu como um tipo de pesquisa teórica com recurso a diferentes fontes bibliográficas e documentais, assim como à pesquisa de campo, mediante entrevista semiestruturada, que nos permitiu contato com os sujeitos participantes. Escolhemos estes tipos de pesquisa por acreditarmos que poderiam nos ajudar a ter a maior variedade possível de informações e dados para compreender o problema de nossa investigação, saturando nosso texto com os subsídios necessários para esboçar nossa compreensão sobre o debate acerca do pós-moderno.

A pesquisa bibliográfica foi realizada junto a livros e artigos representantes do mais fundamental sobre a discussão do pós-moderno, da pós-modernidade e do pós-modernismo tanto entre os autores do Serviço Social e os vinculados à crítica dialético-marxista, quanto entre os autores rotulados como pós-modernos ou que se detiveram em explicar as transformações pelas quais a realidade vem passando como originadoras de uma nova era, de uma era de transição para um novo período histórico ou mesmo de uma etapa em que as características da modernidade estariam radicalizadas. Sobre este aspecto, é necessário que nos desculpemos pelas sucessivas referências a “enquadramentos” em grupos teóricos onde nem sempre os autores utilizados se compreendem como membros. Nossa pesquisa buscou evitar rotulações, entretanto, em alguns momentos, precisou demarcar de que lugar os autores “falavam” e desse modo foi impossível não afirmar se estes eram rotulados como pós-modernos ou como integrantes da crítica dialético-marxista.

Além disso, a pesquisa bibliográfica contou com o resgate dos anais dos últimos Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) e dos últimos Encontro Nacional de Pesquisa e Ensino em Serviço Social (ENPESS), com a finalidade de avaliar como o pensamento pós-moderno vem sendo interpretado pela categoria profissional e como ele aparece nos estudos sobre o eixo feminismo/gênero publicados. A pesquisa documental incluiu legislações e documentos referentes ao Serviço Social e constitutivos de seu PEP e o recolhimento de dados aprofundados referentes ao currículo do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com o escopo de visualizar em que medida o pós-moderno vem sendo estudado neste curso de graduação.

Por último, a pesquisa de campo ocorreu no curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE)<sup>9</sup>, tendo em vista, entre outras coisas, a importância desta instituição para o Ceará e deste curso de graduação, assim como pela peculiaridade da organização curricular deste, sua credibilidade junto aos cursos de instituições de ensino superior e a inserção de seus professores na comunidade acadêmica e social (a partir das diferentes pesquisas, projetos e estudos realizados em seus núcleos e laboratórios científicos). Seu projeto político pedagógico<sup>10</sup> atual foi elaborado de 1997 a 2004, em conformidade com a proposta da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Com sua aprovação em instância final, ele foi implantado a partir do semestre de 2006.1.

A lógica da organização curricular<sup>11</sup> deste curso segue as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e das Diretrizes para os cursos de Serviço Social<sup>12</sup>,

---

<sup>9</sup> O histórico do curso de graduação em Serviço Social da UECE se articula ao próprio nascimento desta instituição de ensino, uma vez que este foi um dos cinco primeiros cursos incorporados a esta universidade em 5 de março de 1975. As disciplinas cursadas no primeiro ano de implantação da Escola de Serviço Social em 1950 foram: *Sociologia, Psicologia, Patologia, Higiene, Enfermagem, Puericultura, Elementos de Direito Constitucional e Administrativo, Direito civil, Moral, Contabilidade, Estatística, Círculos de Estudos e Serviço Social* (SILVA, 1987, p. 38-40). Ao longo do ano de 1951, foram acrescentadas as disciplinas: *Higiene Geral, Higiene do Trabalho, Higiene Escolar, Higiene Mental, Higiene Alimentar, Higiene Social, Direito penal e legislação dos menores, Direito do trabalho e legislação sindical, Doutrina Social da Igreja, Economia política, Moral profissional, Patologia e Serviço Social* (ibidem, p. 41). Os docentes destas disciplinas eram prioritariamente membros da Ação Católica, que incluía médicos, professores e intelectuais da União dos Moços Católicos e mulheres ligadas à Juventude Feminina Católica, assim como integrantes do Movimento Integralista e do *Jornal O Nordeste*, além de padres e religiosas (ibidem, p. 41-42).

<sup>10</sup> As informações referentes ao projeto político pedagógico do curso de Serviço Social da UECE estão disponíveis em: <<http://www.uece.br/servicosocial/index.php/projetopedagogicodocurso>>.

<sup>11</sup> A carga horária para a integralização curricular do curso de Serviço Social da UECE é de 3.060 h/a (três mil e sessenta) horas/aulas, acrescidas de 476 (quatrocentos e setenta e seis) horas referentes ao estágio curricular obrigatório, o que corresponde ao total geral de 3.536 (três mil quinhentos e trinta e seis) horas. A organização curricular do curso de Serviço Social da UECE ora vigente apresenta para o semestre I, as seguintes disciplinas: *Metodologia do Trabalho Científico, Fundamentos de Filosofia, Sociologia Clássica, Teorias Psicológicas, Introdução ao Serviço Social*; para o semestre II, *Correntes Modernas da Filosofia das Ciências, Sociologia Contemporânea, Economia Política, Formação sócio-histórica do Brasil, Antropologia Cultural, Seminário de Serviço Social I*; para o semestre III, *Fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social (FHTMSS) I, Teoria Política, Pesquisa em Serviço Social I, Capitalismo e Questão Social, Seminário de Serviço*

recomendadas pelo Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES) e pela ABEPSS. Assim, com a flexibilidade admitida para a organização curricular, este curso está organizado em 33 (trinta e três) disciplinas obrigatórias, que correspondem a 138 créditos; 4 (quatro) disciplinas eletivas/optativas, que correspondem 16 créditos; 04 (quatro) seminários temáticos, que dizem respeito a 08 créditos; e 05 (cinco) oficinas, que compõem mais 10 créditos. Além destas disciplinas, o aluno deve realizar o estágio curricular obrigatório e o trabalho de conclusão de curso (TCC), assim como precisa realizar atividades complementares<sup>13</sup>, que correspondem a 8 (oito) créditos e 136 (cento e trinta e seis) horas/aula.

Entre as disciplinas do currículo vigente deste curso<sup>14</sup>, *Sociologia contemporânea*, *Antropologia cultural* e *Fundamentos históricos, teóricos e metodológicos de Serviço Social* (FHTMSS) III apresentam em suas ementas e nos seus conteúdos, com profundidade, discussões referentes à pós-modernidade, ao pós-modernismo e ao pensamento pós-moderno<sup>15</sup> ou tópicos concernentes às discussões mais desenvolvidas pelos pensadores da filosofia contemporânea, também chamada de pós-moderna, pós-estruturalista ou mesmo da filosofia da diferença. Outras disciplinas, como *Trabalho e sociabilidade*, *Oficina II – Psicologia*, *Pesquisa em Serviço Social II*, *Questão urbana e rural* e *Desenvolvimento*

---

*Social I*, *Oficina I*; para o semestre IV, *FHTMSS II*, *Política Social*, *Pesquisa em Serviço Social II*, *Trabalho e Sociabilidade*, *Seminário Temático I*, *Oficina II*; para o semestre V, *FHTMSS III*, *Ética Profissional em Serviço Social*, *Políticas Sociais Setoriais*, *Serviço Social e Processo de Trabalho*, *Seminário Temático II*, *Oficina III*, *Supervisão de Estágio em Serviço Social I*; para o semestre VI, *Classe Social e Movimentos Sociais*, *Questão Social no Ceará*, *Direito e Legislação Social*, *Planejamento e Administração em Serviço Social*, *Fundamentos de TCC*, *Oficina IV*, *Supervisão de Estágio em Serviço Social II*; para o semestre VII, *Questão Urbana e Rural*, *Pesquisa Aplicada*, *Ética e Direitos Humanos*, *Eletiva I*, *Eletiva II*, *Oficina V*; e, por fim, para o semestre VIII, *Orientação de TCC*, *Eletiva III* e *Eletiva IV*.

<sup>12</sup> Dessa forma, a matriz do curso está organizada em núcleos de fundamentação da formação profissional, quais sejam: o núcleo de fundamentos teórico-metodológicos da vida social, o núcleo de fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira e o núcleo de fundamentos do trabalho profissional.

<sup>13</sup> Para os alunos que desejam realizar suas atividades acadêmicas complementares no campo da pesquisa, da extensão ou de grupos de estudo, o curso de Serviço Social em apreço dispõe de laboratórios, observatórios e centros de estudo. São eles: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Afrobrasilidade, Gênero e Família (NUAFRO), Observatório da Violência contra a Mulher no Ceará (OBSERVEM), Centro de Estudos do Trabalho e Ontologia do Ser Social (CETROS), Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética (LABVIDA), Núcleo de Pesquisas Sociais (NUPES), Observatório Juventude, Educação Profissional e Trabalho (JEPTRA), Laboratório de Estudos e Pesquisas em Seguridade Social e Serviço Social (LASSOS), Laboratório de Pesquisas e Estudos em Serviço Social (LAPESS), Programa de Educação Tutorial de Serviço Social (PET de Serviço Social). Há ainda o Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – (IMO) vinculado ao Serviço Social e vagas para estudantes do curso no Programa de Educação Tutorial de Saúde (PET Saúde).

<sup>14</sup> As informações referentes às disciplinas do currículo de Serviço Social da UECE foram recolhidas no Programa das disciplinas. Este se compõe por ementa, objetivos, conteúdos, procedimentos, avaliação e referências bibliográficas.

<sup>15</sup> Consultamos o conteúdo das ementas e as referências indicadas para todas as disciplinas do currículo e observamos a existência ou não de textos em que a pós-modernidade, o pós-modernismo e o pós-moderno fossem tratados como elementos centrais. Disponível em: <<http://www.uece.br/servicosocial/index.php/programadasdisciplinas>>.

*capitalista e questão social*<sup>16</sup> apresentam também em suas referências, mas minimamente, autores às vezes rotulados como pós-modernos ou autores com posicionamentos metodológicos divergentes da linha da crítica dialética.

*Sociologia contemporânea*<sup>17</sup>, recomendada para o 2º semestre do curso, traz em sua ementa a proposta de reflexão acerca das teorias sociológicas contemporâneas que discutem a realidade social, enfocando a modernidade, a pós-modernidade e a crise dos paradigmas analíticos nas ciências sociais. A bibliografia sugerida para esta disciplina inclui obras de Bourdieu, Deleuze, Nobeit Elias, Foucault, Giddens, Habermas e Michael Hardt.

A disciplina de *Antropologia cultural*<sup>18</sup>, a ser cursada também no 2º semestre, esclarece em sua ementa a proposta de apresentar a relação dialética existente entre o material e o simbólico na elaboração das identidades sociais e das subjetividades, mediante discussões com foco na realidade brasileira e nas particularidades regionais, em torno da cultura, do imaginário, das representações sociais e das expressões culturais dos segmentos da sociedade.

---

<sup>16</sup> Apesar de não haver uma discussão aprofundada sobre o pós-moderno, as disciplinas seguintes trazem autores com percepções diferentes da crítica dialético-marxista: em *Desenvolvimento capitalista e questão social*, ofertada para o 3º semestre, para estabelecer o debate sobre as reflexões sobre as origens da produção e da reprodução da questão social no capitalismo, além dos autores marxistas, a disciplina traz teóricos do debate francês sobre a questão social, sugerindo a leitura de Castel e Rosanvallon, os quais tratam do surgimento de uma nova questão social; em *Trabalho e sociabilidade*, do 4º semestre, há o estudo dos fundamentos do trabalho social, da alienação do trabalho, das transformações no capitalismo contemporâneo e da centralidade do trabalho com base em Marx e autores marxistas, mas também se propõe a leitura de André Gorz e Claus Offe, que defendem o fim da centralidade do trabalho; em *Pesquisa em Serviço Social II*, também do 4º semestre, o foco está em apontar a importância da pesquisa social na relação entre teoria e prática, e em suas referências aparecem Bourdieu e Clifford Geertz; em *Oficina II – Psicologia*, ofertada para o 4º semestre, que propõe a compreensão dos conceitos de contemporaneidade e subjetividade, o estudo da Psicologia social e sua relação interdisciplinar com o Serviço Social, além da ênfase em temas relevantes para a formação profissional do/a assistente social, referenciam-se as leituras de Agamben e diversos títulos de Bauman (*Em busca da política*, *Vida líquida*, *Modernidade Líquida* e *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*); em *Questão urbana e rural*, do 7º semestre, em que se estudam a organização do Brasil e as particularidades da construção sócio-histórica do Nordeste como região-problema e a identidade nordestina, referencia-se Bourdieu e também Harvey (particularmente, o livro *Condição pós-moderna*). Igualmente, em *Serviço social e processos de trabalho*, do 5º semestre, em que se abordam as especificidades do trabalho na sociedade burguesa e o exercício do/a assistente social frente a isso, este mesmo livro de Harvey é referenciado. Vale dizer que este autor vem sendo apontado como um autor vinculado à teoria crítica, que acredita nas possibilidades de releituras e renovações na teoria de Marx.

<sup>17</sup> Os conteúdos propostos para a disciplina incluem, entre outros, a discussão sobre o habitus e o controle social, focalizando a individualização no processo social; o habitus, a estrutura e a héxis corporal; abordando o poder simbólico; a biopolítica, a sociedade disciplinar e a sociedade de controle, enfatizando a história da sexualidade e o nascimento da biopolítica; a esfera pública e a esfera privada, com o debate em torno da polarização da esfera social e da esfera íntima; e a intimidade e a decadência da esfera pública, com o debate sobre a dialética da soberania colonial.

<sup>18</sup> Os conteúdos abordados ao longo desta disciplina incluem o debate em torno da formação histórica do pensamento antropológico; os conceitos de cultura, imaginário, diversidade cultural e identidade, enfocando a alteridade e a identidade cultural no Brasil; a discussão sobre o fazer antropológico, o campo da antropologia cultural e seus pressupostos epistemológicos, com ênfase no “micro” e no estudo da totalidade; e também as reflexões a respeito de “tópicos específicos em antropologia cultural”, como os referentes aos conceitos de vida cotidiana, socialização, dominação simbólica, representação social e sociabilidade, com foco na apresentação de estudos antropológicos que tomam temáticas como a infância, a juventude, a velhice, a família, as relações e representações de gênero, o corpo, a sexualidade, entre outros.

Entre outros autores, a bibliografia sugerida traz Bourdieu, Michel de Certeau, Clifford Geertz, Stuart Hall, Heilborn e Durand, reunindo-se tanto autores que seguem a linha da teoria crítica, quanto os que propõem outra teoria e outro método para a análise da realidade social (Geertz, por exemplo, propõe o fim da centralidade do trabalho).

Em *FHTMSS III*, do 5º semestre, a ementa propõe a discussão acerca do contexto histórico de redemocratização do Brasil, articulando-o ao processo de renovação da profissão de assistente social. Além disso, recomenda o estudo da crise contemporânea, seus rebatimentos sobre a questão social e os dilemas postos para o Serviço Social e a cotidianidade do trabalho profissional diante das transformações societárias surgidas a partir dela. A compreensão desta ementa permite supor a reflexão sobre a complexidade do cotidiano e das demandas atuais postas pela realidade social.

Entre as leituras sugeridas na bibliografia desta disciplina relacionadas ao pós-moderno aparecem *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, de Santos (1996), que tem uma proposta divergente da teoria social crítica; e textos como *O Marx de Sousa Santos – uma nota polêmica; Notas sobre marxismo e Serviço Social, suas relações no Brasil e a questão do seu ensino*, de Paulo Netto (1996; 1991, respectivamente), e *As expressões ideoculturais da crise capitalista da atualidade*, de Simionato (1999). Além deles, referencia-se a leitura de *Condição pós-moderna*, de David Harvey (2014).

Devemos ressaltar que a pesquisa de campo se materializou por meio de entrevista semiestruturada realizada com professores/as do curso de Serviço Social da UECE. A escolha deste tipo de entrevista se fez por ela “favorece[r] não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...], além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Esta modalidade de entrevista se mostrou vantajosa para conhecer, debruçar-se, compreender e posteriormente analisar os posicionamentos dos/as professores entrevistados/as a respeito da recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro.

Referidas entrevistas se realizaram seguindo um roteiro prévio de perguntas-guia. O roteiro correspondeu a uma lista de perguntas com os elementos necessários para abordar os indicadores qualitativos da pesquisa, apontando as faces do nosso objeto que objetivávamos conhecer e analisar. No caso da nossa pesquisa, referido roteiro funcionou como um guia para uma “conversa com finalidade” (MINAYO, 2004 *apud* MINAYO, 2010, p. 189, grifos da autora), sendo flexível e direcionado aos tópicos referentes ao pós-moderno e

suas relações com o Serviço Social do Brasil. Por isso, as entrevistas deram margem para o surgimento de novos elementos nem sempre expressos nas questões pré-estabelecidas.

A escolha dos/as professores/as<sup>19</sup> a serem convidados para a participação na entrevista, deu-se por meio de consulta prévia aos seus currículos *lattes*<sup>20</sup>, com o intuito de conhecer os que tivessem produções acadêmicas caracterizadas por um aprofundado rigor teórico ou que apresentassem um histórico de variedade quanto às experiências profissionais ou em sala de aula. Nosso objetivo era alcançar os docentes do curso com ampla trajetória acadêmico-profissional e com trabalhos publicados ou apresentados dentro de um leque teórico-crítico firme, alicerçado em leituras vinculadas ou à teoria crítica e/ou ao pensamento pós-moderno.

Ao mesmo tempo, observamos as disciplinas ministradas por estes professores, priorizando os que tivessem lecionado ou estivessem lecionando disciplinas, como: *Ética Profissional em Serviço Social*, *FHTMSS (I, II ou III)*, *Pesquisa em Serviço Social I e II*, *Trabalho e Sociabilidade* ou *Ética e Direitos humanos*. A prioridade dada aos/as professores/as destas disciplinas, que se encaixassem em nossos critérios de desenvolvimento de estudos de aprofundado rigor teórico ou com ampla experiência, deu-se pelo fato de entendermos que, em muitos momentos da docência, nas disciplinas supramencionadas, poderiam surgir questionamentos dos discentes acerca do pós-moderno ou mesmo haver necessidade de se abordarem questões tratadas por autores tidos como pós-modernos, como o debate das minorias e das diferenças ou as discussões sobre a descrença na construção de uma nova ordem societária.

Com base nisso, originalmente, selecionamos 16 (dezesesseis) docentes do curso em apreço e lhes convidamos entre os meses de outubro e novembro de 2016 para participar da pesquisa, através de entrevista semiestruturada. Explicamos-lhes os objetivos da pesquisa e suas justificativas, assim como o respeito dela aos preceitos éticos da Resolução 466/2012. Também lhes informamos que esta não lhes ofereceria riscos à integridade física como participante, mas no mínimo poderia provocar um desconforto pelo tempo exigido para

---

<sup>19</sup> O curso de graduação em Serviço Social da UECE conta atualmente com um corpo docente de mais ou menos 26 (vinte e seis) professores para as matérias relacionadas ao Serviço Social, sendo 11 (onze) professores substitutos/temporários e 15 (quinze) professores efetivos, conforme a página na internet deste. Devemos ressaltar que este número de docentes é variável, uma vez que existem professores afastados por motivos de doença, pessoais ou para aperfeiçoamento acadêmico, via doutorado. Chegamos a esta quantidade de professores, após consulta aos mapas das lotações dos docentes para os turnos diurno e noturno, para o semestre acadêmico de 2016.2. Além desses professores, há os professores de outros cursos que ministram disciplinas referentes às outras áreas do conhecimento, como Sociologia, Psicologia, Antropologia ou Economia.

<sup>20</sup> Os currículos se encontram disponíveis na plataforma *lattes*, podendo ser acessados pela página: <<http://lattes.cnpq.br/>>.

discussão das perguntas ou um constrangimento pelo teor delas. Avisamos que todos os/as entrevistados/as possuíam a liberdade de retirar a permissão de participação a qualquer momento da pesquisa, antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo. Informamos, igualmente, que a pesquisa tinha como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada, fundamentada em um roteiro prévio de perguntas-guia e que sua aplicação seria realizada de forma individual, por meio de uso de gravador e que os dados obtidos por meio dela seriam utilizados somente para fins de pesquisa. Garantimos-lhes o anonimato, por meio da não divulgação das suas identidades e do sigilo de seus nomes, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Neste trabalho, optamos por identificar nossos entrevistados/as pelos termos: Entrevistado/a 1, Entrevistado/a 2, Entrevistado/a 3 e assim sucessivamente.

Os convites para os/as docentes que seriam entrevistados foram enviados ou por *e-mail* ou por *whats up* ou feitos pessoalmente. Entre os/as professores/as convidados, 11 (onze) aceitaram participar da pesquisa, entretanto 2 (dois) deles não conseguiram horários disponíveis em suas agendas. Outros 5 (cinco) professores/as ou não responderam ao convite para participação ou responderam não quererem participar da pesquisa por não se rotularem como pós-modernos ou não se sentirem à vontade para falar sobre este tema. Enfatizamos a explicação inicial sobre o conteúdo da pesquisa, seus objetivos, justificativas, garantia de anonimato, riscos e/ou prejuízos, além de nosso objetivo particular de evitar rotulações com nossa investigação, bem como quaisquer tipos de juízos de valor preconceituosos ou manipuladores das informações coletadas. Apesar disso, referidos/as professores/as optaram por não aceitar o convite.

Em consequência disso, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 9 (nove) docentes do curso, sendo que 2 (dois/duas) professores/as foram entrevistados/as em suas residências por solicitação deles e 7 (sete) foram entrevistados/as na própria UECE. Entre eles, 1 (um) docente era do sexo masculino e 8 (oito) eram do sexo feminino. As entrevistas se concretizaram ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2016, e tiveram duração máxima de 1 hora e 29 minutos e duração mínima de 41 minutos, sendo a média de tempo entre todas as entrevistas realizadas, 53 minutos. Entre os entrevistados, coletamos a entrevista de 7 (sete) deles em apenas 1 (um) encontro e para 2 (dois/duas) deles/as, necessitamos de 2 (dois) encontros para a conclusão das perguntas existentes no roteiro-guia da entrevista ou para discussão de tópicos relacionados a elas, que foram surgindo ao longo da conversa direcionada.

Para tornar nossa pesquisa mais compreensível, optamos por dividi-la em capítulos, os quais sucedem esta Introdução. Assim sendo, o Capítulo 2 apresenta uma discussão sobre as compreensões existentes sobre o pós-moderno, a pós-modernidade e o pós-modernismo, partindo desde o debate em torno de uma crise de paradigmas nas ciências sociais e do próprio marxismo à crítica dialético-marxista à pós-modernidade. Neste Capítulo, debruçamo-nos sobre os fundamentos da modernidade e os autores que advogam em favor do surgimento de uma nova era histórica, ou de um período de transição para ela, ou mesmo de uma radicalização da modernidade. Igualmente, discorreremos sobre a variedade de posições sobre o pós-moderno entre os próprios autores considerados pós-modernos e entre os autores considerados como vinculados à teoria crítico-dialética. Nosso objetivo não foi rotulá-los, mas sim demonstrar a importância de considerarmos a variedade e a heterogeneidade de argumentos teóricos existentes na academia, evitando reducionismos e generalizações diante dos elementos característicos de um fenômeno tão complexo como a defesa de uma era e um pensamento pós-modernos. As principais referências utilizadas neste Capítulo foram: Anderson (1999), Callinicos (1995), Eagleton (1998), Evangelista (1997), Giddens (1991), Harvey (2014), Jameson (1997), Lyotard (1993), Maffesoli, (1996), Marcondes (2010), Marinho (2015), Marx (2007), Santos (1997), Santos (1995; 2012) e Vattimo (1992; 1996).

No Capítulo 3, procuramos elucidar as mediações históricas e sociais para a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro, além de fazer um mapeamento da recepção deste, por meio de um levantamento da produção do conhecimento tratando do pós-moderno nos últimos CBAS e ENPESS. Para tanto, consultamos os anais do XI CBAS (2004), XIII CBAS (2010), XIV CBAS (2013) e XV CBAS (2016), assim como os anais do XI ENPESS (2008), XII ENPESS (2010), XIV ENPESS (2014) e XV ENPESS (2016). Realizamos a consulta aos anais destes eventos com a finalidade de encontrar os trabalhos que apresentassem as palavras-chave: pós-moderno, pós-modernidade, pós-modernismo; conservadorismo, conservador(es), conservadora(s), neoconservador(es), neoconservadora(s), neoconservadorismo; feminismo, feminista, feminino(a)(s) e gênero. Optamos por buscar estas palavras-chave, juntamente com suas variações de gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e/ou palavras correlatas a elas, com o fim de abarcar o maior número possível de artigos científicos relativos ao pós-moderno<sup>21</sup>.

A escolha das palavras pós-moderno, pós-modernidade e pós-modernismo se deu porque através delas pensamos resgatar as produções que se basearam em discutir os

---

<sup>21</sup> Apesar disso, sabemos que alguns artigos podem não haver sido visualizados, em decorrência da grande quantidade de textos e mesmo dos sistemas para acesso e busca por palavra-chave, título, autor ou eixo temático.

fundamentos, as características principais ou as concepções teóricas dos autores que investigam acerca da pós-modernidade. As palavras conservadorismo, conservador(es), conservadora(s), neoconservador(es), neoconservadora(s), neoconservadorismo foram pesquisadas por percebermos na revisão de literatura realizada com obras de autores do Serviço Social que abordam o pensamento pós-moderno haver aliado ao debate sobre esta corrente de pensamento, incursões ou sobre o viés (neo)conservador<sup>22</sup> do referido pensamento, ou sobre sua probabilidade de reatualizar o conservadorismo profissional, ou sobre as consequências que a adoção deste paradigma poderia trazer para a materialização do PEP, ou sobre a proposta pós-moderna de desconsiderar os metarrelatos e, portanto, o legado marxista.

Já as palavras feminismo, feminista, feminino(a) e gênero foram utilizadas como palavras-chave na investigação dos anais, pelo fato de que Cantalice (2013) demonstrou, na sua tese de doutoramento, a existência de uma via do feminismo que se afina com as discussões pós-modernas, escolhendo analisar entre um conjunto de 20 (vinte) teses de programas de pós-graduação brasileiros, 5 (cinco) que se referiam ao feminismo/gênero. Pensamos seguir a mesma incursão da autora, ao selecionar entre o conjunto de temas ou eixos temáticos constantes nos CBAS e nos ENPESS, os que apresentassem as palavras-chave relativas aos debates do feminismo e de gênero, com o escopo de encontrar autores pós-modernos que poderiam ser utilizados com maior frequência ou mesmo terem maior “aceitação” pelos estudiosos do Serviço Social destas temáticas.

Neste Capítulo também esclarecemos quais são as posições, as obras e os autores do Serviço Social brasileiro, que vêm discutindo sobre o pós-moderno e sua relação com o Serviço Social. Grosso modo, para a maior parte destes teóricos, o pensamento pós-moderno é o responsável por reatualizar posturas profissionais conservadoras, alicerçadas no pragmatismo, no imediatismo e no fatalismo, bem como ele poderia fragilizar os fundamentos e a materialização do PEP. Isto porque, apesar de o nosso projeto profissional se alicerçar numa direção social hegemônica marxista, sendo fruto de um processo árduo de construção das vanguardas intelectuais da categoria, ele não destruiu as posturas heterogêneas com as quais alguns profissionais sempre se comunicaram. Na atualidade, estas posturas conservadoras – para o Serviço Social, leiamos, o que não é marxista/marxiano – estariam sendo reatualizadas pelo avanço do neoconservadorismo pós-moderno. Para tratar destas

---

<sup>22</sup> Neste debate, devemos estar atentos para “não recairmos sobre a lógica de que tudo que é conservador é pós-moderno, posto que existem sim diferenças entre o conservadorismo clássico e o neoconservadorismo pós-moderno” (CANTALICE, 2013, p. 153).

questões, utilizamos principalmente os estudos de: Barroco (2011), Cantalice (2013), Carvalho (2016), Evangelista (2007), Fonseca (2016), Galdino (2016), Iamamoto (2014), Junior (2016), Mota (2014), Ortiz (2006/2007), Paulo Netto (1996; 2012), Santos (2005/2006), Silva (2008), Simionatto (2009), Sousa (2004) e Yazbek (2009).

No Capítulo 4, trouxemos a análise das falas das 9 (nove) entrevistas semiestruturadas realizadas com professores/as do curso de Serviço Social da UECE. Referidas entrevistas, após coletadas, foram transcritas, classificadas e organizadas de acordo com alguns tópicos-chave, quais sejam, os posicionamentos dos/as entrevistados/as sobre os elementos constitutivos do pós-moderno, enfatizando a existência ou não da pós-modernidade; e as relações entre o pensamento pós-moderno e o Serviço Social, no que concerne ao pluralismo, ao ecletismo e ao conservadorismo. Em seguida, analisamos as falas dos/as entrevistados/as conforme a análise do discurso, uma vez que ela permite a interpretação das estruturas narrativas assumidas pelos sujeitos da enunciação, com base em suas escolhas e a partir de um determinado ponto de vista (GREGOLIN, 1995, p. 16). Elegemos esta técnica de análise de material qualitativo por percebermos que ela poderia permitir reconhecer o lugar de onde nossos/as sujeitos falavam, correlacionando suas narrativas às suas experiências sociais e às suas ideologias, atreladas à determinação histórica, social e de classe correspondente. Além dos estudiosos já mencionados, fundamentamos nossa discussão teórica neste Capítulo, conectando-a às falas dos sujeitos participantes, principalmente em: ABEPSS (1996), Barroco (2010), Braz (2007), Coutinho (1991), Escorsim Netto (2011), Iamamoto (2010a), Marx (2010; 2013), Paulo Netto (1989; 2011; 2007), Quiroga (1991), Santos (1997), Silva (2002) e Tonet (2007).

A divisão desta dissertação nos Capítulos supramencionados teve como escopo fornecer maior clareza à construção de nosso objeto de pesquisa e maior possibilidade de compreendê-lo como um fenômeno do real, carente de desvelamento sobre as múltiplas e complexas determinações que lhes fundamentam. Ao nos aprofundarmos nas leituras sobre o pós-moderno e suas relações com o Serviço Social brasileiro, visualizamos a existência de diferentes discussões e querelas teórico-práticas referentes a esta temática nos estudos desta profissão, o que nos mostrou a necessidade de estudar suas bases e o modo como este vem se articulando e sendo interpretado pelos/as assistentes sociais e os/as docentes com formação nesta área. Pretendemos apresentar alguns dos aspectos concernentes a esta temática nas páginas que seguem, mais restritamente, a respeito do nosso objeto, a recepção do pós-moderno pelo Serviço Social por meio dos posicionamentos da categoria profissional.

## 2 PENSAMENTO PÓS-MODERNO: ORIGENS, PROPOSTAS E CRÍTICAS

É fundamental compreender de onde se originaram as primeiras percepções sobre a possibilidade de existência de uma pós-modernidade e de um pensamento correspondente a ela. A pós-modernidade é entendida como uma ruptura com a modernidade, na medida em que propõe superar qualitativamente as instituições da sociedade moderna, sugerindo outra via de interpretação do real (SOUSA, 2004, p. 146), enquanto o pensamento que lhe corresponde, pós-moderno, coloca-se como demonstração intelectual desta nova sociedade. Esta estaria se construindo desde os anos 1960 (*Ibid.*, p. 145), marcando o fim da modernidade e teria sido indicada no campo teórico pela crise de paradigmas nas ciências sociais (*Ibid.*, p. 146).

A compreensão sobre o pós-moderno é bastante variável dentre os autores rotulados como pertencentes a este paradigma de pensamento. Nas palavras de Santos (2012, p. 11), por exemplo, a crise da ciência moderna possibilitou que a época atual possa ser tomada como o *momento de transição* entre o paradigma da modernidade e um novo paradigma, ao qual nomeia de ciência pós-moderna. Ao mesmo tempo, por um lado, entre os autores que se autointitulam marxistas ou vinculados à crítica dialética, há os que reconhecem a gama de diferenciações originadas mundialmente desde os anos 1960, afirmando que tais mudanças são apenas reflexos da processualidade e da transformação inerente à história (pois apesar de unitária, com começo, meio e fim, os homens têm reais e efetivas possibilidades de chegarem à revolução comunista e à emancipação). Por outro lado, há os que advogam em favor de a pós-modernidade ser uma afronta ao pensamento marxista ou uma interpretação errada do que de fato é o marxismo por vinculá-lo às suas expressões equivocadas na realidade, como o marxismo-leninismo e o socialismo real.

Estas e outras questões, apoiadas no modo como a realidade social, o capitalismo, a economia e a cultura vêm se construindo, assim como pela forma como os seres humanos vêm se relacionando e reagindo diante das transformações mundiais motivaram uma espécie de descrédito na materialização do projeto moderno de exercício da razão, aliada à liberdade, à igualdade e à fraternidade, que conduziriam à emancipação, provocando uma crise de paradigmas nas ciências sociais, particularmente, uma crise do paradigma moderno. Junto a esta, questionou-se também a possibilidade de que o marxismo tivesse se tornado obsoleto, ou seja, inadequado para explicar o modo como a sociedade e o capitalismo vêm se materializando no presente, originando o debate sobre uma crise do próprio marxismo.

Dessa forma, acreditamos que o ponto de partida para pensar a pós-modernidade, o pós-modernismo e o pensamento pós-moderno consiste em considerar as origens das ideias sobre a referida crise dos paradigmas e as propostas de definição para os termos referentes ao pós-moderno. Em se tratando do contexto histórico, das determinações estabelecidas por este com rebatimentos sobre a cultura, a sociedade, as artes, a literatura, isto é, sobre os modos de interpretar a realidade, podemos dizer que ao mesmo tempo em que se inaugurou uma proposta de pensamento sobre uma nova era histórica, posterior à modernidade, se iniciou uma ressignificação de variados conceitos-chaves modernos, como os de história unitária, da importância dos sujeitos/atores sociais, da verdade, da razão, entre outros.

O surgimento do questionamento sobre a existência de uma pós-modernidade, um pós-modernismo e um pensamento pós-moderno, bem como a discussão sobre uma crise de paradigmas nas ciências sociais e mesmo uma crise do marxismo, colocam-se como imperativos para podermos avaliar os fundamentos da percepção pós-moderna sobre a realidade, justificando a reflexão sobre estes tópicos no presente Capítulo. Escolhemos priorizar, dentro do debate sobre os temas mencionados, a recorrência principal aos assuntos relacionados ao marxismo, tendo em vista a proximidade deste e sua importância para o Serviço Social brasileiro.

## 2.1 DA CRISE DE PARADIGMAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS AO MODERNO E AO PÓS-MODERNO

Antes de adentrar na caracterização do pós-moderno é essencial apresentar minimamente a conjuntura histórica, política, cultural e social que antecede o momento em que este veio a lume, assim como é necessário compreender o que chamamos de crise de paradigmas nas ciências sociais. Isto porque os elementos que configuram as bases das primeiras discussões em torno de uma atitude pós-moderna, relacionam-se a um momento “crítico” para as correntes de pensamento alicerçadas na ciência moderna e justificam o surgimento de uma postura contrária às bases do pensamento alicerçado na razão, no homem e no historicismo.

Em linhas gerais, “[...] a questão de fundo [...] [d]a discussão da crise de paradigmas reside no exaurimento do projeto da modernidade” (GUERRA, 2010, p. 5), tornando-se lugar-comum o debate em torno da sua crise (ROUANET, 1993, p. 9) que constitui, em contrapartida, a pós-modernidade. Para ela, os anos 1960 foram emblemáticos por iniciarem as alterações propulsoras do desenvolvimento de uma forma diferente de ver o

mundo. Neste período, diferentes processos se gestaram na cultura ocidental, no interior das artes plásticas, como a escultura e a pintura, e também na arquitetura, acabando por vulnerabilizar a tradição modernista e oferecer elementos para os pós-modernos pensarem no fim da era moderna e no conseqüente nascimento de uma era posterior àquela (SOUSA, 2004, p. 123). Além disso, na década em apreço, ocorreu a internacionalização do fordismo e o desenvolvimento do keynesianismo, marcado por uma série de compromissos estatais com os trabalhadores (HARVEY, 2014, p. 125).

Os anos 1960 representaram para os países do Primeiro Mundo a contracultura (drogas e rock, a nova esquerda estudantil e o nascimento de um movimento de massas antibelicista), enquanto para os países do nomeado Terceiro Mundo ele foi reflexo do movimento de descolonização da África inglesa e francesa (JAMESON, 1992, p. 84) e do desenvolvimento das ditaduras na América Latina, onde se inclui o Brasil. No caso do nosso país, o regime ditatorial se instaurou a partir do golpe militar de 1º de abril de 1964 (TAVARES, 2013, p. 9), permanecendo até o ano de 1985. Além dos regimes ditatoriais, inúmeros “surtos revolucionários” ganharam visibilidade, brotando como retratos das problemáticas do padrão de desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, que contestavam o modo como o capitalismo monopolista agravava as condições de vida e as desigualdades sociais (1974-1975) (SOUSA, *op. cit.*, p.131-132).

Todo este cenário, perene de modificações, justifica as alterações culturais, artísticas, sociais e político-econômicas que determinaram uma suposta crise do paradigma da modernidade e a emergência de uma postura pós-moderna no plano cultural, das artes plásticas, literárias e arquitetônicas. A literatura aponta que podemos considerar a noção de paradigmas por dois modos de entendimento distintos: através de uma acepção clássica, fundamentada em Platão e através de uma acepção contemporânea, elaborada por Kuhn (MARCONDES, 2010, p. 17). Para o primeiro, a terminologia paradigma estava relacionada ao conceito de modelo “eterno e invariável” (PLASTINO, 2010, p. 33), podendo equivaler ao conceito de ideia e, devido à raiz etimológica grega desta palavra, ao verbo ver, ou mesmo à visão. Logo, existe uma visão que supera o modo de ver algo, incluindo o que a coisa vista apresenta (*Ibid.*, p. 33-34). Para o segundo, os paradigmas são “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1998, p. 13).

Estes paradigmas constituem a ciência normal<sup>23</sup>, mas quando eles não conseguem mais resolver um problema pelas regras e procedimentos conhecidos, rompendo com as expectativas dos profissionais que o defendiam, ocorrem as revoluções científicas (KUHN, *Ibid.*, p. 25; 122), movidas justamente pelo questionamento sobre a capacidade de resolução (“a anomalia”) do paradigma anterior. A partir deste questionamento surgem as possibilidades para o aparecimento de novas teorias que colocam em cheque ou em “crise” o antigo paradigma (*Ibid.*, p. 112-117). Ressaltemos que usualmente uma crise de paradigmas só ocorre quando existe uma modificação na visão de mundo científica (*Ibid.*, p. 103), que enfraqueça a “rigidez dos estereótipos” e promova os “dados adicionais necessários” para que o antigo paradigma seja modificado (*Ibid.*, p. 121) por um novo.

A partir destas informações, podemos compreender a crise dos paradigmas nas ciências sociais como um fenômeno relacionado ao momento em que alguns membros da comunidade científica consideraram haver uma crise da ciência moderna por desacreditarem no cumprimento das promessas emancipatórias, libertárias e fraternas do projeto da modernidade. No entanto, Sousa (2004) e Guerra (2010), orientadas pela direção hegemônica marxista, advertem a importância de considerar a validade das argumentações de Kuhn apenas para o campo das ciências que ele denomina de paradigmáticas, isto é, aquelas que compartilham de um mesmo paradigma pela comunidade científica (SOUSA, 2004, p. 151; GUERRA, 2010, p. 14). As ciências que tomam o social como campo de análise seriam consideradas “pré-paradigmáticas<sup>24</sup>” quando comparadas às ciências naturais<sup>25</sup> e, logo, o conceito de crise de paradigmas de Kuhn (1998) não se adequaria às ciências sociais. Isto é, não há crise de paradigmas neste campo de estudo e podemos inferir que o pensamento moderno e as correntes teóricas alicerçadas nele, como o marxismo, não estariam em crise.

---

<sup>23</sup> Para que os paradigmas alcancem legitimidade, definindo os problemas e os métodos legítimos que serão apropriados para as gerações futuras de uma comunidade científica, devem compartilhar, simultaneamente, de duas características: haver alcançado realizações tão importantes a ponto de atraírem “um grupo duradouro de partidários”, ao mesmo tempo em que estas “realizações [sejam] [...] suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinido de praticantes da ciência” (KUHN, 1998, p. 30). Dessa forma é que um paradigma pode se constituir como uma ciência normal e orientar a resolução de problemas de uma ciência, tendo como alicerce a disposição de uma comunidade científica para apoiá-lo.

<sup>24</sup> Há que ressaltarmos a distinção entre os períodos pré-paradigmático e pós-paradigmático, proposta por Kuhn (1998), para o desenvolvimento da ciência. O primeiro destes períodos se caracteriza pela competição entre as escolas de pensamento para conquistar o apoio da comunidade científica (*Ibid.*, p. 14), assim como pelo momento em que “[...] todos os membros praticam ciência, mas o produto bruto de suas atividades assemelha-se muito pouco à ciência” (*Ibid.*, p. 135) e o segundo pela aceitação deste paradigma (*Ibid.*, p. 14), sendo que “existem circunstâncias, embora [...] raras, nas quais dois paradigmas podem coexistir pacificamente nos períodos pós-paradigmáticos” (*Ibid.*, p. 14-15).

<sup>25</sup> Isto porque as ciências sociais “não são consideradas suficientemente maduras para constituírem um conjunto de princípios teóricos, metodológicos, legais, instrumentais e consensuais, válidos e aceitos por toda uma determinada comunidade científica” (KUHN, 1998, p. 134-135 *apud* SOUSA, 2004, p. 151).

É interessante observar que os posicionamentos de autores alinhados ao marxismo apresentam considerações diversas: há quem afirme o equívoco de considerar a existência dessa crise, que seria na verdade a expressão das “[...] contradições inerentes à própria realidade social que, colocadas e recolocadas pelo movimento histórico, rebatem nas elaborações das ciências sociais” (GUERRA, 2010, p. 14); há quem diga que a crise da sociologia pode ser real ou imaginária (IANNI, 1991, p. 195), questionando a mudança do seu objeto pelos novos paradigmas e a própria existência destes novos paradigmas que poderiam ser na realidade a recriação dos anteriores contendo seus aspectos essenciais (ibidem, p. 1998-1999); e há quem sinalize que “[...] a crise das ciências sociais [...] [poderia ser compreendida] como a expressão, sob a forma específica da esfera da cientificidade, da crise global que abala o mundo de hoje” (TONET, 1993, p. 7). Esta crise global, inferimos, é produto de inúmeras determinações, relacionadas às escolhas realizadas pelos indivíduos sociais, construtores da história.

Estes indivíduos sociais construtores da história nem sempre visualizam o poder de suas ações. Sabemos que as possibilidades de construção de uma sociedade emancipada aumentam em decorrência do desenvolvimento das forças produtivas, porém ao mesmo tempo a miséria também se amplia, no lugar do bem-estar e do compartilhamento da riqueza socialmente produzida: isto torna a revolução comunista não apenas uma necessidade, mas uma possibilidade real. Apesar disso, ela somente pode acontecer se os homens a quiserem e a realizarem (LESSA; TONET, 2011, p. 115; IASI, 2011, p.74-75). O fato de isto ainda não haver ocorrido nos moldes propostos por Marx (a revolução comunista), além das expressões ditatoriais e totalitárias do marxismo real<sup>26</sup>, ajudaram a nutrir o debate em torno da crise do marxismo por ele haver (talvez) “esgotado” suas possibilidades explicativas sobre as relações sociais do presente (EVANGELISTA, 1997, p. 11-12), devendo ser substituído por outro paradigma mais adequado.

Os críticos do marxismo<sup>27</sup> dizem ser um equívoco pensar toda a sociedade burguesa como sendo regida por uma lógica de “dimensão ontológica” fundamentando os acontecimentos históricos. Estas generalizações “teriam levado o marxismo a formulações ‘racionalistas’ e ‘deterministas’ sobre o processo histórico-social” (*Ibid.*, p. 14, grifos do autor). Entretanto, inúmeros marxistas contrapõem-se a estas e outras críticas, argumentando

<sup>26</sup> Contudo, para Paulo Netto (2012), a crise do socialismo real, corresponde apenas a uma vertente da tradição marxista, o marxismo-leninismo, e não pode ser tomada como o motivo do comprometimento da obra marxiana (PAULO NETTO, 2012, p. 43).

<sup>27</sup> Não podemos negar as contribuições do marxismo para a pesquisa social, pois “foi o marxismo que tornou compreensível o conjunto de acontecimentos históricos, que marcaram a emergência e consolidação da sociedade burguesa” (EVANGELISTA, 1997, p. 13).

a validade e a atualidade da teoria de Marx<sup>28</sup>, em decorrência do modo de ser próprio das relações sociais de ontem e de hoje, assim como pelos atos históricos do presente (PAULA, 1991; CALLINICOS, 1995; EVANGELISTA, 1997; PAULO NETTO, 2012). Para Evangelista (1997), por exemplo, é fato que a “crise do marxismo” se amplificou nos anos 1960, em decorrência dos acontecimentos histórico-sociais relacionados aos novos movimentos sociais<sup>29</sup> (EVANGELISTA, 1997, p. 17), possibilitando a afirmação de que esta crise do marxismo exista do ponto de vista teórico e do político<sup>30</sup>, o que não invalida, porém, as propostas teórico-metodológicas desenvolvidas por Marx.

A existência ou não de uma crise de paradigmas nas ciências sociais e mesmo do marxismo perpassa o lugar de onde se parte para falar de uma suposta pós-modernidade, uma cultura pós-moderna e um pós-modernismo. As discussões sobre estes últimos têm origem, digamos, na ideia de inadequação ou obsolescência dos valores defendidos pela modernidade, como a Verdade, a Razão, o Fim único, a supervalorização dos homens como atores sociais construtores da história, que determinariam a falência do projeto da modernidade.

Inicialmente, é possível pensar na história da modernidade a partir da divisão em três fases: a primeira, do início do século XVI até o fim do século XVIII, onde “as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem ideia do que as atingiu. Elas [...] têm pouco ou nenhum senso de um público ou comunidade moderna [...]” (BERMAN, 1986, p. 16); a segunda fase, da grande onda revolucionária de 1790, com a Revolução francesa e os seus efeitos posteriores, expressos no nascimento de um público que experimenta “o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política” (BERMAN, *loc.*

---

<sup>28</sup> Paulo Netto (2012), inclusive, ressalta que o desenvolvimento da sociedade burguesa até o século XXI não apenas repõe as determinações estruturais explicadas pela teoria marxiana como as modifica, subverte-as e traz “novas determinações, ignoradas/desconhecidas por Marx” (*Ibid.*, p. 41, grifos do autor).

<sup>29</sup> Estes movimentos retiraram o “velho” movimento operário do centro das lutas por transformação social, aparecendo a partir desse momento, estudantes, feministas, homossexuais, ecologistas, pacifistas, entre outros, no cenário das relações sociais como “novos sujeitos políticos”, questionadores não apenas da ordem social, mas também das instituições, o que deu soerguimento para “*novas práticas sociais e novas representações simbólicas*” (EVANGELISTA, 1997, p. 17, grifos do autor).

<sup>30</sup> As crises do marxismo poderiam ser visibilizadas sob dois pontos de vista: o teórico e o político. Como crise teórica, a “crise do marxismo” está relacionada à discrepância entre suas teses e a realidade concreta. Grosso modo, as sociedades não teriam se polarizado a ponto de a burguesia e o proletariado se tornarem amplamente antagônicos, nem o desenvolvimento das forças produtivas teria levado à revolução socialista, ou seja, “a ‘necessidade’ histórica não se afirmou no desenrolar dos acontecimentos históricos, culminando no fim teleológico da sociedade sem classes” (EVANGELISTA, 1997, p. 15). Como crise política, a “crise do marxismo” advém da “crise da teoria da revolução proletária”, na esteira da descrença nas anteriores “certezas teleológicas” de um socialismo a ser construído pelo proletário, o “sujeito histórico” dessa missão. Logo, a crise teoria é uma ampliação desta crise política, tendo em vista a realidade social não mais se adequar às teses marxianas (*Ibid.*, p. 17).

*cit.*); e por fim a terceira, do fim do século XVIII, em que as pessoas têm a sensação de viverem em dois mundos ao mesmo tempo, originando a ideia de modernismo e modernização; e o século XX, em que o processo de modernização se alarga para o “mundo todo” e uma “cultura mundial do modernismo” se expande para a arte e para o pensamento (*Ibid.*, p.16-17).

É preciso colocar, que o conceito de modernidade apresenta uma relação profunda com o “novo”, com aquilo que rompe com a tradição, associando-se a um “sentido positivo de mudança, transformação e progresso” (MARCONDES, 2005, p. 139). O conceito de moderno advém provavelmente do advérbio latino “modo”, revelando o sentido de “agora mesmo”, “neste instante”, “neste momento”, isto é, aquilo que é contemporâneo, o que estabelece uma linha divisória com o período anterior (*Ibid.*, p. 140). Além disso, à modernidade correspondem dois elementos básicos, bastante relacionados ao conceito de moderno, quais sejam, “a *ideia de progresso*, que faz com que o novo seja considerado melhor ou mais avançado do que o antigo; e a [ideia de] *valorização do indivíduo*, ou da subjetividade, como lugar da certeza e da verdade, e origem dos valores, em oposição à tradição” (MARCONDES, *loc. cit.*, grifos do autor).

A definição de modernidade pode estar relacionada também a sua aproximação a um período de tempo determinado, com localização geográfica estabelecida, portanto, como o “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p. 11). Complementarmente, a modernidade pode ser caracterizada por meio de quatro dimensões institucionais básicas: o capitalismo, a vigilância, o poder militar e o industrialismo. Cada uma delas apresenta inter-relações bem definidas: o capitalismo expressou “a acumulação de capital no contexto de trabalho e mercados de produtos competitivos”; a vigilância, o “controle da informação e [a] supervisão social; o poder militar, o “controle dos meios de violência no contexto da industrialização da guerra”; e o industrialismo, a “transformação da natureza: desenvolvimento do ‘ambiente criado’” (*Ibid.*, p. 65, grifos do autor).

Outra forma de compreender a modernidade pode estar pautada na “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo” (BERMAN, 1986, p. 15). Conforme este entendimento, o ser moderno está relacionado, por um lado, ao ambiente de incertezas, de aventura, de transformação da realidade e, por outro lado, à ameaça de destruição do que é conhecido, do que se é, do que se tem. Logo, a modernidade une os seres humanos, mas

também os distancia, é uma “unidade de desunidade”, devido o “turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia”, em que os seres humanos são colocados todos os dias (BERMAN, *loc. cit.*). Ao mesmo tempo, podemos pensar a modernidade como um momento que “não repousa sobre um princípio único e menos ainda sobre a simples distribuição dos obstáculos ao reinado da razão; ela é feita do diálogo entre Razão e Sujeito” (TOURAINÉ, 1994, p. 14), em que o mundo sagrado é substituído pela articulação entre racionalização e subjetivação (*Ibid.*, p. 12).

À modernidade se liga um projeto civilizatório, contraposto aos direcionamentos religiosos imperantes na Idade média. Com este projeto, os conceitos de universalidade, individualidade e autonomia passaram a ser característicos da Idade moderna e utilizados para fortalecer determinados fundamentos: pela universalidade, todos os seres humanos devem ser valorizados, independentemente de nacionalidade, etnia ou cultura; pela individualidade, os seres humanos são encarados como “pessoas concretas e não como integrantes de uma coletividade e [...] se atribui valor ético positivo à sua crescente individualização” (ROUANET, 1993, p. 9); e pela autonomia, garante-se aos seres humanos individualizados a aptidão para pensarem por si mesmos, atuarem no âmbito público e, pelo trabalho, conquistarem os bens e serviços que necessitam para sua sobrevivência (ROUANET, *loc. cit.*). O projeto moderno se fundamenta, também, grosso modo, pela “busca da fundamentação da possibilidade do conhecimento e das teorias científicas na análise da subjetividade, do indivíduo [...], bem como por uma capacidade de ter experiências empíricas sobre o real” (MARCONDES, 2005, p. 251). Além disso, ele carrega em si o desejo por desenvolver a racionalidade dos sujeitos para organizar por meio da razão a própria realidade, o cotidiano da vida social (HABERMAS, 1983, s/p).

O percurso vivenciado pela filosofia moderna<sup>31</sup>, alicerçada neste projeto civilizatório, leva-nos ao teórico com maior proeminência desde esta época até os dias de hoje: Marx, o responsável por radicalizar “ainda mais o projeto de crítica da modernidade”

---

<sup>31</sup> Os fatos históricos e as influências que permeiam a emersão da filosofia moderna, ou melhor, de uma transição para ela, encontram-se “[n]o humanismo renascentista do séc. XVI, [n]a Reforma protestante do séc. XVI e [n]a revolução científica do séc. VXII” (MARCONDES, 2005, p. 141). Além deles, devemos considerar a conquista do Novo Mundo, em 1492, a substituição progressiva da economia feudal pelo capitalismo mercantil e a também substituição do modelo político feudal pelo modelo político alicerçado nos Estados nacionais (Espanha e Portugal, Países Baixos, Inglaterra e França) (MARCONDES, *loc. cit.*). Com esta nova filosofia, a moderna, ganham força, cada qual a seu tempo, as ideias de Descartes com seu argumento do cogito; o método experimental de Bacon; a teoria das ideias de Locke e sua crítica ao inatismo; o ceticismo de Hume; posteriormente, uma tradição racionalista pós-cartesiana com Pascal, Spinoza, Leibniz, entre outros; em seguida, a filosofia política do liberalismo e a tradição iluminista, na qual se destacam Hobbes, Locke e Rousseau. Por fim, com o momento de “crise da modernidade”, Kant se destaca, trazendo sua concepção de uma filosofia transcendental e de uma filosofia moral e, em seguida, Hegel, com sua supervalorização da consciência e da história como alicerces para se conhecer a realidade (*Ibid.*, p. 159-224).

(MARCONDES, op. cit., p. 228), precipuamente por meio da sua crítica ao idealismo de Hegel e dos hegelianos e por estabelecer a importância de os filósofos transformarem a realidade e não apenas compreendê-la. Ao afirmar na *XI Tese sobre Feuerbach* que “os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p.535, grifos do autor), este autor deixou clara a necessidade de que o materialismo se voltasse para a “*atividade humana sensível*”, a “*prática*” (*Ibid.*, p. 533, grifos do autor), diferentemente do idealismo, que desconsiderou a importância da atividade real, sensível. É somente na prática que o homem pode provar a verdade e efetivar a atividade “revolucionária, prático-crítica” (MARX, *loc. cit.*), o que põe em relevo o caráter humano ativo na alteração das circunstâncias da realidade objetiva e a necessidade de que a reflexão filosófica teórica ceda espaço para “uma prática revolucionária transformadora”, onde a teoria e a prática caminham juntas (MARCONDES, 2005, p. 229).

Com Marx, o conceito de ideologia também adquiriu um novo sentido, negativo, o de “falsa consciência”, produto da expressão de uma forma de dominação fundada numa percepção ilusória da realidade, que produz a objetivação de representações da classe dominante tornando-as verdadeiras, quando na verdade são visões distorcidas desta, utilizadas para legitimar as condições existentes numa sociedade e período históricos específicos. Estas visões distorcidas são as responsáveis por criar uma justificativa aparente para uma realidade opressora e que mascara a realidade (MARCONDES, *Ibid.*, p. 230-231). Nas palavras do próprio Marx (2007), o que ocorre é que

[...] as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (MARX, *op. cit.*, p. 47, grifos do autor).

Os indivíduos da classe dominante elaboram uma consciência que os caracteriza e defende seus princípios, ao mesmo tempo em que divulgam e distribuem uma produção de ideias que os legitima e os dá sustentação para dominar o conjunto da sociedade (MARX, *loc. cit.*). Logo, é por meio da ideologia – no caso, da classe dominante –, que uma forma de alienação da consciência humana se estabelece pelo mascaramento da real situação

vivenciada, obscurecendo a desigualdade e as relações de produção exploratórias, características do capitalismo.

Igualmente, para Marx, a interpretação hegeliana de homem deve ser invertida, dando-se mais importância às ideias dos próprios homens que à consciência, sendo ela mesma não mais considerada como livre e autodeterminada, mas sim dependente do trabalho (MARCONDES, 2005, p. 228): categoria central na teoria marxista por fundar o ser social. Conforme Marx (2013), “o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 2013, p. 255). Neste processo, ao mesmo tempo em que o homem modifica a natureza para “se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida” (MARX, *loc. cit.*), ele modifica a si mesmo. E esta modificação ocorre como resultado de uma “atividade laboral [que] exige a vontade [do homem] orientada a um fim” (*Ibid.*, p. 256), determinando o caráter teleológico do processo de trabalho humano, pois “no final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente” (MARX, *loc. cit.*).

Costumamos apontar que o projeto moderno entra em crise já no século XIX, em decorrência das críticas de Hegel, sobre a importância de pensar no processo histórico como responsável pela formação da consciência; e de Marx, sobre o idealismo. Além disso, anteriormente, já se problematizava a ciência e o conhecimento como “modelos privilegiados de relação do homem com a realidade” (MARCONDES, *op. cit.*, p. 251). Entretanto, de modo mais enfático, vemos as críticas destes dois autores em direção à “insuficiência e o caráter problemático da análise subjetivista” (*Ibid.*, p. 252), demarcando o questionamento quanto à centralidade dada à noção de subjetividade alicerçada nas teorias racionalistas e empiristas, como marcas decisivas para a crise do projeto moderno. Esta crise deu origem aos pensadores pós-estruturalistas ou pós-modernos, como Foucault e Deleuze.

Relacionado à discussão em torno da crise dos valores da modernidade devemos pensar o advento da cultura e do pensamento pós-moderno como o reflexo de uma conjuntura marcada por aspectos diferentes na economia, nas técnicas, na sociedade, na cultura e na dimensão política. Com efeito, podemos elencar esta diferente conjuntura a partir de fatores, como: a existência de alterações nas condições econômicas, devido à exaustão do ciclo de expansão vivenciado pela economia capitalista do Ocidente, com princípios após a Segunda Guerra Mundial e encerramento por volta dos anos 1970, com a derrocada do fordismo-keynesianismo e o soerguimento do neoliberalismo a partir dos anos 1990; o desenvolvimento

das condições técnicas, com o destaque da indústria cultural, expresso principalmente pela televisão e com a divulgação das novas tecnologias de comunicação embasadas na telemática e na simulação de imagens eletrônicas; a modificação nas condições socioculturais, alicerçadas na ampliação do que se passou a denominar como uma “nova classe média”, isto é, os profissionais com formação universitária, advindos com o movimento de contracultura dos anos 1960, que se tornaram participantes ativos na produção e consumo de bens culturais; e, por fim, a alteração das condições políticas, marcadas pela derrocada dos movimentos sociais e das forças políticas radicais e/ou revolucionárias ao longo da história (Cf. EVANGELISTA, 2007, p. 79).

A pós-modernidade deve ser visualizada, nessa perspectiva, como o desenvolvimento da ideia de ruptura com os valores modernos e o erguimento de valores diferentes. Todavia, pensar a existência desta nova etapa histórica, cultural e social é uma questão em aberto e não consensual: há diversas nuanças envoltas na definição de pós-modernidade, de pós-moderno e de pós-modernismo, delimitadas pelos autores que consideram haver fortes diferenças entre os termos mencionados (além do próprio questionamento sobre a existência material da pós-modernidade). Porém, se supormos a experiência de uma nova fase sócio-cultural no momento contemporâneo, a pós-modernidade pode ser entendida como uma expressão histórica do pensamento pós-moderno, que se propõe como defensor do presente, da realidade objetiva, do efêmero, da pluralidade, das subjetividades, do poder dos *mass media*, sendo o pós-modernismo a materialidade cultural destes valores pós-modernos.

De todos os modos, não existe uma posição majoritária representativa ou delimitadora para os termos acima: elas expressam, na realidade, uma via ou outra de compreensão, a percepção de um autor ou outro, mas não de todos, negligenciando o leque de posturas e caracterizações existentes. Apesar disso, podemos dizer que a elaboração de uma cultura pós-moderna e de um momento histórico da pós-modernidade parecem mostrar o prefixo *pós* que lhes acompanha como o indicativo da relação com a modernidade, que precederia a pós-modernidade historicamente. Por isso, independentemente da não consensualidade sobre a natureza das ideias pós-modernas, o que é certo é que elas se opõem, negam ou defendem o prosseguimento em “novos termos” ao período histórico da modernidade<sup>32</sup> (EVANGELISTA, 2007, p. 40, grifos do autor).

---

<sup>32</sup> Devemos considerar, entretanto, que não é consensual o peso das relações entre o pós-moderno e o moderno, ou entre a pós-modernidade e a modernidade ou entre o pós-modernismo e o modernismo, nem mesmo sobre a

É interessante ressaltar que o “pós” de pós-moderno/pós-modernidade/pós-modernismo contém um “des”, no sentido de esvaziamento, diluição de princípios ou ideias, isto é, “o pós-modernismo desenche, desfaz princípios, regras, valores, práticas, realidades” (SANTOS, 1997, p. 18). O *pós* de pós-moderno pode demonstrar, assim, um adeus à modernidade, no sentido de indicar que seus valores estão ultrapassados, sobretudo o de “superação” do capitalismo em favor da construção de uma nova ordem societária (VATTIMO, 1996, p. vii).

Há quem sugira algumas diferenciações entre os termos em apreço, balizando alguns deles como eras históricas e outros como tendências intelectuais (EAGLETON, 1998; GIDDENS, 1991). Se considerarmos que há uma relação entre a modernidade e a pós-modernidade, podemos asseverar que um elemento chave para compreender a diferença entre elas, é justamente demarcar suas relações histórico-sociais e políticas: a modernidade está adequada à era industrial e a pós-modernidade à era pós-industrial. Mas ao considerarmos esta relação devemos nos atentar também para a necessidade de entendimento sobre os traços característicos da própria modernidade, que poderiam desconstruir a ideia de alguma era história para além dela (GIDDENS, 1991, p. 55).

Para Eagleton (1998), particularmente, há uma diferença entre as palavras pós-modernismo e pós-modernidade:

A palavra *pós-modernismo* refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo *pós-modernidade* alude a um período histórico específico. Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. [...] Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura “elitista” e a cultura “popular”, bem como entre a arte e a experiência cotidiana (EAGLETON, 1998, p. 7, grifos do autor).

A percepção deste autor estabelece uma oposição entre a visão de mundo pós-moderna e a moderna, baseando-se na vertente de pensamento advinda com a pós-modernidade e na expressão cultural elaborada pelo pós-modernismo. A pós-modernidade entende o mundo como algo imprevisível, instável, inconstante, demonstrando a incredulidade diante da objetividade da verdade, da determinação histórica, das idiossincrasias e da coerência das identidades, algo bastante diferente da percepção iluminista e moderna. A era

---

abrangência dos termos moderno/pós-moderno; modernidade/pós-modernidade; modernismo/pós-modernismo (EVANGELISTA, 2007, p 40).

da pós-modernidade tem sua base na transformação histórica pela qual o Ocidente passou com o erguimento de uma nova forma de capitalismo. Isso haveria se refletido no nascimento de um mundo marcado pela efemeridade das coisas, a descentralização da tecnologia entre inúmeros países, o consumismo em massa e a explosão do alcance da indústria cultural, acarretando a abrangência das indústrias de serviços, dos sistemas financeiros e das informações, ao mesmo tempo em que a supressão das formas de produção tradicional (Cf. EAGLETON, 1998, p. 7).

Igualmente, as expressões clássicas de classes teriam sido substituídas por uma maior expressão, ainda que “difusa”, de inúmeras “políticas de identidade”, com a defesa de grupos minoritários por um espaço na realidade social. Já o pós-modernismo<sup>33</sup>, encarado como a materialização da pós-modernidade no plano da cultura, reflete a amplitude e a disseminação de uma cultura mais aberta, mais eclética, pluralista e descentrada (Cf. EAGLETON, *loc. cit.*).

Giddens (1991) também sugere uma diferenciação para os conceitos de pós-modernismo e de pós-modernidade. O primeiro “é mais apropriado para se referir a estilos ou movimentos no interior da literatura, artes plásticas e arquitetura. Diz respeito a aspectos da *reflexão estética* sobre a natureza da modernidade” (GIDDENS, 1991, p. 52, grifos do autor), distinguindo-se, portanto, desta. Por sua vez, falar em uma pós-modernidade indica que “a trajetória do desenvolvimento social está nos tirando das instituições da modernidade rumo a um novo e diferente tipo de ordem social” (GIDDENS, *loc. cit.*). Isto significa dizer que o pós-modernismo pode materializar “uma consciência de tal transição”, ao mesmo tempo em que não afirma que esta exista de fato (GIDDENS, *loc. cit.*), sendo associado “não apenas com o fim da aceitação dos fundamentos [...], mas com o ‘fim da história’” (*Ibid.*, p. 55, grifos do autor). Para este autor, a pós-modernidade vem sendo relacionada à incerteza e a não credibilidade nos princípios da epistemologia anteriormente críveis, assim como ao descrédito dado à visão de história e de “progresso” da humanidade, ao mesmo tempo em que vem destacando as preocupações com questões ecológicas e com os novos movimentos sociais (GIDDENS, *loc. cit.*) e negligenciando a identificação da pós-modernidade com a “substituição do capitalismo pelo socialismo” (*Ibid.*, p. 52).

Sob o ponto de vista histórico, entendemos que a palavra “pós-modernismo” remete à ideia anterior de “modernismo” (vocábulos nascidos na América hispânica). O

---

<sup>33</sup> Este, muitas vezes, foi interpretado por Eagleton (1998), como produtor de “alvos imaginários”, dissimulador das posições dos representantes das formas de pensamento com as quais não concordava, apesar de se fundamentar como um fenômeno “híbrido” e de aspectos que não se aplicam a todas as suas expressões (EAGLETON, 1998, p. 8).

“modernismo” deve sua criação ao poeta nicaraguense Rubén Darío, que em 1890, utilizou o termo em um periódico da Guatemala para se referir a um embate literário no Perú, designando-o como um movimento estético, inspirado em diversas escolas francesas (romântica, parnasiana e simbolista) para declarar a independência cultural da América Latina diante da Espanha. Da mesma forma, a ideia de existência de um “pós-modernismo” se inaugurou no mundo hispânico, na década de 1930, pelas mãos de um amigo de Unamuno e Ortega, Federico de Onís, quem escreveu o termo “postmodernismo” para descrever uma tendência conservadora dentro do modernismo<sup>34</sup> (ANDERSON, 1999, p. 9-10).

Para a crítica hispanófona, o “pós-moderno” passou a ser considerado um estilo, enquanto, vinte anos depois, momento de seu surgimento no contexto anglófono, passou a ser visto como uma categoria de época e não estética. O oitavo volume do livro *Study of History*, de Toynbee<sup>35</sup>, publicado em 1954, encarregou-se de nomear o período após a guerra franco-prussiana de “idade pós-moderna”, seguindo a mesma tendência negativa de definição para o termo, conforme a origem da palavra na América espanhola (*Ibid.*, p. 11-12). Em 1949, após tropas comunistas libertarem o nordeste da China, Olson escreveu um poema em resposta à obra-prima modernista de Elliot, intitulado de *Os Martins-pescadores*, e no ano seguinte, *Projective Verse*<sup>36</sup>, onde pela primeira vez apareceram aspectos de uma “concepção positiva do pós-moderno” (*Ibid.*, p. 18).

O fim dos anos 1950 demonstrou novamente um resgate negativo do termo “pós-modernidade” com C. Wright Mills e Irving Howe, pertencentes à esquerda nova-iorquina. Eles o consideravam o indicativo de um período de falência dos ideais modernos do liberalismo e do socialismo, devido o abandono da liberdade e da razão por uma sociedade

---

<sup>34</sup> Esta tendência se referia à “busca de refúgio contra o seu [do modernismo] formidável desafio lírico num perfeccionismo do detalhe e do humor irônico, em surdina, cuja principal característica foi a nova expressão autêntica que concedeu às mulheres” (ANDERSON, 1999, p. 10). Onís afirmava também existir uma sequela do “postmodernismo”, chamada de “ultramodernismo”, que deu impulso para a criação de inúmeras vanguardas com a divulgação de uma poesia de alcance universal, onde se encontravam Llorca, Vallejo, Borges e Neruda (*Ibid.*, p. 10).

<sup>35</sup> Para Olson, a idade pós-moderna revelava duas alterações principais, a ascensão de uma classe operária trabalhadora das indústrias no Ocidente e do poder de países fora do Ocidente, como o “Japão da era Meiji, a Rússia bolchevique, a Turquia de Mustafá Kemal e a recém-nascida China maoísta” (ANDERSON, 1999, p. 11), que poderiam se voltar contra as nações ocidentais. Além disso, fez algumas considerações proféticas sobre o contexto mundial, como a ideia de que a civilização ocidental poderia gerar o fim de todos, a necessidade de uma autoridade política global para dar fim à guerra fria e posteriormente uma religião universal. Estas conclusões proféticas e os erros deste autor fizeram com que sua obra fosse esquecida, assim como a ideia de que o século XX era uma era pós-moderna. (*Ibid.*, p. 11-12). Na América do Norte, Charles Olson enviou uma carta ao também poeta Robert Creeley, em 1951, em que descreveu o mundo pós-moderno como o período posterior aos impérios formados após os descobrimentos e a Revolução Industrial (ANDERSON, *loc. cit.*).

<sup>36</sup> Este, como um manifesto estético, mostrou o verso livre; a crítica ao humanismo racionalista; o uso da cibernética de Norbert Wiener, o avanço do conhecimento a partir da arqueologia, com a recuperação das culturas antigas; e a ideia de um projeto coletivo de futuro construído pela vontade dos homens (ANDERSON, 1999, p. 18).

conformada. Em 1953, o DNA acabou por ser descoberto, revolucionando a biologia molecular; em 1955, na Itália, alguns arquitetos passaram a defender a valorização do passado e da cor local e em 1957, desenhou-se o chip, reduzindo-se o tamanho dos computadores e aumentando a funcionalidade deles (SANTOS, 1997, p. 21).

Nos anos 1960, novas alterações ocorreram, como o uso da pílula, da minissaia, a ascensão do rock, marcando a liberação de algumas práticas que prepararam o terreno para a emergência da civilização pós-industrial, marcada pelo avanço da eletrônica, das tecnologias, da informação, do consumo e da ciência (*Ibid.*, p. 21-23). Da mesma forma, esta década trouxe uma nova concepção para o termo pós-moderno: ele passou a ser visto como um “sinal fortuito, estranho”<sup>37</sup> (ANDERSON, 1999, p. 19). E ressaltamos que apesar de existir o uso corrente do termo “pós-moderno” já neste período, sua definição teórica apenas ocorreu amplamente nos anos 1970, devido à sua “cristalização” em outubro de 1972, numa publicação do periódico *Boundary 2 (fronteira 2)*, com o subtítulo *Revista de Literatura e Cultura Pós-modernas*<sup>38</sup>: a partir daí a noção de pós-moderno ganhou referência coletiva<sup>39</sup>.

Na filosofia, o pós-modernismo emergiu no final dos anos 1960, em decorrência da “desconstrução do discurso filosófico ocidental” (SANTOS, 1997, p. 71), com a revalorização de elementos silenciados ou reprimidos pelos pensadores modernos. Podemos considerar que o pós-modernismo se relaciona justamente “à decadência das grandes ideias, valores e instituições ocidentais – Deus, Ser, Razão, Sentido, Verdade, Totalidade, Ciência, Sujeito, Consciência, Produção, Estado, Revolução, Família” (*Ibid.*, p. 72). E a partir desta decadência, propõe desconstruir os valores e instituições modernos por meio de uma reflexão niilista da cultura ocidental, revelando o que existe por trás destes *ideais maiúsculos*. Por isso, o niilismo, advindo da palavra de origem latina nihil (= nada), adequou-se aos valores pós-modernos por valorizar o “desejo de nada, morte ainda em vida, falta de valores para agir, descrença em um sentido para a existência” (SANTOS, *loc. cit.*). Igualmente, a obra de Baudelaire foi apontada como a responsável por demonstrar os contornos mais nítidos do

---

<sup>37</sup> Por Leslie Fiedler considerar uma nova geração da América, produtora de uma “nova literatura pós-moderna”, a responsável pela elaboração de “um cruzamento de classes e uma mistura de gêneros, repudiando ironias e formalismos modernistas, para não falar nas distinções entre elevado e interior, numa volta desinibida ao sentimental e burlesco” (ANDERSON, 1999, p. 19).

<sup>38</sup> Nesta, o ensaio principal da primeira edição foi de David Antin, que intitulado de *Modernismo e pós-modernismo: abordando o presente na poesia americana*, criticou o cânone americano e elogiou a obra de Black Mountain e principalmente de Charles Olson (ANDERSON, 1999, p. 20-21).

<sup>39</sup> Perdendo-se, por um lado, alguns dos elementos defendidos por Olson em *Os Martins-pescadores*, como a defesa de um “compromisso político com um futuro espontâneo para além do capitalismo”, mas reverenciando-se, por outro lado, seu compromisso com uma “literatura prospectiva para além do humanismo” (ANDERSON, 1999, p. 23-24). Anos depois, outro colaborador da referida revista, Ihab Hassan, ampliou a ideia de pós-modernismo (*Ibid.*, p. 27-28).

espírito e da estética da modernidade, aflorando-se posteriormente para diferentes movimentos de vanguarda e culminando com os dadaístas e o surrealismo (HABERMAS, 1983).

Na verdade, podemos compreender, por um lado, que a pós-modernidade absorveu os valores niilistas ao se propor como porta-voz da falência e do declínio das grandes filosofias explicativas da realidade, como o foram o cristianismo, com sua fé na salvação humana; o iluminismo, com as ideias da tecnociência e do progresso humano; e o marxismo, com a proposta de que a sociedade caminha para o comunismo (SANTOS, *op. cit.*, p. 72). Por outro lado, que o próprio iluminismo revela ocultamente os valores niilistas, tendo suas sementes na modernidade (GIDDENS, 1991, p. 53-54).

A ideia de decadência, de niilismo irracional, tendo origem na sociedade pós-industrial manifesta o embate entre tendências que já se esboçavam na modernidade, mas que ganharam forma e corpo definidos na atualidade: no mundo moderno industrial, a tecnologia atingiu o cotidiano, porém sem garantir os valores morais que produziram o comunismo; tornaram-se realidade “a ameaça nuclear, o desastre ecológico, o terrorismo, a crise econômica, a corrupção política, os gastos militares, a neurose urbana, a insegurança psicológica” (SANTOS, *op. cit.*, p. 73), demonstrando que os meios racionais utilizados acabaram por se aproximar de fins irracionais, orientados pelo lucro e pelo poder (SANTOS, *loc. cit.*).

Por isso, alguns filósofos pós-modernos pretendem elucidar a falsidade dos valores modernos e a responsabilidade deles nos problemas da contemporaneidade. Eles o fazem por meio de duas propostas principais:

1. Desconstrução dos princípios e concepções do pensamento ocidental – Razão, Sujeito, Ordem, Estado, Sociedade etc. – promovendo a crítica da tecnociência e seu casamento com o poder político e econômico nas sociedades avançadas, que resultou no tão amaldiçoado Sistema.
2. Desenvolvimento e valorização de temas antes considerados menores ou marginais em filosofia: desejo, loucura, sexualidade, linguagem, poesia, sociedades primitivas, jogo, cotidiano – elementos que abrem novas perspectivas para a liberação individual e aceleram a decadência dos valores ocidentais (SANTOS, *Ibid.*, p. 74).

Adequada às propostas acima, a crítica niilista alicerçada no irracionalismo de Friedrich Nietzsche passou a ser o fundamento teórico inicial e precursor das pressuposições pós-modernas que se baseiam, grosso modo, na morte dos grandes ideais iluministas (modernos) (PEREIRA, 2015, p. 58). Nietzsche poderia ser um antimoderno, no sentido de

alimentar algumas colocações desenvolvidas pelos teóricos da pós-modernidade, o que significa dizer que

[...] Nietzsche inaugura a crítica à modernidade decretando o fim do Homem, de Deus, da Ciência, das grandes Ideias. Sua rebeldia isolada [...] quer romper a todo instante os limites da própria existência, criando o novo, negando os valores e os princípios do projeto iluminista e sua noção de Progresso, História Universal, Verdade Científica Objetiva. Pulsa em seus escritos a emoção indignada, a paixão desmedida, a sanha em destruir a Razão, seu pessimismo niilista e seu pensamento irracionalista projeta um novo homem, ou melhor, um “além do homem” (*Ibid.*, p. 62, grifos do autor).

O irracionalismo, fundamentado em Nietzsche, tem sua base na ideia de que não há um mundo objetivo na exterioridade, pois a realidade é fruto das diferentes interpretações subjetivas dos indivíduos, o que justifica a tese de que o mundo exterior objetivo pode não existir e os sujeitos só podem conhecê-lo por meio de um conhecimento imparcial e consciencioso. Nas palavras de Lukács (1959),

Desde Schopenhauer, y sobre todo desde Nietzsche, asistimos a un proceso en que el pessimismo irracionalista va minando y destruyendo la convicción de que existe un mundo exterior objetivo y de que el conocimiento imparcial y concienzudo de este mundo puede ofrecer la solución a todos los problemas provocados por la desesperación. El *conocimiento del mundo* va convirtiéndose aquí, cada vez más marcadamente, en una *interpretación del mundo* progresivamente arbitraria. Y esta tendencia filosófica viene a realzar, naturalmente, la actitud de esas capas sociales que todo lo esperan de la “superioridad”, pues no se trata, para ellas, tampoco en la vida real, del análisis frío y sereno de las concatenaciones objetivas, sino de una interpretación de decisiones, cuya motivación permanece por fuerza ignorada<sup>40</sup> (LUKÁCS, 1959, p. 70, grifos do autor).

Assim, é com Nietzsche, que a cultura ocidental resgatou nos anos 1970, os valores niilistas, dando destaque ao desencanto com a vida e à desvalorização dos valores supremos. Esta cultura se embasou na postura teórica de contraposição aos valores e instituições da Razão, do Estado, da Ciência, da Organização social moderna, defendidos por Nietzsche, propondo-se em contrapartida, uma “crítica desconstrutiva” embasada em três conceitos nucleares: Fim, Unidade e Verdade (Cf. SANTOS, 1997, p. 74-75). O Fim advinha do desejo do homem de garantir um sentido, um final feliz para si; a Unidade, pela crença de

<sup>40</sup> Tradução nossa: A partir de Schopenhauer, e especialmente desde Nietzsche, estamos testemunhando um processo em que o pessimismo irracional está minando e destruindo a convicção de que existe um mundo externo objetivo e que o conhecimento imparcial e consciencioso deste mundo pode fornecer a solução para todos os problemas causados pelo desespero. O conhecimento do mundo está se convertendo aqui, cada vez mais acentuadamente, em uma interpretação do mundo progressivamente arbitrária. E esta tendência filosófica vem realçar, naturalmente, a atitude dessas camadas sociais que esperam tudo da "superioridade", porque não se trata, para elas, também não na vida real, da análise fria e serena das uniões de ideias ou atos objetivos, mas sim de uma interpretação de decisões, cuja motivação permanece com seu vigor ignorado (LUKÁCS, 1959, p. 70, grifos do autor).

que o universo se constitui como um todo possível de ser conhecido pela ciência; e a Verdade, como parâmetro guiado pelo ser para atender a real natureza das coisas. Estes três valores foram motivados pelo homem ao projetá-los como valores supremos para justificar a angústia da existência. E após serem projetados, eles serviram como base para a desvalorização dos valores supremos na história ocidental pós-industrial, em que a “banalidade cotidiana, o conformismo, o pessimismo, a passividade, a falta de força moral” (*Ibid.*, p. 75) imperam.

Nietzsche (1978), em *Para além de bem e mal*, postula que, na realidade, não existem fatos, sim interpretações deles. Ele assegura: “Em lugar daquela ‘certeza imediata’, em que [...] o povo pode acreditar, o filósofo recebe nas mãos uma série de questões da metafísica” (NIETZSCHE, 1978, p. 271, grifos do autor) e que “A crença em ‘certezas imediatas’ é uma ingenuidade *moral* [...]” (*Ibid.*, p. 273, grifos do autor). Esta afirmação constitui sua defesa do perspectivismo, que se refere a encontrar os significados da realidade na pluralidade de visões e perspectivas subjetivas. Além disso, Nietzsche pensava o niilismo como a fonte para uma “*transvaloração de todos os valores*” (SANTOS, p. 75, grifos do autor), que funcionava como uma superação dos valores existentes pela construção de novos valores em bases mais sólidas. O niilismo apenas poderia ser superado com o “rejuvenescimento cultural, culminando com a chegada do Super-homem e sua aposta na vida instintiva, na intensificação dos sentidos, do prazer” (*Ibid.*, p. 75).

Para Nietzsche (1978), em *Assim falou Zaratrusta*, o “homem é algo que tem que ser superado” (*Ibid.*, p. 250), pois “o homem pode também ser *saltado*” (*ibid.*, p. 251, grifos do autor), dando lugar ao Super-homem, ao “além-do-homem” (*Ibid.*, p. 250), ou seja, “[...] todas as coisas retornam eternamente, e nós próprios com elas, e [...] já estivemos aqui eternas vezes, e todas as coisas conosco” (*Ibid.*, p. 254). Isto significa dizer que nada é eterno, que tudo pode ser superado, devendo a vida fluir sem rotinas, estando alicerçada no presente e aberta para as incertezas do futuro.

Seguindo os questionamentos inaugurados por Nietzsche, entre os anos de 1977-1978, um novo alargamento do emblema pós-moderno ocorreu com a divulgação da primeira obra filosófica sobre o tema: *A condição pós-moderna*, publicada primeiramente em 1979, em Paris, pela autoria de Jean-François Lyotard. Este havia “tomado o termo [pós-moderno] diretamente de Hassan<sup>41</sup>” (ANDERSON, 1999, p. 31), utilizando-o para explicar as alterações

---

<sup>41</sup> Ihab Hassan ampliou a ideia de pós-modernismo para as tendências que o “radicalizavam” ou o “rejeitavam”, alargando, assim, sua composição para “as artes visuais, a música, a tecnologia e a sensibilidade em geral” (ANDERSON, 1999, p. 25). Igualmente, ele foi pioneiro ao perceber características do pós-moderno que futuramente seriam aceitas, apesar de dentro de pouco tempo ter se desenganoado do caminho que o pós-modernismo tomou (*Ibid.*, p. 27-28).

no campo do conhecimento originadas com a contemporaneidade, conforme uma encomenda do conselho universitário do governo do Quebec (*Ibid.*, p. 32).

Os textos de Hassan tratavam precipuamente de literatura e os de Jencks<sup>42</sup> sobre arquitetura, com Lyotard, por seu turno, ainda nos anos 1970, a pós-modernidade foi posta como “uma mudança geral na condição humana” (*Ibid.*, p. 33), assegurando a ressonância deste estudo filosófico até os dias de hoje. Nesta obra, feita por encomenda, o autor se concentrou “essencialmente ao destino epistemológico das ciências naturais [...], [vendo] nelas um pluralismo cognitivo baseado na noção de jogos linguísticos diversos e não mensuráveis” (*Ibid.*, p. 33-34). Isto deu visibilidade ao texto d’*A condição pós-moderna* como fonte de “um relativismo vulgar”, fazendo com que muitos a vissem como marca do próprio pós-modernismo.

Neste livro, Lyotard<sup>43</sup> (1993) elucidou as origens da pós-modernidade como expressão do nascimento de uma sociedade pós-industrial, em que o conhecimento passava a ser o centro da força econômica de produção e a sociedade uma rede de comunicações linguísticas, formada por uma diversidade de jogos diferentes. Nestes termos, a ciência era apenas um jogo de linguagem assim como outro qualquer, não tendo mais o mesmo patamar que a modernidade lhe havia conferido ao afirmá-la como um conhecimento superior aos outros existentes (LYOTARD, 1993, p. xvii).

Diferentemente disso, para Santos (1995; 2012), o pós-moderno corresponde a um dos polos da ciência na atualidade. A contemporaneidade haveria mostrado inúmeras modificações indicativas do momento da transição paradigmática, ocasionando o fato de que estejamos vivendo uma época de transição entre o paradigma da ciência moderna e o paradigma da ciência pós-moderna (SANTOS, 2012, p. 11). Já para Maffesoli, a pós-modernidade é “uma colcha de retalhos”, elaborada por meio de “um conjunto de elementos totalmente diversos que estabelecem entre si interações constantes feitas de agressividade ou de amabilidade, de amor ou de ódio, mas que não deixam de construir uma solidariedade específica” (MAFFESOLI, 1996, p. 15-16). Vattimo (1992), por sua vez, entende a pós-

---

<sup>42</sup> No mundo da arte, já em 1974, o termo pós-moderno foi utilizado pelo arquiteto de Nova York Robert Stern, mas quem acabou sendo reconhecido pelo seu uso foi Charles Jencks, que em 1977 publicou *Language of Post-modern Architecture*, defendendo a importância de um “espectro semiótico”, a inclusão tanto das “formas icônicas como das simbólicas” nas estruturas. Apesar disso, o próprio Jencks não gostava de nomear estes valores como pós-modernos, pois se relacionava ao modismo do termo e sua acepção negativa, preferia nomeá-la como uma arquitetura de “ecletismo radical” ou até “tradicionalista” (*Ibid.*, p. 27-30).

<sup>43</sup> No livro, o autor deixou de lado as artes e a política, suas grandes paixões como filósofo. Ele também foi militante do grupo de extrema-esquerda *Socialismo ou Barbárie* entre os anos de 1954 e 1964, rompendo com este quando chegou à conclusão de que o proletariado não era mais um agente revolucionário que se indisponha contra o capital. Por isso, Lyotard passou de um “socialismo revolucionário para um hedonismo niilista” (ANDERSON, 1999, p. 34-35).

modernidade como um período de expressão da visibilidade dos meios de comunicação, de uma “sociedade dos mass media”. Neste sentido, a pós-modernidade seria indicativa do término de alguns aspectos essenciais da modernidade, sobretudo da ideia de história unitária (VATTIMO, 1992, p. 7-8).

Segundo Santos (1997), o pós-modernismo é “o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950)” (SANTOS, 1997, p. 7-8). O nascimento do pós-modernismo teria se dado com a arquitetura e a computação nos anos 1950, tendo avançado para a arte pop nos anos 1960, e se alargado ao entrar pela filosofia, nos anos 1970, apresentando-se nesse momento como “crítica da cultura ocidental” (*Ibid.*, p. 8). Nos anos 1990, já haveria amadurecido e alcançado a moda, o cinema, a música e o cotidiano, dominado pela influência da tecnociência, isto é, da união da ciência e da tecnologia na vida das pessoas, “sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural” (SANTOS, *loc. cit.*).

Para o mesmo autor, o pós-moderno se insere em quatro lugares principais, quais sejam, o cotidiano marcado pela “tecnologia eletrônica de massa e individual” (*Ibid.*, p. 9), com o uso da informática; a sociedade do consumo, marcada pela sedução do sujeito em usar bens e serviços por prazer; a arte, caracterizada pela falta de esperança e a sátira que joga com a levianidade das coisas; o niilismo, o vazio existencial, a inexistência de valores, de sentido para a vida e de ilusões para acreditar num futuro possível: o presente e o prazer, o consumo e o individualismo são vividos acima de outros valores (*Ibid.*, p. 8-11).

Até o presente momento, buscamos apresentar o quão diferentes são as visões sobre o pós-moderno, a pós-modernidade ou o pós-modernismo, assim como demarcamos os pressupostos e os valores centrais da modernidade. Toda esta discussão esclarece a importância de caracterizar o pensamento pós-moderno, com o cuidado de descrever suas ideias principais e apresentar as ideias dos teóricos que o pensaram como uma nova forma interpretativa para o presente, embasados, grosso modo, na não materialidade (ainda) das proposições elaboradas pelo pensamento moderno, oferecendo-nos uma proposta de explicação da realidade atual pelos seus aspectos fenomênicos, ao caracterizarem a contemporaneidade pelo poder do saber, da transparência da comunicação, das tecnologias, das diferenças, dos movimentos locais, das subjetividades, etc.

Para compreender com mais propriedade e aprofundar as reflexões sobre as percepções sobre o pós-moderno, exporemos os fundamentos desta nova interpretação da realidade no tópico seguinte. Ele propõe o debate em torno das diferentes perspectivas e ideias

apresentadas por teóricos crentes no soergimento de novos aspectos e características definidoras de uma nova era ou de um momento de transição da modernidade para a contemporaneidade. Poderíamos quiçá pensar nos teóricos defensores desta pós-modernidade e no próprio pensamento pós-moderno como uma proposta explicativa para a realidade social contemporânea, fornecedora de *uma alternativa a mais* para a compreensão da realidade social.

## 2.2 PENSAMENTO PÓS-MODERNO: UM “LEQUE” DE POSIÇÕES

Falar sobre o posicionamento de um estudioso é sempre algo muito delicado. Neste tópico, elegemos autores que descrevem aspectos centrais para a compreensão do que seria a pós-modernidade e o pensamento pós-moderno, dando especial relevo aos elementos que diferenciam o momento contemporâneo (na perspectiva destes) do momento moderno. Entretanto, primeiramente, é interessante questionar: O que determina ou quem estabelece que um autor é pós-moderno ou é marxista? Quem indica que ele é “indeciso” com relação às suas posturas teóricas? Ele deve, obrigatoriamente, autodenominar-se pós-moderno, positivista, funcionalista, marxista, ou o que quer que seja? Ele pode se considerar marxista, porém propor alguns “rearranjos” ou adequações em sua obra? Ele pode não se considerar pós-moderno, nem marxista, mas ser curioso por conhecer diferentes abordagens e veias teóricas?

O debate em torno do pensamento pós-moderno deve considerar a abertura à compreensão de diferentes posicionamentos teóricos e análises da realidade. Na verdade, não podemos falar em uma única posição teórica pós-moderna, muito menos na existência de um estudioso pós-moderno central, com uma posição modelo para os demais. Há teóricos pós-modernos, no plural, com posicionamentos, perspectivas e pontos de partida diversos, explicando a realidade atual por meio das determinações sociais e históricas surgidas desde os anos 1960 (SOUSA, 2004, p. 157). Apesar disso, sem grandes pormenores, podemos dizer que para os pós-modernos, a sociedade atual não pode mais ser explicada pelos parâmetros modernos, estes haveriam sido ultrapassados ou estariam em transição para um novo momento, a era pós-moderna, que seria o reflexo de novos valores, mais adequados às expressões sociais, culturais, artísticas, subjetivas, existentes na atualidade.

O pensamento pós-moderno, decorrente desta nova era, poderia ser compreendido como uma demonstração do movimento da crise contemporânea do capital, não estando desprendido do movimento histórico da realidade. Ele expressa as diferenciações ideológicas surgidas com a organização de uma base econômica pós-industrial e dessa forma alguns pós-

modernos costumam crer no efêmero, na transitoriedade das coisas ou na velocidade dos acontecimentos como elementos desta “nova era”, quando na verdade para os marxistas seriam apenas elementos determinados por uma base econômica com novos traços, tais como: o aumento das inovações tecnológicas e a diminuição do tempo de rotação do capital fixo, voltados à obtenção de maiores lucros (MANDEL, 1985; MARINHO, 2015).

Conforme Santos (1995), há uma distinção no plano sócio-político entre os autores vinculados ao pensamento pós-moderno, produzindo-se dois pontos de vista diferentes e antagônicos na “transição paradigmática”: o dos que acreditam na impossibilidade de concretização das promessas da modernidade e o dos que pensam que do modo como a modernidade se materializou, os mecanismos criados por ela não permitem o cumprimento destas promessas, inclusive emancipatórias. Estas duas formas de percepção sobre a “transição paradigmática”, ou seja, sobre a transição da era moderna para a pós-moderna, constituem a pós-modernidade de oposição e a pós-modernidade de celebração, respectivamente (SANTOS, 1995, p. 35). Nas palavras deste autor:

[...] A transição paradigmática tem vindo a ser entendida de dois modos antagónicos. Por um lado, há os que pensam que a transição paradigmática reside numa dupla verificação: em primeiro lugar, que as promessas da modernidade, depois que esta deixou reduzir as suas possibilidades às do capitalismo, não foram nem podem ser cumpridas; e, em segundo lugar, que depois de dois séculos de promiscuidade entre modernidade e capitalismo, tais promessas, muitas delas emancipatórias, não podem ser cumpridas em termos modernos nem segundo os mecanismos desenhados pela modernidade. O que é verdadeiramente característico do tempo presente é que, pela primeira vez neste século, a crise de regulação social corre de par com a crise de emancipação social (SANTOS, 1995, p. 35).

Para Sousa (2004), esta separação coloca pós-modernos amplamente reconhecidos em dois grupos distintos. Por exemplo, Lyotard e Maffesoli se situam no primeiro grupo e o próprio Boaventura de Sousa Santos no segundo grupo, onde estão os mais “progressistas” por considerarem os valores da modernidade ainda válidos apesar de os meios modernos não conseguirem realizar suas promessas (SOUSA, 2004, p. 158).

Com relação ao primeiro, entre suas teses está a de que os metarrelatos<sup>44</sup> – como o marxismo – são irrealizáveis. Para ele, “considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade em relação aos metarrelatos” (LYOTARD, 1993, p. xvi, grifos do autor), ou seja, o fundamento da pós-modernidade está na impossibilidade de realização das propostas da modernidade,

---

<sup>44</sup> Os metarrelatos são considerados para os pós-modernos como as narrativas totalizantes, visualizadas como teorias científicas, utilizadas para explicar a realidade. O marxismo, por exemplo, poderia ser considerado um metarrelato tendo em vista, entre outras coisas, sua proposta de possibilidade utópica de construção do socialismo e do comunismo. Conforme o discurso marxista, é importante que tomemos o cuidado de não considerar o socialismo e o comunismo como *fatalidades* históricas, mas sim como *possibilidades* históricas.

colaborando para que o projeto emancipatório humano previsto pelo marxismo, no caso, seja considerado uma utopia sem condições materiais de existência. O pós-moderno aparece como uma condição cultural da era pós-industrial, após a crise dos conceitos característicos do pensamento moderno, fundamentando-se justamente na “incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes” (LYOTARD, 1993, p. viii).

O modelo de sociedade proposto pelo marxismo, elaborado no bojo das lutas das sociedades civis pelo capitalismo – lembremos da burguesia como classe originariamente revolucionária (MARX; ENGELS, 2008a, p. 12) – e a função do saber organizada com este modelo teriam demonstrado uma forte disparidade das propostas iniciais de Marx. O balanço da história social, política e ideológica, desde as origens do capitalismo, haveria indicado que nos países liberais, as lutas sociais e seus órgãos teriam se transformado em reguladores do sistema<sup>45</sup>; nos países comunistas, o marxismo haveria sido tomado como base fundamentadora para o ressurgimento do totalitarismo; e em várias outras partes, a crítica da economia política e da sociedade alienada teriam sido utilizadas para fundamentar a programação do sistema (ou da sociedade capitalista, se quisermos simplificar) (LYOTARD, 1993, p. 22-23). Apesar da criticidade desenvolvida pela Escola de Frankfurt e do grupo *Socialismo ou barbárie*, “o pilar social do princípio da divisão, a luta de classes [se diluíram] [...] a ponto de perder toda radicalidade” (ibid., p. 23), simplificando-se a “uma ‘utopia’, a uma ‘esperança’, a um protesto pela honra feito em nome do homem, ou da razão, ou da criatividade, ou ainda de determinada categoria social reduzida *in extremis* às funções de agora em diante improváveis de sujeito crítico” (LYOTARD, *loc. cit.*, grifos do autor).

O marxismo se efetivou, portanto, como um “modelo totalizante e de [...] efeitos totalitários” (ibidem, p. 25) nos países comunistas que lhe utilizaram como base, funcionando

---

<sup>45</sup> Lyotard (1993) explica que o saber na sociedade contemporânea teve dois modelos como metodologias principais explicativas: o baseado na sociedade como um todo funcional, a partir de Talcott Parsons e o alicerçado na sociedade como dividida em duas partes, mormente pela corrente marxista. Com Parsons, o princípio do sistema era o de que as economias em crescimento seriam estabilizadas e as sociedades estariam em abundância com o Welfare State temperado, comparando a sociedade a um sistema autorregulável bastante otimista. Para os teóricos alemães da década de 1970, a Systemtherie ou o “sistema” seria tecnocrático, uma vez que, entre outras coisas, o sistema sempre busca melhorar a si mesmo, aperfeiçoar-se e não produzir as reais alterações nas vidas das pessoas, isto é, “a harmonia entre necessidades e esperanças dos indivíduos e dos grupos com as funções que asseguram o sistema não é mais do que uma componente anexa do seu funcionamento; a verdadeira finalidade do sistema, aquilo que o faz programar-se a si mesmo como uma máquina inteligente, é a otimização da relação global entre os seus input e output, ou seja, o seu desempenho. Mesmo quando suas regras mudam e inovações se produzem, mesmo quando suas disfunções, como as greves, as crises, o desemprego ou as revoluções políticas podem fazer acreditar numa alternativa e levantar esperanças, não se trata senão de rearranjos internos e seu resultado só pode ser a melhoria da ‘vida’ do sistema, sendo a entropia a única alternativa a este aperfeiçoamento das performances, isto é, o declínio” (LYOTARD, 1993, p. 21, grifos do autor).

como uma “utopia” improvável de ocorrer nos moldes propostos pelo próprio Marx. E ainda como um metarrelato que reproduziu as duas grandes versões do relato de legitimação proposto na modernidade: a versão mais política e a versão mais filosófica<sup>46</sup> (*Ibid.*, p. 58).

O saber pós-moderno seria o meio de mobilizar os poderes que oprimem as pessoas e o responsável por nos fazer suportá-los. A hipótese é “a de que o saber [...] muda de estatuto ao mesmo tempo [em] que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna” (LYOTARD, 1993, p. 3), corroborando a ideia de que “o saber científico é uma espécie de discurso” (LYOTARD, *loc. cit.*) e de discurso que legitima e justifica a ordem estabelecida mediante os jogos de linguagem, isto é, há intencionalidade nos diversos enunciados, tornando-os convenientes para as ideias, valores, pensamentos que se quer defender.

Nestes termos, “[...] não se pode concluir que o papel principal do saber é o de ser um elemento indispensável do funcionamento da sociedade e agir em consequência para com ela a não ser que se conclua que esta é uma grande máquina” (*Ibid.*, p. 25). Isto significa dizer que o saber e o conhecimento são moldados pelas relações que seus fornecedores e usuários estabelecem com ele. Os fornecedores e os usuários do conhecimento, assim como o próprio conhecimento assumem a forma que seus produtores e os consumidores de mercadorias determinam, constituindo uma forma de valor, pois o saber é produzido para ser vendido e consumido para ser valorizado. Logo, ele perde seu valor de uso e adquire um valor de troca: ele se torna uma forma de mercadoria informacional (*Ibid.*, p. 5).

Consoante a isso, o desenvolvimento do saber científico está intimamente articulado ao avanço da informática e dos sistemas informacionais, fazendo com que um panorama do pós-moderno revele o esforço científico, tecnológico e político de informatizar a sociedade. E nesta, a ciência é encarada pelo filósofo pós-moderno de modo diferente do que prevalecia no Iluminismo com os filósofos modernos: se para os últimos, ela era vista como algo que existia e se renovava com base em si mesma, sem finalidade preestabelecida, tendo a

---

<sup>46</sup> As duas formas de expressão destas versões são assim explicadas: “Seria mais fácil mostrar que o marxismo oscilou entre os dois modelos de legitimação narrativa [...]. O Partido pode tomar o lugar da universidade – o proletariado, o do povo ou da humanidade, o materialismo-dialético, o do idealismo especulativo, etc.; pode daí resultar o estalinismo e sua relação específica com as ciências, que lá estão apenas enquanto citação do metarrelato da marcha para o socialismo como equivalente da vida do espírito. Mas ele pode, ao contrário, conforme a segunda versão, desenvolver-se em saber crítico, postulando que o socialismo não é senão a constituição do sujeito autônomo e que toda a justificação das ciências é dar ao sujeito empírico (o proletariado) os meios de sua emancipação em relação à alienação e à repressão: sumariamente, foi esta a posição da Escola de Frankfurt” (LYOTARD, 1993, p. 65-66).

função primordial de romper com as trevas; para aqueles, pós-modernos, a ciência é um modo de pôr em ordem, armazenar e disseminar determinadas informações (*Ibid.*, p. viii-ix).

Com Maffesoli (1996), por sua vez, temos a defesa da importância de se compreender a aparência, os laços emocionais embutidos nas relações sociais, o modo como a estética permeia a existência de todos os indivíduos, sendo o paradigma estético entendido como o fator característico das relações sociais na contemporaneidade (MAFFESOLI, 1996, p. 45). Por isso, “nada mais permanece incólume. [A estética] [...] contaminou o político, a vida da empresa, a comunicação, a publicidade, o consumo, e, é claro, a vida cotidiana” (*Ibid.*, p. 12). E esta se expressa no “sentir comum”, na ideia de “consenso”, no que nossas emoções e sentimentos compartilhados materializam (*Ibid.*, p. 13). Se a modernidade tinha a tendência de homogeneização dos valores sociais, a pós-modernidade representa a variedade de manifestações culturais e coletivas, através de um

[...] processo de massificação constante, [em que] operam-se condensações, organizam-se tribos mais ou menos efêmeras que comungam valores minúsculos, e que, em um balé sem fim, entrechocam-se, atraem-se, repelem-se numa constelação de contornos difusos e perfeitamente fluidos (*Ibid.*, p. 32-33).

Outra forma de encarar a impossibilidade de realização do projeto moderno é dada por Santos (1995; 2012). Para ele, devemos compreender que “[...] o processo civilizatório instaurado [...] com a redução das possibilidades da modernidade às possibilidades do capitalismo entrou, tudo leva a crer, num período final” (SANTOS, 1995, p. 34), ocasionando a necessidade de se criarem novas propostas dentro da modernidade. Assim, “em vez da invenção de um lugar totalmente outro, [...] [propõe-se] uma deslocação radical dentro de um mesmo lugar, o nosso” (*Ibid.*, p. 325).

Referido autor acredita na existência de uma nova tendência mundial paradigmática. Sua ideia é a de que vivemos uma fase de transição paradigmática da modernidade para a pós-modernidade, em que a ciência pós-moderna surge como o reflexo da emergência de sinais que legitimam o momento de transição para uma nova era nascida com estes (SANTOS, 2012, p. 11). A transição paradigmática é produto de “o futuro prometido pela modernidade” não haver se tornado futuro (*Ibid.*, 1995, p. 322), provocando, entre outras coisas, uma celebração do presente, como o pós-modernismo prega, ou uma valorização do passado, como propõe o pensamento reacionário. Entretanto, estas propostas não são as melhores soluções para o problema do não cumprimento das promessas da modernidade, mas sim elas “reinventa[m] o futuro, abr[em] um novo horizonte de possibilidades, cartografado

por alternativas radicais às que deixaram de o ser” (SANTOS, *loc. cit.*), ou seja, o deslocamento radical dentro do lugar onde nos encontramos.

Este debate revela em que medida o presente, o passado e o futuro são considerados na análise da realidade pós-moderna. Maffesoli (1996), ao afirmar que “de fato, as grandes certezas desmoronam regularmente” (MAFFESOLI, 1996, p. 9), também acaba revelando sua descrença nas apreciações realizadas pelos teóricos modernos, deixando claro que o presente é a fonte para a compreensão do que acontece no hoje. Dessa forma, o conhecimento deve estar relacionado ao mundo, obrigando-nos a estabelecer uma relação entre reflexão e realidade empírica, se quisermos que o conhecimento não esteja em defasagem com a realidade. Em suas palavras, “a evidência do objeto, a certeza do senso comum, a profundidade das aparências, a experiência da proxemia” (MAFFESOLI, *loc. cit.*) podem nos guiar no caminho de compreensão dos “fatos brutos”, de como se apresentam “as coisas pelo que são”, analisando sua “lógica interna” (*Ibid.*, p. 10), uma vez que “só o presente é a fonte fecunda do pensamento” (*Ibid.*, p. 9).

Vattimo (1996), por seu turno, discute a pós-modernidade a partir da existência de uma relação profunda entre as reflexões de Nietzsche e de Heidegger. Para ele, as teses destes autores ajudam na compreensão da ideia de fim da modernidade e consequente início da pós-modernidade, em decorrência da “problemática nietzschiana do eterno retorno à problemática heideggeriana do ultrapassamento da metafísica” servirem para entender as teorizações sobre o pós-moderno (VATTIMO, 1996, p. v).

Com Santos (1995), podemos pensar também pela via de entrada em uma fase de “crise paradigmática e, portanto, de transição entre paradigmas epistemológicos, sociais, políticos e culturais” (SANTOS, 1995, p. 322), o que nos exige não nos saturar de críticas ao paradigma dominante, mas, sobretudo, caracterizar o paradigma emergente (SANTOS, *loc. cit.*). Sua proposta de deslocamento dentro do paradigma dominante da modernidade se coloca como um deslocamento da ortotopia para a heterotopia, isto é, de ver o mais profundo da perspectiva moderna, ao mesmo tempo em que, o mais profundo do que esta exclui (*Ibid.*, p. 325).

Esta heterotopia sugerida por Santos (1995) é chamada de Pasárgada 2, sendo fundamentada na possibilidade de construção de uma nova forma de sociabilidade dentro da sociedade onde vivemos.

Em Pasárgada 2 vigora a ideia de que estamos efetivamente num período de transição paradigmática e que é preciso tirar todas as consequências disso. Todas ou algumas, pois também se reconhece que este período de transição está ainda no

começo e, portanto, não apresenta ainda todos os seus traços. [...] Pasárgada 2 decidiu adoptar o princípio da transição paradigmática. Pasárgada 2 é, para já, apenas uma continuidade educacional: os estudantes são todos os cidadãos enquanto trabalham, descansam e estudam. É pautada por um duplo objetivo: ampliar o conhecimento dos paradigmas em presença e promover a competição entre eles de modo a expandir as alternativas de prática social e pessoal e as possibilidades de lutar por elas. Ao contrário de outras utopias, Pasárgada 2 não está organizada em detalhe, pelo que não cabe aqui senão referir os seus princípios de organização e o perfil geral dos paradigmas em competição. [...] Quanto à organização, o princípio institucional mais importante é a constituição de uma Câmara Paradigmática em que estão igualmente representados os diferentes paradigmas em competição através dos seus adeptos eleitos pela comunidade educacional (*Ibid.*, p. 325-326).

A heterotopia da Pasárgada 2 serve para mostrar uma proposta plausível de reflexão sobre a decadência ou a crise do paradigma da modernidade, questionando, entre outras coisas, a preocupação da Câmara Paradigmática, isto é, da comunidade científica em admitir a emergência de um novo paradigma teórico, por meio do que Kuhn (1998) chamava de revolução científica (conforme descrevemos no primeiro tópico deste capítulo). Na heterotopia imaginada por Santos (1995), supõe-se a situação em que a referida Câmara cria um fórum alternativo para a discussão sobre os paradigmas e se decide por suspender a concessão de diplomas temporariamente. Isto ocorre em virtude de alguns membros da Câmara entenderem que se as instituições estavam ensinando apenas a partir do paradigma vigente, elas certificavam apenas o conhecimento deste paradigma. Em contrapartida do ponto de vista do paradigma emergente, a instituição não poderia certificar os estudantes. Logo, os concluintes receberiam “diplomas de ignorância” no que tange à compreensão da disciplina emergente (SANTOS, 1995, p. 326).

Além da diferença de percepção sobre o conhecimento e a ciência, o método proposto pelos pós-modernos também diverge do método elaborado na modernidade com a teoria social crítico-dialética. A sociedade pós-moderna é a sociedade que legitima diversos “jogos de linguagem”, acredita numa “pragmática das partículas de linguagem”, valida a justiça social e a verdade científica por meio da otimização e da eficácia das performances dos sistemas que buscam o melhor desempenho<sup>47</sup> (LYOTARD, 1993, p. xvii).

---

<sup>47</sup> É interessante notar que ao explicar a lógica do melhor desempenho, Lyotard (1993) não desacredita na relação de contradição existente entre capital e trabalho esboçada por Marx, mas a atualiza, a partir da sua percepção, ao afirmá-la como irrealizável. Para ele: “Esta lógica do melhor desempenho é, sem dúvida, inconsistente sob muitos aspectos, sobretudo no que se refere à contradição no campo sócio-econômico: ela quer, simultaneamente, menos trabalho (para baixar os custos da produção) e mais trabalho (para aliviar a carga social da população inativa). Mas a incredulidade resultante é tal que não se espera destas contradições uma saída salvadora, como pensava Marx” (LYOTARD, 1993, p. xvii). Isto expressa um desencanto e uma falta de positividade na ideia de saída da exploração capitalista pela via do socialismo e do comunismo e também lembra que além da questão da ciência e do conhecimento, as proposições pós-modernas ressaltam o caráter da verdade, do que é visível (SOUSA, 2004, p. 167), o que nos permite enfatizar o papel dos sujeitos sociais.

Na era pós-moderna não há mais espaço para os grandes heróis e atores sociais, as grandes façanhas e o grande objetivo. Há sim o surgimento de inúmeros elementos de linguagem: narrativos, denotativos, prescritivos, descritivos, entre outros, cada qual, transportando em si “validades pragmáticas *sui generis*” (LYOTARD, *loc. cit.*, grifos do autor), que denotam a multiplicidade de contextos, de possibilidades existentes para cada pessoa, pois “não formamos combinações de linguagem necessariamente estáveis, e as propriedades destas por nós formadas não são necessariamente comunicáveis” (LYOTARD, *loc. cit.*). A pós-modernidade teria como traço principal a descrença nas metanarrativas<sup>48</sup>, provocada

[...] por um lado, através de uma pluralização de argumentos, com a proliferação do paradoxo e do paralogismo – antecipados na filosofia de Nietzsche, Wittgenstein e Levinas; e, por outro lado, por uma tecnificação da prova, na qual aparatos dispendiosos comandados pelo capital ou pelo Estado reduzem a “verdade” ao desempenho (ANDERSON, 1999, p. 32-33, grifos do autor).

Assim, na sociedade pós-moderna, em que a comunicação é posta como realidade e como problema, a linguagem ganha uma nova importância, a qual supera sua consideração como palavra manipuladora ou transmissora unilateral de mensagem ou mesmo sua consideração como livre expressão ou manifestação do diálogo. A linguagem manifesta mensagens de diversos sentidos (denotativos, prescritivos, avaliativos, performativos, etc.), que não comunicam apenas informação, mas superam uma teoria da comunicação e se incluem numa teoria dos jogos, sendo as relações sociais estabelecidas pela flexibilidade das redes de jogos de linguagem (Cf. LYOTARD, *op. cit.*, p. 29-31). E nestas, os enunciados revelam o que é admissível de ser dito ou não e como deve ser dito o discurso predominante numa instituição (*Ibid.*, p. 31).

Esta assertiva permite interpretar a submissão da ciência pós-moderna ao capitalismo, no que tange ao processo de valorização do capital, à formação de competências para atender às exigências postas pelo capitalismo, ao acirramento e à reprodução cada vez mais efetiva da produção tecnológica destrutiva (MARINHO, 2015, p. 204). Conforme Marinho (2015), “a desmistificação do saber científico”, engendrada pelo pensamento pós-moderno, através da descrença nas grandes narrativas está intimamente relacionada à crise estrutural do capital contemporâneo e sua “apropriação da ciência como elemento da produção”, muitas vezes destrutiva. Para o pensamento pós-moderno, a ciência moderna não é

<sup>48</sup> A base da superioridade das grandes narrativas estava na colocação dos homens como heróis da sua libertação por meio do conhecimento, originado com a Revolução Francesa e na ideia de o espírito revelar a verdade, de acordo com o idealismo alemão (ANDERSON, 1999, p. 32).

mais portadora do “discurso verdadeiro”, sim foi apropriada pelo capital para atender seus interesses. Portanto, “o pensamento pós-moderno não é completamente acrítico pró-capitalista, como querem alguns de seus críticos” (MARINHO, *loc. cit.*).

A crítica dos pós-modernos à ciência portar o conhecimento verdadeiro se articula à opção dos pós-modernos, de modo geral<sup>49</sup>, como Lyotard (1993), de desacreditarem na construção de uma sociedade alternativa à capitalista, de base socialista. Além de se conectar com a proposta de existirem jogos de linguagem, em que “todos os discursos seriam verdadeiros” (LYOTARD, 1993, *passim*). Nesta crítica, o que é interessante pontuar é que este autor ressalva o fato de que “a pesquisa que recebe maior financiamento é aquela mais aplicável e rentável” (LYOTARD, *loc. cit.*), ou seja, a deslegitimação das grandes narrativas e a prevalência dos jogos de linguagem são produto da apropriação do capital, já que é este que determina as prioridades da pesquisa, direcionando-a para o desempenho satisfatório daquilo que lhe interessa<sup>50</sup> (MARINHO, *op. cit.*, p. 205).

Para Vattimo (1991), por sua vez, a sociedade em que vivemos é o lugar da comunicação generalizada, sendo que o método da história unitária da Idade moderna não tem mais fundamento: o fim da modernidade está determinado pelo fim da ideia de existência de uma história unitária, com o discurso unitário do pensamento da classe dominante, o que significa dizer que os discursos oficiais expressam o interesse da classe no poder. Marx, Nietzsche e posteriormente Walter Benjamin já teriam feito críticas à ideia unitária de história, que quando aprofundadas podem mostrar a importância das múltiplas culturas com suas expressões e diversidades históricas reveladas por seus passados (VATTIMO, 1992, p. 9-11). O fim da modernidade linear e contínua revelaria igualmente o surgimento de uma nova sociedade mais complexa e caótica, onde se encontraria a expectativa da construção de uma nova emancipação (MARINHO, 2015, p. 155). Igualmente, a ideia de história contínua, progressista e perfectível da modernidade não teria mais espaço no momento de crise

---

<sup>49</sup> Devemos lembrar, de outra forma, que Santos (1992; 2012) se entende “progressista” por acreditar na possibilidade de mudanças dentro da era moderna, apesar de estarmos em um período de “transição paradigmática” segundo ele.

<sup>50</sup> Este debate recorda a também expansão – pelo desejo de lucratividade – das instituições de ensino superior. Nestes termos, para Lima (2013), a expansão da educação superior brasileira deve ser analisada, tendo em vista o papel que um país de capitalismo dependente como o Brasil adquiriu no contexto atual. Na primeira década do novo século, de modo particular, o novo estágio do capitalismo elevou suas estratégias de enfrentamento às crises e reorganizou sua estratégia de tornar todos os campos da vida social em “potencialmente lucrativos”: a universidade não esteve imune a este processo (LIMA, 2013, p. 11). Por isso, a expansão da educação superior no país se revela, mediante três necessidades específicas do capital: 1. “A subordinação da ciência à lógica mercantil” [...]; 2. “A constituição de novos campos de lucratividade” [...]; 3. “A construção de estratégias de obtenção de consenso em torno do projeto burguês de sociabilidade em tempos de neoliberalismo reformado” (LIMA, *loc. cit.*).

estrutural do capital por esta ser uma época marcada pela efemeridade e pela descartabilidade das coisas (*Ibid.*, p. 206).

Conforme Maffesoli (1996), na realidade, estamos vivenciando a “volta de um tempo imóvel, de um presente eterno: o do mito e do simbolismo” (MAFFESOLI, 1996, p. 60), em que o imaginário e a socialidade<sup>51</sup> ganham sentido e “a realidade ou a surrealidade é, antes de tudo, um símbolo vivo” (MAFFESOLI, *loc. cit.*), construído pelas várias tribos culturais que exercitam a liberdade de atitude. A estética aparece neste contexto como os “momentos vividos em comum, enquanto situações em que se exprime o tempo imóvel e o prazer do instante eterno, [que] remete a outra concepção de tempo” (MAFFESOLI, *loc. cit.*), que nada tem a ver com a concepção moderna de tempo uniforme e previsível, mas de tempo variável e com duração estabelecida pelas pessoas e seus reagrupamentos. Isso justificaria a inexistência hoje de uma filosofia da história, em contrapartida da substituição pelas histórias cotidianas, permitindo-se que falemos de uma “des-historicização da experiência” (*Ibid.*, p. 61).

Se para Lyotard (1993) existem vários discursos; para Maffesoli (1996), uma lógica de identificação dos sujeitos aos elementos que os singularizam, exigindo-se a valorização da estética; para Vattimo (1991), a inexistência da história unitária; para Santos (1995; 2012), há várias expressões do conhecimento a serem valorizadas: a ciência pós-moderna é justamente o paradigma legitimador destas novas manifestações na contemporaneidade. Talvez por isso, os teóricos pós-modernos se fixem com veemência nas discussões sobre a questão do conhecimento e da ciência (SOUSA, 2004, p. 159), ao explicarem as possibilidades ou não de efetivação das promessas da modernidade.

Para Lyotard (1993), esta questão é tão fundamental que ele deixou claro na *Introdução* de *O pós-moderno*, que seu objeto de estudo é a posição do saber na sociedade pós-moderna. Nesta sociedade, a ciência teria revelado entrar em conflito com os relatos, por haverem se tornado, majoritariamente, fábulas. Dito de outro modo, os metadiscursos se referem aos grandes relatos desenvolvidos pela ciência moderna, como “a dialética do espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, o desenvolvimento da riqueza” (LYOTARD, 1993, p. xv). Esta assertiva está na base da defesa da impossibilidade de efetivação dos metarrelatos, em decorrência do progresso das ciências,

---

<sup>51</sup> Para Maffesoli (1996), a socialidade “significa que a vida social não poderia se reduzir às simples relações racionais ou mecânicas que servem, em geral, para definir as relações sociais. Ele permite integrar na análise parâmetros tais como o sentimento, a emoção, o imaginário, o lúdico, cuja eficácia multiforme não se pode mais negar, na vida das nossas sociedades” (MAFFESOLI, 1996, p. 106).

que produziu uma crise da instituição universitária, embasada na crise da filosofia metafísica (*Ibid.*, p. xvi).

Segundo Santos (2012), a ciência moderna se encontra distante da realidade social, exigindo recorrer-se ao círculo hermenêutico para compreendê-la. É a partir dele que poderíamos ver a importância da parte para o todo e do todo para as partes (já que a parte é determinada pelo todo e o todo é determinado pelas suas partes). Pela via da hermenêutica é possível construir um diálogo com o objeto, limitando o estranhamento diante dele e permitindo a proximidade para conhecê-lo a fundo, algo diferente do realizado pelo discurso científico moderno. Este a partir do excesso de especialização do conhecimento produziu o distanciamento e o estranhamento do discurso científico dos discursos do senso comum, estético ou religioso, ocasionando a reprodução deste desconhecimento e estranheza no interior da comunidade científica (SANTOS, 2012, p. 10-12), pois “o avanço da especialização torna impossível ao cientista, e já não apenas ao cidadão comum, compreender o que se passa [...] à volta do habitáculo (cada vez mais estreito) em que vive em Scientiápolis” (*Ibid.*, p. 13).

E viver em “Scientiápolis” significa estar isolado das discussões mais amplas existentes nos vários discursos. Com a reflexão hermenêutica, a ciência se tornaria “um objeto familiar e próximo” (*Ibid.*, p. 13), que se comunica com o cientista e se constrói como “um objeto que, por falar, será mais adequadamente concebido numa relação eu-tu (a relação hermenêutica) do que numa relação eu-coisa (a relação epistemológica) e [...], nessa medida, [a ciência] se transforma num parceiro da contemplação e da transformação do mundo” (SANTOS, *loc. cit.*). A reflexão hermenêutica seria, portanto, a chave para elucidar as nuances das ciências sociais, que poderia haver sido prejudicada pela fragmentação disciplinar moderna. Esta reflexão é cabível para Santos (2012) por dois motivos: “tornar compreensível o que as ciências sociais são na sociedade e o que elas dizem sobre a sociedade [...]” (*Ibid.*, p. 14). Para assim, pela via da reflexão hermenêutica, ocorrer a “autocompreensão do nosso estar no mundo técnico-científico contemporâneo” (SANTOS, *loc. cit.*).

O mesmo autor afirma que um dos conflitos existentes entre a ciência moderna “galilaica, cartesiana, newtoniana, durkheimiana, weberiana, marxista” (*ibid.*, p. 328) e o que intitula de ciência pós-moderna, também nomeada de “nova ciência” por outros teóricos, refere-se à epistemologia. O velho paradigma – leiamos o paradigma da ciência moderna – tem a ciência como uma prática social produtora de uma única forma de conhecimento válido, demonstrada pela intemporalidade da verdade, o que implanta determinismos e formula

previsões. Como este conhecimento é cumulativo, o progresso científico automaticamente geraria o progresso da sociedade (SANTOS, *loc. cit.*).

Já para os adeptos do novo paradigma – leiamos a ciência pós-moderna – o conhecimento não se apresenta de uma única forma, sim há uma multiplicidade de formas de conhecimento, dependendo das práticas sociais que as produzem e as alimentam: existindo muitas práticas sociais, existem muitas formas válidas e alternativas de conhecimento. O não reconhecimento destas formas de conhecimento geraria a deslegitimação das práticas sociais que lhes dão sustentação, ocasionando a exclusão social dos que as geraram. Dessa forma é que o genocídio dos povos conquistados pelos europeus poderia também ser encarado como um epistemicídio<sup>52</sup>, uma vez que “eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos” (SANTOS, *loc. cit.*).

A recomendação deste autor é a de que se estabeleça uma “concorrência epistemológica leal entre conhecimentos” (*Ibid.*, p. 329) para que se reinventem as alternativas de prática social e conheçamos as que rejeitamos ou não queiramos conhecer. Esta concorrência, ressaltemos, não deve ser tomada como relativismo e, logo, fonte de obscurantismo, como pensa a perspectiva moderna, mas sim como uma relação horizontal entre conhecimentos, conforme propõem os pós-modernos. Para estes, a horizontalidade é o ponto de partida e não o ponto de chegada, “é a condição *sine qua non* da concorrência entre conhecimentos” (SANTOS, *loc. cit.*, p. 329, grifos do autor), proporcionando o reconhecimento de um ponto de chegada com características próprias e não integralmente assentado pelo ponto de partida, devido depender do processo argumentativo realizado nas comunidades interpretativas que o geraram (SANTOS, *loc. cit.*).

Desse modo é que se considera importante a “igualdade do acesso ao discurso interpretativo” (*Ibid.*, p. 330), ao se valorizarem os discursos silenciados, como os dos países do Sul, visualizando o silenciamento destes como o resultado de uma opção argumentativa ou uma imposição não argumentativa (SANTOS, *loc. cit.*). Adequado a isso, o objetivo central do paradigma pós-moderno emergente seria “lutar contra o *apartheid* identitário e cultural” (*Ibid.*, p. 340, grifos do autor), considerando um Estado que promove “a pluralidade e a

---

<sup>52</sup> Ressaltamos que para o novo paradigma, o epistemicídio foi um dos grandes crimes realizados contra a humanidade, e para ser ressignificado, a dívida com eles deveria ser paga pela revalorização de seus conhecimentos e práticas, acarretando a apreensão das particularidades dos povos oprimidos, marginalizados e subordinados, pois “é nas margens que se faz o centro e é no escravo que se faz o senhor” (SANTOS, 1995, p. 329).

permeabilidade das identidades”, a partir do enfrentamento entre os dois paradigmas existentes, moderno e pós-moderno (SANTOS, *loc. cit.*).

Concernente a este debate, Vattimo (1992) demonstra que a revolta dos povos colonizados pelos europeus é um exemplo claro da insatisfação com a ideia de história unitária e centralizada nos povos considerados “superiores” (VATTIMO, 1992, p. 12). O fim da modernidade foi determinado não apenas pela crise do processo de colonização dos povos “inferiores” e “primitivos”, por meio do imperialismo, mas, sobretudo, pelo aparecimento dos *mass media*, isto é, dos meios de comunicação de massa nas sociedades pós-industriais, que descentralizaram a visão de mundo, baseadas fundamentalmente nos países do centro europeu. Com efeito,

[...] estes meios – jornais, rádio, televisão, em geral tudo aquilo a que hoje se chama telemática – foram determinantes para o processo de dissolução dos pontos de vista centrais [...]. O que de fato aconteceu, não obstante todos os esforços dos monopólios e das grandes centrais capitalistas foi que a rádio, a televisão e os jornais se tornaram elementos de uma explosão e multiplicação generalizada de *Weltanschauungen*, de visões de mundo (VATTIMO, 1992, p. 11, grifos do autor).

No bojo do novo paradigma epistemológico trazido com o pós-moderno a subjetividade ganhou novos ares, constituindo-se como uma nova subjetividade, que se assemelha e se comunica com as características assumidas pela forma de contato com o conhecimento. Este assumiu um novo caráter, passando a ser acima de tudo o que reconhece os indivíduos, sendo complexo, permissor da articulação com outros conhecimentos e da permeabilidade com estes (SANTOS, *op. cit.*, p. 333). Se o velho paradigma entendia a subjetividade a partir do indivíduo “unidimensional, maximizador da utilidade que escolhe racionalmente segundo o modelo arquetípico do *homo economicus*” (SANTOS, *loc. cit.*, grifos do autor), privatizando a equação entre interesse e capacidade, o novo paradigma aconselha a “ressocialização” da referida equação, tornando a subjetividade oriunda dela (SANTOS, *loc. cit.*).

Esta subjetividade adquire a característica de multidimensionalidade<sup>53</sup> materializada na capacidade que cada espaço-tempo tem de criar uma dimensão de subjetividade, ou seja, cada indivíduo e os grupos sociais são “constelações de subjectividades, articulações particulares, variáveis de contexto para contexto, entre as

---

<sup>53</sup> A multidimensionalidade do novo paradigma significa “o alargamento das razões com que se podem justificar as condutas, um alargamento da racionalidade cognitivo-instrumental para uma racionalidade mais ampla onde caiba, além dela, a racionalidade moral prática e a racionalidade estético-expressiva, um alargamento da demonstração racional para a argumentação racional [...]” (SANTOS, 1995, p. 334).

diferentes formas ou dimensões” (SANTOS, *loc. cit.*). Nestes termos, as energias emancipatórias se transfiguram como um aspecto obrigatório da multidimensionalidade, traduzida na concreticidade e na amplitude das suas possibilidades, que se estabelecem num “alargamento da racionalidade para a razoalidade, do conhecimento epidítico para a fronese” (*Ibid.*, p. 334), contrastando e se contrariando à unidimensionalidade da ciência moderna.

Quanto à distinção entre aparência e realidade, a ciência pós-moderna, ao distingui-las haveria originado muito mais uma hierarquização que uma distinção, subjugando a aparência à ideia de não-realidade, de ilusão que impede a compreensão imediata do real e que precisa da ciência para elucidá-la e ultrapassá-la, alcançando o conhecimento do real. Esta distinção e hierarquização teriam ajudado na manutenção do epistemicídio e na inferiorização dos conhecimentos diferentes do paradigma dominante moderno (considerados aparências e não conhecimentos). Para os pós-modernos, “a distinção entre aparência e realidade nem sempre faz sentido e quando faz é sempre relativa e a aparência não é necessariamente o lado inferior do par” (*Ibid.*, p. 331).

Com efeito, segundo Maffesoli (1996), há uma “sinergia” entre o pensamento e a sensibilidade, uma “sensibilidade da razão” concretizada pelas forças sensíveis desestabilizadoras da vida privada e da pública. A dicotomia entre razão e imaginário ou entre a razão e o sensível realizada pelos adeptos da modernidade deveria ser substituída pela integração entre “todos [...] [os] parâmetros que são considerados habitualmente como secundários: o frívolo, a emoção, a aparência... tudo que se pode resumir pela palavra estética” (MAFFESOLI, 1996, p. 11). Além desta substituição, o autor propõe uma “lógica da identificação” para substituir a lógica da identidade da era moderna, sendo esta alicerçada na autonomia do indivíduo para a realização das suas ações e aquela, a que mostra claramente os indivíduos “de máscaras variáveis” por serem determinados pela identificação e a adesão ao que desejam (*Ibid.*, p. 18-19).

Nestes termos, a aparência e a superficialidade se destacam e ganham legitimidade. As palavras do autor acima são enfáticas ao defender a necessidade de se dar importância ao que é visível, materializa-se no presente, ao fenômeno:

[...] Não é inútil retomar incansavelmente ao que se dá a ver, fundamentar na razão a importância do fenômeno, insistir no que é ‘dado’, e, certamente, saber justificá-lo. Pode parecer paradoxal dizer ‘o mundo visível existe’. Ou ainda, é banal indicar que a imagem está onipresente no social. E, contudo, raras são as análises que retiram todas as conseqüências lógicas dessas constatações. Todo poderoso é o fantasma da autenticidade, tão enraizado está, a preocupação intelectual de procurar a verdade além do que se vê (MAFFESOLI, 1996, p. 125, grifos do autor).

E é nesta busca de dar importância à aparência das coisas, que o cotidiano ganha força, assim como a preocupação com o doméstico, relativizando o poder da razão e dotando a imagem de eficácia para a interpretação do mundo. Destarte, as diferentes formas de expressão da aparência, como a moda, o espetáculo político, a teatralidade, a publicidade, a televisão se ligam para formar um conjunto que demonstra um determinado tipo de sociedade (*Ibid.*, p. 125-126). E esta sociedade é o produto da conjunção estabelecida entre o natural e o social, constituindo como uma característica da pós-modernidade, a relação entre as noções de espaço, território, urbanidade e localismo. Há, dito de outra forma, uma “sinergia” entre espaço e socialidade, que transforma a estética em paradigma e torna o mundo em que vivemos um resultado de nós mesmos e dos outros que o constroem.

O espaço é, portanto, o “meio” onde a natureza se articula e disputa com a cultura, tornando o meio “a condição de possibilidade de existência humana, a partir da existência social e da existência natural” (*Ibid.*, p. 259). Neste espaço é que a “megalópole contemporânea tem uma potencialidade de comunicações muito extensa” (*Ibid.*, p. 263) e sua intersubjetividade se estabelece pela dimensão comunicacional, dando movimento à cidade, produzindo experiências diferentes, com uma série de sensações, emoções e afetos (*Ibid.*, p. 265 -266). E assim, “a comunicação torna-se comunhão. Daí a eflorescência dessas ‘tribos’ urbanas, dos centros de interesses muito diversos, que são, antes de tudo, fechados sobre si próprios” (*Ibid.*, p. 267, grifos do autor).

As discussões elaboradas por Lyotard (1993), Vattimo (1992; 1996), Boaventura de Sousa Santos (1995; 2012) e Maffesoli (1996) demonstraram a diferenciação existente entre os autores pós-modernos: enquanto Lyotard (1993) desacredita a possibilidade de materialização das promessas modernas e dos metarrelatos; Maffesoli (1996) destaca o papel das aparências, da frivolidade, das emoções, por fim, da estética na cena contemporânea; Vattimo (1992; 1996) enfatiza a sociedade em que vivemos como uma sociedade da comunicação generalizada, do poder dos *mass media*; e Santos (1995; 2012) defende nossa transição para um novo paradigma, havendo possibilidade de modificarmos a realidade em que vivemos. Todos estes posicionamentos, assim como a interpretação de Marinho (2015) e os subsídios dados por Mandel (1985) fornecem os elementos para pensar nos aspectos que constituem a pós-modernidade e o pensamento pós-moderno, ao mesmo tempo em que nos indagam sobre a existência ou não desta pós-modernidade. Estes posicionamentos nos permitem afirmar a necessidade de evitarmos interpretações superficiais no que concerne uma polarização imediatista entre pensamento pós-moderno e marxismo, ao mesmo tempo em que nos exige discernimento para não reduzir o pós-moderno – assim que nos questionam a

respeito dele – ao (neo)conservador, ao reacionário ou ao oposto à intervenção social pensada. Relacionando-se a isso, traremos as principais críticas dialético-marxistas aos pós-modernos, bem como os fundamentos destas, com a finalidade de entender as diferenças de posicionamento e de ponto de vista teórico-metodológico entre seus representantes.

Assim, baseamo-nos em autores vinculados à crítica marxista, mencionados pela bibliografia consultada (ANDERSON, 1999; EVANGELISTA, 2007; MARINHO, 2015), como Habermas, Jameson, Callinicos, Harvey e Eagleton, para expor suas diferentes ideias e posicionamentos principais a respeito do pós-moderno<sup>54</sup>.

### 2.3 CRÍTICAS DIALÉTICO-MARXISTAS AO PÓS-MODERNO E À EXISTÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE

Qualquer descrição sobre o pós-moderno, o pós-modernismo e a pós-modernidade que desconsidere as posturas teóricas dos estudiosos pautados na crítica dialético-marxista se tornaria incompleta. Cientes disso, selecionamos pensadores de grande credibilidade que discorrem sobre o pós-moderno partindo do ponto de vista materialista-dialético, reconhecidos internacionalmente e nacionalmente (estes últimos, os mais próximos dos estudos do Serviço Social), com o objetivo de apontar suas percepções sobre a temática em apreço e sua defesa da inexistência de uma pós-modernidade ou mesmo da existência de uma modernidade com alterações em seu modo de ser.

É interessante apontar que as teses defendidas por Jürgen Habermas ganharam destaque na discussão sobre pós-modernidade um ano após a publicação de *A condição pós-moderna* (1979), em decorrência do discurso apresentado por este autor quando recebeu o prêmio Adorno de municipalidade, intitulado de *Modernidade – Um projeto incompleto em Frankfurt*. A partir deste, o pós-moderno foi posto em lugar de destaque no contexto anglo-saxônico não apenas pela credibilidade de Habermas como filósofo na Europa da época, mas também pela sua abordagem crítica, pois “se o surgimento de uma área intelectual tipicamente requer um pólo negativo para sua tensão produtiva, foi Habermas quem o forneceu” (ANDERSON, 1999, p. 44). E este o fez demonstrando a veracidade de que o espírito da modernidade estética havia decaído e que a pós-modernidade havia se agarrado nesta evidência para se legitimar. Mesmo assim, ele acreditava que o projeto da modernidade

---

<sup>54</sup> Anderson (1999) considerou Callinicos, Harvey e Eagleton, como os estudiosos formadores das três grandes contribuições marxistas à crítica pós-moderna posteriores à Jameson por buscarem suplementar ou corrigir a obra deste. Suas obras se localizam do final os anos 1980 aos anos 1990.

poderia se realizar, apesar de admitir as reais e grandes dificuldades para concretizá-lo (*Ibid.*, p. 44-45). Afirma: “Acho que em vez de renunciar à modernidade e a seu projeto como uma causa perdida, deveríamos aprender a lição dos enganos daqueles programas extravagantes que tentaram negá-la” (HABERMAS, 1983, s/p).

Entretanto, as proposições de Habermas foram consideradas imprecisas, pois ao mesmo tempo em que ele indicava que as sociedades capitalistas eram organizadas por meio de “sistemas”, controlados pelo dinheiro e pelo poder, sem possibilidade de interferência externa coletiva, afirmava que “normas intersubjetivas”, controladas pela “ação comunicativa” deveriam proteger o “mundo da vida” das ações dos sistemas: “esse dualismo exclui [...] qualquer forma de soberania popular, seja no sentido tradicional ou radical. A autogestão de produtores livremente associados está fora de questão” (ANDERSON, *op. cit.*, p. 47). Isso permite inferir que para Habermas (1983), a sociedade atual era controlada por relações mais fortes que a possibilidade de revolução empreendida pelos proletários, provocando o impasse de sua confiança no projeto emancipatório da modernidade.

Para este autor, a ação comunicativa é o produto das ações dos agentes envolvidos, os quais buscam seus objetivos individuais, harmonizando-os aos seus planos de ação para atingir o entendimento sobre a situação de interação que vivenciam, bem como organizar suas ações a partir da interpretação e do entendimento (*Id.*, 1984, p. 285-286). Para que este entendimento ocorra durante a ação comunicativa há um pano de fundo responsável por fornecer os conhecimentos anteriores dos agentes, embasados por um consenso cultural pré-existente, denominado de “mundo da vida”, cujo se divide em cultura, sociedade e pessoa. O mundo da vida, portanto, é o ponto de onde os agentes comunicativos falam e agem, determinando os espaços sociais e o tempo histórico onde se encontram (*Id.*, 1987a, p. 136). Ele guarda uma profunda relação com a ação comunicativa, pois o mundo da vida reproduz as estruturas simbólicas da cultura, da sociedade e da pessoa, enquanto a ação comunicativa possibilita a transmissão e a renovação do saber cultural, a integração social e a formação da personalidade individual (PINTO, 1995, p. 81).

É neste contexto que os indivíduos associados interferem no mundo e alcançam seus objetivos, estabelecendo a coesão social por meio de processos comunicativos que produzem o entendimento na sociedade, percebida como uns “systemically stabilizes complexes o faction of socially integrated groups<sup>55</sup>” (HABERMAS, 1987b, p. 152). Contudo, para Habermas (1987a), o mundo da vida passa por um processo de racionalização originado

---

<sup>55</sup> Tradução nossa: “estabiliza sistematicamente os complexos da facção de grupos socialmente integrados” (HABERMAS, 1987b, p. 152).

pela evolução social, o qual produz a racionalidade da ação comunicativa e, logo, a independência do entendimento mútuo da ação orientada dos contextos normativos originais. Em consequência disso, o meio básico da linguagem cotidiana se vê sobrecarregado e acaba sendo substituído por outros meios, isto é, o dinheiro e o poder, ocorrendo uma dissensão entre o mundo da vida e o sistema, o que sugere uma impotência no papel de integração social determinante do mundo da vida (PINTO, 1995, p. 84). Este processo é marcado pela institucionalização legal da monetarização, advinda com o capitalismo (HABERMAS, 1987a, p. 196), que coloca de lado a ação orientada pelo entendimento mútuo, sujeitando-a e dá lugar à colonização do mundo da vida, com a abertura das pessoas e suas vidas para o consumismo, o individualismo e o utilitarismo (*Ibid.*, p. 325).

Com a institucionalização referida, a colonização do mundo da vida é posta em prática nos países de capitalismo avançado, pelo intervencionismo do Estado de bem-estar social. Este utiliza mecanismos que enfraquecem as relações de vida, justificando-se por uma administração burocratizada e sistematizada, que dificulta os objetivos emancipatórios da luta de classes propostos por Marx. Na verdade, uma nova “zona de conflitos” surge por meio do sistema de opinião pública, organizado pelos meios de comunicação e não mais pela luta de classes (*Id.*, 1968, p. 76-82).

E, inclusive, “a luta de classes e a ideologia já não podem sem mais utilizar-se” (*Ibid.*, p. 76) para explicar a sociedade capitalista, devido suas modificações. Mais detalhadamente, sua percepção é a de que “no plano subjectivo, [...] a diferença entre a acção racional dirigida a fins e a interacção [...] [irão] desapare[cer] da consciência dos próprios homens” (HABERMAS, *loc. cit.*), assim como “a força ideológica da consciência tecnocrática verifica-se no ocultamento de semelhante diferença” (HABERMAS, *loc. cit.*). Estes processos são os responsáveis por uma espécie de “*latência das oposições de classe*” (*Ibid.*, p. 78, grifos do autor), malgrada por uma “política de evitação do[s] conflito[s] [...] [que possam] assumir a forma de conflitos de classe” (*Ibid.*, p. 76-77).

As proposições de Lyotard e de Habermas cristalizaram o pós-moderno como um referencial e um discurso nos anos 1980, apesar das falhas de ambos os autores (ANDERSON, 1999, p. 52). Se o primeiro via a cultura pós-moderna por meio de uma abordagem “apologética” e o segundo demonstrava “posições condenatórias”, Jameson surgiu, introduzindo “uma terceira referência” para polemizar o debate em torno do fenômeno pós-moderno (EVANGELISTA, 2007, p. 134). O entendimento dele terminou por oferecer os rumos da análise sobre esta temática na contemporaneidade, assim como proporcionou os elementos centrais discutidos pela crítica subsequente.

Sua posição inicial, nos anos 1970, era a de que o pós-modernismo era um “sinal da degenerescência interna do modernismo, para a qual o remédio era um novo realismo ainda a ser ideado” (ANDERSON, 1999, p. 60). No ensaio programático intitulado de *A ideologia do texto*, inclusive, deixou clara sua posição de que a realidade parecia revelar o fim dos tempos modernos e o início de um período de profundas modificações, que ainda deveriam ser explicadas. Nos anos 1980, todavia, ele concluiu haver realizado alguns equívocos em seus ensaios e os revisou, elaborando assim a abordagem mais coerente sobre a pós-modernidade até aquele momento (*Ibid.*, p. 78).

A conferência proferida por ele em 1982, no Museu Whitney de Artes Contemporâneas, intitulada de *A guinada cultural*, serviu como base para o livro *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, publicado inicialmente em 1984. Neste, o autor “redesenhou todo o mapa pós-moderno de uma tacada” (*Ibid.*, p. 66), apresentando uma visão realista sobre este fenômeno e ressaltando suas possibilidades utópicas. Postulou: “os anseios utópicos não são facilmente reprimidos e podem ser reacesos com os mais imprevisíveis pretextos” (*Ibid.*, p. 90), ou seja, a ideia de uma cultura e uma experiência pós-modernas poderiam apenas ser uma utopia.

Sua compreensão do pós-moderno foi considerada bastante abrangente por abordar as interferências da pós-modernidade na cultura, as transformações do capital, as mudanças na subjetividade dos sujeitos, as mudanças sociais e no contexto geopolítico, sem realizar nenhum tipo de valoração moral positiva ou negativa, o que ajudou a estabelecer bases lúcidas no debate sobre o pós-moderno (*Ibid.*, p. 93). *Cinco lances* principais ou tópicos nucleares ressaltam a importância desta última obra citada: o título, através da ligação do pós-modernismo com as transformações do capital; a exploração das metástases da psique, por meio das mudanças do sujeito; o acréscimo no campo de investigação referente à cultura; os alicerces sociais e de padrão geopolítico do pós-modernismo; e, por fim, a originalidade de não valorar moralmente o pós-modernismo (*Ibid.*, 93-98).

É interessante ressaltar que Jameson “trabalha com a totalidade, buscando expor as contradições atuais, explicitar seus aspectos ideológicos, bem como ver os seus desdobramentos futuros” (MARINHO, 2015, p. 272), o que significa dizer que sua crítica apresenta com propriedade os direcionamentos da vertente dialético-marxista. Entre suas propostas aparece a de entender o pós-moderno evitando reducionismos e tendo a historicidade como elemento central. Para ele, “o pós-modernismo não é a dominante cultural de uma ordem social totalmente nova [...], mas é apenas reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo” (JAMESON, 1997, p. 15). É

importante, por isso, enfatizar que sua percepção sobre o pós-modernismo é uma “concepção histórica e não meramente estilística” (ANDERSON, 1999, p.72), ou seja, este autor busca compreender este momento como a “dominação cultural da lógica do capitalismo tardio” (ANDERSON, *loc. cit.*) e não como um mero estilo.

“O pós-modernismo é o que se tem quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre<sup>56</sup>” (JAMESON, *op. cit.*, p. 13), ou seja, é quando há um rompimento com os valores do período anterior. Ainda, “é mais seguro entender o conceito do pós-moderno como uma tentativa de pensar historicamente o presente em uma época que já esqueceu como pensar dessa maneira” (JAMESON, *loc. cit.*), demonstrando a necessidade primeira de compreender as expressões do pós-modernismo e de uma consciência pós-moderna como reflexos da “teorização da sua própria condição de possibilidade” (JAMESON, *loc. cit.*). Em síntese, as reflexões pós-modernas podem ser a exposição das transformações ocorridas na contemporaneidade, em diferentes aspectos, tais como, na arte, na arquitetura, na cultura, na sociedade, determinadas pela processualidade histórica.

Na verdade, o pós-moderno é uma interpretação do presente ou de elementos virtuais dele, com o objetivo de apontar uma suposta singularidade para esta época e desacreditar os momentos históricos anteriores, ocasionando “uma patologia distintamente auto-referencial, como se nosso completo esquecimento do passado se exaurisse na contemplação vazia, mas hipotética, de um presente esquizofrênico, incomparável por definição” (*Ibid.*, p. 16). O grande caso está justamente em

[...] decidir se o que se encontra diante de nós é uma ruptura ou uma continuidade – se o presente deve ser visto como historicamente original ou como uma mera repetição do mesmo em nova embalagem – não é algo que possa ser justificado empiricamente, ou defendido em termos filosóficos, uma vez que essa decisão é, em si mesma, um ator narrativo inaugural que embasa a percepção e a interpretação dos eventos a serem narrados (JAMESON, *loc. cit.*).

---

<sup>56</sup> É dessa forma que modernismo e pós-modernismo apresentam antagonismos e diferenças profundas. Mesmo que ambos busquem o novo, o pós-moderno o faz por meio da defesa de rupturas, da busca por eventos, por instantes específicos, os deslocamentos e mudanças e as formas como estas ocorrem, concentrando-se nas variações elaboradas após estas transformações. Além disso, o pós-moderno propõe uma cultura expandida para a esfera da mercadoria, em que “a própria ‘cultura’ se tornou um produto” (JAMESON, 1997, p. 14, grifos do autor) e a mercadoria não é encarada como algo a ser superado, como propunha o modernismo, sim é mais um elemento qualquer, pois “o pós-modernismo é o consumo da própria produção de mercadorias como processo” (JAMESON, *loc. cit.*). A proposta de uma “teoria do pós-modernismo” como uma “série de tendências ou características semi-autônomas” (JAMESON, *loc. cit.*) de tendências de natureza diferente, que se “aglutinaram todas para formar um novo gênero discursivo” (JAMESON, *loc. cit.*) pode ser entendida como esse avolumado número de elementos diversos que representam um “exercício de descontinuidades” (*Ibid.*, p.55) para caracterizar a materialização da sociedade e da cultura contemporâneas.

Está claro para este autor, portanto, que a pós-modernidade, a falência dos valores modernos e a ideia de que um novo período histórico (embasado em uma nova cultura e em novas experiências) compõem equívocos teóricos originados pela não percepção de que o pós-moderno é uma expressão da realidade capitalista na atualidade (*Ibid.*, p. 18). E esta realidade onde o pós-moderno se expressa como cultura é justamente a do capitalismo tardio, em que o imperialismo anterior perdeu espaço e as grandes organizações multinacionais e transnacionais se expandiram. Junto a elas se materializaram uma nova divisão internacional do trabalho; o avanço vertiginoso das transações bancárias e nas bolsas de valores; o modo como as mídias, computadores e automação passaram a se interrelacionar, assim como as formas que a transferência da produção para países desenvolvidos do Terceiro mundo assumiu, incluindo suas consequências, como a crise do trabalho tradicional e a aristocratização em escala global (*Cf.* JAMESON, 1997, p. 22-23).

A tese fundamental desenvolvida por Jameson (1997) na obra em apreço tomou como fundamento o livro *O capitalismo tardio* de Mandel. Neste, o autor enfatiza que o capitalismo foi assumindo etapas diferentes no processo produtivo, constituindo três momentos evolutivos para a mecanização da produção de mercadorias. “A periodização adotada distingue uma fase de capitalismo concorrencial (dividida em duas subfases) e uma fase de capitalismo monopolista ou imperialismo, dividida na subfase ‘clássica’ e na subfase atual do ‘capitalismo tardio’” (SINGER, 1985, p. x, grifos do autor). Jameson (1997) adotou o “esquema tripartite de Mandel” (JAMESON, 1997, p. 62) para formular sua própria “periodização cultural dos estágios do realismo, modernismo e pós-modernismo” (*Ibid.*, p. 61-62). Dessa forma, ao realismo corresponderia o capitalismo mercantil ou concorrencial; ao modernismo, o capitalismo monopolista ou imperial; e ao pós-modernismo, o capitalismo multinacional, de consumo ou tardio (*Ibid.*, p. 396).

A crítica à cultura e às análises pós-modernas de Jameson (1997) inclui entre outros elementos, a ideia de que os pós-modernos propõem um estilo cultural fragmentário e em que há uma perda de noção da temporalidade, marcada pela escrita esquizofrênica (*Ibid.*, p. 56). Ainda, ele acredita que os pós-modernos perderam a compreensão da totalidade social ao afirmarem que os novos movimentos sociais são fruto da luta de pequenos grupos sociais e materializam o fim das classes sociais na contemporaneidade. Para Jameson (1997), na realidade, as classes sociais apenas podem se exaurir com a concretização do socialismo (*Ibid.*, p. 322-323), assim como a defesa de reformas pontuais realizadas pelos novos movimentos sociais demonstra sim a perda do entendimento sobre a totalidade. Esta – a

totalidade – seria compreendida equivocadamente como sinônimo de totalização e totalitarismo (*Ibid.*, p. 332-335).

Além disso, para este autor, há no pós-moderno uma prevalência da heterogeneidade, expressada nas teorias da diferença que apregoam a ênfase na “disjunção”, nos aspectos de descontinuidade das obras de arte, em que não há unicidade ou organicidade, provocando o chamamento do espectador pós-moderno “a fazer o impossível, ou seja, ver todas as telas ao mesmo tempo, em sua diferença aleatória e radical” (*Ibid.*, p. 57). Há nos pós-modernos um equívoco na compreensão e na defesa da ideologia da diferença, pois “o próprio conceito de diferença é mimado; ele é no mínimo pseudodialético, e sua alternância imperceptível com seu oposto, a Identidade, está entre os mais antigos dos jogos de linguagem e pensamento registrados em (muitas) tradições filosóficas” (*Ibid.*, p. 342). Logo, a diferença pode ser simplesmente “tolerância liberal” (JAMESON, *loc. cit.*) e o conceito de diferenciação, “um instrumento sociológico para se entender o pós-moderno (e a chave conceitual para a ideologia da “diferença”), não é menos indigna de confiança” (*Ibid.*, p. 343, grifos do autor).

Callinicos (1995) coopera com o debate sobre o pós-moderno ao demonstrar a peculiaridade da relação entre a “pós-modernidade” e a revolução socialista. Elas apresentariam características bastante distintas: a primeira “es una construcción meramente teórica cuyo principal interés reside en la circunstancia de ser un síntoma del talante actual de la intelectualidad occidental<sup>57</sup>” (CALLINICOS, 1995, p. 10), enquanto a segunda corresponde ao “resultado de procesos históricos operantes en el transcurso del presente siglo que han producido una serie de importantes convulsiones sociales y políticas y, en una ocasión - en Rusia, en octubre de 1917 - el surgimiento real [...] de un Estado de clase obrera<sup>58</sup>” (CALLINICOS, *loc. cit.*). Apesar disso, “pós-modernidade” e revolução tem em comum o fato de apenas se realizarem com a existência de um referente no mundo social, sendo que a crença num momento pós-moderno se relaciona não somente à repulsa pela revolução socialista, mas sobretudo ao fracasso desta em sua materialidade (CALLINICOS, *loc. cit.*) (se levamos em consideração o socialismo real).

As diversas caracterizações do pós-modernismo teriam em comum a ideia de que as transformações na estética demonstrariam uma novidade radical e de grande amplitude

---

<sup>57</sup> Tradução nossa: “é uma construção meramente teórica, cujo principal interesse reside no fato de ser um sintoma do estado de espírito atual da intelectualidade ocidental” (CALLINICOS, 1995, p. 10).

<sup>58</sup> Tradução nossa: “resultado de processos históricos operantes no decorrer deste século que produziram uma série de importantes convulsões e políticas sociais e, em uma ocasião - na Rússia, em outubro de 1917 - a emergência real [...] de um Estado da classe trabalhadora” (CALLINICOS, 1995, p. 10).

capaz de modificar a essencialidade da civilização ocidental, isto é, a ruptura com a ilustração, o modernismo e o projeto da modernidade (*Ibid.*, p. 20). O discurso do pós-modernismo seria resultado de uma “intelectualidad socialmente móbil en un ambiente dominado por la retirada de los movimientos obreros occidentales y la dinámica “sobreconsumista” del capitalismo de la era Reagan-Thatcher<sup>59</sup>” (*Ibid.*, p. 123, grifos do autor). A partir dessa compreensão, o termo “pós-moderno” parece caracterizar algo variável e que abarca as desilusões políticas com os resultados das revoltas de 1968 a 1976 e o estilo de vida orientado pelo consumo, característicos deste momento (CALLINICOS, *loc. cit.*).

O autor supramencionado usa aspas para referenciar a palavra “pós-modernidade” em todo o seu livro, o que sugere sua necessidade de esclarecer que este termo deve ser tratado dentro das suas particularidades, até porque ele não crê na existência desta nova era histórica e cultural demarcada pela emergência das alterações na contemporaneidade, mobilizadoras de um rompimento com a modernidade e seus valores. Para Callinicos (1995), “la idea de la sociedad postindustrial es, desde luego, absurda” (*Ibid.*, p. 91), [pois] “el surgimiento de la sociedad postindustrial es ciertamente una equivocación<sup>60</sup>” (*Ibid.*, p. 94). E, se não existe uma sociedade pós-industrial, podemos inferir que ainda estamos na modernidade e nas possibilidades de materialidade do projeto emancipatório que esta propunha. Isto porque, a ideia de que o paradigma da produção se tornou obsoleto para explicar a sociedade contemporânea, o que inclui o marxismo, seria um erro (CALLINICOS, *loc. cit.*).

Na realidade, mesmo com a diminuição da agricultura do campo e o aumento da incorporação do trabalho feminino no mercado, o trabalho assalariado ainda segue em transcurso. Hoje, este tipo de trabalho implica a atuação com outras pessoas e não a produção de bens, mas mesmo assim, as relações sociais e as relações industriais não deixaram de se desenvolver, inclusive, profissões anteriormente não vistas como classe trabalhadora atualmente se organizam em sindicatos, como as relacionadas à saúde, à educação, ao trabalho social, etc. Estas evidências mostram que mesmo que muitos não estejam empregados na produção material, a sobrevivência por meio dos bens industriais modificados pelos trabalhadores não muda, assim como a centralidade do trabalho. Igualmente, os seres humanos seguem com as mesmas necessidades básicas para sua sobrevivência, mesmo com a

---

<sup>59</sup> Tradução nossa: “Intelectualidade socialmente móbil em um país dominado pela retirada de movimentos de trabalhadores ocidentais e ambiente dinâmico “sobreconsumista” do capitalismo da era Reagan-Thatcher” (CALLINICOS, 1995, p. 123, grifos do autor).

<sup>60</sup> Tradução nossa: “a ideia da sociedade pós-industrial é, evidentemente, absurda” (CALLINICOS, 1995, p. 91), [pois] “o surgimento da sociedade pós-industrial é certamente um equivoco” (*Ibid.*, p. 94).

ampliação dos níveis de vida e a expansão do consumo, produtora da proliferação de bens materiais (*Ibid.*, p. 95).

Callinicos (1995) elabora variadas críticas aos pensadores pós-modernos e aos alinhados com a vertente marxista que teriam cometido confusões intelectuais com relação à existência de uma pós-modernidade. Por exemplo, sobre Lyotard, ele afirma ser um equívoco apontar o fim das “grandes narrativas” ou dos “grandes relatos” como um dos aspectos constitutivos do pós-moderno (*Ibid.*, p. 10). A respeito de Baudrillard, ele assevera existir um tom apocalíptico nos seus discursos sobre o pós-moderno (*Ibid.*, p. 122). Na verdade, o fato de que as lutas desenvolvidas dentre os anos de 1968 e 1976 não tenham conseguido muito êxito ou duração, não determinaria a lógica interna do sistema capitalista, sim as opções dos movimentos operários e de estudantes, determinadas por organizações e partidos sociais-democratas ou stalinistas, que nem sempre almejavam reformas totais na diferenciação entre as classes (*Ibid.*, p. 121), não justificando a derrota destes como a derrota do projeto socialista.

A geração de 1968 teria vivenciado uma época de muitas transformações históricas, ocasionando a descrença no futuro socialista e o temor pela tirania reacionária. Entretanto, mesmo com o recrudescimento da esperança na revolução, ainda não se crê nas benesses de uma democracia burguesa (*Ibid.*, p. 122). No que tange a Jameson, ele afirma ser um erro acreditar na existência de uma cultura pós-moderna pela ideia de terem se iniciado modificações dentro do modo de produção capitalista (*Ibid.*, p. 95). Para ele, este autor pecou por assumir uma concepção de teleologia hegeliana e desconsiderar uma concepção complexa da totalidade, em que há uma interação entre os diferentes tempos históricos (*Ibid.*, p. 98).

Por sua vez, Harvey (2014) elucida um balanço sobre as percepções importantes sobre o pós-modernismo e a pós-modernidade. Ele assegura que “parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelaireano<sup>61</sup> de modernidade” (HARVEY, 2014, p. 49). Além disso, “o pós-modernismo tipicamente remonta à ala de pensamento, a Nietzsche em particular, que enfatiza o profundo caos da vida moderna e a impossibilidade de lidar com ele com o pensamento racional” (HARVEY, *loc. cit.*). Dito

<sup>61</sup> O conceito de modernidade de Baudelaire corresponde ao seguinte: “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável. Houve uma modernidade para cada pintor antigo: a maior parte dos belos retratos que nos provêm das épocas passadas está revestida de costumes da própria época. São perfeitamente harmoniosos; assim, a indumentária, o penteado e mesmo o gesto, o olhar e o sorriso (cada época tem seu porte, seu olhar e seu sorriso) formam um todo de completa vitalidade. Não temos o direito de desprezar ou de prescindir desse elemento transitório, fugidio, essas metamorfoses são tão frequentes” (BAUDELAIRE, 1996, p. 22-23).

de outra forma, o pós-modernismo é a defesa da efemeridade e da descontinuidade da vida contemporânea, marcada pelo caos e pelas angústias de adequação à racionalidade. E Foucault e Lyotard foram apontados como grandes representantes do ataque às metanarrativas – como o marxismo – por considerá-las “totalizantes”, devendo existir uma “pluralidade de formações de ‘poder-discurso’” (*Ibid.*, p. 50), no caso de Foucault e de “jogos de linguagem” (HARVEY, *loc. cit.*, grifos do autor), no caso de Lyotard.

Ao mesmo tempo, o autor em apreço pressupõe ser a face mais problemática do pós-modernismo: “[...] seus pressupostos psicológicos quanto à personalidade, à motivação e ao comportamento” (*Ibid.*, p. 56). Estes estariam relacionados à forma como os pós-modernos lidam com a fragmentação e a instabilidade da linguagem e dos discursos – sendo o conhecimento a principal força de produção para Foucault e Lyotard (*Ibid.*, p. 51), – que constitui uma personalidade esquizofrênica. Referida esquizofrenia se revelaria na falta de preocupação pós-moderna com o significado, sim com o significante, provocando o rechaço à arte acabada e autoritária e dando espaço para as aparências superficiais, que ao mesmo tempo legitimam a redução da experiência a um conjunto de ideias do presente que não se relacionam no tempo (*Ibid.*, p. 56-57).

Consoante Harvey (2014), o “pós-modernismo pode ser considerado uma condição histórico-geográfica de uma certa espécie” (*Ibid.*, p. 294), relacionado às mudanças ocorridas na cultura, na política e na economia, assim como às “condições de compressão do tempo-espaço” (*Ibid.*, p. 293). Estas condições são consequência da tendência de que em momentos de crises de superacumulação, surjam novos movimentos estéticos buscando explicar ou oferecer soluções temporais e espaciais para a realidade. Nas palavras deste autor:

A crise de superacumulação iniciada no final dos anos 60, e que chegou ao auge em 1973, gerou exatamente este resultado [o surgimento de fortes movimentos estéticos explicativos para a realidade crítica]. A experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízos científicos e morais, ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades eternas e sobre a política unificada e as explicações deixaram o âmbito dos fundamentos materiais e político-econômicos e passaram para a consideração de práticas políticas e culturais autônomas (*Ibid.*, p. 293).

Logo, podemos compreender a condição pós-moderna como a expressão terminal no campo sociocultural das modificações ocorridas na circulação e na acumulação do capital, majoritariamente, com a crise de superacumulação iniciada nos anos 1960. A explicação da pós-modernidade como condição histórico-geográfica, todavia, obriga-nos a pensar no cenário

de surgimento deste fenômeno como marcado pelo clima de “economia voðu” ou “economia com espelhos” – concernente à ideia do programa econômico implementado por Ronald Reagan para recuperar a economia norte-americana em suas primeiras campanhas e nas eleições para a presidência de 1980 neste país (*Ibid.*, p. 296) -, de elaboração de imagens políticas e da organização de uma nova classe social. A eclosão de uma condição pós-moderna poderia ser vinculada à “construção de imagem de Ronald Reagan, [à] tentativa de desconstruir instituições tradicionais do poder da classe trabalhadora (os sindicatos e os partidos de esquerda) e [a]o mascaramento dos efeitos sociais da política econômica de privilégios” (*Ibid.*, p. 301).

Do mesmo modo, na cultura pós-moderna seriam construídos um discurso para a justificação da falta de moradias e de emprego, o aumento da pobreza, a perda do poder do povo, etc., ao mesmo tempo em que uma defesa de valores ligados à autoconfiança e ao empreendedorismo. Estes valores legitimariam o deleite proporcionado pela produção cultural com a passagem da ética para o prazer estético de visualizar, por exemplo, cenas de pobreza e falta de moradia, que são acolhidas pela política carismática e pelo extremismo ideológico (HARVEY, *loc. cit.*) e não pela responsabilidade real com a visão social e a desigualdade.

A partir da compreensão da existência de uma condição pós-moderna, distinguida por estas alterações na história e na geografia das nações, Harvey (2014) destaca a necessidade de que as formulações marxianas “ortodoxas” reavaliem as condições em que as relações sociais se estabelecem na atualidade, assinalando a urgência de visualizar “uma concepção propriamente dinâmica, em vez de estática da teoria e do materialismo histórico, para apreender a significação dessas mudanças” (*Ibid.*, p. 320). Para tanto, ele ressalva quatro das áreas com maior desenvolvimento nas reformulações sobre a base da teoria marxista:

1. O tratamento da diferença e da “alteridade” [...] deveria estar onipresente desde o início em toda tentativa de apreensão dialética da mudança social. A importância da recuperação de aspectos da organização social como raça, gênero, religião, no âmbito do quadro geral da investigação materialista histórica (com a sua ênfase no poder do dinheiro e na circulação do capital) e da política de classe (com sua ênfase na unidade da luta emancipatória) não pode ser superestimada.
2. Um reconhecimento de que a produção de imagens e de discursos é uma faceta importante de atividade que tem de ser analisada como parte integrante da reprodução e transformação de toda ordem simbólica [...].
3. Um reconhecimento de que as dimensões do espaço e do tempo são relevantes, e de que há geografias reais de ação social, territórios e espaços de poder reais e metafóricos que se tornam vitais como forças organizadoras na geopolítica do capitalismo, ao mesmo tempo em que são sede de inúmeras diferenças e alteridades que têm de ser compreendidas tanto por si mesmas como no âmbito da lógica global do desenvolvimento capitalista [...].
4. O materialismo histórico-geográfico é um modo de pesquisa aberto e dialético, em vez de um corpo fixo e fechado de compreensões [...]. (*Ibid.*, p. 320-321).

Estas novas análises realizadas no campo das produções do materialismo histórico abalizam uma tentativa de compreender a realidade contemporânea como produto de transformações histórico-geográficas no capitalismo, as quais exigem o confronto e a tomada de decisão da nova esquerda<sup>62</sup> e dos estudiosos marxistas diante das novas problemáticas insurgentes na cultura e na estética. Nesta perspectiva, é importante demarcar a postura de Harvey (2014): ele crê na importância de se julgar uma época pela complexidade de seu próprio tempo e pelo que este possa concretizar a posteriori (*Ibid.*, p. 326). Sua postura é materialista histórica e propõe a defesa da perda da continuidade histórica como uma característica típica do pensamento pós-moderno (*Ibid.*, p. 272-273), que haveria sido influenciado pelas modificações gestadas com a acumulação flexível (*Ibid.*, p. 140-162). Ao mesmo tempo, este autor desacredita numa ruptura radical entre o pós-modernismo e o modernismo, ao afirmar que “há mais continuidade do que diferença entre a ampla história do modernismo e o movimento denominado pós-modernismo” (*Ibid.*, p. 111).

O autor em apreço visualiza pontos benéficos e também equívocos nas discussões trazidas pelo pós-modernismo, avaliando-o previamente a partir da seguinte afirmação: “[...] eu diria que, em sua preocupação com a diferença, as dificuldades de comunicação, a complexidade e nuances de interesses, culturas, lugares, etc., ele exerce uma influência positiva” (*Ibid.*, p. 109). O que significa dizer que o pós-modernismo traz contribuições para o debate em torno das diferenças e outros detalhes pouco trabalhados pelas “metalinguagens, metateorias e metanarrativas do modernismo” (HARVEY, *loc. cit.*). Igualmente, “é perigoso supor que o pós-modernismo seja só mimético, e não uma intervenção estética na política, na economia e na vida social por direito próprio” (*Ibid.*, p. 110).

Contudo, a linha de pensamento do pós-modernismo também apresenta deturpações e erros em suas análises, como quando se visualiza como um movimento determinado para resolver todos os supostos erros do modernismo; quando apaga as realizações materiais modernistas, como a organização da vida urbana e do espaço na explosão capitalista; quando propõe uma “acomodação pacífica” aos ditames do mercado e à “cultura empreendedimentista”, que caracteriza o “neoconservadorismo reacionário”; e por fim, quando ao defender o reconhecimento da autenticidade das minorias, anula o acesso destas ao

---

<sup>62</sup> Esta nova esquerda se preocupa para superar a política da velha esquerda, embasada na representação por partidos comunistas tradicionais e no marxismo “ortodoxo”, assim como na repressão realizada pelos poderes das grandes corporações capitalistas e instituições burocratizadas (como Estado, universidades, sindicatos, etc.). Ela se encarava como “uma força cultural e política econômica”, que poderia haver “ajudado a produzir a virada para estética que o pós-modernismo representava” (HARVEY, 2014, p. 319).

poder universal. O discurso pós-moderno evita, portanto, enfrentar a situação da “economia política” e “do poder global” (*Ibid.*, p. 110-112).

À luz do materialismo histórico-dialético, Eagleton (1998) assevera que ao fazer sua crítica ao pós-modernismo, ele acaba por acusá-lo “de fabricar alvos imaginários [...] e caricaturar as posições de seus adversários” (EAGLETON, 1998, p. 8). Mas isto acontece porque seu objetivo é atingir as características mais populares e típicas do pós-modernismo e como este tem uma natureza própria de fenômeno “híbrido”, dificilmente uma afirmação sobre algum de seus aspectos pode se aplicar a outro, ocasionando ditas caricaturas e fabricações de alvos imaginários (EAGLETON, *loc. cit.*). Da mesma forma, ele demarca que sua crítica parte da ótica socialista e da percepção de que é “desonesto renunciar à visão de uma sociedade justa e, dessa forma aquiescer à desordem pavorosa em que se encontra o mundo atual” (*Ibid.*, p. 9). Ele deixa claro desde o início que sua linha de pensamento é conhecida “tradicionalmente como mentalidade dialética [e] não se mostra favorável aos pós-modernistas em si” (*Ibid.*, p. 34).

Eagleton (1998) esclarece que o conceito de totalidade faz referência ao sujeito que engendra alguma “diferença prática” (*Ibid.*, p. 19) e a falta de crédito dada a este conceito revelaria a visibilidade da derrota política da esquerda. Há pensadores radicais que pensam a totalidade como a forma para alcançar a mudança política, enquanto outros consideram sua busca um código para desconsiderar o capitalismo. Referidos posicionamentos acabariam ocasionando a desconfiança em alguns tipos de totalidade e o seu avesso – o entusiasmo diante delas. Por isso, algumas formas de totalidade, como as prisões, o patriarcado, o corpo, as ordens políticas absolutistas foram postas como tópicos possíveis para debate, enquanto outras expressões, tais como os modos de produção, as formações sociais, os sistemas doutrinários tiveram suas discussões censuradas (*Cf.* EAGLETON, 1998, p. 20). Para pensar a totalidade, portanto, devemos realizar um “raciocínio rigoroso e cansativo” (*Ibid.*, p. 21).

Este autor questiona a existência ou não do pós-modernismo ao afirmar a necessidade de pensar a cultura pós-moderna como “um futuro especificamente *plausível* para aquele passado específico” (*Ibid.*, p. 29, grifos do autor), que tenta se afirmar pela justificativa de previsão de impossibilidade de um futuro socialista, devido a derrota política do projeto emancipatório moderno. Por isso, o autor questiona: “[...] e se essa derrota nunca tivesse realmente acontecido? E se fosse menos uma questão de a esquerda estar se insurgindo e sendo reprimida e mais uma questão de desintegração, uma perda gradual de fibra, uma paralisia progressiva?” (*Ibid.*, p. 26-27). Talvez nem mesmo algum confronto tivesse se realizado, mas as pessoas se comportassem como se ele tivesse ocorrido (EAGLETON, *loc.*

*cit.*). Logo, não haveria razão para pensarmos no nascimento de uma era pós-moderna. E complementa:

De onde mais que o pós-modernismo possa brotar – da sociedade “pós-industrial”, do último fator de descrédito da modernidade, da recrudescência da vanguarda, da transformação da cultura em mercadoria, da emergência de novas forças políticas vitais, do colapso de certas ideologias clássicas da sociedade e do sujeito – ele não deixa de ser, acima de tudo, o resultado de um fracasso político que ele ou jogou no esquecimento ou com o qual ficou o tempo todo brigando em pensamento (*Ibid.*, p. 30).

Sua concepção do pós-modernismo é a de um emaranhado de percepções sobre aspectos diversos da contemporaneidade que vão, por exemplo, desde o “*punk* à morte da metanarrativa” (EAGLETON, *loc. cit.*, grifos do autor), e que trazem a derrubada de “certezas complacentes”, a divulgação de “totalidades paranoicas”, a perversão de “purezas protegidas com desvelo”, a deformidade de “normas opressoras” e a agitação de “bases de aparência frágil” (*Ibid.*, p. 35). Ele enumera os tópicos privilegiados para discussão e as inúmeras contradições e ambivalências desta suposta nova era histórica, cultural e social. Conforme Eagleton (1998), os tópicos privilegiados pelo pós-moderno “têm, de fato, entre outras coisas, função substitutiva”. O conceito de “classismo” utilizado por eles é “frágil”, porque parece se resumir à ideia de “não se sentir socialmente superior aos outros” e carrega consigo “a ignorância em relação à estrutura de classes e às condições materiais” quando debate sobre gênero e neocolonialismo (*Ibid.*, p. 31). Também, no pós-modernismo, o “poder do capital” aparece com “familiaridade [...], onipotência e onipresença”, sendo naturalizado e aceitado como algo que não precisa ser superado e muito menos discutido com profundidade pela própria esquerda cultural (EAGLETON, *loc. cit.*).

A política do pós-modernismo é marcada, portanto, pelo “analfabetismo político e o esquecimento histórico”, fundamentados no “culto da moda teórica de brilho efêmero e superficial e do consumo intelectual instantâneo” (*Ibid.*, p. 32). Ela trouxe novas questões para o debate, dentre os anos 1970 e 1980, majoritariamente, a sexualidade e a linguagem. Todavia, deixou de lado questões políticas clássicas, como a falta de alimentação da população, ao mesmo tempo em que feminismo e etnicidade foram postos em lugar de destaque, porque não se mostram totalmente “anticapitalistas” e se articulam com uma “época pós-radical” (*Ibid.*, p. 33).

O pós-modernismo removeu as bases dos argumentos dos seus adversários radicais (alicerçados no pensamento mais esquerdista) ao afirmar a impossibilidade de chegarmos a conclusões firmes sobre o real, de encontrarmos agentes determinados para

mudar este real e muito menos de haver um real para ser modificado (*Ibid.*, p. 36). Os pós-modernistas seriam relativistas históricos e, para eles próprios, a pós-modernidade não seria “uma ‘etapa histórica’, mas [sim] a ruína de todo esse pensamento etapista” (*Ibid.*, p. 37, grifos do autor). Com efeito, o pós-modernismo recusa a “História” com “h” maiúsculo, no sentido “[d]a ideia de que existe uma entidade chamada História, dotada de propósito e sentido imanentes, que se vai desdobrando furtivamente à nossa volta até quando falamos” (*Ibid.*, p. 38). Isso, por um lado, coloca em dúvida a História e até mesmo faz questionar se o “pós” de pós-modernismo é histórico ou teórico, já que a História é vista como uma ilusão (EAGLETON, *loc. cit.*) para eles e, por outro lado, enuncia um entusiasmo pós-moderno com relação à história, já que “historicizar é uma atitude positiva, e a História só serve de obstáculo para ela” (*Ibid.*, p. 40).

Para Eagleton (1998), a maior contradição do pós-modernismo é saber se ele é radical e conservador simultaneamente (*Ibid.*, p. 127), assim como são as sociedades capitalistas avançadas, pois se mostram “tanto libertárias como autoritárias, tanto hedonistas como repressoras, tanto múltiplas como monolíticas” (EAGLETON, *loc. cit.*), expressando a lógica do mercado – efêmera, descontínua, plural – que tem sua base numa estrutura política sólida e estável. E o pós-modernismo “combina perfeitamente com esta contradição” (*Ibid.*, p. 128), ao se mostrar um opositor do capitalismo em termos políticos, mas um “cúmplice” dele nos limites da economia (EAGLETON, *loc. cit.*). Ele traz em si a “lógica material do capitalismo avançado e a volta agressivamente contra seus fundamentos espirituais” (*Ibid.*, p. 129), coadunando com o pluralismo capitalista que mescla elementos diferentes e desmobiliza movimentos diferentes dos existentes. Por isso, “o pensamento pós-moderno de fim-de-história não antevê um futuro para nós muito diferente do presente, perspectiva que ele curiosamente vê como motivo de comemoração” (*Ibid.*, p. 130).

É importante ressaltar o posicionamento de Giddens (1991) sobre a questão em debate. Ele esclarece que a ideia sobre a qual a pós-modernidade se sustenta é a de que ela corresponde a um rompimento com a noção de história pré-definida, com os fundamentos da epistemologia, com a ideia de um pensamento que prevê o futuro e com a ideia de progresso pela mudança progressiva. Todavia, todas estas ideias seriam visões distorcidas das formulações centrais do Iluminismo e por isso não poderiam justificar a emergência de um novo período histórico. Na verdade, as modificações na realidade social devem ser vistas como “resultantes da auto-elucidação do pensamento moderno” (*Ibid.*, p. 57), o que significa dizer que ainda estamos na modernidade, porém em uma “fase de sua radicalização” (GIDDENS, *loc. cit.*). A proposta de vivência em uma modernidade radicalizada poderia ser

explicada pelo fato de existirem mudanças na realidade social, como as originadas com “a dissolução do evolucionismo, o desaparecimento da teleologia histórica, o reconhecimento da reflexividade meticulosa, constitutiva, junto com a evaporação da posição privilegiada do Ocidente” (*Ibid.*, p. 58, grifos do autor), mas que não decretam a falência dos valores modernos, sim a “emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas” (GIDDENS, *loc. cit.*).

A modernidade radicalizada proposta por Giddens (1991) em contraposição às concepções de pós-modernidade apresenta algumas ideias centrais, tais como: a de que a fragmentação e a dispersão são criadas pelos desenvolvimentos institucionais; na alta modernidade a dispersão está dialeticamente articulada às tendências geradoras da integração global; o “eu” é encarado como um lugar de auto-identidade do sujeito; os aspectos universais das reivindicações se impõem aos sujeitos, devido sua apresentação como problemas globais; a dialética e a falta da posse de poder devem ser compreendidas no âmbito da experiência e da ação; a vida cotidiana é encarada como um lugar de ganhos e perdas; o engajamento populacional politicamente coordenado tem possibilidades e necessidade de ocorrer nas dimensões globais e locais; e a pós-modernidade se apresenta como as transformações aceitáveis produtoras da superação das instituições da modernidade (*Ibid.*, p. 150). Nesta perspectiva, é possível haver uma ordem pós-moderna institucionalmente complexa, elaborada por meio de “um movimento para ‘além’ da modernidade” (*Ibid.*, p. 162, grifos do autor), que se estabelece por meio de quatro dimensões: um sistema de pós-escassez, a participação democrática de múltiplas camadas, a desmilitarização e a humanização da tecnologia (*Ibid.*, p. 163).

As posturas dos estudiosos até agora apresentados demonstra diferentes posicionamentos sobre a desconfiança quanto à existência ou não de uma pós-modernidade. Alguns enfocam haver mudanças na realidade social responsáveis por mobilizar uma condição histórico-geográfica pós-moderna (HARVEY, 2014) ou uma modernidade radicalizada (GIDDENS, 1991), outros ressaltam não ser justificada a ideia de estarmos em uma nova etapa de desenvolvimento nem pelo surgimento de modificações na realidade, nem pela constituição de uma sociedade pós-industrial (CALLINICOS, 1995). Ainda há os que postulam ser o pós-moderno simplesmente uma descrição ou uma explicação das transformações ocorridas na contemporaneidade (JAMESON, 1997); os que afirmam a possibilidade de a modernidade realizar seu projeto emancipatório, ainda que com inúmeras e reais dificuldades (HABERMAS, 1983); e os que postulam que o pós-modernismo é cúmplice do comodismo em relação às lutas emancipatórias, baseando-se no equívoco de achar que os

movimentos socialistas foram derrotados e denotam a impossibilidade de concretização da emancipação humana (EAGLETON, 1998).

Na literatura latina, cabe ressaltar o posicionamento de Kohan (s/d). Para ele, o discurso pós-moderno se articula à deslegitimação da possibilidade histórica de superação do capitalismo pela luta coletiva dos indivíduos sociais. Sua defesa é a de que o pós-moderno é uma concepção de mundo manifestada ideologicamente para justificar a dominância do capital e propor sua permanência e convivência com ele, deslegitimando as possibilidades de constituição de uma nova forma de sociabilidade, conforme previu Marx (KOHAN, s/d, p. 46-51). O pós-modernismo seria uma das ideologias veiculadora da “concepción del mundo y de la filosofía de nuestros enemigos<sup>63</sup>” (*Ibid.*, p. 47) – leiamos dos inimigos do marxismo, isto é, os pós-modernos.

Na literatura nacional, os posicionamentos teóricos dos autores vinculados à crítica dialético-marxista também são bastante diversos. Apesar disso, podemos dizer que eles convergem para a significação da pós-modernidade como explicativa para o comodismo revolucionário e o pessimismo populacional diante do avanço do neoliberalismo. Evangelista (2007) assevera que o pós-modernismo é uma “forma social de consciência num período de reestruturação sistêmica do capitalismo tardio e, ao mesmo tempo, a expressão necessária da atmosfera intelectual contemporânea” (EVANGELISTA, 2007, p. 184). Paulo Netto (2012) também afirma que o movimento pós-moderno “é funcional à lógica do capitalismo tardio”, ao mesmo tempo em que é um “sintoma das transformações em curso na sociedade tardo burguesa” (PAULO NETTO, 2012, p. 420), sendo o responsável pela dissolução das antigas identidades sociais de classe para construir novas identidades que lutam por seus interesses comuns (*Ibid.*, p. 420-421).

Para Pereira (2015), o pensamento pós-moderno rebaixa suas análises ao cotidiano, carecendo de uma ontologia social (PEREIRA, 2015, p. 89). Ele se fundamenta como a base de sustentação ideológica do capitalismo e de sua crise estrutural, sendo utilizado para justificar as relações de exploração existentes (*Ibid.*, p.55). Dessa forma é que ele influencia no modo como as pessoas agem e em suas vidas, acarretando modificações em diferentes âmbitos, como no papel social da escola e da educação de modo geral. A atmosfera contemporânea alicerçada no pensamento pós-moderno reflete assim a estagnação, o desencanto, a falta de esperança, a apatia, a desorientação e a perplexidade, que aparecem no conservadorismo: face mais saliente da vida política e intelectual da atualidade. Junto a ele,

---

<sup>63</sup> Tradução nossa: “concepção de mundo e de filosofia dos nossos inimigos” (KOHAN, s/d, p. 47).

viria a ideia de falência do projeto emancipatório moderno, que resulta na ênfase em uma impotência e passividade social para mudar as relações socioeconômicas estabelecidas (EVANGELISTA, 2007, p. 184).

### **3 RECEPÇÃO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO PELO SERVIÇO SOCIAL DO BRASIL**

Ora visto como reflexo do pessimismo e da apatia social, ora visto como o defensor das bandeiras de luta dos grupos minoritários, o pensamento pós-moderno, desde sempre, esteve num palco de múltiplas interpretações a seu respeito. Este vem sendo tomado, grosso modo, como a expressão intelectual da pós-modernidade (SOUSA, 2004), utilizada para justificar o modo como a vida e as relações sociais e capitalistas tem se efetivado. Assim, é comum que alguns teóricos da crítica dialético-marxista afirmem que ele justifica e concorda com a exploração do capital, uma vez que ele defende a descrença nos metarrelatos e na concretização da sociedade comunista.

O momento de sua recepção no ambiente acadêmico no Brasil se deu nos anos 1980, justamente o período em que o Serviço Social estava organizando seu PEP de teor marxista. Este se tornou legítimo no âmbito do Serviço Social nos anos 1990, em que as ciências sociais passavam por fortes questionamentos sobre seus paradigmas analíticos, ocasionando a conhecida crise dos paradigmas nas ciências sociais e no próprio marxismo.

Concernente a isso, diferentes questões vêm sendo postas para o Serviço Social. Entre elas, é normal que escutemos acadêmicos/as, profissionais, professores/as e pesquisadores/as perguntarem: “Como assegurar um PEP de direção hegemônica marxista numa sociedade de capitalismo neoliberal?” ou “Que estratégias devemos elaborar como profissionais para efetivá-lo?”. Os paradoxos inerentes às discussões possíveis advindas destes questionamentos suscitam, por um lado, o fortalecimento do marxismo como baluarte da categoria dos/as assistentes sociais e, por outro lado, o reavivamento de posturas tecnicistas e pragmáticas, muitas vezes motivadas pelas imposições das instituições empregadoras – que às vezes interferem em nossa “relativa autonomia” (IAMAMOTO, 2010b, p. 97-98) – e pelo recrudescimento do exercício de mediações e articulações dentro e fora da rede socioassistencial e da instituição de trabalho.

É importante ressaltar que o Serviço Social, como qualquer outra profissão, não pode ser entendido fora do momento histórico, social, cultural e político. Isto sugere que sua comunicação, incorporação ou mesmo contato com o pós-moderno é reflexo do movimento mais amplo em que se encontra o mundo: se o pós-moderno justifica a exploração, ele também reflete a desilusão característica do descumprimento das promessas modernas até o presente momento e a tentativa de explicar o modo como a realidade social está se concretizando.

Nosso objetivo neste Capítulo é expor as mediações históricas e sociais que possibilitaram a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro; mapear onde aparecem reflexões teóricas utilizando-se de autores pós-modernos nos últimos CBAS e ENPESS, por compreendê-los como veículos de credibilidade para a divulgação do modo de pensar da categoria profissional; e delinear as posições, as obras e os autores do Serviço Social que vêm discutindo a respeito do pós-moderno e majoritariamente influenciando o modo de pensar dos/as assistentes sociais. É relevante ponderar, por isso, que valores nossos/as pesquisadores divulgam e como o meio profissional os compreende. De modo geral, podemos afirmar que estes confirmam a hegemonia do marxismo e a necessidade de evitar o recrudescimento das normas e do conteúdo ideológico, político e ético de nosso PEP, que poderia – segundo alguns autores – estar sendo ameaçado pelos influxos do pensamento pós-moderno.

### 3.1 MEDIAÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS PARA A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO NO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO

Uma discussão teórica que leva como tema principal as determinações históricas, sociais, políticas ou culturais relacionadas ao Brasil deve a priori resgatar as particularidades que definiram e organizaram nosso país desde suas origens. Estas particularidades tornaram o Brasil um país com traços únicos, ao mesmo tempo em que não o imunizou das alterações de nível internacional e latino influenciadoras do modo de ser das diversas nações.

Quanto aos aspectos particulares da nossa formação sócio-histórica são amplamente reconhecidas as teses de Freyre (2003) e de Holanda (1995). O primeiro autor, de modo especial, deixou claro que latifúndio e escravidão, casa-grande e senzala, organizaram nossa constituição colonial e ainda refletem em nossa cultura baseada na miscigenação entre os portugueses e os povos nativos, na harmonia social e racial. Enfocou, através do elogio à miscigenação, ao êxito da colonização, às grandes qualidades dos portugueses, ao caráter aristocrático da colonização, o quanto temos particularidades e a ordem escravocrata deu forma as nossas origens.

O segundo autor mostrou que “o homem cordial” é o ser tipicamente brasileiro, pois no ensejo de intimidade, de estabelecimento de um fundo afetivo com o outro e na receptividade às influências e os costumes de diferentes povos, absorveu passivamente diversas formas culturais, o pensamento, a ideologia e os valores, sobrevalorizou-os e os incorporou sem grandes percalços. Na verdade, o brasileiro “[...] é livre, pois, para se

abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os frequentemente sem maiores dificuldades” (HOLANDA, 1995, p. 151).

Além destes aspectos, é interessante ressaltar que nossa formação também revelou particularidades com relação à presença estatal na política. Houve quem afirmasse existir uma crise do Estado brasileiro a partir da intitulada Revolução de 1930 e que os elementos desta crise tinham suas raízes fincadas no início da nossa formação sendo resultado da “presença de um Estado extremamente forte, autoritário, em contraposição a uma sociedade civil débil, primitiva, amorfa” (COUTINHO, 2008, p. 107). Esta característica prevalecente no Estado brasileiro ocasionou transformações sociais diferentes das transformações pelas quais países hoje desenvolvidos e liberal-democráticos passaram (COUTINHO, *loc. cit.*).

Em se tratando da transição brasileira para a modernidade, Coutinho (2008) propôs três paradigmas<sup>64</sup> para explicar a peculiaridade desta transformação. O primeiro se relaciona ao conceito de “via prussiana”, proposto por V. L. Lenin, o segundo corresponde ao conceito de “revolução passiva” de Gramsci, relativo ao processo de unificação nacional italiano, conhecido como *Risorgimento* e o terceiro diz respeito ao conceito de “modernização conservadora”, elaborado pelo sociólogo norte-americano Barrington Moore Jr.

Pertinente a estes conceitos, o caso brasileiro geraria uma “via brasileira”, em decorrência das nossas especificidades, mais fortemente conectada às formas “prussianas” ou “passivas”, determinadas pela presença de um Estado sempre muito forte. Desde o momento da Independência, na realidade, já haveria um Estado forte no nosso país, uma vez que o “Brasil conheceu um Estado unificado antes de se tornar efetivamente uma nação” (*Ibid.*, p. 110), ou seja, não houve uma independência de baixo para cima, sim de cima para baixo. Em outras palavras: “[...] a nação brasileira foi construída a partir do Estado e não a partir da ação das massas populares” (*Ibid.*, p. 111), gerando consequências “extremamente perversas”,

---

<sup>64</sup>O primeiro paradigma, o conceito de “via prussiana” veio para diferenciar os processos de modernização “não clássicos”, como o caso da Prússia, dos processos “clássicos” como o ocorrido com os Estados Unidos da América (EUA), a Inglaterra e a França. A “via prussiana” foi caracterizada por Lenin como uma espécie de transição para o capitalismo que conservava aspectos da velha ordem e, portanto, advém e resulta num Estado com poder fortalecido (LENIN, 1980 apud COUTINHO, 2008, p. 108). Já o segundo paradigma, o do conceito de “revolução passiva” foi explicado por Gramsci como os procedimentos de modificação das nações, em que as parcelas modernas e as atrasadas das classes dominantes se conciliam e, ao mesmo tempo, tentam afastar as classes populares da participação mais extensa nos processos de transformação (GRAMSCI, 2002 apud COUTINHO, 2008, p. 108). As revoluções passivas ocasionam, em consequência, mudanças na estrutura social, que “conservam elementos da velha ordem [...]. Trata-se, essencialmente, de transformações – ou de revoluções, se quisermos – que se dão ‘pelo alto’” (COUTINHO, 2008, p. 108-109, grifos do autor). O terceiro paradigma, o da “modernização conservadora” explica que há diferentes formas ou “caminhos” para se chegar à modernidade. Ao optar entre eles, o país pode chegar a liberal-democracia ou a algum tipo autoritário ou mesmo fascista. As determinações para chegar a um dos dois caminhos são análogas às utilizadas por Gramsci e Lenin, isto é, a organização de uma “moderna” burguesia industrial advinda da conservação de aspectos originários da propriedade pré-capitalista geradora do poder dos latifúndios, que elege a conciliação com o atraso e não o congegamento com as classes populares.

como o fato de termos uma classe dominante que não se relaciona com as necessidades do povo, muito menos é expressão dos movimentos populares ou se identifica com as questões do povo (COUTINHO, *loc. cit.*).

Esta forma de ser do Estado brasileiro se materializou “[n]um Estado superposto à nação”, sendo os anos 1930, “a forma mais emblemática de manifestação da via prussiana, de revolução passiva, de modernização conservadora em nossa história” (*Ibid.*, p. 112). Isto porque neste momento vimos o próprio Estado como principal personagem da industrialização, organizando o trânsito do Brasil para a generalização das relações capitalistas.

Além disso, este Estado brasileiro da década de 1930 demonstrou um forte traço corporativista, pautando-se na difusão da ideia de que o país estava se tornando uma sociedade moderna e, para tanto, precisava de mecanismos de representação e de defesa dos diversos interesses dos sujeitos envolvidos, sendo a melhor forma para organizar esta representação, o interior do próprio Estado, mediante um sistema corporativo próximo ao que se praticava no fascismo italiano. Este corporativismo (ou seja, a representação de interesses realizada no próprio interior do Estado, excluindo-se a representação pela sociedade civil) pode ser visualizado na busca por absorver o movimento sindical ao Estado, representando corporativamente os interesses de parte da classe trabalhadora (já que, por exemplo, até 1963, os trabalhadores rurais não tiveram sua organização sindical incorporada), além de representar os interesses da burguesia por meio dos seus sindicatos próprios e das diversas câmaras setoriais (*Ibid.*, 115-117).

Este modelo intervencionista e corporativista de Estado se estabeleceu no Brasil até o Governo Geisel, ressaltando-se que nem o golpe militar “rompeu com o tipo de articulação corporativista e autoritária entre Estado e sociedade civil e não retirou o Estado de suas funções no terreno da regulação da economia” (*Ibid.*, p. 120). Ele apresentou variações, mas não perdeu seu traço característico de ser “um Estado no qual a supremacia da classe no poder se dava através da dominação (ou da ditadura) e não da direção político-ideológica (ou da hegemonia)” (*Ibid.*, p. 122). Além de ser um Estado que “*sempre esteve claramente a serviço de interesses privados*” (*Ibid.*, p. 124, grifos do autor).

Após o governo Geisel, o modelo de Estado intervencionista e corporativista burguês que viemos apresentando entrou em crise, tendo em vista o crescimento da sociedade civil no período ditatorial. Esta crise foi motivada pela complexificação instaurada pela ditadura modernizadora que tivemos, pois ao mesmo tempo em que esta gerou um forte crescimento das forças produtivas, produziu uma maior complexidade do capitalismo no

Brasil. Isto produziu uma multiplicação dos interesses, gerando objetivamente uma sociedade civil “forte, rica e articulada” (*Ibid.*, p. 130).

Esta contradição, de termos “um Estado autoritário, que buscava cancelar e reprimir a sociedade civil, [ao mesmo tempo em que gestou] o progressivo florescimento desta última [...]” (COUTINHO, *loc. cit.*, p. 130) promoveu o “projeto de abertura política”, marcado com a derrota do governo nas eleições parlamentares de 1974. Neste momento, vimos um projeto de abertura organizado “pelo alto”, mas que devido à pressão da sociedade civil (ressaltando-se a importância do novo sindicalismo e do Partido dos Trabalhadores que acabava de ser fundado), transcendeu este projeto e acabou por produzir “uma abertura bem mais radical do que a prevista no projeto originário do governo Geisel-Golbery” (*Ibid.*, p. 131).

Neste processo, é interessante observar que o marco inicial da inserção das discussões a respeito do pós-moderno no Brasil se deu no período de abertura ditatorial aliado à emergência no cenário político do novo sindicalismo e dos sujeitos engajados nos movimentos sociais e populares. A partir destes personagens, foi possível uma transição para a democracia “relativamente negociada” (*Ibid.*, p. 132, grifos do autor), em que apesar do fim da ditadura, mantiveram-se os elementos autoritários e de exclusão que acompanham o modo tradicional de se fazer política no país desde sua gênese.

A inserção das reflexões sobre o pós-moderno no Brasil se realizaram por meio da publicação de um artigo de José Guilherme Melquior, em 1976, no Caderno Suplemento Cultural, do jornal *O Estado de São Paulo*. Este artigo, no entanto, não teve ampla repercussão e tampouco acendeu grandes debates coletivos sobre o pensamento pós-moderno. Na realidade, apenas na última metade de 1983, as discussões sobre o pós-moderno se tornaram polêmicas, devido à publicação de um número de Folhetim da *Folha de São Paulo*, onde o pós-modernismo foi colocado como problemática que carecia de discussão (EVANGELISTA, 2007, p. 18; CANTALICE, 2013, p. 87).

Os anos 1980, em que este número de Folhetim foi publicado foram o palco fecundo para a solidificação de fortes modificações no mundo do trabalho, marcadas pela substituição do fordismo-keynesianismo pelo modo de produção flexível toyotista a nível mundial. Com este, o mundo do trabalho passou a dotar-se de outros significados, ainda prevalecendo a exploração pelo capital, mas ampliando-se sobremaneira a precarização, a terceirização e a fragilização dos vínculos empregatícios e das conquistas legais trabalhistas (ANTUNES, 2011, *passim*).

Nos países de capitalismo avançado, as transformações no mundo do trabalho na década de 1980, giraram em torno das formas de inclusão na esfera produtiva, de representação sindical e política, e afetaram a *classe-que-vive-do-trabalho* não apenas na sua materialidade, mas também na sua subjetividade e na inter-relação entre materialidade e subjetividade. Os desdobramentos destas modificações no mundo do trabalho acarretaram, entre outras coisas, a desregulamentação e a flexibilização dos direitos trabalhistas, ocasionando a substituição ou mesmo a eliminação de conquistas históricas dos trabalhadores (*Ibid.*, p. 24).

As mudanças no mundo do trabalho mundial também atingiram os países considerados em desenvolvimento, onde se inclui o Brasil e suas históricas especificidades. No que diz respeito ao cenário histórico, político e social brasileiro no período em apreço, devemos recordar que na vigência do regime ditatorial, houve a reprodução do capitalismo industrial e a gênese da reestruturação produtiva, marcadas pelo “fordismo à brasileira”. Este nosso fordismo particular se diferenciou do fordismo clássico<sup>65</sup>, em decorrência “[d]o regime de trabalho com baixa proteção social e elevados índices de rotatividade da força de trabalho, pautados na flexibilidade e precariedade estruturais do mercado de trabalho” (SANTOS, 2012, p. 185). Isto significava dizer que o Brasil “se adiantou” à tendência de flexibilização das relações de trabalho, que irá marcar as futuras disposições capitalistas da reestruturação produtiva, ao não garantir as conquistas trabalhistas alcançadas no período fordista em países de capitalismo avançado (como a estabilidade do emprego).

Por outro lado, no fim dos anos 1980, com a Constituição Federal de 1988, vemos uma contrarreforma do Estado brasileiro, ao suprimir a possibilidade de uma reforma democrática no país, com a elaboração de “inacabadas tarefas democrático-burguesas em combinação com outras de natureza socialista” (BEHRING, 2003, p. 129), tendo em vista evitar a superação do Estado de direito burguês que temos desde os anos 1930 e a construção de um Estado democrático pela via das requisições populares.

---

<sup>65</sup>Santos (2012) explica que nos “anos de ouro” do capitalismo na Europa e nos EUA, o fordismo se expandiu e se revelou nos anos 1950 e 1960 por um alto grau de regulação do Estado, em decorrência da manutenção do pleno emprego. O fordismo se alicerçava na elevação da produtividade e do mercado consumidor, do nível do emprego e do assalariamento. Por outro lado, no mesmo período histórico, no Brasil vivenciávamos a industrialização pesada, que mais especificamente em sua segunda fase, demonstrou flexibilidade e precariedade no regime trabalhista nacional – o que constituiu o “fordismo à brasileira” –, acentuando a questão social no país. Nas palavras da autora: “O desemprego aparece [...] como componente estrutural do ‘fordismo à brasileira’ ao contrário do ‘pleno emprego’ do fordismo clássico. Ele resulta [...] de uma significativa quantidade de força de trabalho à disposição do capital, mas, fundamentalmente, do aprofundamento da precariedade e instabilidade dos vínculos, característica do regime de trabalho que emerge na segunda fase da ‘industrialização pesada’” (SANTOS, 2012, p. 174, grifos da autora).

Com relação ao aspecto cultural, existiram modificações na sociedade brasileira como efeito do deslocamento do centro da produção acadêmica e cultural do Rio de Janeiro para São Paulo, que desde os anos 1950 se distinguiu economicamente do resto do país (CANTALICE, 2013, p. 87). Este deslocamento explicava o fato de um Folhetim da *Folha de São Paulo* apresentar o primeiro esboço de reflexão sobre o pós-moderno, consolidando uma nova elite de intelectuais instalada nesta cidade, harmônica ao projeto de produção técnico-científica do capital e à elevação do padrão das universidades paulistas.

Duas questões relacionadas a esta assertiva merecem ser apontadas: a primeira é que esta intelectualidade não diferiu da intelectualidade historicamente presente no Brasil quanto à tendência nacional de reproduzir acriticamente as novas ideias em divulgação e circulação nas grandes metrópoles mundiais; e a segunda é que esta intelectualidade se identificava com as temáticas trazidas pelo pós-moderno. Foram arquitetos, artistas plásticos, críticos de arte e literários que por terem uma conexão mais orgânica com a produção de bens culturais em escala mundial os que trouxeram o debate sobre o pós-moderno para o país, atendendo aos interesses de uma nova indústria cultural e editorial, alicerçada na publicação de livros que garantissem lucratividade para o mercado editorial (EVANGELISTA, 2007, p. 31; CANTALICE, 2013, p. 88).

Pouco a pouco, as percepções pós-modernas foram se embrenhando nos cursos, seminários e programas de pós-graduação das universidades, sendo divulgadas em ensaios, artigos e críticas publicadas em edições especializadas e de escassa circulação no universo editorial, precipuamente em cadernos culturais da imprensa, como a *Folha de São Paulo* e o *Jornal do Brasil* (CANTALICE, 2013, p. 88). Em outras partes do mundo, como na Europa e nos EUA, houve uma elevação do debate sobre o pós-modernismo por parte de inúmeros intelectuais, superando o espaço acadêmico e alcançando a imprensa nacional. No caso dos EUA, “o *pós-moderno* acabou sendo transformado em clichê jornalístico da moda” (EVANGELISTA, *op. cit.*, p. 32), ao ser incorporado como uma novidade sedutora para os consumidores de bens culturais.

Ressaltemos que este primeiro contato da intelectualidade brasileira com o pós-moderno se deu pela via da universidade – que posteriormente publicava seus trabalhos no meio jornalístico -, mas de uma universidade que passava por um “enquadramento funcional” (CANTALICE, *op.cit.*, p. 88) à lógica da ditadura, uma vez que a reforma universitária de 1968 ainda determinava os caminhos a serem seguidos pela academia, em conformidade com o projeto da autocracia burguesa ditatorial.

Esta evidência reafirmava a condição de heteronomia da formação social brasileira, marcada pela recepção das influências de outras culturas, ditas mais avançadas, ao mesmo tempo em que eram cruzadas com as formas antigas econômicas, políticas e culturais nacionais. Dessa forma, “as inflexões do pós-moderno em terras brasileiras encontra[ram] um grau singular de complexificação, posto que, ocorre[ram] em meio a um processo inconcluso e precário de apropriação do próprio moderno” (CANTALICE, 2013, p. 89), corroborando para a feição particular que o pós-moderno veio a ter no terreno brasileiro, marcado pelo “sincretismo, a heteronomia, a dependência, o retardo e o enviesamento da nossa formação sócio-econômica-cultural” (Cf. CANTALICE, *loc. cit.*).

Se nem o próprio pensamento moderno esteve livre da recepção acrítica de elementos que lhe caracterizam pela intelectualidade brasileira, podemos supor que com a recepção do pensamento pós-moderno não foi diferente. Levando em consideração esta proposição, devemos ponderar que o debate em torno do pós-moderno no Brasil se desenvolveu a partir de processos complexos – em meio à ditadura, à censura, à supressão de determinadas leituras na universidade reformada em 1968, entre outros aspectos – justificando as discussões em torno da “crise de paradigmas” nas Ciências sociais – onde se incluem as Ciências Sociais Aplicadas e, logo, o Serviço Social.

Podemos conjecturar que a “crise de paradigmas” divulgada pelas Ciências sociais no Brasil veio na esteira da recepção do pensamento pós-moderno pela academia nacional. Como apontado anteriormente, em 1976 foi publicado um primeiro artigo fazendo referência ao pós-moderno, mas sem ampla divulgação; em 1983, um folheto que gerou polêmicas e discussões em torno do pós-moderno, espraiando-se pouco a pouco para os centros da intelectualidade organizados nas universidades paulistas e posteriormente nos outros círculos acadêmicos intelectuais.

Logo, com o avanço das discussões, no início dos anos 1990, o confronto com a “crise de paradigmas” ou a “crise dos modelos analíticos” nas Ciências sociais foi se colocando para o Serviço Social como um condicionante de debates para apreender as diferentes modificações em desenvolvimento no fim do século, com reflexo nos aspectos da vida social, política, cultural e econômica dos países (YAZBEK, 2009, p. 19), ao mesmo tempo em que se ampliavam as reflexões e elaborações em torno do PEP, que surgia como um produto das discussões da categoria desde os anos 1980. Junto a ele a teoria social crítico-dialética marxista havia sido tomada como *direção social estratégica hegemônica* para a teoria, a prática e a metodologia do Serviço Social em nosso país.

Recordemos que este PEP se relaciona a um tipo de projeto coletivo e foi elaborado pela categoria – que supera o corpo constituído pelos profissionais que atuam na área, incluindo os membros que de forma ampla, efetivam o que seja a profissão, ou seja, as organizações que incluem ditos profissionais. E sendo um projeto profissional abarca a visibilidade da profissão para os sujeitos que demandam seus serviços, as instituições e os órgãos contratantes e o público geral.

A partir da adoção do marxismo como direção para o PEP, consolidaram-se os alicerces do referido projeto tendo como base, entre outras coisas, conforme se encontra exposto no texto do nosso atual CE, a “opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação-exploração de classe, etnia e gênero” (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2012, p. 24). A partir deste PEP, também se deram mais visibilidade e credibilidade às legislações e aos documentos mais contemporâneos ou oriundos de decisões coletivas engendradas pelas vanguardas da categoria, quais sejam, as Diretrizes Curriculares de 1996, o CE de 1993 e a Lei de Regulamentação da Profissão (também de 1993). Estes advieram de um processo amplo de colaborações e debates, que garantiram ao marxismo a peculiaridade da hegemonia teórico-metodológica no Serviço Social, ao mesmo tempo em que, o respeito ao pluralismo.

É essencial ressaltar que, mesmo que a aproximação do Serviço Social com a tradição marxista seja marcada pela similaridade do campo de existência, relacionada ao “denominador comum” sociedade burguesa, há fortes incompatibilidades no tratamento dado à questão social pelo Serviço Social e pelo marxismo (PAULO NETTO, 1989, p. 89-91). Isto porque, a questão social é o substrato de ambos, mas para o Serviço Social é o elemento a ser administrado dentro da sociedade burguesa, enquanto para Marx é o produto necessário e, portanto, inseparável do capitalismo. Em outras palavras, a questão social sempre existirá dentro do capitalismo, demonstrando um *movimento de incompatibilidade no plano teórico entre o Serviço Social e o marxismo*, se pensarmos na institucionalização e afirmação da profissão, atreladas ao pensamento conservador, que é fortemente oposto ao marxismo (*Ibid.*, 1989, p. 90-91, grifos nossos).

Quanto às Diretrizes Curriculares de 1996, elas repousaram na incidência de aspectos da teoria social crítica marxista sobre as dimensões teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política, bem como demonstraram a contingência de apreender dentro da perspectiva da totalidade os processos que determinaram a sociabilidade burguesa, os fundamentos sócio-históricos da sociedade brasileira, o significado da profissão, sua estrutura política e sua inserção no mercado de trabalho como profissional assalariado (LARA, 2009, p.

53). A respeito da legislação que regulamenta a profissão de assistente social, devemos considerar a Lei nº. 8.662/1993, como um avanço para a legitimidade da profissão, ajudando no enfrentamento às antigas associações imediatas entre Serviço Social e caridade. Com relação ao CE de 1993, este foi produto do desafio posto às entidades profissionais e de estudantes, aos movimentos sindicais e aos representantes da academia, para organizar um CE com viabilidade prática e onde as particularidades da ação dos/as assistentes sociais pudessem traduzir as novas questões teóricas, práticas e ético-políticas em curso (BARROCO, 2010, p. 180).

O PEP marxista que alcançou hegemonia no Serviço Social na década de 1990, não foi e nem é o único presente no corpo profissional e tampouco está num patamar superior aos debates e questionamentos quanto aos princípios que defende. Na verdade, sua hegemonia existe de modo “ameaçado<sup>66</sup>” desde a crise do grande capital ocorrida nos anos 1990, devido às inspirações políticas baseadas no neoliberalismo e sua tendência de supressão dos direitos sociais, privatização do Estado, falta de investimento nas instituições públicas, desemprego, concentração de renda, etc. (PAULO NETTO, 2007b, p. 157-158).

As datas supramencionadas, relacionadas à elaboração do PEP e à “crise de paradigmas” sugerem que ao mesmo tempo em que as Ciências Sociais discutiam ávidamente a respeito desta crise de paradigmas – leiamos a crise do triunfo da razão e do progresso pregados, entre outras correntes de pensamento, pelo marxismo -, o Serviço Social, em contraposição, elaborava seu PEP, que vem organizando o modo de ser da profissão até a contemporaneidade.

A aproximação ao marxismo desde os anos 1960 e a posterior hegemonia teórico-metodológica e interventiva desta linha de pensamento no Serviço Social nos anos 1990 denunciaram a não neutralidade da categoria dos/as assistentes sociais e o seu posicionamento em favor de compromissos e valores éticos e políticos vinculados ao projeto da classe trabalhadora (algo já anunciado no CE de 1986). Lessa (2012, p. 11) chegou a enfatizar que o Serviço Social é a única profissão a divulgar em seu CE a menção explícita de defesa da necessidade de superação da sociabilidade capitalista alienada por uma “nova ordem societária” (BRASIL, 2012, p. 24), ou seja, emancipada e comunista.

---

<sup>66</sup> Devemos ressaltar que a ideia de haver uma crise do PEP é vista dentro do seio profissional como uma questão polêmica e que sugere um equívoco de interpretação. Na verdade, estaríamos diante de uma crise estrutural do capital, com desdobramentos sobre variados âmbitos da vida e da sociedade, e não de uma crise – especificamente – do PEP do Serviço Social. Concordamos com a referida interpretação, até porque o PEP do Serviço Social segue vigente e orientando a prática e a teoria da categoria profissional até o presente momento.

Com efeito, realmente, desde os anos 1980, o Serviço Social vem construindo uma hegemonia teórico-metodológica e interventiva alicerçada na tradição marxista, porém uma “*hegemonia com pluralismo*” (YAZBEK, 2009, p. 11-12, grifos nossos), isto é, uma hegemonia marxista dentro do Serviço Social, mas com respeito às correntes de pensamento que contribuam para as discussões referentes aos temas tratados pelo Serviço Social, sem conciliar o não conciliável ou o contraposto. Em outras palavras, é a consideração do pluralismo como um “aspecto constitutivo da natureza da vida acadêmica, portanto uma exigência do processo de formação, [...] [concretizando] o embate e o debate entre as diferentes correntes de pensamento e da ação humana” (ABREU, 2007, p. 121). Por isso, a defesa do pluralismo aparece entre as propostas do PEP, como pode ser comprovado pelo 7º princípio fundamental do CE de 1993 e o 9º princípio da formação profissional, conforme o texto da *Lei de Diretrizes Curriculares para o Curso de Serviço Social*, de 1996, que afirma *in verbis* a importância do “exercício do pluralismo como elemento próprio da vida acadêmica e profissional [...]” (ABEPSS, 1996, p. 6).

Lembremos também que estes efervescentes anos 1980 – que recebiam as primeiras discussões sobre o pós-moderno nas universidades paulistas, sem ferrenhos debates – também foram o período de publicação da dissertação de mestrado de Iamamoto em Piracicaba, São Paulo, em 1982. A importância deste trabalho foi tanta que Netto (1991a) considerou-o como o principal representante do segundo momento da intenção de ruptura (com o conservadorismo) no Serviço Social, como consequência do recurso eficaz às fontes originais marxistas e pelo uso de obras da “juventude” e da “maturidade” de Marx, como *O Capital*, *Grundrisse*, *Manuscritos econômico-filosóficos* e *A Ideologia Alemã*.

Devemos recordar que a publicação do artigo de Melquior, em 1976, não teve ampla repercussão, sim que um número de Folhetim da *Folha de São Paulo* em 1983, trouxe os primeiros debates em torno do pós-moderno. Portanto, houve um espaço de tempo sem debates ou amplas discussões sobre a cultura pós-moderna, tornando a veiculação e a posterior admissão das teorias pós-modernas, algo tardio:

Na segunda metade dos anos 1980, temos a recepção do pós-modernismo como movimento cultural que galvaniza a atenção de produtores culturais diretamente inseridos e/ou influenciados pelas tendências vigentes no mercado mundial de bens simbólico-culturais [...]. Nos primeiros momentos, a recepção do pós-modernismo cultural assumiu o caráter de uma questão que dizia respeito apenas a especialistas. [...] A veiculação e a aceitação teóricas do pensamento pós-moderno somente estariam dadas a partir do início dos anos 1990, quando suas temáticas entram na agenda do debate universitário nacional (EVANGELISTA, 2007, p.185-186).

O fato de que o pós-moderno tenha entrado efetivamente na agenda dos debates universitários no Brasil no início dos anos 1990 justificou “uma aceleração vertiginosa de publicações acerca do assunto, demonstrando o elevado interesse dos intelectuais brasileiros pelas elaborações pós-modernas” (CANTALICE, 2013, p. 146), o que produziu a produção de artigos, ensaios e resenhas que foram publicados na época em livros, revistas e jornais (CANTALICE, *loc. cit.*).

Estas publicações ajudaram na circulação das ideias pós-modernas no país através de dois períodos complementares: um primeiro período marcado pelo acesso do público leitor às obras e polêmicas culturais gestadas no debate internacional dos centros acadêmicos e culturais das grandes nações capitalistas; e um segundo período alicerçado nas preocupações de um grupo diverso de intelectuais que produziam a cultura e a reflexão teórica naquele momento, em ambientes internos e externos à universidade (EVANGELISTA, 2007, p. 187-188).

No caso do Serviço Social, no âmbito dos programas de pós-graduação, estas discussões se tornaram mais frequentes, posteriormente. Efetivamente, foram nos primeiros cinco anos do século XXI, ou seja, dos anos 2001 a 2006, que as “incorporações e influências dessa produção pós-moderna no âmbito das teses elaboradas no conjunto de Programas de Pós-graduação no país e, em particular, na área do Serviço Social” (CANTALICE, 2013, p. 147), que o tema do pós-moderno ganhou mais relevo.

É importante ressaltar que a circulação, divulgação, veiculação e mesmo aceitação do pensamento pós-moderno pelos círculos de reflexão teórica universitários no país, não legitimou ou estabeleceu um único tipo de pensamento, de compreensão pós-moderna da realidade. Cantalice (2013) argumenta que devemos falar em pensamentos pós-modernos ou elaborações pós-modernas, pois

[...] não é possível se falar em um pensamento pós-moderno, numa perspectiva de sistematização de ideias e de elaborações teórico-metodológicas, que reflitam em uma teoria/método pós-moderno. Podemos falar em pensamentos pós-modernos ou em elaborações pós-modernas que embora apresentem algumas constantes e alguns poucos traços em comum não subjaz um pensamento comum (*Ibid.*, p. 146).

As informações apresentadas nos permitem compreender que ao mesmo tempo em que as Ciências Sociais discutiam acerca de uma “suposta” crise de paradigmas, propondo a elaboração de um novo paradigma, cujo respondesse aos processos que o paradigma da modernidade não havia concretizado, no Serviço Social vigorava com muita força e virilidade os debates em torno do pensamento marxista/marxiano, demarcando-se sua atualidade e as

possibilidades de que este pautasse os documentos, os valores e os posicionamentos a serem adotados pelos/as assistentes sociais, ética, política e coletivamente dali para frente.

Ponderamos ser importante, por isso, pensar as discussões em torno do pensamento pós-moderno a partir da produção de conhecimento divulgada em eventos científicos da categoria. Buscaremos reconhecer os veículos onde o pensamento pós-moderno pode haver sido trabalhado em dois espaços de forte publicização das discussões teóricas e polêmicas do Serviço Social, os CBAS e os ENPESS. O tópico seguinte buscará refletir acerca dos meios pelos quais as discussões sobre pós-modernidade estão se acercando dos nossos debates, ao revelar por meio de determinadas palavras-chave, onde o pós-moderno aparece na produção dos/as pesquisadores/as da área.

### 3.2 UMA CARTOGRAFIA DA RECEPÇÃO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO NO SERVIÇO SOCIAL: O POSICIONAMENTO DA CATEGORIA PROFISSIONAL A PARTIR DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NOS CBAS E NOS ENPESS

Não é novidade apontar o crescimento e o amadurecimento da produção de conhecimento no Serviço Social (ABREU; SIMIONATTO, 1997; KAMEYAMA, 1998; SILVA, 2004; SILVA, 2007) ou mesmo a importância da pesquisa para a formação profissional (CARDOSO, 1998; ABREU, 2007). Com efeito, as primeiras produções teóricas na nossa área se iniciaram na década de 1970, quando os primeiros cursos de pós-graduação em Ciências Sociais e em Serviço Social foram criados (KAMEYAMA, 1998, p. 34) e desde então as produções vem se qualificando e superando o excessivo pragmatismo característico da história da prática dos/as assistentes sociais (CARDOSO, 1998, p. 27).

Já na década de 1980, “uma postura mais crítica [apareceu] nos trabalhos apresentados nos CBAS de 85 e 89” (SILVA, 2004, p. 124) e, antes disso, no próprio III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), o Congresso da Virada, houve um avanço na criticidade da categoria, tendo em vista o propósito de rompimento público e coletivo com o conservadorismo profissional e o compromisso, desde então, com os setores populares.

Este crescimento na produção teórica serviu para demonstrar, entre outras coisas, a importância da pesquisa, no que diz respeito à investigação e à intervenção dos/as assistentes sociais, assim como a indissolubilidade da produção científica na academia, reafirmando a seriedade da existência da produção do conhecimento, com respeito ao pluralismo segundo propõem as Diretrizes Curriculares de 1996 (ABREU, 2007, p. 120-121).

Os processos mencionados manifestaram, do mesmo modo, a progressiva maturidade científica do Serviço Social, relacionada a sua consolidação de curso integrante da grande área de Ciências Sociais Aplicadas, de acordo com a classificação da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e a solidificação de uma produção teórica realizada por assistentes sociais, professores/as dos cursos de Serviço Social e estudiosos/as das temáticas pertinentes e de preocupação da categoria profissional, construindo-se, assim, uma intelectualidade e um campo de saber, alicerçados em núcleos de investigação e laboratórios, por meio de projetos e de experiências de extensão, ensino e pesquisa nas universidades.

Um dos espaços onde podemos observar com maior clareza o avanço e o amadurecimento desta produção do conhecimento no Serviço Social são os eventos científicos organizados pela categoria. Na figura da ABEPSS, da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO), do conjunto Conselho Federal de Serviço Social/Conselho Regional de Serviço Social (CFESS/CRESS) temos de três em três anos a realização dos CBAS e com a realização também da ABEPSS, juntamente com a organização das universidades que recebem o evento, temos de dois em dois anos, os ENPESS.

Os dois eventos supramencionados são considerados de grande importância científica por reunirem profissionais, pesquisadores, estudantes de graduação, a intelectualidade do Serviço Social, além de outros sujeitos interessados em conhecerem ou se aprofundarem nas discussões postas como elementos nucleares para o Serviço Social. Nestes eventos, há uma relevante produção científica disponibilizada por meio da apresentação de trabalhos em comunicações orais, pôsteres, plenárias, mesas redondas e conferências, onde se discutem temas atuais, que destinam as preocupações daquele momento da categoria, carecem de maiores discussões, direcionam problemáticas ou polêmicas novas, estando na proeminência dos debates ao longo de todo o evento.

Por esta razão, resolvemos analisar os anais dos XI CBAS (2004), do XIII CBAS (2010), do XIV CBAS (2013) e do XV CBAS (2016), assim como os anais do XI ENPESS (2008), do XII ENPESS (2010), do XIV ENPESS (2014) e do XV ENPESS (2016), objetivando situar a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. Para tanto, partimos primeiro da identificação de que discussões estão sendo estabelecidas no que diz respeito ao pós-moderno e segundo de que autores pós-modernos estão tendo maior receptividade no Serviço Social, isto é, quais deles aparecem mais frequentemente nos artigos publicados, permitindo-nos supor uma maior “aceitação” destes.

Avaliamos, por isso, os referidos anais<sup>67</sup>, a partir de determinadas palavras-chave que entendemos poderem nos levar aos títulos dos artigos referentes às comunicações orais apresentadas e publicadas<sup>68</sup> nos CBAS e às comunicações orais e alguns pôsteres apresentados e publicados nos ENPESS<sup>69</sup>. As palavras-chave<sup>70</sup> selecionadas foram: pós-moderno, pós-modernidade, pós-modernismo; conservadorismo, conservador(es), conservadora(s); neoconservador(es), neoconservadora(s), neoconservadorismo; feminismo, feminista, feminino(a)(s), gênero<sup>71</sup>.

O XI CBAS (2004) teve como tema “O Serviço Social e a esfera pública no Brasil: o desafio de construir, afirmar e consolidar direitos”; o XIII CBAS (2010), “Lutas sociais e exercício profissional no contexto de crise do capital: mediações e a consolidação do projeto ético-político profissional”; o XIV CBAS (2013), “Impactos da crise do capital nas políticas sociais e no trabalho do/a assistente social”; e o XV CBAS, “80 anos do Serviço Social no Brasil: a certeza na frente e a história na mão”. No que diz respeito ao ENPESS, o XI ENPESS (2008) teve como tema “Trabalho, políticas sociais e projeto ético-político profissional do Serviço Social”; o XII ENPESS (2010), “Crise do capital e produção do conhecimento na realidade brasileira: pesquisa para quê, para quem e como?”; o XIV ENPESS (2014), “Lutas sociais e produção do conhecimento: desafios para o Serviço Social no contexto de crise do capital” e, por fim, o XV ENPESS (2016), “Formação e trabalho profissional: reafirmando as diretrizes curriculares da ABEPSS”.

Devemos ressaltar, já de início, que as plenárias, mesas redondas e conferências destes eventos estiveram voltadas a discutir as questões centrais referentes aos seus temas principais, mas também outras questões relacionadas aos debates atuais da categoria no

<sup>67</sup> Os eventos analisados ocorreram nas datas e locais seguintes: XI CBAS, realizado de 17 a 22 de outubro de 2004, em Fortaleza/CE; XIII CBAS, realizado de 31 de julho a 5 de agosto de 2010, em Brasília/DF; XIV CBAS, realizado de 14 a 18 de outubro de 2013, em Águas de Lindóia/SP; XV CBAS, realizado de 5 a 9 de setembro de 2016, em Olinda/PE; XI ENPESS, realizado de 1 a 6 de dezembro de 2008, em São Luís/MA; XII ENPESS, realizado de 6 a 10 de dezembro de 2010, no Rio de Janeiro/RJ; XIV ENPESS, realizado de 30 de novembro a 4 de dezembro de 2014, em Natal/RN; e XV ENPESS, realizado de 4 a 8 de dezembro de 2016, em Ribeirão Preto/SP.

<sup>68</sup> Algumas comunicações orais que constam no Caderno de resumos e programação do XI CBAS não foram publicadas em função de questões técnicas e por isso não conseguimos ter acesso a elas.

<sup>69</sup> Devemos mencionar que priorizamos o texto das comunicações orais, mas em alguns ENPESS coletamos dados dos artigos advindos dos pôsteres apresentados.

<sup>70</sup> Além destas palavras-chave também pesquisamos em todos os eixos temáticos de todos os eventos analisados os termos marxismo/marxista e modernidade/moderno. Entretanto, em nenhum dos trabalhos onde estes vocábulos apareceram se fez alguma discussão referente ao pós-moderno. O primeiro termo havia sido escolhido porque pensamos encontrar possíveis polêmicas em torno do paradigma marxista versus o pós-moderno ou possíveis discussões acerca da direção social hegemônica da profissão frente às propostas pós-modernas, o avanço das estratégias neoliberais e os limites e/ou possibilidades postos para o PEP, que pudessem não haver sido discutidas nos trabalhos que tomassem o pós-moderno como elemento nuclear. O segundo termo havia sido escolhido por acreditarmos em possíveis reflexões acerca das diferenças entre modernidade e pós-modernidade.

<sup>71</sup> Procuramos estas palavras-chave em todos os eixos temáticos dos eventos.

momento de cada evento. Apesar disso, entre todos estes eventos pesquisados, apenas em um momento, houve ocasião especificamente voltada para a discussão do pensamento pós-moderno. Esta ocasião foi a mesa redonda coordenada por Ribeiro (2014), de onde se produziu o artigo *Influências das premissas pós-modernas nas referências analíticas das lutas sociais*, apresentado no XIV ENPESS.

No XI CBAS foram apresentadas e publicadas apenas três (3) comunicações orais abordando a temática pós-moderna ou da pós-modernidade propriamente ditas, foram: *As novas expressões da pobreza decorrentes das rupturas pós-modernas: um estudo a partir dos chefes de família usuários dos atuais programas sociais*, de autoria de Almeida (2004); *Conservadorismo e pós-modernidade nos embates teórico-metodológico e ideo-político do Serviço Social*<sup>72</sup>, de autoria de Rocha (2004) e *O pensamento pós-moderno e a sociabilidade capitalista contemporânea: elementos críticos para o debate*, de autoria de Sousa (2004).

Com a palavra “neoconservadora” encontramos apenas um (1) trabalho, trazendo reflexões que giravam em torno da emenda constitucional n.41<sup>73</sup>. Por outro lado, o trabalho *Serviço Social: formação profissional, matriz hegemônica e direção social*, de Aranha (2004) não trazia nenhuma das palavras-chave norteadoras, mas nele a autora utilizou uma única vez a palavra pós-modernidade, com o objetivo de mostrar a utilização de autores deste paradigma pelos/as professores/as de Serviço Social pesquisados/as.

Já a temática de feminismo/gênero teve vinte e um (21) artigos<sup>74</sup> apresentados e publicados. Estes trataram dos assuntos mais diversos, como o debate sobre a lesbianidade, a violência, as relações laborais, a garantia de direitos, o fenômeno religioso, o HIV/AIDS, o alcoolismo feminino, etc. Alguns dos autores amplamente utilizados foram, por exemplo, Agnes Heller, Emir Sader, Kosik, E. P. Thompson, Wood, Beauvoir, mas também teóricos rotulados como pós-modernos, como Joan Scott e Judith Butler.

No artigo *Feminismo e saúde: análise crítica das lutas pela saúde integral da mulher no Brasil, do final dos anos 70 ao início dos anos 90*, de Ferreira e Frota (2004), os autores utilizaram Saffioti e Beauvoir, mas também a pós-moderna J. Scott. Apesar disso, em

<sup>72</sup>Infelizmente nos anais do XI CBAS apenas consta a publicação do resumo desta comunicação oral, no lugar do constar o texto completo em forma de artigo científico.

<sup>73</sup>O título do artigo era *A Emenda Constitucional nº 41: uma reforma neoconservadora com regressão dos direitos dos servidores públicos*, de autoria de Odília Sousa de Araújo.

<sup>74</sup>Um deles, *Ethos e ação ético-política das assistentes sociais frente à violência de gênero: uma reflexão ética à luz da ontologia marxista*, de Miriam de Oliveira Inácio (2008) relacionava a questão do gênero à ontologia marxista. Por isso, devemos destacar que em alguns momentos, um mesmo trabalho trazia mais de uma palavra-chave e optamos por categorizá-lo junto à discussão que pensamos ser proeminente. É necessário ressaltar também que escolhemos comentar os trabalhos referentes à temática feminismo/gênero que apresentaram aspectos que consideramos importantes sobre a discussão sobre o pós-moderno por utilizarem autores do campo crítico-dialético ou do campo pós-moderno ou por relacionarem os dois campos teórico-metodológicos.

nenhum momento os autores afirmaram que há uma complementação entre as teorias destas teóricas, sim as utilizaram juntas para esclarecer sobre as relações entre o “novo feminismo” e o controle sobre o corpo feminino. Em *A desconstrução da invenção do termo homossexualismo e do seu significado a partir de uma visão construtivista e de gênero*, de Nascimento (2004), observamos o uso dos autores considerados pós-modernos, Elisabeth Badinter e Michel Foucault na explanação sobre a homossexualidade, a heteressexualidade e a sexualidade como construção social.

Em *Cidadania e equidade de gênero – políticas públicas para mulheres excluídas dos direitos mínimos*, de autoria de Lisboa (2004), a utilização de Saffioti e Scott lado a lado nos fez pensar nas diferentes concepções de pensamento das teóricas. Lisboa (2004) afirmou, conforme Saffioti, o papel do Estado na construção das políticas para as mulheres, ao mesmo tempo em que determinou que sua compreensão de gênero advinha do conceito de Scott:

Segundo Saffioti (1994), até o presente, as mulheres têm sido mantidas afastadas das políticas dos direitos humanos. Mais do que isso, o Estado tem ratificado um ordenamento social de gênero através de um conjunto de leis que se pretendem objetivas e neutras, porque partem da errônea premissa de que a desigualdade de fato entre homens e mulheres não existe na sociedade. Entende-se o gênero de acordo com a concepção de Scott (1995), ou seja, como um “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, apresentando-se também como “uma forma primordial de dar significado às relações de poder” (LISBOA, 2004, p. 2).

Em *Gênero e Serviço Social: reflexões epistemológicas*, Gurgel (2004) expressou haver uma complementação entre autoras marxistas e pós-modernas. Asseverou: “Na perspectiva desconstrucionista e de deslocamento das relações hierárquicas de gênero, destaco Butler (1998) que, analisando as noções de sexo/gênero na história, aproximando-se de Beauvoir, desenvolve a idéia de gênero como uma categoria performativa” (GURGEL, 2004, p. 2).

Por outro lado, o artigo *Ethos e ação ético-política das assistentes sociais frente à violência de gênero: uma reflexão ética à luz da ontologia marxista*, Inácio (2004) propôs uma análise marxista do ethos e da ação ético-política profissional do Serviço Social diante da violência de gênero e o se fez por meio do recurso à Mézaros, Barroco, Agnes Heller, Saffioti e Luckács. Em *Violências contra mulheres e esfera familiar: uma questão de gênero?*, também de Inácio (2004), houve o uso de diversos autores, como Hannah Arendt, Marilena Chauí, Saffioti, Mézaros, Scott, Michel Foucault, Luckács, Marx e Engels, todavia a autora, no final de seu trabalho demarcou sua posição teórica ao evidenciar a necessidade de compreensão do fenômeno da violência de gênero e familiar pela perspectiva da totalidade:

[...] Quando Scott prioriza a dimensão discursiva da linguagem enquanto um sistema de significação, a ênfase na construção simbólico-social de gênero recai no idealismo conceitual, negador de uma perspectiva crítica e de totalidade de análise das relações sociais. As significações atribuídas pelos indivíduos e as realidades discursivas da consciência são produtos da existência, como nos ensina Marx e Engels. A linguagem não é apenas instituinte, é também instituída pelo conjunto da totalidade do ordenamento social (SAFFIOTI, 1999 *apud* INÁCIO, 2004, p. 4).

No XIII CBAS foram apresentados dois (2) artigos com o vocábulo “neoconservadorismo” e nenhum com as palavras pós-moderno/pós-modernidade/pós-modernismo. O trabalho *O Serviço Social no século XXI: a direção social marxista e a polêmica teórica contemporânea*, de Pereira (2010) não trouxe em seu título nenhuma referência ao pós-moderno, porém esta era uma de suas palavras-chave e, além disso, o trabalho trouxe o subtópico “*Crítica à pós-modernidade, ao pluralismo metodológico e os rebatimentos dessas ideias no Serviço Social*”. Dos dois trabalhos que apresentaram a palavra neoconservadorismo, um deles<sup>75</sup> revelou uma análise aprofundada da articulação possível entre este e o Serviço Social: *Expressões (neo)conservadoras e Serviço Social: uma análise crítica sobre as polêmicas*, de autoria de Carvalho (2010).

Neste CBAS trinta e duas (32) comunicações orais abordando o feminismo ou o gênero foram apresentadas e publicadas. Em *Uma leitura crítica sobre a história do Serviço Social no Brasil: aportes para uma estratégia feminista*, de Lisboa, ocorreu uma utilização aprofundada de autores pós-modernos. A autora usou das contribuições de Scott, Bourdieu, Butler e Foucault para analisar a construção do conhecimento do Serviço Social no campo do feminismo como fortalecedora de um estatuto acadêmico de reforço à desigualdade de gênero e à legitimação da dominação masculina, pelo fato de que o Serviço Social permaneceria distante das lutas feministas no Brasil (LISBOA, 2010, p. 1).

Em *Violência de gênero e Serviço Social: a violência como demanda de intervenção, gênero e Serviço Social num diálogo em construção*, de Gomes (2010), é interessante observar que para caracterizar gênero, femicídio e violência, a autora agrupou os conceitos que entendeu serem relevantes, selecionando as teses das pós-modernas Scott e Butler e do marxista Rubin:

---

<sup>75</sup> O outro trabalho se chamava *Neoconservadorismo, desresponsabilização do Estado e culpabilização dos trabalhadores no Brasil: implicações para a Política de Assistência Social e para o Serviço Social*, de Almeida (2010), abordando a ascensão do neoconservadorismo norte-americano, no contexto das disputas econômicas e da crise de acumulação do capital.

A contribuição de Scott é indiscutível quando afirma que gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (1990, p.14) [...]. A proposta de Rubin (1986) de utilizar o conceito de sistema de sexo gênero para entender a base da opressão sofrida pelas mulheres, na qual a sexualidade é transformada em produto também é enunciativa, especialmente para os contemporâneos estudos sobre corpo e corporalidades que vão além da compreensão de um sujeito fixo e subordinado. Finalmente, Butler (2008) ao utilizar as noções de ‘inteligibilidade cultural de gênero’ e ‘performance’ possibilita superar a noção rígida e normativa do gênero, ao mesmo tempo em que não o recusa para entender a construção social das diferenças, mas o amplia, ao pensá-lo como performático, constituído como um jogo de práticas ou interpretações (GOMES, 2010, p.5, grifos da autora).

No trabalho de Barros (2013), intitulado *A dimensão das relações de gênero e o enfrentamento da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes*, observamos em alguns momentos a mescla entre posições de teóricos marxistas e pós-modernos para definir a percepção da autora, como no seguinte trecho:

Ao se basear em autoras como Souza Lobo (1991), Gayle Rubin (1993), Barbieri (1992), Saffioti (2004), Louro (2004) e Scott (1990; 2002), observa-se a categoria gênero fundada em importantes aspectos que, sem dúvidas, proporcionaram a escolha de sua utilização como ferramenta analítica nesta pesquisa. Dentre os mais importantes, podem se mencionar os seguintes: a rejeição ao determinismo biológico e a insistência no caráter histórico e social das distinções construídas entre os sexos; o aspecto relacional, não se podendo investir em um estudo sobre as mulheres sem considerar os homens; e a significância que possuem as relações de poder nas circunstâncias de qualquer análise a ser feita sobre as relações de gênero (BARROS, 2013, p. 5).

Bourdieu, Foucault e Helena Hirata apareceram em discussões mais superficiais sobre a criminalidade das mulheres e sua relação com as políticas públicas no trabalho, *Da beira do fogão às grades da prisão: uma análise da criminalidade feminina na região metropolitana de Cuiabá*, de Gomes e Bertoline (2010). Por outro lado, uma destas autoras, Helena Hirata, assim como outros pós-modernos apareceram como proposta de leitura das atividades do Grupo de Estudos “*Sexualidade, Corporalidades e Direitos*” integrante do Projeto de Extensão “*Políticas de Enfrentamento ao Heterossexismo*” realizado no Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins, divulgado por meio do artigo *Possibilidades da inserção de “gênero e sexualidade” como tema: uma experiência do Curso de Serviço Social na formação universitária*, de Froemming (2010). A autora afirmou:

Com a frequência de discentes dos cursos de Serviço Social e Pedagogia, a iniciativa das leituras de textos de autoras/es como: Guacira Lopes Louro, Didier Eribon, Joan Scott e Jeffrey Weeks, bem como suas bases conceituais pautadas nas contribuições de Gayle Rubin, Judith Butler e Michel Foucault, visa contribuir também para que seja compreendida que as formas de gestão da vida são cada vez menos

democráticas com as imposições das hierarquias sexuais e de gênero (FROEMING, 2010, p. 6).

Quanto ao XIV CBAS, o número de trabalhos abordando o pensamento pós-moderno seguiu o mesmo caminho escasso: apenas dois (2). Foram eles: *Os rebatimentos na formação profissional da(o) assistente social com o advento da pós-modernidade*, de Carvalho e Silva (2013) e *Digressões sobre Serviço Social e pós-modernidade*, de Guimarães et al. (2013).

Neste mesmo CBAS, outros trabalhos<sup>76</sup> com as palavras-chave selecionadas foram publicados, porém não trataram do pós-moderno. Com as palavras conservadorismo/(neo)conservadorismo foram apresentados sete (7) trabalhos. Advertimos que nos que abordaram a questão do conservadorismo ou do (neo)conservadorismo, o pensamento pós-moderno não foi associado à expressão cultural neoconservadora, como ocorreu em outros artigos, os quais apontavam uma relação intrínseca entre o (neo)conservadorismo e os influxos do pensamento pós-moderno no Serviço Social.

No que tange ao eixo feminismo/gênero, trinta e sete (37) comunicações orais foram apresentadas, discutindo diversas temáticas, como a sobrecarga de trabalho feminina, a violência na família, a monoparentalidade feminina, os movimentos feministas, etc. Em *Desafios da atuação profissional no atendimento de mulheres em situação de violência de gênero*, de Silva e Silva (2013), vimos o uso de Saffioti e Scott para falar do conceito de gênero e desigualdade na primeira e gênero na segunda. As autoras asseguraram:

[...] Joan Scott, historiadora e militante feminista da década de 70, aborda o conceito de gênero não somente como construção social que define o masculino e feminino [...]. Scott apresenta a versão histórica das relações políticas entre homens e mulheres, articulando poder e gênero. [...] Assim a condição biológica teria sido o referencial primário que, historicamente, determinaria a distribuição de poderes diferenciados entre homens e mulheres. Em Heleieth Saffioti (1999) encontramos elementos que subsidiam a discussão e o debate sobre gênero e desigualdade. [...] Entender que nas relações de gênero estabelecidas entre homens e mulheres

---

<sup>76</sup>Os trabalhos foram: *Neoconservadorismo: a terceira via e o terceiro setor*, de Camila Ferreira; *A inversão dos valores conservadores pelo ethos da mobilidade no Serviço Social*, de Leonildo Machado; *As configurações da ética profissional do Serviço Social tradicional e a influência do conservadorismo*, de Débora Santos; *O conservadorismo como fundamento da intervenção do Estado no enfrentamento da questão social e os rebatimentos para o Serviço Social*, de Débora Santos; *A prática da assistência social e o conservadorismo na cena contemporânea*, de Amanda Eufrásio; *Da ruptura ao debate contemporâneo do Serviço Social: revisitando a influência do marxismo*, de Maria Leite, Maria do Socorro Lisboa, Aglaiane de Oliveira, Polirraima Alencar, Alidiane Ribeiro, Joísa André, Maria da Penha Karimã e Mauricelia da Silva; *A pesquisa marxista no marco da contrarreforma da educação superior brasileira*, de autoria de Fillipe Perantoni; *A decadência ideológica burguesa e o método marxista: um debate necessário para o Serviço Social*, de Ricardo da Silva; *Neoconservadorismo e saúde da família: reconhecendo as contradições dos instrumentais e abordagens na prática assistencial*, de Eliane Guimarães; *Serviço Social e educação: da tentativa de ruptura com o conservadorismo à crise do capital e neodesenvolvimentismo*, de Francisca Lima e Mailiz Lusa.

encontram-se também as relações de desigualdade e poder é de suma relevância para o debate e a discussão da violência de gênero, uma vez, que esta expressão da violência ocorre pelo fato da “vítima” ser mulher. (SILVA; SILVA, 2013, p. 2, grifos das autoras).

Em *As determinações capitalistas nas relações sociais de gênero*, de Oliveira (2013), houve o uso de autores rotulados como marxistas e de autores rotulados como pós-modernos lado a lado. A autora utilizou Marx, Saffioti, Engels e Mészáros, mas também Hirata para explicar a relação entre divisão sexual do trabalho e gênero. Para Oliveira (2013), devemos considerar as diversas dimensões que interferem na divisão sexual do trabalho com a crise do capital. Estas dimensões incluem as particularidades do trabalho da mulher em comparação com o do homem, ou seja, não podemos apenas considerar a divisão sexual do trabalho por si mesma, precisamos relacioná-la à condição peculiar da mulher nesta divisão.

Mesmo não podendo reafirmar que o fundamento da divisão sexual do trabalho seja a propriedade privada (ENGELS, 2010; REED, 2008), sob pena de não considerar outras dimensões desta divisão, para além da econômica, evidências e sua relação com o modo de produção, principalmente em se tratando do aumento da desigualdade entre homens e mulheres das sociedades coletivas primitivas até aqui. [...]. Está posto um elevado grau de complexidade da divisão sexual do trabalho convidando-nos a compreendê-la não só como uma questão de desigualdade entre homens e mulheres, mas como uma questão que apresenta seus fundamentos na própria forma de constituição do ser homem e do ser mulher, e ainda, do significado do trabalho na sociedade contemporânea (HIRATA e KERGOAT, 2007). No contexto de crise do capital, surgem novos elementos que interferem na dinâmica da divisão sexual do trabalho ao mesmo tempo em que sofrem interferência desta. Conforme Hirata (2009, p. 8688) três elementos merecem destaque no cenário da mundialização contemporânea, embora em um trecho longo, é importante atentar para as particularidades dos trabalhos realizados de modo prevalecte pelas mulheres no capitalismo (OLIVEIRA, 2013, p.3).

No XV CBAS, a partir das palavras-chave previamente selecionadas, encontramos três (3) trabalhos abordando a temática da pós-modernidade, *As transformações em curso e as inflexões para produção do conhecimento no Serviço Social: uma análise a partir do legado da modernidade às inflexões da pós-modernidade*, de Lima et al. (2016); *O ideário pós-moderno e sua superficialidade analítica*, de Fonseca (2016); e *Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro: elementos para uma análise crítica*, de Alves e Beserra (2016). Além destes, encontramos o trabalho *Pensamento conservador, teoria social e Serviço Social: elementos para debate*, de Oliveira (2016), discutindo o pós-moderno, apesar de não trazer nenhuma das palavras-chave selecionadas.

No que diz respeito à temática de feminismo/gênero, cinquenta (50) trabalhos foram apresentados. Estes abordaram diferentes temáticas, como as relações entre o debate étnico-racial e a questão de gênero, os reflexos das relações de gênero em situações de

violência contra a mulher, a formação em Serviço Social e a necessidade do debate de gênero e da diversidade. Alguns dos autores utilizados foram Gertz, Saffioti e Butler. No artigo *Butler, performance de gênero e as potencialidades do fazer drag como agência subversiva*, de Bezerra (2016), o autor deixou clara sua opção por utilizar os estudos de Foucault e Butler, a fim de esclarecer as particularidades da performatividade. Ele apontou que Butler “concebe o gênero como um constructo performativo dentro de um quadro regulatório altamente rígido” (BEZERRA, 2016, p. 6) e que “a drag é uma forma de subverter o gênero” (*Ibid.*, p. 8).

Por outro lado, no trabalho *Igualdade x diferença: a influência dos estereótipos de gênero na construção do ser homem e do ser mulher na sociedade brasileira*, Silveira et al. (2016) apresentaram as categorias dos autores com as quais pretendiam trabalhar, enfocando cada aspecto que consideraram pertinente neles.

Para Scott (1995), o gênero exerce uma grande influência na estruturação da vida social e dos sistemas simbólicos. [...] Saffioti (2004) assinala que o termo gênero não pressupõe necessariamente uma hierarquia entre homens e mulheres. [...]. Consideramos pertinente a sugestão de Saffioti (2004) sobre o uso simultâneo dos conceitos de gênero e patriarcado. [...] Para Bourdieu (2002), o processo de socialização que objetiva tornar as mulheres resignadas, submissas e passivas, também aprisiona os homens. (SILVEIRA et al., 2016, p. 2-7).

Apenas as considerações finais do texto revelaram a posição teórica das autoras: “Concordamos com Bourdieu em sua ênfase na necessidade de uma mudança estrutural e ideológica para a eliminação da dominação masculina” (*Ibid.*, p. 11). Diferentemente destas, Alves (2016) demarcou no seu trabalho intitulado de *Patriarcado, capitalismo e assédio moral: a desigualdade de gênero contra as mulheres no mercado do trabalho*, a relação entre o capitalismo e o patriarcado, a partir de autores que seguem a linha crítico-dialética, quais sejam, Saffioti e Mészáros.

Em *Reflexões sobre o trabalho: espaço e relações a partir da categoria “gênero”*, Passos (2016) apresenta o conceito de dominação simbólica de Bourdieu e depois enfatiza que a divisão sexual marca a história dos homens e das mulheres, sendo a crença de que homens e mulheres estão aptos para diferentes tipos de trabalho, a originadora da divisão sexual do trabalho. Esta divisão, para a autora, é marcada pelas diferenças das sociedades e do momento histórico, sendo que o que determina sua similaridade é a desvalorização do trabalho feminino, pois esta divisão tem em comum “[...] o fato de que o trabalho das mulheres, e aqui vamos nos deter na formação social capitalista, não ser tido apenas como diferente, mas como um trabalho que não recebe a mesma valorização e consequente remuneração atribuída ao trabalho masculino” (PASSOS, 2016, p. 3). Após demarcar que irá

se deter na formação social capitalista, a autora traz explicações de Marx, em *O Capital*, com a finalidade de mostrar que no momento da industrialização, “o olhar sobre as mulheres é o olhar sobre seres indefesos e incapazes, dos quais o capitalista se aproveita para diminuir os salários dos homens adultos, roubar-lhes o trabalho e aumentar os lucros” (PASSOS, *loc. cit.*).

No que tange aos ENPESS, o XI ENPESS trouxe apenas um (1) trabalho tendo o pós-moderno como elemento nuclear, *Modernidade, pós-modernidade e Serviço Social: a influência conservadora reatualizada*, sendo de autoria de Soares, Sitcovsky e Santos (2008). O pôster publicado sob o título de *Os desafios do Serviço Social diante da conjuntura atual para a efetivação do projeto ético-político*, de Moura *et al.* (2008) não continha nenhuma das palavras-chave selecionadas, mas ao lermos seu texto encontramos considerações sobre o pós-moderno no subtópico *Os desafios da atual conjuntura*. Neste ENPESS, tivemos três (3) trabalhos abordando o conservadorismo/neoconservadorismo: o pós-moderno foi citado em um deles e em outro apareceu nas “entrelinhas”<sup>77</sup>, quais sejam, *Serviço Social e neoconservadorismo: influências na prática profissional e implicações para o projeto ético político profissional*, de Alves (2008) e *O pensamento conservador no Serviço Social: influência e aproximações*, de Miranda *et al.* (2008), respectivamente.

Os artigos abordando feminismo/gênero somaram trinta e nove (39) composições. Nestas foram destacadas as relações com a aposentadoria, a homossexualidade, a etnia, as políticas públicas, o controle do corpo feminino, o caráter ideológico das relações sociais de gênero, entre outros aspectos. Em *As relações de gênero nos assentamentos do MST em Goiás*, de Serria (2008), reuniram-se Scott, Bourdieu, Saffioti e Giddens para falar das relações de gênero. A autora enfatizou a visão de Saffioti sobre o patriarcado na relação de submissão das mulheres aos homens (SERRIA, 2008, p. 4), mas também “o poder simbólico do patriarcado no qual o homem ainda exerce o papel do provedor, e se torna assim o responsável pela família” (*Ibid.*, p. 5), categoria desenvolvida por Bourdieu. Do mesmo modo, “o desenvolvimento das reflexidades sobre o social” (*Ibid.*, p. 6), de Giddens.

Por outro lado, o trabalho *Gênero: categoria histórica na análise da violência contra as mulheres?*, de Inácio (2008), defendeu a perspectiva feminista socialista como propulsora da emancipação das mulheres, trazendo uma bibliografia diversa, que incluiu Scott

---

<sup>77</sup> O outro trabalho com o termo “conservador” foi o pôster intitulado: *O Serviço Social na Itália: uma trajetória de reificação das práticas conservadoras*, de Edneia Oliveira, que discutiu sobre o Serviço Social no contexto italiano. Este trabalho não fez apreensões sobre o pós-moderno, mas sim sobre as práticas conservadoras no Serviço Social italiano e a escassa produção científica e acadêmica dos profissionais de Serviço Social deste país.

e Saffioti, mas deixou clara sua preocupação em demarcar a diferença de percepção entre as duas teóricas, como vemos no trecho que segue:

[...] Todavia, quando Scott (1990) prioriza na sua análise a dimensão discursiva da linguagem enquanto um sistema de significação, sob a máxima “sem o sentido não há experiência...” (SCOTT, 1990, p.1112), a ênfase na construção simbólica de gênero recai no idealismo conceitual, afastando-a de uma perspectiva crítica e de totalidade na análise das relações de gênero. As significações atribuídas pelos indivíduos são produtos da existência, como diz Marx e Engels. A linguagem não é apenas instituinte, é também instituída pelo conjunto da totalidade do ordenamento social (SAFFIOTI, 1999) (INÁCIO, 2008, p. 5, grifos da autora).

No trabalho *Marcas e contradições na aposentadoria precoce: uma análise de gênero*, as autoras Vieira e Silva (2008) também enfatizaram o ponto de vista teórico de onde partiram para a produção de seu trabalho. Afirmaram: “[...] a categoria gênero enquanto uma construção social perpassa toda a reflexão aqui elaborada [...]. Neste sentido dialogamos com Scott (1990), Bourdieu (1999) e Aguiar (2000)” (VIEIRA; SILVA, 2008, p. 3). Do mesmo modo, no artigo *Controle do corpo feminino, a criminalização do aborto e a desigualdade de gênero no Brasil*, Emmerick (2008) utilizou Wacquant, Bauman e Foucault, autores considerados como não pertencentes à linha da teoria crítico-dialética. Apesar de trazer expressamente apenas citações de Foucault, o autor esclareceu, baseando-se neste último, sua compreensão de que: “as formas de poder/biopoder utilizadas na sociedade moderna e contemporânea intensificaram a atenção à questão do controle do corpo e da sexualidade da mulher através de mecanismos disciplinares, e regulamentadores” (EMMERICK, 2008, p. 2).

Nos XII ENPESS nenhum trabalho buscado a partir das palavras-chave apresentou o pensamento pós-moderno como eixo principal. No entanto, dois (2) dos cinco<sup>78</sup> (5) artigos que abordaram o conservadorismo/neoconservadorismo citaram o pós-moderno em seus textos. Foram eles: *Expressões (neo)conservadoras e Serviço Social: uma análise crítica sobre o debate do empoderamento*, de Carvalho (2010) e *Neoconservadorismo, Serviço Social e Assistência Social: apontamentos de uma investigação em curso*, de Jácome (2010).

---

<sup>78</sup>Os outros trabalhos foram: *Serviço Social, política de assistência social e Programa Bolsa Família – novas possibilidades ou perpetuação do conservadorismo?*, de Sheila da Silva, que questionou a necessidade de uma perspectiva crítica nos CRAS de Duque de Caxias, em decorrência das demandas de atendimento, cadastro e acompanhamento de usuários no Programa Bolsa Família, postas para os assistentes sociais; *O orçamento participativo no município de Vila Velha (ES): perpetuação do conservadorismo no exercício da democracia*, de Mônica Ferri, que tratou do conservadorismo da cultura política brasileira que perpassou a disputa dos diferentes projetos políticos no orçamento participativo de Vila Velha (ES) entre 1984 e 2008; *A centralidade da família na política: os riscos do conservadorismo reeditado na atenção sócioassistencial*, de Maisa da Silva e Nemy da Silva, que afirmou que o conservadorismo aparece nas condicionalidades postas para o acesso aos direitos sociais no país, supondo que a centralidade na família para o acesso a estes direitos repõe o familismo.

Encontramos cinquenta e sete (57) trabalhos abordando o eixo feminismo/gênero. Nestes se expuseram as relações entre gênero e trabalho, os quilombos, o marianismo, a mariscagem e a pesca, as questões socioambientais, o papel da mulher nas políticas públicas, entre outros aspectos. Em *Reflexões sobre as categorias gênero e sexualidade: uma perspectiva estrutural*, Souza Júnior (2010) esclareceu que sua abordagem partiu do ponto de vista marxista, pois “ao analisá-las [as categorias de gênero e sexualidade] historicamente e socialmente compreendemos que essas categorias têm total influência sobre a socialização e sociabilidade dos sujeitos dentro do processo de produção da vida social” (SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 2). Entretanto, complementou a visão de Foucault à de Marx em alguns momentos, como podemos visualizar no excerto seguinte:

Como citado por Foucault, o saber, o poder e a ação não são individuais em sua genealogia, antes passam por relações socialmente empregadas e entrecruzadas em uma vivência coletiva nessas diversas instituições sociais como a escola, a família, a igreja, a política, a justiça etc., onde os indivíduos estabelecem relações sociais. Para elucidar melhor tal análise, nos remetemos ao papel das instituições sociais na criação de ordenamentos sociais, referenciadas em suas formulações históricas de modelos de comportamentos, como argumenta Foucault [...]. E nessa relação está impregnada uma correlação que diz respeito à determinações das condições dos outros, e de si, nas relações sociais entre os sujeitos e de como essas determinações se relacionam nas condições materiais, dialéticas e históricas de existência (MARX, 1844). Na concepção marxista de História, esta não pode ser descolada da materialidade da vida humana: está intrinsecamente baseada em seu processo real de produção/reprodução imediato. (*Ibid.*, p.7-8).

Neste ENPESS, o artigo *Trabalho e gênero em tempos de precarização: um estudo sobre as trabalhadoras da confecção de Divinópolis-MG*, de Guiraldelli (2010), trouxe o uso de Cristina Bruschini, Helena Hirata e Saffioti. O autor fez as duas primeiras autoras dialogarem no desenvolvimento da ideia de dificuldade de inserção no mercado de trabalho em condições igualitárias para a mulher, enquanto abordou a terceira autora para as conceituações acerca da contextualização da presença feminina no mercado de trabalho. Foucault, Geertz, Hirata e Michelle Perrot apareceram nas referências do artigo *Titularidade feminina na política habitacional de Fortaleza: uma análise de seu desdobramento*, de Rocha (2010). Neste trabalho, excetuando-se Foucault, os outros autores não foram trabalhados com profundidade.

No XIV ENPESS (2014), cinco (5) artigos foram publicados tendo pós-moderno/pós-modernidade/pós-modernismo em seus títulos. Em *Análise da influência pós-moderna no Serviço Social brasileiro*, de Alves (2014) e *Tendências pós-modernas em pesquisas do Serviço Social: uma análise das apresentações orais do ENPESS 2010*, de

Aguiar (2014), fez-se uma associação entre pós-modernidade e (neo)conservadorismo profissional abertamente.

Já o artigo *Influências das premissas pós-modernas nas referências analíticas das lutas sociais*, de Ribeiro (2014), abordou a influência do pós-modernismo nas reflexões teóricas das lutas sociais, enfatizando os “novos movimentos sociais” como expressões das contradições sociais típicas do capitalismo. Em *Os rebatimentos da pós-modernidade na discussão de gênero: uma análise sócio-histórica*, Costa (2014) enfatizou a influência do pensamento pós-moderno nos estudos de gênero, afirmando que a pós-modernidade serve como um elemento para a legitimação do capitalismo atual. Em *Pós-modernidade, políticas sociais e o Serviço Social em debate*, de Bento *et al.* (2014) considerou que há uma tendência à incorporação do pós-moderno no conteúdo das políticas sociais, já que hoje seu foco é o enfrentamento da pobreza, ou melhor, da pobreza dos mais pobres entre os pobres, gerando impactos para a atuação do/a assistente social na habitação e na assistência social.

Os artigos onde apareceram os termos conservador/neoconservador somaram oito (8) trabalhos<sup>79</sup>. Entre eles, dois (2) versaram sobre o pós-moderno superficialmente: *A reatualização do conservadorismo e as práticas “psi” no Serviço Social brasileiro: suas novas roupagens e ressignificações*, de Santos (2014), tinha inclusive “neoconservadorismo” como uma de suas palavras-chave; e *Projeto ético-político do Serviço Social brasileiro e neoconservadorismo*, de Santos e Oliveira (2014), que trouxe em suas *Considerações finais* uma reflexão acerca do pensamento pós-moderno.

Os trabalhos abordando feminismo/gênero totalizaram vinte e sete (27). As discussões giraram em torno da sexualidade, do assédio moral, da aposentadoria feminina, da homossexualidade, da escolarização, entre outros. Chamaram nossa atenção dois destes trabalhos: *Reflexões acerca da diversidade sexual e de gênero: os desafios e limites na formação dos profissionais do Serviço Social*, de Cassemiro (2014) e *Feminismo, gênero e geração: refletindo sobre a construção social da sexualidade*, de Silva e Melo (2014). No primeiro, a autora afirmou que: “Nas palavras de Joan Scott (1990), encontramos uma primeira discussão da importância do gênero que servirá de base a este trabalho” (CASSEMIRO, 2014, p. 4), mas em seguida asseverou a importância da autora considerada

<sup>79</sup>Os outros trabalhos foram: *Conservadorismo e Serviço Social brasileiro: um estudo sobre os modos de ser conservador na profissão*, de Amanda Eufrásio; *Ditadura e Serviço Social no Brasil: contribuições para prosseguir rompendo com o conservadorismo na profissão*, de Raiane Assumpção e Juliana Carrapeiro; *A ruptura teórico-crítica do Serviço Social com o conservadorismo: suas principais conquistas*, de Érika Martins; *O redirecionamento das lutas sociais erodidas pelo viés conservador/alienante da defesa dos direitos sociais*, de Juliana da Silva; *A política de educação superior: entre a inovação e conservadorismo do projeto neoliberal*, de Ana Oliveira, Yoshiko Sasaki e Jeane Freire; e *Neoconservadorismo, religião e Serviço Social: a percepção dos estudantes no processo de formação profissional*, de Paulo Pinheiro.

marxista Saffioti: “Saffioti também teve uma importante contribuição neste campo, quando afirma que a relação de gênero estrutura as relações homem/mulher, mulher/mulher, homem/homem e homossexuais” (ibidem, p. 60). No segundo, as autoras usaram Butler, Scott, Beauvoir, Rubin e Foucault, autores considerados marxistas e autores considerados pós-modernos, mas demarcaram quais deles embasaram a percepção de gênero adotada.

Nos escritos sobre a definição do conceito de gênero, reconhecemos a importância da formulação dos estudos de Gayle Rubin, em seu ensaio “O tráfico de mulheres: Notas sobre a economia política do sexo”. No entanto, Rubin quando escreve o sistema sexo/gênero utiliza a perspectiva estruturalista, nesta elaboração partiremos da exposição sobre a definição do conceito de gênero, a partir das idéias difundidas por Scott e Butler, ambas pós-estruturalistas (SILVA; MELO, 2014, p. 5).

No XV ENPESS, encontramos dois (2) trabalhos a partir da palavra-chave pós-moderno, *Serviço Social e a categoria cotidiano: notas para a crítica ao pensamento pós-moderno*, de Sousa, Sousa e Soares (2016) e *Pesquisa e produção do conhecimento no Serviço Social nos anos 1990: um estudo à luz da modernidade à emergência da pós-modernidade*, de Silva e Ferreira (2016). A partir da palavra-chave conservadorismo e neoconservador identificamos sete (7) trabalhos. Entre eles, três (3) nos chamaram atenção por vincularem ou pelo menos citarem a existência de uma articulação entre o pós-moderno e as tendências (neo)conservadoras no Serviço Social, foram eles: *Desafios do projeto ético-político do Serviço Social frente ao neoconservadorismo*, de Diniz et al. (2016); *A reprodução do conservadorismo no Serviço Social e os limites para a consolidação do marxismo*, de Santos, Rocha e Pinho (2016); e *Serviço Social e “questão social”: rebatimentos do (neo)conservadorismo*, de Jácome et al. (2016).

Quanto ao eixo feminismo/gênero, encontramos trinta e nove (39) trabalhos. Dentre eles, chamou-nos atenção, *Formação para igualdade gênero: reflexões a partir da experiência do Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra a Mulher Elma Novaes da Faculdade Ascis em Caruaru-PE*, de Amorim et al. (2016). Neste, os autores enfocaram as posições de Scott e de Saffioti sobre o que é gênero, com a finalidade de apontar as várias caracterizações para esta categoria, permitindo ao leitor optar sobre qual posição teórica acredita: se o gênero como uma relação de poder conforme defendida por Scott ou se o gênero como uma relação de dominação-exploração baseada na primazia do masculino conforme o pensamento de Saffioti. Vejamos:

Para Scott “[...] gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações

de poder” (SCOTT, 1989, p. 22). Por sua vez, Saffioti (2004, p. 138-139) salienta: Gênero é um conceito por demais palatável, porque é exclusivamente geral, a-histórico, apolítico e pretensamente neutro. Exatamente em função de sua generalidade excessiva, apresenta grande grau de extensão, mas baixo nível de compreensão. O patriarcado ou ordem patriarcal de gênero, ao contrário, como vem explícito em seu nome, só se aplica a uma fase histórica, não tendo a pretensão da generalidade nem da neutralidade, e deixando propositadamente explícito o vetor da dominação-exploração. Perde-se em extensão, porém se ganha em compreensão. Entra-se, assim, no reino da História. Trata-se, pois, da falocracia, do androcentrismo, da primazia masculina. É, por conseguinte, um conceito de ordem política (AMORIM, *et al.*, 2016, p. 6-7).

Na análise dos artigos publicados nos anais dos eventos em apreço, é necessário apontar que visualizamos algumas tendências. Quanto aos artigos tratando do eixo feminismo/gênero, percebemos tanto a utilização de autores considerados pós-modernos, quanto a utilização de autores considerados marxistas. Em alguns dos trabalhos, utilizaram-se autores das duas linhas de pensamento ao mesmo tempo, mas nem sempre ocorreu a menção à existência de complementariedade entre as duas linhas: às vezes, avisou-se o leitor sobre a diferença de perspectiva teórica da literatura utilizada; às vezes omitiu-se qualquer diferenciação; e outras vezes, apresentou-se uma enumeração das ideias dos autores considerados marxistas e considerados pós-modernos como complementares ou necessárias para uma visão geral do estado da arte sobre o gênero ou sobre aspectos do feminismo. Sobre os trabalhos referentes ao Serviço Social e o pós-moderno, alguns, nas análises sobre a contemporaneidade, sequer citaram a existência das discussões sobre o pós-moderno, enquanto outros, afirmaram existir relação entre o conservadorismo atual na profissão e o pensamento pós-moderno, que lhe justificaria e funcionaria como ideologia do capitalismo neoliberal exploratório.

Devemos pensar, por isso, com que profundidade estudamos tanto as matrizes teóricas inicialmente utilizadas pelo Serviço Social, isto é, neotomismo, positivismo, funcionalismo e fenomenologia, quanto com que profundidade e a partir de que autores nos debruçamos sobre os fundamentos da pós-modernidade e de sua expressão intelectual por meio de um pensamento correspondente. Dizemos isso, porque é fundamental que os membros inseridos na academia se sintam à vontade para conhecerem e se apropriarem das leituras que lhes pareçam convenientes, recordando-se é claro, no caso do Serviço Social, do nosso compromisso como categoria profissional com o projeto societário da classe trabalhadora, vinculado às teses elaboradas por Marx.

Logo, a forma como as matrizes teóricas supramencionadas e como o pós-moderno vem sendo transmitidos aos alunos e à categoria profissional por meio de pesquisas científicas precisam estar livres de preconceitos e juízos particulares, a fim de evitarmos

posicionamentos que distorçam os conteúdos das teorias e metodologias que carregam cada corrente científica. Heller (1985), inclusive, asseverou que o real cientista deve se manter livre de preconceitos, pois “[...] a ciência e a arte do efetivo sucesso, ou seja, tudo aquilo que for duradouro e promover a causa da humanidade, está isento de preconceitos, pelo menos sob aquele aspecto no qual é uma vitória artística ou científica” (HELLER, 1985, p. 51).

A respeito da recepção ou da “aceitação” de autores rotulados como pós-modernos ou que não seguem o paradigma marxista nos estudos de gênero e feminismo, notamos uma persistência no uso de Joan Scott, Judith Butler, Foucault, Bourdieu e Helena Hirata. Ressaltamos, entretanto, que em alguns momentos estes autores foram usados juntamente aos marxistas, demonstrando análises ecléticas das proposições dos autores dos artigos e em outros momentos exercendo a pluralidade, devido à demarcação das diferenças teóricas e a exposição da não complementariedade entre as ideias marxistas e pós-modernas ou pós-estruturalistas.

Esta evidência – a de que nos estudos sobre feminismo/gênero, alguns autores pós-modernos têm sido utilizados com frequência – e a de que os trabalhos que abordaram o pós-moderno apresentados nos CBAS e ENPESS de que tratamos, consideravam-no prioritariamente vinculado à reatualização do conservadorismo na profissão, ao “prejuízo” para a materialização do PEP, às práticas terapêuticas, ao Serviço Social de Caso Clínico, aos comportamentos pessimistas quanto às possibilidades de articulação nos campos institucionais, que reelaboram as ações anteriores de filantropia, assistencialismo e caridade, denotam que ao mesmo tempo em que há pesquisadores do Serviço Social utilizando e acreditando nos posicionamentos teóricos de autores pós-modernos, há os que sinalizam para os prejuízos teóricos, éticos, políticos, metodológicos, técnicos e operativos da aproximação ou do avanço dos teóricos pós-modernos nos estudos de Serviço Social.

Como apontado no subtópico anterior, a pesquisa de Cantalice (2013, p. 147) esclareceu que nos cursos de pós-graduação do país a influência do pensamento pós-moderno nas teses defendidas nos programas de pós-graduação se deu precipuamente entre os anos de 2001 e 2006. A mesma autora defendeu que foi justamente nos primeiros cinco anos do século XXI, ou seja, dos anos 2001 a 2006, que as “incorporações e influências dessa produção pós-moderna no âmbito das teses elaboradas no conjunto de Programas de Pós-graduação no país e, em particular, na área do Serviço Social” (CANTALICE, 2013, p. 147) ganharam relevo. Os CBAS e os ENPESS analisados nos outorgam afirmar uma também recente utilização dos autores pós-modernos pelo Serviço Social, demonstrando um relativo crescimento nos últimos anos, apesar da escassez das produções.

Os elementos presentes nos colocam algumas questões merecedoras de atenção, principalmente, por talvez elucidarem uma nova polêmica no Serviço Social: a das percepções e a do avanço do pós-moderno nas produções teóricas do Serviço Social. Dessa forma, parece-nos ser relevante apontar quais os posicionamentos, as visões teóricas e os autores do Serviço Social que discorrem sobre o pós-moderno, suas características e os aspectos particulares da sua presença nas pesquisas do Serviço Social.

### 3.3 O QUE O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO PENSA E DISCUTE SOBRE O PÓS-MODERNO?: (NEO)CONSERVADORISMO E REBATIMENTOS SOBRE O PEP

Antes de qualquer coisa, é importante sinalizar para qual a visão preponderante nos artigos apresentados e publicados nos CBAS e ENPESS discutidos no tópico anterior, até porque estes empregaram, muitas vezes, alguns dos autores de maior credibilidade na categoria profissional no que concerne às discussões sobre os influxos pós-modernos no Serviço Social. Esta visão preponderante, de antemão, podemos dizer, é a que relaciona o pós-moderno ao (neo)conservadorismo: algo que exige muita cautela em falarmos, até porque não podemos tomar tudo o que é pós-moderno como (neo)conservador (CANTALICE, 2013) e nem desconsiderar a presença histórica do conservadorismo desde as origens da profissão.

No XI CBAS, dos trabalhos que trataram mesmo que minimamente do pós-moderno ou da pós-modernidade, três (3) comunicações orais se destacaram: *As novas expressões da pobreza decorrentes das rupturas pós-modernas: um estudo a partir dos chefes de família usuários dos atuais programas sociais*, de autoria de Almeida (2004), tratando das novas expressões da pobreza surgidas pelas rupturas ocorridas devido à condição pós-moderna; *Conservadorismo e pós-modernidade nos embates teórico-metodológico e ideológico do Serviço Social*<sup>80</sup>, de autoria de Rocha (2004), que esclareceu as interfaces entre o histórico conservadorismo profissional e o movimento da pós-modernidade, ressaltando os resultados destas interfaces para as dimensões interventiva, formativa e ético-política do Serviço Social e *O pensamento pós-moderno e a sociabilidade capitalista contemporânea: elementos críticos para o debate*, de autoria de Sousa (2004), que tratou sobre os limites das análises realizadas pela pós-modernidade, aprofundando o debate sobre as interpretações existentes e a compreensão da pós-modernidade como uma forma de reificação contemporânea.

---

<sup>80</sup>Infelizmente nos anais do XI CBAS apenas consta a publicação do resumo desta comunicação oral, no lugar do constar o texto completo em forma de artigo científico.

Neste CBAS, encontramos o trabalho *Serviço Social: formação profissional, matriz hegemônica e direção social*, de Aranha (2004), que apontou que dos dezessete (17) docentes entrevistados pela autora, dez (10) afirmaram recorrer a outras correntes teórico-metodológicas que não a marxista/marxiana, “[...] porque consideram limitada a abrangência do referencial marxista”, [e essas] correntes [...] [eram] oriundas da pós-modernidade ou da tradição conservadora da profissão. A consequência inevitável é o ecletismo” (ARANHA, 2004, p. 3). Isto significa dizer que, para Aranha (2004), o pensamento pós-moderno se opõe ao pensamento marxista/marxiano, mas não se relaciona imediatamente ao conservadorismo profissional, uma vez que a autora utiliza a conjunção alternativa *ou* em lugar da conjunção aditiva *e*, para dizer que ainda há correntes conservadoras sendo utilizadas pelos profissionais de Serviço Social.

No XIII CBAS, nenhum trabalho trouxe em seu título os termos pós-moderno ou pós-modernidade, mas os que apresentaram a palavra (neo)conservadorismo ou conservadorismo trataram sobre o pós-moderno. Em *O Serviço Social no século XXI: a direção social marxista e a polêmica teórica contemporânea*, de Pereira (2010), apesar de não constar nenhuma das palavras-chave selecionadas, o subtópico “*Crítica à pós-modernidade, ao pluralismo metodológico e os rebatimentos dessas ideias no Serviço Social*” buscou mostrar as relações ou não entre a pós-modernidade e o pluralismo e quais as consequências destes para o Serviço Social. Em *Expressões (neo)conservadoras e Serviço Social: uma análise crítica sobre as polêmicas*, Carvalho (2010) partiu da investigação em torno da existência de expressões neoconservadoras no Serviço Social da contemporaneidade, reveladas nas interpretações segmentadas e fenomênicas do real, nas discussões sobre o empoderamento, no intitulado “Serviço Social Clínico” e na assistencialização da seguridade social.

No trabalho mencionado, a autora em nenhum momento se referiu ao pós-moderno. No entanto, asseverou que estas expressões neoconservadoras que permeiam o Serviço Social na contemporaneidade “manifestam-se na medida em que refletem formas individualizantes, subjetivistas e focalistas de enfrentamento das manifestações da chamada “questão social” (CARVALHO, 2010, p.7), entendendo que “a apreensão imediata (ou não mediatizada), pontual, fragmentada e fenomênica dos processos sociais, é expressão do conservadorismo na interpretação do real” (*Ibid.*, p. 2): uma explanação bastante conexa às compreensões pós-modernas sobre a contemporaneidade e a realidade social atual.

No XIV CBAS, *Os rebatimentos na formação profissional da(o) assistente social com o advento da pós-modernidade*, de Carvalho e Silva (2013) e *Digressões sobre Serviço*

*Social e pós-modernidade*, de Guimarães *et al.* (2013), ressaltaram a importância de reafirmar o Serviço Social como profissão alicerçada nos pressupostos teórico-metodológicos marxistas/marxianos em lugar da aproximação ao paradigma pós-moderno.

No XV CBAS, os quatro (4) trabalhos abordando a temática da pós-modernidade, trouxeram aspectos diferentes para o debate. Em *As transformações em curso e as inflexões para produção do conhecimento no Serviço Social: uma análise a partir do legado da modernidade às inflexões da pós-modernidade*, Lima *et al.* (2016) apresentaram a análise parcial da produção do conhecimento utilizando a literatura moderna e a pós-moderna nos programas de pós-graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), veiculada em teses e dissertações defendidas em 2010. As autoras afirmaram que o Serviço Social por não estar desligado das modificações em processo na sociedade, vem somando às dificuldades postas pela prática no contexto de crise do capital, o contato com “fortes inflexões na contra ofensiva pós-moderna” (LIMA *et al.*, 2016, p. 7).

Para elas, o pensamento pós-moderno se propõe como justificativa ideológica do capitalismo contemporâneo, ou seja, ele “[...] expressa as mudanças societárias advindas do capitalismo tardio, reproduzindo a maneira de ser e pensar na atual sociedade capitalista” (*Ibid.*, p. 8). As autoras chegaram à conclusão de que nas teses e dissertações analisadas prevalece a hegemonia do método materialista histórico dialético em 70% dos trabalhos, o que afirma a “legitimidade do legado do projeto de modernidade” (*Ibid.*, p. 9). Apesar disso, “as inflexões do pensamento pós-moderno estão presentes na produção do conhecimento” (*Ibid.*, p. 11) em Serviço Social e este “vem resistindo à ofensiva pós-moderna ao persistir e perseguir na direção política, alicerçada na adoção da teoria crítica marxista” (*Ibid.*, p. 12).

Em *O ideário pós-moderno e sua superficialidade analítica*, Fonseca (2016) também elucidou a ideia de que existe uma relação “entre a crise estrutural do capital e a elaboração e divulgação de um tipo de conhecimento funcional ao padrão de racionalidade capitalista e burguesa” (FONSECA, 2016, p. 1). Este tipo de conhecimento apresenta uma superficialidade em suas análises e se fundamenta na razão fenomênica, sendo um objeto fundamental para ajudar ideologicamente na manutenção da ordem estabelecida. Além disso, o pensamento pós-moderno seria contrário ao conhecimento questionador e radical, oriundo na razão dialética ou ontológica (FONSECA, *loc. cit.*). Dessa forma, o pós-moderno não teria preocupação com a transformação radical do mundo e com sua superficialidade analítica ou sua “nova falta de profundidade”, ele seria “funcional à ordem burguesa e, como tal, resalta-

se o seu caráter conservador, na medida em que afirma a positividade dessa ordem” (*Ibid.*, p. 9).

Com o trabalho *Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro: elementos para uma análise crítica*, Alves e Beserra (2016) avaliaram a influência e os reflexos do pensamento pós-moderno no Serviço Social brasileiro. Elas afirmaram que o pensamento pós-moderno adentrou no Serviço Social pela via do ecletismo teórico (ALVES; BESERRA, 2016, p. 6) e que foi a partir de seu corpo ídeo-teórico, isto é, pelo conservadorismo e pelo sincretismo, que o Serviço Social se deixou influenciar pelo pós-moderno. Em síntese “é na confluência do conservadorismo com o sincretismo que se alicerça as bases para aproximação pós-moderna ao Serviço Social” (*Ibid.*, p. 10) e “uma das graves consequências do processo de aproximação pós-moderna ao Serviço Social é a perda da dimensão da totalidade” (*Ibid.*, p. 11).

No evento em apreço também se publicou o artigo *Pensamento conservador, teoria social e Serviço Social: elementos para debate*, de Oliveira (2016). Nele o pós-moderno foi citado como a ideologia que fortalece os valores burgueses e repercute no movimento mais amplo da sociedade, onde se encontram as profissões, podendo, no caso do Serviço Social, relacionar-se ao neoconservadorismo (OLIVEIRA, 2016, p. 9). Além disso, a autora realçou que a influência neoconservadora no Serviço Social se apresenta na renúncia ao enfoque marxista, no tecnicismo, inclusive, com a excessiva burocratização e normatividade das instituições, e nas atividades de fiscalização dos usuários das políticas sociais (OLIVEIRA, *loc. cit.*). Do mesmo modo, ela esclareceu que não podemos entender “a incidência do conservadorismo no Serviço Social” (*Ibid.*, p. 11) separada das “demandas sócio-históricas e ideopolíticas colocadas para a profissão, e certamente, as respostas formuladas para atender essas demandas” (OLIVEIRA, *loc. cit.*). Isto significa dizer que “o ‘neoconservadorismo’ repercute no Serviço Social, uma vez que a profissão se transforma, ao transformarem-se as condições e as relações sociais nas quais ela se inscreve” (*Ibid.*, p. 9, grifos da autora).

No que concerne aos ENPESS, coletamos um número maior de trabalhos referenciando o pós-moderno e a pós-modernidade se comparado ao número dos CBAS. No XI ENPESS (2008), o artigo *Modernidade, pós-modernidade e Serviço Social: a influência conservadora reatualizada*, de Soares, Sitcovsky e Santos (2008) desenvolveu uma análise da modernidade e da pós-modernidade a partir da premissa de que esta última vem influenciando a prática e os fundamentos do Serviço Social na atualidade, sob a “forma de velhas e

conservadoras práticas sob a roupagem do novo pós-moderno” (SOARES; SITCOVSKY; SANTOS, 2008, p.1).

Neste ENPESS, o pôster publicado sob o título de *Os desafios do Serviço Social diante da conjuntura atual para a efetivação do projeto ético-político*, de Moura et al. (2008) abordou o pós-moderno no subtópico *Os desafios da atual conjuntura*. Seus autores esclareceram que este pensamento se contrapõe às categorias da razão moderna, portanto aos paradigmas positivista e marxista, “[...] tornando as coisas éticas em antiética[s], as desigualdades em coisas naturais. E por fim, tendo uma visão errônea porque iguala o pensamento marxista ao positivismo” (MOURA et al., 2008, p. 2). O pós-moderno juntamente com o neoliberalismo trariam desafios a serem enfrentados pelo PEP do Serviço Social.

No artigo *Serviço Social e neoconservadorismo: influências na prática profissional e implicações para o projeto ético político profissional*, Alves (2008) esclareceu que sua pesquisa estava em andamento e por isso não apresentava resultados parciais ou definitivos, mas tinha alguns pressupostos. Um destes era o de que outras matrizes teóricas que não tomavam a centralidade do trabalho como elemento nuclear, assim como a relação capital *versus* trabalho como explicativa da acumulação capitalista e das desigualdades sociais “[...] resultará, se já não resulta, em práticas profissionais que defendam/reforçam no campo das políticas públicas e sociais a focalização, a parcerização e terceirização por parte do Estado para a execução destas, perdendo assim o caráter público dos serviços” (ALVES, 2008, p. 6). Em outras palavras, outro paradigma teórico que não seja o marxista poderia influenciar em práticas que vão contra o PEP do Serviço Social, em decorrência de ações profissionais focalizadas e da perda do caráter público para a efetivação das políticas públicas e sociais.

O trabalho *O pensamento conservador no Serviço Social: influência e aproximações*, de Miranda et al. (2008), mostrou, por sua vez, o percurso constitutivo do Serviço Social brasileiro desde sua emersão, destacando a influência do pensamento conservador, passando pela aproximação ao marxismo nos anos 1990, que norteou e norteia nosso PEP, até a contemporaneidade, em que:

[...] o neoliberalismo [...], somado a fatores como o paradigma da pós-modernidade, favorece o fortalecimento do conservadorismo, o questionamento do método marxista e o engendramento da defesa de posturas tradicionalistas e personalistas que, na abordagem de questões como família, sociedade civil e poder local, confluem perversamente com propostas baseadas em políticas sociais pautadas no direito, exigindo do Assistente Social comprometido com a defesa dos direitos

socialmente constituídos, postura crítica e clareza do referencial teórico (MIRANDA *et al.*, 2008, p. 1).

No XII ENPESS, dois (2) trabalhos encontrados a partir das palavras-chave conservadorismo/neoconservadorismo revelaram algumas discussões sobre o pós-moderno. O primeiro, de autoria de Carvalho (2010), *Expressões (neo)conservadoras e Serviço Social: uma análise crítica sobre o debate do empoderamento* citou em um parágrafo a articulação pós-moderna às expressões do capital na atualidade. A autora afirmou, entre outras coisas, que novos elementos, como as “interpretações segmentadas e fenomênicas do real” (CARVALHO, 2010, p. 1) vêm colaborando para um regresso ao conservadorismo no capitalismo atual, influenciando também no retorno de alguns traços conservadores na profissão de assistente social e na polêmica do empoderamento. Para a autora, o paradigma pós-moderno converteu intelectuais progressistas a partir dos anos 1980, quando se esgotou o Estado desenvolvimentista brasileiro (*Ibid.*, p. 3).

No segundo trabalho, *Neoconservadorismo, Serviço Social e Assistência Social: apontamentos de uma investigação em curso*, Jácome (2010) trouxe a pós-modernidade como uma de suas palavras-chave e enfatizou que o conservadorismo da profissão antes materializado pelo tripé: Doutrina Social da Igreja, positivismo e fenomenologia vem reaparecendo, apesar das rupturas, na atuação profissional dos/as assistentes sociais na atualidade, pois as práticas “(neo)conservadoras no Serviço Social podem ser identificadas na sua própria história [...], na subjetividade dos profissionais, e nas transformações ocorridas a exemplo da reestruturação produtiva e [d]o receituário neoliberal para as políticas públicas [...]” (JÁCOME, 2010, p. 5).

No XIV ENPESS, mais trabalhos abordando o pós-moderno e o Serviço Social foram apresentados e publicados. Em *Análise da influência pós-moderna no Serviço Social brasileiro*, Alves (2014) trouxe uma discussão interessante sobre os influxos pós-modernos no Serviço Social, ao apontar as peculiaridades do contato com a pós-modernidade a partir do sincretismo ideológico somado às abordagens microsociais. No Serviço Social, os traços pós-modernos apareceriam camuflados nos discursos subjetivistas e nas práticas do Serviço Social clínico (ALVES, 2014, p. 2). Assim: “[...] é na confluência do conservadorismo com o sincretismo que se alicerçam as bases para aproximação pós-moderna ao Serviço Social” (*Ibid.*, 2014, p. 8).

Em *Tendências pós-modernas em pesquisas do Serviço Social: uma análise das apresentações orais do ENPESS 2010*, Aguiar (2014) analisou dentro dos eixos temáticos: Serviço Social: Fundamentos, Formação e Trabalho; Ética, Direitos e Serviço Social; e Classe

Social, Gênero, raça/etnia, Geração, Diversidade Sexual e Serviço Social; como o pós-moderno apareceu nas comunicações orais apresentadas. Sua conclusão foi a de que “embora não possuam uma defesa consciente da pós-modernidade e nem sejam consideradas pós-modernas em si, em grande parte, [o texto dos autores e suas percepções] acabam por favorecer o desenvolvimento de concepções pós-modernas” (AGUIAR, 2014, p. 10). Isto seria produto da leitura fragmentada e endógena realizada pelos/as assistentes sociais e corroboraria com a atualização de uma linha conservadora profissional, alicerçada nas ações tecnicistas e que servem às exigências imediatas postas pelas condições trabalhistas atuais (*Ibid.*, p.10).

Em *A reatualização do conservadorismo e as práticas “psi” no Serviço Social brasileiro: suas novas roupagens e ressignificações*, Santos (2014) asseverou que o pensamento pós-moderno vem dando base ao revigoramento de ações conservadoras no Serviço Social por meio de “novas” roupagens, materializadas no Serviço Social de Caso Clínico e nas práticas terapêuticas (SANTOS, 2014, p. 1). Para o autor, as práticas terapêuticas de atendimento aos “problemas” dos “clientes” teriam uma base sincrética e o pensamento pós-moderno seria o apoio de sustentação para a reatualização de ações conservadoras, embasadas no aconselhamento e no que chamamos de Serviço Social de Caso, Clínico ou Psiquiátrico (*Ibid.*, p. 3-4).

Por fim, o trabalho *Projeto ético-político do Serviço Social brasileiro e neoconservadorismo*, de Santos e Oliveira (2014) trouxe uma breve discussão acerca do pensamento pós-moderno, qual seja, a de que “[...] o pensamento pós-moderno burguês infer[e] nas práticas interventivas dos assistentes sociais com viés conservador, a fim de ter suas necessidades atendidas, mesmo de forma fragmentada sobre as demandas dos usuários e distante da transformação social” (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 9). Isto significa dizer que a vertente conservadora pertencente ao pós-moderno influenciaria na suposta “crise” do PEP, colocando limites e desafios para os/as assistentes sociais.

No XV ENPESS, o trabalho *Serviço Social e a categoria cotidiano: notas para a crítica ao pensamento pós-moderno*, de Sousa, Sousa e Soares (2016), trouxe uma crítica ao modo como a categoria cotidiano é tratada pelo pensamento pós-moderno, sinalizando para o fato de que o culto à “imediatez da vida” tem desdobramentos sobre o Serviço Social. E como esta profissão se desenvolve na esfera da imediatez cotidiana, com a emersão do pós-moderno, os setores profissionais poderiam acabar por não transcender as fronteiras do pragmatismo e assim reatualizar o conservadorismo mediante outras formas de pragmatismo/irracionalismo, que comprometeriam a renovação da profissão embasada na

tradição marxista (SOUSA; SOUSA; SOARES, 2016, p.2). Para as autoras: “a influência de um pensamento mais crítico, vinculado à tradição marxista, contribuiu para que o Serviço Social criasse condições teóricas e políticas para o enfrentamento do pensamento e das práticas conservadoras na profissão” (*Ibid.*, p. 10), sendo que no presente “está amostra um flanco aberto da profissão à nova forma de conservadorismo que está representada na teoria pós-moderna” (*Ibid.*, p. 11).

O artigo *Pesquisa e produção do conhecimento no Serviço Social nos anos 1990: um estudo à luz da modernidade à emergência da pós-modernidade*, de Silva e Ferreira (2016), trouxe uma análise da produção do conhecimento no Serviço Social a partir das dissertações de mestrado do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFPB, defendidas nos anos 1990. As autoras concluíram que há uma hegemonia do legado marxista nas produções analisadas, ou seja, do projeto da modernidade e apontaram a necessidade de reafirmar esta hegemonia por ela trazer as bases da radicalização democrática e ajudar a “fragiliza[r] a ofensiva pós-moderna na produção do conhecimento no Serviço Social” (SILVA; FERREIRA, 2016, p. 10).

Em *Desafios do projeto ético-político do Serviço Social frente ao neoconservadorismo*, de Diniz *et al.* (2016), enfatizou-se que as ideias pós-modernas esbarram no Serviço Social no plano do conhecimento e no plano do exercício profissional. Com relação a este último, a defesa pós-moderna de apreensão da realidade de forma imediatista estaria conduzindo à “realização de ações que se reduzem aos procedimentos burocráticos e [às] demandas institucionais, por meio do empirismo, pragmatismo, voluntarismo e fragmentação entre teoria e prática” (DINIZ *et al.*, 2016, p. 9). Estas ações contribuiriam para a deslegitimação do PEP, exigindo que nos articulemos para fortalecer o projeto crítico baseado no marxismo, por meio da “qualificação teórico-metodológica capaz de auxiliar os/as profissionais a estabelecerem estratégias para o enfrentamento cotidiano do neoconservadorismo” (*Ibid.*, p. 10).

*A reprodução do conservadorismo no Serviço Social e os limites para a consolidação do marxismo*, de Santos, Rocha e Pinto (2016) evidenciaram que o pensamento pós-moderno está causando um “empobrecimento teórico” (SANTOS; ROCHA; PINHO, 2016, p. 1) nas análises realizadas pelo Serviço Social e contribuindo também para a dificuldade de consolidação das análises da “totalidade social concreta” (SANTOS; ROCHA; PINHO, *loc. cit.*). Neste sentido, “à medida que o Serviço Social é permeado pelo pensamento pós-moderno, o atendimento acrítico de suas requisições profissionais torna-se uma possibilidade” (*Ibid.*, p. 7), ajudando, pela sua ausência de criticidade, na “vulgarização das

teorias originais” (SANTOS; ROCHA; PINHO, *loc. cit.*) e na condução de “uma ação profissional que retorna as práticas conservadoras” (SANTOS; ROCHA; PINHO, *loc. cit.*), devido à visão fragmentária da realidade trazida pelas análises pós-modernas. Além disso, as autoras evidenciaram que há “um descompasso entre o que se é produzido pelas vanguardas e o que se é absorvido no cotidiano do exercício profissional” (*Ibid.*, p. 11). Logo, a dificuldade de materializar o PEP marxista na prática profissional poderia resultar num campo propício para o fortalecimento das práticas conservadoras, empiricistas e pragmáticas (SANTOS; ROCHA; PINHO, *loc. cit.*).

No artigo *Serviço Social e “questão social”: rebatimentos do (neo)conservadorismo*, Jácome *et al.* (2016), defendeu que o pensamento pós-moderno pode se constituir como uma “verdadeira armadilha para o retorno do conservadorismo na profissão” (JÁCOME *et al.*, 2016, p. 1), devendo a categoria dos/as assistentes sociais manter clara seu posicionamento diante das ideias da pós-modernidade, isto é, o de ser contra seus valores, já que o pensamento pós-moderno traz um ranço conservador, que se contrapõe à opção teórico-crítica do Serviço Social vinculada ao projeto da modernidade, alicerçado na razão crítica e na apreensão do processo histórico como totalidade (*Ibid.*, p. 7). Desse modo, as posições que defendem uma nova questão social poderiam desaguar no neoconservadorismo na profissão, pois desconsideram a questão social como resultado das relações contraditórias do modo de produção capitalista (*Ibid.*, p. 9).

Muitos dos artigos mencionados mostraram a ideia de que o pensamento pós-moderno aparece no bojo do capitalismo, como uma expressão intelectual para justificar a o próprio capitalismo neoliberal, assim como a apatia social, a falta de questionamento e de radicalidade, o apego à superficialidade e o distanciamento da razão dialética e ontológica. Igualmente, em muitos destes artigos emergiu uma posição muito clara (ou quase) acerca da compreensão de que o pensamento pós-moderno pode reatualizar o conservadorismo no Serviço Social, mostrando-se como um obstáculo ao PEP e à direção social hegemônica da categoria. A relação entre o Serviço Social e o pensamento pós-moderno poderia aparecer na prática profissional por meio de ações focalizadas dentro da atuação nas políticas públicas e sociais e com cariz subjetivista e de aconselhamento, no Serviço Social de Caso, Clínico ou Psiquiátrico.

Teóricos de ampla credibilidade no Serviço Social que, inclusive, serviram de referência para a produção de alguns dos artigos supramencionados também condizem com a visão ora mencionada. Dizemos isso, porque entre os teóricos do Serviço Social, a adjetivação recorrente de “ofensivo” ou de “(neo)conservador” para falar do pós-moderno é frequente. E a

“ofensiva neoconservadora pós-moderna” (SANTOS, 2007, p. 110) vem sendo tratada como algo a ser evitado pela categoria profissional, a fim de não desaguardarmos no ecletismo, nas práticas tecnicistas, no retorno às ações que ferem o PEP de teor marxista que embasa os fundamentos teóricos, éticos, políticos, técnicos, operativos e metodológicos do Serviço Social até o presente momento.

Uma das referências no debate sobre o pós-moderno no Serviço Social é Santos (2005/2006; 2007). No artigo *Pós-modernidade, neoconservadorismo e Serviço Social* (2005/2006) e no livro *Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro* (2007), ambos frutos da dissertação de mestrado desta autora, sua concepção sobre o avanço do pensamento pós-moderno no Serviço Social está clara. No primeiro texto, além de aludir sobre o neoconservadorismo teórico e a pós-modernidade como uma expressão da lógica cultural do capitalismo tardio, a autora defendeu que houve uma “incorporação do debate da pós-modernidade” no Serviço Social alicerçada numa reivindicação do pluralismo, justificada pelas “insuficiências” do marxismo e pelas contribuições para os estudos de dimensões mais específicas e locais com as quais o Serviço Social geralmente intervém. Nos dois casos, “a retórica pós-moderna oper[ou] como um componente atualizador de traços do conservadorismo profissional como a endogenia, o messianismo e o tecnicismo” (SANTOS, 2005/2006, p. 46).

A mesma percepção de atualização do conservadorismo pela via do recurso teórico ao pós-moderno apareceu no livro referido. Entre outras coisas, os “rebatimentos do neoconservadorismo pós-moderno no Serviço Social” (SANTOS, 2007, p. 72), apareceriam a partir da utilização teórica do pensamento pós-moderno pelos pesquisadores do Serviço Social, revelando muitas vezes uma aceitação acrítica dos fundamentos deste pensamento, assim como uma reafirmação de uma concepção endógena do Serviço Social, mediante intervenções fragmentadas, o reforço à singularidade, à positividade, o apego à particularização da profissão com foco na metodologia, o que acarreta posicionamentos retrocedentes aos avanços gestados com o PEP. Em síntese:

[...] a ofensiva neoconservadora pós-moderna tem fortes influências acadêmicas, especialmente no âmbito das ciências sociais. Resultado disso é [...] um razoável número de autores e textos que, incorporando de alguma forma a lógica pós-moderna, reanima traços do conservadorismo profissional. Os mais frequentemente me parecem ser a endogenia, derivada da leitura fragmentada e epistemologista da realidade contemporânea que, ao ser transplantada para as concepções de Serviço Social, traz à tona o messianismo, e a velha requisição por modelos de ação profissional tecnicistas, consoantes às requisições imediatas do mercado de trabalho. Ressalte-se ainda que a revitalização do conservadorismo profissional com base no neoconservadorismo pós-moderno tem particularidade derivadas não só do momento

histórico, mas, sobretudo, do enfrentamento posto pelo movimento de renovação profissional. Ou seja, o conservadorismo agora tem como pré-requisito para se fortalecer a descredibilização da vertente crítico-dialética e o faz do ponto de vista teórico, incorporando as críticas pós-modernas ao marxismo; e do ponto de vista ideopolítico, investindo na deslegitimação do projeto ético-político profissional (SANTOS, 2007, p. 110-111).

Simionatto (2009) também concorda com esta posição. Em *As expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-política*, a autora fez um apanhado dos elementos da crise da razão moderna e dos fundamentos do pós-modernismo, apontando quais as consequências do avanço do pensamento pós-moderno no Serviço Social. Para ela, a redefinição do projeto de formação profissional do Serviço Social desde meados dos anos 1980 (em 1982, tivemos um projeto de reelaboração curricular e o Código de Ética de 1986, que foram revisados e aprovados posteriormente: o primeiro em 1996 e o segundo em 1993) com a adoção da teoria crítico-dialética marxista materializou o posicionamento da categoria “a favor de uma ideia de modernidade voltada à emancipação humana” (SIMIONATTO, 2009, p. 16). Todavia os anos 1990 também trouxeram outra face da moeda – contraposta aos avanços ético-políticos, teórico-metodológicos e técnico-operativos gestados com o PEP: “o fortalecimento da razão instrumental e do pensamento conservador, rearticulados pelas tendências pós-modernas” (SIMIONATTO, *loc. cit.*). O Serviço Social hoje estaria em confronto com duas tendências teóricas: “uma vinculada ao fortalecimento do neoconservadorismo inspirado nas tendências pós-modernas [...] e outra relacionada à tradição marxista” (*Ibid.*, p. 18-19).

Ortiz (2006/2007), do mesmo modo, ressaltou em *Desafios contemporâneos para o Serviço Social: algumas considerações*, o fato de que com as imposições postas pelo mercado de trabalho do/a assistente social na atualidade e a histórica dificuldade de compreender o papel e a natureza da teoria, bem como da relação desta com a prática, por um lado se atenuaram a elaboração de estratégias para o exercício efetivo da prática profissional e por outro lado se fortaleceu a “procura por ‘novos aportes teóricos’, francamente assentados no chamado ‘campo pós-moderno’[...]” (ORTIZ, 2006/2007, p. 23). A autora também fez referência à apreensão equivocada do pluralismo como um recurso facilitador da “reafirmação de antigos valores e práticas presentes no Serviço Social” (*Ibid.*, p. 24), podendo ocasionar duas consequências principais: “o fortalecimento do conservadorismo e a possibilidade de esvaziamento dos princípios ético-políticos [...]” (ORTIZ, 2006/2007, *loc. cit.*).

A posição de Paulo Netto (1996) é muito importante para o nosso debate. Em *Transformações societárias e Serviço Social*, o autor apresentou a dominância do pensamento

marxista no Serviço Social – fundamentada por uma produção acadêmica marcada pela tradição marxista ao longo dos anos 1980 em todas as polêmicas relevantes do período, ou seja, constituiu-se uma intelectualidade inspirada na tradição marxista – e o deslocamento das bases dessa dominância na virada da década de 1990 como uma realidade. Este deslocamento seria produto, entre outras coisas, do fim do socialismo real, do ganho de força pelo neoliberalismo, do impacto sobre as esquerdas, da conversão de intelectuais ao ideário neoliberal, das modificações políticas no Brasil, etc., que serviram como cenário para “a inflexão que se registra nos meios acadêmicos com a maré-montante da pós-modernidade (notadamente em sua versão neoconservadora): é no próprio espaço – universitário – em que aquela dominância se afirmara que emergem os elementos que operam para desqualificá-la” (PAULO NETTO, 1996, p. 114).

Mais recentemente, o mesmo autor publicou um artigo, proveniente de uma palestra, intitulado de *Crise do capital e consequências societárias*, em que destacou sua posição sobre o pós-moderno. Para ele, a “dinâmica cultural do capitalismo tardio” ou o “tardo-capitalismo” se apresenta por meio de dois vetores, quais sejam, “a translação da lógica do capital para todos os processos do espaço cultural [...] e o desenvolvimento de formas culturais socializáveis pelos meios eletrônicos (a televisão, o vídeo, a multimídia)” (PAULO NETTO, 2012, p. 419, grifos do autor). Isto criaria uma cultura do consumo, mas nunca uma “sociedade do consumo”, em que estariam patentes características típicas da mercadoria no capitalismo tardio, isto é, “sua obsolescência programada, sua fungibilidade, sua imediaticidade reificante” (PAULO NETTO, *loc. cit.*). A partir dessa cultura, a “sensibilidade consumidora” das pessoas se alastraria a ponto de existir uma “*semiologização do real*” pela autonomização dos significantes diante dos referentes materiais (*Ibid.*, p. 419-420). E, nesse processo, com a mercantilização da vida social, as noções de aparência e essência seriam desqualificadas e substituídas pela defesa da prevalência do efêmero, do transitório, do descontínuo (PAULO NETTO, *loc. cit.*).

Esta descrição corresponde à percepção do autor de o “*movimento pós-moderno*” ser alicerçado na ideia de existência de uma “mutação sociocultural estrutural, que implicaria [n]a anacronização dos padrões de análise (e das [...] categorias teóricas) dos objetos socioculturais e dos projetos sociais modernos” (*Ibid.*, p. 420). Segundo Paulo Netto (2012), o movimento pós-moderno apresenta grande diversidade ídeo-teórica, aparecendo no campo das suas inclinações políticas, uma “teorização pós-moderna de *capitulação* e outra de *oposição*” (PAULO NETTO, *loc. cit.*, grifos do autor). Apesar dessas diferenças, os fundamentos teórico-epistemológicos dos pós-modernos seriam funcionais à lógica do capitalismo e o

movimento pós-moderno apenas mais um indício das transformações em curso na sociedade. Vale apresentar as palavras deste autor:

Do ponto de vista dos seus fundamentos teórico-metodológicos, porém, o movimento [pós-moderno] é funcional à lógica cultural do tardo-capitalismo: é tanto ao caucionar acriticamente as expressões imediatas da ordem burguesa contemporânea quanto ao romper com os vetores críticos da Modernidade (cuja racionalidade os pós-modernos reduzem, abstrata e arbitrariamente, à dimensão instrumental, abrindo a via aos mais diversos irracionalismos). Mas, por esta mesma funcionalidade, a retórica pós-moderna não é uma intencional mistificação elaborada por moedeiros falsos da academia e publicitada pela mídia a serviço do capital. Antes, é um sintoma das transformações em curso na sociedade tardo burguesa, tomadas na sua epidérmica imediatividade (PAULO NETTO, *loc. cit.*).

Iamamoto (2014), em *A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro*, apesar de não se deter no debate sobre a pós-modernidade, concorda com a posição que associa o pós-moderno às expressões neoconservadoras no Serviço Social. Afirmou que “verifica-se o revigoração de uma reação (neo)conservadora aberta e/ou disfarçada em aparências que a dissimulam [...], apoiada no lastro da produção pós-moderna e sua negação da sociedade de classes” (IAMAMOTO, 2014, p. 612). Dito de outra forma, a produção teórica e metodológica pós-moderna nega as teses marxistas e o projeto societário libertário a ser engendrado pela classe trabalhadora, influenciando no (neo)conservadorismo profissional.

Em *Barbárie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético-político*, Barroco (2011), por sua vez, concentrou-se em avaliar o movimento contemporâneo da realidade e as diferentes expressões (neo)conservadoras que o permeiam e se propagam cotidianamente. Em nenhum momento a autora associou o pós-moderno ao (neo)conservadorismo, sim avaliou que “o cenário atual pode ser facilitador da reatualização de projetos conservadores na profissão” (BARROCO, 2011, p. 211). Ressaltemos, entretanto, que ao explicitar de que cenário se tratava, enfocou que a “ideologia neoliberal pós-moderna declara o ‘fracasso’ dos projetos emancipatórios, das orientações éticas pautadas em valores universais, da razão moderna, da ideia de progresso histórico e de totalidade” (*Ibid.*, p. 207, grifos da autora). Em outras palavras, a pós-modernidade se contrapõe ao marxismo, que é a teoria social que embasa nosso PEP, ocasionando diversos desafios, tais como: a precarização das condições de trabalho, as formas de controle marcadas pela racionalidade tecnocrática e sistêmica nas instituições de atuação, a criação de mitos irracionistas que distorcem a história (*Ibid.*, p. 212-214).

Yazbek (2014) não chegou a citar o pós-moderno no artigo intitulado de *A dimensão política do trabalho do assistente social*, porém defendeu que a “herança

neoconservadora e desestruturadora do neoliberalismo” vêm orientando as políticas sociais e favorecendo a “remercantilização de direitos sociais” (YAZBEK, 2014, p. 683). Para a autora, “o projeto neoconservador valendo-se de novas roupagens, fragmentará cada vez mais as análises e ações do profissional” (*Ibid.*, p. 687). Em outro momento, no texto *Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade* (2009), a autora enfocou que “os desdobramentos desta ‘crise’ de referenciais analíticos, permeiam [a] polêmica profissional dos dias atuais e se expressam pelos confrontos com o conservadorismo que se atualiza em tempos pós-modernos” (YAZBEK, 2009, p. 21). Isto significa dizer que a pós-modernidade atrai posturas profissionais no Serviço Social, que expressam um conservadorismo revestido por novas roupagens.

Mota (2014) tampouco citou o pós-moderno como responsável pelas posturas (neo)conservadoras no Serviço Social. Em *Espaços ocupacionais e dimensões políticas da prática do assistente social*, disse que “*quicá* a insuficiência de reflexões que auxiliem a identificar as mediações da dimensão política da prática profissional cotidiana favoreça a ofensiva neoconservadora no Serviço Social” (MOTA, 2014, p. 701, grifos nossos). O que significa dizer que a autora vincula o (neo)conservadorismo atual no Serviço Social como oriundo – *quicá* – do carecimento de discussões sobre o aspecto político do exercício dos profissionais (e não à presença do pensamento pós-moderno na profissão), uma vez que nem sempre se dá a devida relevância ao potencial de transformação da realidade que a atuação do/a assistente social concretiza, mediante os processos sociopolíticos que engendra.

De modo geral, podemos perceber que a maior parte das posições teóricas assumidas pelos autores apresentados colocaram em relevo o viés (neo)conservador do pensamento pós-moderno. Contudo, ao tratá-lo devemos evitar cair na armadilha maniqueísta de entendimento de que tudo que é pós-moderno é conservador, conforme já assinalamos anteriormente. Desconsiderar este entendimento poderia permitir a divulgação de visões ingênuas dentro dos estudos de Serviço Social, caracterizadoras de posicionamentos sem criticidade suficiente para analisar os fundamentos, distinções e abordagens desenvolvidas pelo pós-moderno, assim como pelos seus influxos na literatura de Serviço Social. Dito de outra forma: não podemos reduzir as correntes de pensamento, como a pós-moderna, a visões superficiais ou mesmo equivocadas sobre suas propostas. Igualmente, é pertinente não desenvolver a ideia imediatista de que obrigatoriamente devemos nos vincular a um dos dois pólos em destaque na contemporaneidade: marxismo ou pós-moderno.

Muitas das dissertações de mestrado disponíveis na internet, como *A ofensiva neoconservadora no Serviço Social contemporâneo: recomposição de velhos dilemas*, de

Martins (2012, p. 176-179), *A relação entre o crítico e o conservador: a formação e a prática dos assistentes sociais que atuam no Programa Bolsa Família de João Pessoa*, de Serafim (2014, p. 91-94), *As formas de expressão do conservadorismo na política de assistência social e sua reprodução na prática profissional dos (as) assistentes sociais nos CRAS de João Pessoa-PB*, de Borba (2015, p. 30-31) e *A formação em Serviço Social: superação ou reprodução do conservadorismo?*, de Querino (2014, p. 56-58) concordam com a visão preponderante defendida pelos teóricos de ampla credibilidade no Serviço Social apresentados, isto é, a de que o pensamento pós-moderno poderia estar reatualizando as práticas conservadoras no Serviço Social, conforme Santos (2005/2006; 2007) descreveu mais detalhadamente.

A dissertação de mestrado de Sousa (2004), *Pós-modernidade: mistificação e ruptura da dimensão de totalidade da vida social no capitalismo contemporâneo*, não tem como foco as relações entre o pós-moderno e o Serviço Social, mas sim a própria pós-modernidade. Para ela, está claro que a sociedade atual tem assumido “novas configurações”, mas estas não apresentam um “grau de profundidade que possa dar por esgotado o projeto moderno” (SOUSA, 2004, p. 200), inviabilizando a proposta comunista como alternativa histórica. Dessa forma, não existe pós-modernidade e os pós-modernos que pregaram a existência desta nova era cometeram um equívoco de interpretação sobre a realidade por não superarem, em suas análises, os aspectos fenomênicos (*Ibid.*, p. 201) e desconsiderarem a totalidade social.

A tese de doutoramento de Cantalice (2013), intitulada de *As inflexões do pós-moderno na produção do conhecimento em Serviço Social*, também reafirma a inexistência de uma pós-modernidade. Para a autora, o “pós-moderno não se constitui como uma teoria ou um método e sim como um conjunto heteróclito de elaborações e reflexões acerca da realidade” (CANTALICE, 2013, p. 223). Dentro da ideologia pós-moderna há ainda um conteúdo neoconservador e ao se colocar como movimento intelectual, o objeto do pensamento pós-moderno seria se reproduzir como ideologia, no caso, a ideologia do capitalismo tardio (CANTALICE, *loc. cit.*). O traço comum existente entre as diferentes explicações para a pós-modernidade seria a defesa de falência dos pressupostos modernos, isto é, o historicismo, o humanismo e a dialética, propondo no lugar destes, a anti-razão, a anti-totalidade, a anti-história, a anti-ontologia, o anti-método e o anti-marxismo (*Ibid.*, p. 223-243). Ainda, para esta autora,

no âmbito da produção do conhecimento em Serviço Social é possível verificarmos a incidência de inflexões da ideologia pós-moderna e, em virtude do viés teórico-político contido nesta, o estabelecimento de uma tensão entre a direção social-estratégica assumida no cerne do projeto profissional hegemônico da categoria e as apropriações neoconservadoras presentes no conjunto desses trabalhos que analisamos (*Ibid.*, p. 242-243).

Esta conclusão acima transcrita adveio da análise bibliográfica de teses de doutoramento defendidas ao longo dos anos de 2001 e 2005, em diferentes programas de pós-graduação em Serviço Social no Brasil. A autora observou que a incidência da ideologia pós-moderna nestas produções foi produto de dois fatores ou da “imprecisão ou inconsistência teórico-metodológica acerca das narrativas teóricas e de seus respectivos métodos” (*Ibid.*, p. 243), mobilizada inconscientemente pela falta de clareza teórico-metodológica; ou, conscientemente, justificadas pelas lacunas e insuficiências do marxismo ou pelos novos aspectos trazidos pelo mundo contemporâneo, os quais o marxismo não daria conta de explicar. Neste último caso, os doutorandos realizariam apropriações ecléticas ou caracterizadas pelo relativismo metodológico (CANTALICE, *loc. cit.*). A autora também advertiu que as incorporações do pós-moderno se deram preferencialmente nas teses relativas aos seguintes temas: “feminismo e gênero; trabalho; comunicação, redes e mediação digital” (*Ibid.*, p.244).

A dissertação de Galdino (2016), *A produção de conhecimentos no Serviço Social: entre a hegemonia do marxismo e a pós-modernidade*, trouxe como elemento interessante a ideia de que as produções utilizando o pós-moderno no Serviço Social poderiam ser fruto apenas de um “modismo”, cabendo ao marxismo fornecer as respostas cabíveis dentro da profissão (GALDINO, 2016, p. 102) para superar a presença e a influência do pós-moderno com a categoria. No presente momento, entretanto, a incidência do pós-moderno no Serviço Social estaria avivando posturas teórico-práticas profissionais que alimentariam o neoconservadorismo e a crítica flexível (GALDINO, *loc. cit.*). A pesquisa desta autora comprovou, após estudo exploratório em artigos publicados entre 2010 e 2014, na Revista Serviço Social e Sociedade, que a maior parte deles se ancorou na teoria marxista, enquanto um pequeno número na abordagem pós-moderna (*Ibid.*, p. 88). Desse modo, a autora afirmou que a tendência atual da produção teórica do Serviço Social permanece sob a hegemonia do marxismo, apesar da incidência de autores pós-modernos em algumas produções, destacando-se a temática de gênero (*Ibid.*, p. 96).

Fonseca (2016), no artigo *O projeto de formação profissional do Serviço Social e as inflexões do pensamento pós-moderno*, postulou que a perspectiva pós-moderna “repõe

tendências conservadoras, alinhadas à ordem do capital” (FONSECA, 2016, p. 194), confrontando-se com a orientação do projeto de formação profissional do Serviço Social, fundamento na adoção da teoria social crítica (FONSECA, *loc. cit.*). Entre outras coisas, a presença dos influxos pós-modernos no Serviço Social pode comprometer a “relação dialética entre teoria e prática” (*Ibid.*, p. 215), uma vez que a pós-modernidade nega a noção de totalidade. Além disso, a abordagem pós-moderna pode conduzir a ação profissional ao imediatismo e ao tecnicismo, alicerçado em ações voltadas à “eficiência das respostas profissionais” (FONSECA, *loc. cit.*), reatualizando posições ideológicas e políticas conservadoras.

Silveira Junior (2016), em *A cultura pós-moderna no Serviço Social em tempos de crise*, apresentou as duas conexões que acredita merecerem destaque nas discussões sobre o avanço do pensamento pós-moderno no Serviço Social brasileiro. A primeira correspondeu ao fato de a pós-modernidade “se choca[r] com a herança teórico-metodológica de origem marxiana (e engelsiana), e com o grosso da tradição marxista” (SILVEIRA JUNIOR, 2016, p. 176), surgindo pela “apropriação seletiva ou atualização desfiguradora” (SILVEIRA JUNIOR, *loc. cit.*). A segunda fez menção às “implicações da influência pós-moderna no Serviço Social” (*Ibid.*, p. 178). No primeiro caso, o choque entre o pós-moderno e o marxismo pode invocar “*um empobrecimento da prática profissional*, um retrocesso ético-político” (SILVEIRA JUNIOR, *loc. cit.*, grifos do autor), em relação aos avanços gestados desde a “virada<sup>81</sup>” da categoria brasileira com a recusa do conservadorismo; e, no segundo caso, a influência pós-moderna pode ocasionar orientações “individualizantes e despolitizantes” (SILVEIRA JUNIOR, *loc. cit.*, grifos do autor), orientadas pelo conservadorismo, que poderiam rebater nas ações “interventivas, políticas e científicas do Serviço Social” (SILVEIRA JUNIOR, *loc. cit.*).

Diferentemente de muitos dos autores e estudos apresentados até agora, Silva (2008) em *Marxismo, pluralismo e formação profissional do assistente social*, afirmou que a *Proposta Básica para o Projeto de Formação Profissional* (ABESS, 1996) prevê o reforço da direção social hegemônica marxista no Serviço Social, podendo gerar o paradoxo da incompatibilidade de garantir a hegemonia da tradição intelectual marxista e o respeito e abertura ao pluralismo, pois

---

<sup>81</sup> Referenciamos de modo especial, o Congresso da Virada, ocorrido em 1979, no qual a categoria profissional “declarou” publicamente sua recusa ao conservadorismo.

[...] ao perseguir a tendência hegemônica, pode-se correr o risco de cair num anti-pluralismo, apesar da opção pelo pluralismo. Isso leva a um fechamento – até mesmo inconsciente – teórico, capaz de empobrecer o exercício da democracia, da cidadania, da liberdade, da maturidade em escolher e opinar criticamente. [...] [Por outro lado], o pluralismo quando entendido enquanto categoria que se aproxima da totalidade dialética, busca conciliar elementos objetivos e subjetivos, o indivíduo e a universalidade, elementos modernos e pós-modernos (SILVA, 2008, p. 146).

Baseando-se no texto da referida proposta, ela defende a abertura do Serviço Social às novas discussões teóricas em voga, uma vez que “a perspectiva dessa proposta é a de que a direção marxista se abra à pluralidade epistemológica dentro de uma perspectiva de totalidade dialética” (*Ibid.*, p. 145). Ou seja, o pluralismo epistemológico funcionaria como uma alternativa às visões teóricas altamente rígidas e estanques dentro da profissão, geradoras de “posturas intelectuais ortodoxas e fortemente discriminatórias” (*Ibid.*, p. 146). Mesmo assim, “o que se tem percebido até os dias atuais é que, de forma efetiva, essa proposta de abertura da teoria marxista, para com outras teorias e disciplinas do conhecimento, encontra bastante resistência no mundo acadêmico” (*Ibid.*, p. 145). Esta posição esbarra justamente numa das críticas mais profundas de Santos (2007, *passim*), uma vez que esta última afirma ser o pluralismo metodológico um dos equívocos principais para a defesa da apropriação do pensamento pós-moderno por pesquisadores/as do Serviço Social.

É pertinente dizer que enquanto no Serviço Social brasileiro há uma posição majoritária de que a incorporação do pós-moderno pela profissão pode incorrer no conservadorismo, no debate português, por exemplo, observamos a associação do pós-moderno aos valores emancipatórios. No tópico *Valores emancipatórios (pós-modernos)*, do livro *Ética aplicada ao Serviço Social: dilemas e práticas profissionais*, de Carvalho (2016), a (des)individualização, a igualdade, a justiça social, o parceriaado, o *empowerment* e a cidadania são classificados como valores típicos do paradigma pós-moderno, os quais funcionariam como recursos para as intervenções do Serviço Social contemporâneo, pois “enquanto profissão de ajuda, os princípios e valores gerais, emancipatórios e emocionais fazem parte da sua identidade” (CARVALHO, 2016, p. 89).

Não cabe aqui discorrer sobre os fundamentos do Serviço Social em Portugal, suas expressões, seu histórico de proximidade ao que consideramos conservadorismo ou não e suas diferenças com o Serviço Social brasileiro, entretanto, a ideia de que existam valores éticos no Serviço Social esboçados em valores gerais (modernos), valores emancipatórios (pós-modernos) e valores emocionais (*Ibid.*, p. 73-83), faz-nos questionar sobre o modo como determinados discursos são compreendidas pelos sujeitos profissionais – principalmente o

quanto uma direção social hegemônica influencia nosso “olhar” sobre a realidade e nossa expressão pessoal e profissional para “ler” o mundo<sup>82</sup>.

Para a autora acima, a (des)individualização se refere a não recusar a individualidade dos usuários, reconhecendo a diferença entre cada um, algo crucial para o trabalho com os oprimidos, como as mulheres que sofrem violência doméstica (*Ibid.*, p. 79-80); a igualdade representa no âmbito do Serviço Social a possibilidade de que grupos diferentes sejam tratados de forma igual pela política social, sendo o Serviço Social chamado a “corrigir as desvantagens e desigualdades”, tendo a máxima de que ninguém deve explorar “injustamente o trabalho dos outros” (CARVALHO, *loc. cit.*); a justiça social evidencia a necessidade de que todos recebam a mesma consideração, oportunidade e tratamento, distribuindo as “vantagens sociais através da cooperação social” exercida pela repartição dos direitos e deveres; o parceria coloca o desafio de “trabalhar com as pessoas em vez de atuar por elas”, substituindo o tradicional trabalho do assistente social que diagnosticava o problema do usuário e lhe prescrevia o tratamento (CARVALHO, *loc. cit.*); o *empowerment* “significa ‘dar poder’ às pessoas para fazerem suas próprias escolhas” (*Ibid.*, p. 82, grifos da autora); e a cidadania corresponde a poder participar numa comunidade como sujeito que a constitui em igualdade de circunstâncias e como membro efetivo dela (*Ibid.*, p. 82-83).

A partir destes “valores emancipatórios pós-modernos”, descritos por Carvalho (2016), podemos questionar se existe alguma proximidade e em que medida se dá o afastamento destes valores dos valores revolucionários propostos pelo projeto emancipatório moderno e o marxista. No contexto “moderno e pós-moderno”, conforme a mesma autora, o Serviço Social deve conhecer a nova realidade social para atuar munido dos elementos necessários para “combater as políticas sociais neoliberais, promover outro tipo de políticas alternativas que empoderem as organizações e consciencializar os grupos para agir face as realidades que impedem o seu progresso e o desenvolvimento” (*Ibid.*, p. 38), a fim de distribuir o poder entre os cidadãos, defendendo seus direitos (*Ibid.*, p. 39).

O percurso elaborado até o momento serviu para mostrar-nos, entre outras coisas, que o pensamento pós-moderno vem se constituindo (se já não se constituiu) como uma polêmica para a categoria profissional dos/as assistentes sociais. Conhecê-lo torna-se um imperativo. Questioná-lo, uma necessidade. Diante disso, vamos refletir no capítulo seguinte sobre os posicionamentos dos sujeitos participantes da nossa pesquisa, a fim de conhecer e

---

<sup>82</sup> No Serviço Social português, por exemplo, são apontadas quatro grandes tendências de teorias em Serviço Social: “funcionalismo (os reparadores), interpretativismo (os que procuram um sentido); humanismo radical (os consciencializadores); [e] estruturalismo radical (os revolucionários)” (CARVALHO, 2016, p. 22).

analisar como eles interpretam a recepção do pensamento pós-moderno nos campos de estudos, nas pesquisas e, mesmo, na prática do Serviço Social.

#### **4 PENSAMENTO PÓS-MODERNO E SERVIÇO SOCIAL: POSICIONAMENTOS DOS/AS PROFESSORES/AS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UECE**

O marxismo se encontra entre as grandes teorias questionadas pelos pós-modernos, que apontam a necessidade de sua superação por outro paradigma teórico-metodológico. Não podemos negar as contribuições dele para a pesquisa social, pois inúmeros acontecimentos gestados na história contemporânea perderiam o sentido sem o marxismo: “foi o marxismo que tornou compreensível o conjunto de acontecimentos históricos, que marcaram a emergência e consolidação da sociedade burguesa” (EVANGELISTA, 1997, p. 13). Entretanto, seus críticos ressaltam ser um equívoco pensar toda a sociedade burguesa como regida por uma lógica de “dimensão ontológica” fundamentando os acontecimentos históricos, porque “foi a generalização indevida de resultados de uma fecunda reflexão, quando circunscrita a determinados acontecimentos históricos, que teriam levado o marxismo a formulações ‘racionalistas’ e ‘deterministas’ sobre o processo histórico-social” (*Ibid.*, p. 14, grifos do autor).

Para os marxistas, a teoria de Marx ainda pode sim explicar a realidade contemporânea, sendo a própria realidade exploratória estabelecida pelo capitalismo neoliberal da contemporaneidade, a prova da atualidade desta teoria. Igualmente, os homens são os sujeitos históricos responsáveis por dar materialidade ao projeto revolucionário comunista, pois “[...] em termos substantivos, o futuro da herança teórica de Marx depende [...] da implementação que dela [da sua herança teórica] fizeram os seus legatários. E isto porque é no marco da ordem burguesa que se joga a alternativa com a qual se imbrica a obra marxiana: comunismo ou barbárie” (PAULO NETTO, 2012, p. 43).

Estas e outras questões serão aprofundadas neste Capítulo por meio do debate entre a literatura e os posicionamentos dos nove (9) professores/as do curso de graduação em Serviço Social da UECE entrevistados/as. Focalizamos nossas questões em apreender o modo como estes/as docentes visualizavam a existência ou não de uma pós-modernidade e mesmo do que a fundamenta. Além disso, buscamos conhecer quais suas posições sobre as relações estabelecidas entre o Serviço Social e o pensamento pós-moderno na atualidade. Por isso, direcionamos as suas respostas às discussões sobre o pluralismo, o ecletismo e os rebatimentos da “incorporação” acrítica ou não do pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro.

#### 4.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA: PERFIL DOS/AS PROFESSORES/AS ENTREVISTADOS/AS, TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Pensamos ser importante apresentar um perfil dos/as sujeitos da pesquisa. Para tanto, apresentamos abaixo informações referentes às suas trajetórias acadêmica e profissional. Além disso, no Apêndice C deste trabalho consta um resumo de algumas informações relevantes sobre as compreensões dos/as professores/as entrevistados/as a respeito dos tópicos questionados ao longo da entrevista semiestruturada. A respeito dos/as nossos/as entrevistados/as, vejamos:

A Entrevistada 1 é graduada em Geografia e Serviço Social, tem especialização em Política social, mestrado em Serviço Social e doutorado em Política social. Compõe um dos laboratórios de pesquisa do curso, é pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tutora do curso de especialização “Serviço Social: Direitos Sociais e Competências profissionais”, promovido pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) e realizado pelo centro de educação à distância da UNB. Também desenvolve projetos de extensão. Afirmou diversas vezes ao longo da entrevista, considerar-se “marxista e anticapitalista” (Entrevistada 1). Para ela, na atualidade, podemos visualizar “um massacre [...] ao gênero humano, à questão da humanidade [...]. E a pensar o outro como você mesmo... Tá cada dia mais difícil... [...] [pensar] nos valores humanitários, nos valores coletivos...” (Entrevistada 1).

O Entrevistado 2 é graduado em Serviço Social, com mestrado e doutorado em Filosofia. Compõe um dos laboratórios de pesquisa do curso e coordena um grupo de estudo. É membro de corpo editorial dos periódicos “Kalagatos - revista de filosofia” (versão on-line) e “Polymátheia” (UECE). Entre suas linhas de pesquisa se encontram o estado penal e a criminalização das lutas sociais no capitalismo contemporâneo, além de dispor de conhecimentos aprofundados sobre a teoria do valor; as categorias da aparência e da essência; as formas jurídicas em Marx; e os fundamentos do materialismo histórico. Ao lhe questionarmos a respeito da sua trajetória acadêmica, este evidenciou algo já presente em sua monografia da graduação em Serviço Social, a respeito do PEP:

“[...] os limites do projeto são os limites da própria realidade, porque o projeto já surge numa época em que há uma mudança na relação Estado, sociedade civil e mercado. [...] Muitas vezes, nós nos dizemos marxistas, né?! e temos uma postura idealista, muito mais idealista do que marxista. Por exemplo, a perspectiva que a gente tem [de] que o projeto tem que ter um Estado. Eu não diria nem tanto o

projeto, porque o projeto não é uma coisa, o projeto são todos os processos que dizem respeito às instâncias organizativas da profissão que dizem respeito às novas Diretrizes Curriculares, à referência que a profissão assume na década de 80 [...]. Não é um simples embate de ideias que vai dizer quem vai vencer e quem vai perder. Isso pra mim é meio idealista, entendeu? Parece que assim: essa ideia é a que vai se efetivar na realidade, né!?, e não [é]! (Entrevistado 2).

A entrevistada 3 é graduada em Serviço Social, é especialista em “Serviço social, seguridade social e legislação previdenciária”, assistente social em uma unidade de acolhimento e estudante do mestrado em “Serviço Social, Trabalho e Questão social”. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em trabalho, configurações do mundo do trabalho e infância. A respeito da sua formação acadêmica e profissional e dos embates presentes nestas, ela afirmou:

[...] Eu trabalhei num abrigo e eu tinha contato com CAPS... Gente, você não tem noção... de a [estar] criança agitada e [...] dar logo um remédio, entende? Tudo é aquela coisa do efêmero, do rápido, da resposta... Então, isso não é uma questão que diz respeito ao Serviço Social em si. Isso tá no Serviço Social, isso tá na Administração, isso tá na Engenharia, isso tá na Contabilidade... [...]. Claro que o impacto é diferente, que aí a gente precisa realmente fazer a reflexão de como é que isso tá impactando na nossa prática profissional, que eu não posso ter um atendimento [...] acrítico, um atendimento que eu respondo às necessidades do cotidiano sem fazer a reflexão, até porque a nossa profissão tem a dimensão investigativa e interventiva. Eu intervenho a partir de uma investigação... [...]. Na minha sala de aula de mestrado, tem pessoas que se formaram e entraram no mestrado. A discussão delas é uma discussão totalmente [...] ideológica. Não tem a mediação entre a dimensão da teoria, da ideologia que encontra a realidade e que pela mediação vai [...] produzindo algo. E aí, o meu discurso, ele é fruto disso. Não adianta eu ficar revoltada, dizendo: “-Mas tem que ser assim!” [...]. Mas não é assim, porque a teoria é diferente da prática, [sim] é porque o seu discurso é diferente da prática. A teoria [...] que eu me apropriei ao longo do curso sempre me ajudou a ter uma leitura crítica da realidade, que eu acho que isso é o grande objetivo. Eu não sou marxista [...], mas eu tenho uma leitura crítica da realidade... [...], eu consigo lutar pelo direito do outro (Entrevistada 3).

A Entrevistada 4 é graduada em Serviço Social, com mestrado e doutorado em Educação. É pesquisadora/colaboradora de laboratórios vinculados ao curso ou originados nele, tendo experiência tanto no ensino de disciplinas relacionadas ao Serviço Social, quanto à Pedagogia. É membro do Conselho Editorial da “Revista Arma da Crítica” de grupos de estudo e pesquisa. Entre suas linhas de pesquisa e interesse se encontram: trabalho, educação e organização de classe; a política de formação profissional da CUT/Ceará; marxismo, educação e luta de classes; e a identidade dos sindicatos cutistas no Ceará. Ela enfatizou a importância da pesquisa em sua formação:

Eu fiz a graduação aqui na UECE, mas logo no início da graduação, eu participei de uma seleção pra bolsa. [...] E eu fui contemplada com a bolsa e lotada no IMO [...],

que eu nunca tinha escutado falar, né!?, e caí, assim, de paraquedas naquela local. E a minha inserção no IMO fez toda a diferença na minha formação, né, porque ampliou o meu horizonte e, de certo modo, contemplou a minha formação no Serviço Social, porque, como o referencial teórico do Serviço Social toma por base o materialismo histórico dialético, então, foi um casamento perfeito, uma vez que o IMO, né, Instituto de Estudos e Pesquisa do Movimento Operário tem como aporte, né, o materialismo histórico dialético. Então, foi uma coisa que se contemplou. [...] A minha monografia foi sobre sindicalismo, [...] isso já fruto das pesquisas que eu fiz parte, né, na época como bolsista [...] (Entrevistada 4).

A Entrevistada 5 é graduada em Serviço Social, possui especialização em Teoria e Prática do Serviço Social, mestrado em Sociologia, doutorado em Serviço Social e livre-docência em estudos referentes à família, gênero, pobreza e dominação masculina. É pesquisadora do CNPq, membro de grupos de pesquisa e vice-líder de um observatório do curso. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Gênero e Pobreza, atuando principalmente nos temas: políticas públicas, família, gênero, violência contra a mulher e cidadania feminina. Acerca da sua formação acadêmica, ela referiu:

[...] O Serviço Social era uma coisa bastante promissora para aquelas pessoas que tinham feito Ensino Fundamental e Ensino Médio mais em colégios religiosos, de freiras, que formavam as mulheres para serem professoras, não é? É... mas eu fiz um teste vocacional e o teste vocacional me indicou Serviço Social. [...] Bom... fiz o mestrado já depois de muito tempo como docente. [...] Escolhi fazer meu mestrado em Sociologia e foi a melhor coisa que eu fiz. Eu acho que foi um momento de abrir a cabeça. [Eu] tava numa formação muito intestina: Serviço Social pelo Serviço Social. Eu participava amplamente das discussões, dos conselhos... do Conselho Federal, do Conselho Regional... [...], me envolvia muito com o movimento estudantil como docente, tinha alunas que eram militantes, e achei que aquela formação em Serviço Social precisava de um reforço. [...] Eu sentia a necessidade desse reforço, e ao invés de fazer mestrado em Serviço Social, eu optei por fazer mestrado em Sociologia. [...] E foi a melhor coisa que eu fiz porque realmente eu acho que abriu a cabeça. Pra mim foi muito bom, porque eu voltei com uma visão ampliada da questão social, né..., fiquei muito envolvida com atividades de pesquisa. [...]. É... logo em seguida fui fazer meu doutorado. [...] Aí fiz o doutorado em Serviço Social [...]. (Entrevistada 5).

A Entrevistada 6 é graduada em Serviço Social, possui especialização em “Desigualdade, cooperação y desenvolvimento”, mestrado e doutorado em Sociologia. Lidera um observatório, representa a UECE junto à Coordenadoria Estadual de Políticas para as Mulheres (CEPAM), é pesquisadora de um núcleo de pesquisas e desenvolve grupos de estudo e pesquisa. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em gênero e violência e gênero e trabalho, atuando principalmente nos temas acima referidos e em geração, políticas públicas e assistência social. Entre outras coisas, é interessante transcrever sua fala a respeito da sua inserção no movimento estudantil no início da sua trajetória acadêmica:

Então, ainda no ano de 68, eu voltei, e quando eu voltei, houve a eleição pro Centro Acadêmico, que na época era o Diretório Acadêmico, [...] e me indicaram que eu deveria ser presidente do Diretório Acadêmico e eu entrei no Diretório Acadêmico do Serviço Social. Bom, então fui do Diretório Acadêmico, terminei o curso no ano de 70, num momento de grande repressão. Nesse [ano] de 68 mesmo, em dezembro, foi cassado todo o Diretório e eu passei um período... fui presa nesse período, né?! E da década de 70 [...] eu pertencia a uma organização clandestina, chamada Ação Popular, que tinha sido da Igreja e teria sido transformada marxista, do partido [...] marxista-leninista. E eu fui perseguida durante muitos anos, acho que uns 10 anos, até a anistia. Durante esse período, eu participei do movimento da anistia [...]. Eu achei assim que sempre o Serviço Social me instigou a procurar a ciência [...]. (Entrevistada 6).

A Entrevistada 7 é graduada em Serviço Social, com mestrado e doutorado em Educação (tendo realizado Estágio de doutoramento na Universidade de Warwick, Inglaterra) e pós-doutorado na temática de desenvolvimento, desigualdades e movimentos sociais. Também desenvolve projetos de pesquisa, de extensão e outros projetos relacionados ao Serviço social para áreas de reforma agrária. É revisora do periódico eletrônico “Arma da Crítica”. Tem experiência em Serviço Social, com ênfase em Serviço Social, questão social, questão agrária, trabalho e movimentos sociais, concentrando suas pesquisas e estudos nos temas: questão social e agrária; assentamento rural; Serviço social; trabalho e sociabilidade; educação e cidadania. Suas linhas de pesquisa se referem ao Serviço Social, trabalho e políticas sociais; e Estado, questão social e Serviço Social. Ela comentou a respeito dos aspectos que lhe fizeram escolher o Serviço Social, ao afirmar: “[...] Eu tive uma identificação muito grande com a questão social [...], o debate aqui no Serviço Social era muito intenso sobre a crítica às perspectivas conservadoras, o positivismo, o funcionalismo [...], este debate era muito forte embora não fosse profundo, né?!” (Entrevistada 7).

A Entrevistada 8 é graduada em Serviço Social e Direito, com mestrado em Educação e doutorado em Sociologia. Desenvolve pesquisa no âmbito da juventude e assistência estudantil, compondo um dos laboratórios do curso. Tem experiência nas áreas de Educação, Sociologia do trabalho, Serviço Social e políticas públicas, com ênfase em programas e projetos de capacitação profissional e docência no ensino superior. Ao falar sobre sua trajetória acadêmica e profissional, ela comentou acerca do seu contato com Marx e com autores considerados pós-modernos.

Desde a graduação que eu tive contato [...] com a obra de Marx. Embora a gente nas disciplinas não estudasse muito os clássicos [...], mas, em algumas delas, eu tive a oportunidade de ler alguma coisa do “Capital” [...]. Na pós-graduação, no Mestrado em Educação e no doutorado, é que eu pude me aproximar mais [...] do pensamento de Marx [...] ou da teoria social crítica, que é o pensamento hegemônico na perspectiva do Serviço Social, né? Então foi [...], sobretudo, no doutorado, que eu participei do laboratório de estudos [...] marxistas... e também na Educação, os

professores seguiam essa linha marxista... Então, a minha formação incluiu essa leitura do pensamento marxiano e marxista, tá? Já dos autores que são considerados pós-modernos [...] na graduação, eu lembro que eu estudei Foucault [...] e com outros considerados pós-modernos hoje: Bauman [...], Boaventura de Sousa Santos... Eu tô falando isso, mas não porque eu os classifique como pós-modernos [...], e aí [é] onde eu vou chegar... [...] No estudo e [nas] pesquisas que a gente utilizava Foucault no PET [...], a gente pesquisava diferentes autores [...], que [...] hoje [é o] Programa de Educação Tutorial [e] não se fazia essa diferença, como hoje tem essa diferença entre o marxismo e o pós-moderno: de um lado os marxistas, do outro lado os pós-modernos. Eu não sentia tanto isso. A gente estudava os autores, tinha liberdade de pensamento, né..., embora já o pensamento hegemônico fosse da teoria social crítica (Entrevistada 8).

A Entrevistada 9 é graduada em Serviço Social, com mestrado em Políticas Públicas e Sociedade e cursa doutorado em Sociologia. É pesquisadora de um dos observatórios e um dos núcleos de pesquisa do curso de Serviço Social, integrando projetos de pesquisa, assim como é membro de um grupo de estudos vinculado à UFC. Suas linhas de pesquisa incluem a juventude e a questão ambiental; a assistência social e a inclusão produtiva; o empreendedorismo e as relações de gênero; o trabalho e as relações de gênero; e a cultura e as relações de gênero. Desenvolve pesquisas nas áreas de: cultura popular e economia criativa; gênero; violência e trabalho. Atuou como assistente social nas áreas de assistência social e em projetos sociais com mulheres, associações e conselhos de bairro, bem como com jovens em situação de vulnerabilidade e risco social. Esta entrevistada apontou a importância da pesquisa em sua formação, ao dizer que: “[...] E aí o PET, ele me permitiu também uma aproximação com o grupo de pesquisa Gênero, Família e Geração e aí lá foi fundamental pra eu poder pensar no meu amadurecimento teórico” (Entrevistada 9).

Percebemos que entre os/as Entrevistados/as, todos possuem graduação em Serviço Social, entretanto apenas 1 (um) deles cursou mestrado nessa área e outro doutorado nessa área. As especializações posteriores, como mestrado e doutorado, na verdade, abarcaram uma grande multiplicidade de campos, precipuamente, relacionados aos campos filosóficos, educacionais, sociológicos ou das políticas públicas. Estes campos, majoritariamente, compreendem discussões bastante relacionadas às vivências com as quais um/uma assistente social se comunica ou os estudos relacionados ao Serviço Social ou carentes de maior aprofundamento ou debate. Com efeito, 1 (um) entrevistado/a tem mestrado em Filosofia, 3 (três) em Educação, 2 (dois) em Sociologia, 1(um) em Políticas públicas e 1(um) cursa mestrado em Serviço Social. Com relação aos doutorados, 1 (um) tem doutorado em Filosofia, 1 (um) em Política social, 2 (dois) em Educação, 1 (um) em Serviço Social, 2 (dois) em Sociologia e 1 (um) cursa doutorado em Sociologia.

## 4.2 POSICIONAMENTOS DOS/AS PROFESSORES/AS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UECE SOBRE O PÓS-MODERNO

Os/as 9 (nove) docentes do curso de Serviço Social da UECE entrevistados/as discutiram conosco acerca das perguntas elaboradas no roteiro de entrevista de forma livre e reflexiva. A entrevista semiestruturada se deu na forma de uma “conversa direcionada”, tendo em vista nossa intenção de possibilitar aos participantes a liberdade suficiente para posicionarem-se e elucidarem suas posturas críticas diante do nosso objeto. O roteiro de entrevista se compunha de perguntas relacionadas a três aspectos principais, articulados: as primeiras perguntas se referiam às compreensões sobre o pensamento de Marx e sua utilização em sala de aula (perguntas 2 e 3); as perguntas 4 e 5 diziam respeito ao entendimento sobre o pós-moderno, a pós-modernidade e o pós-modernismo, assim como a sua utilização em sala de aula; e as perguntas finais (6 a 8) correspondiam à relação do pensamento pós-moderno com o Serviço Social. Todas estas foram formuladas como elementos de uma discussão mais ampla, relacionando os elementos questionados à contemporaneidade e aos desafios postos para o PEP da categoria dos/as assistentes sociais.

Para organizar as respostas oriundas das entrevistas, optamos por separar os posicionamentos dos/as professores/as entrevistados/as em dois eixos centrais de análise, os quais abordam as percepções sobre o pós-moderno e as percepções sobre as relações entre o pensamento pós-moderno e o Serviço Social. Dentro destes dois eixos, alguns tópicos ganharam destaque e mereceram maior aprofundamento, como os concernentes ao debate sobre o pluralismo, o ecletismo, o (neo)conservadorismo, os movimentos sociais, a falência ou não dos valores da modernidade e o soerguimento ou não da pós-modernidade. É importante enfatizar que esta separação teve objetivos apenas didáticos e visou sistematizar o conjunto das respostas fornecidas pelos/as entrevistados/as, já que estas abordaram diferentes tópicos, campos de análise e questões complexas relacionadas ao nosso objeto.

Na realidade, estas respostas se complementaram, justificaram-se e se articularam dentro dos discursos dos/as professores/as em diversos momentos, pois às vezes lhes perguntávamos uma questão e este respondia com outro questionamento dentro do leque de problemáticas em discussão e outras vezes lhes perguntávamos questões não constantes no roteiro de entrevista e recebíamos um relato rico de informações sobre temas relacionados. Dessa forma, os dois tópicos seguintes apresentam a sistematização de alguns dos elementos principais discutidos com os/as docentes, sujeitos de nossa pesquisa. Enfatizamos que suas respostas se relacionam à compreensão do objetivo geral dessa investigação, que inclui a

análise das percepções dos/as entrevistados/as sobre o pensamento pós-moderno e sua recepção pelo Serviço Social brasileiro.

#### **4.2.1 Posicionamentos sobre o pós-moderno: elementos constitutivos e existência ou não da pós-modernidade**

Ao longo da entrevista semiestruturada realizada com os/as professores/as do curso de Serviço Social da UECE uma das questões interessantes que vieram a lume foi a de pensar em quem ou o que determina a rotulação de um pensador como pós-moderno, isto é, o que torna um pensador pós-moderno ou não. Seria a sua defesa de estarmos em um momento de amplas transformações societárias? Seria a aceitação de que estas mudanças teriam sido tão profundas a ponto de romperem com os valores da modernidade? Seria a ideia de que a emancipação humana por meio do comunismo é uma proposta irrealizável? Ou mesmo estaria expressa na descrição da realidade como ela é atualmente, sem aprofundar as bases de exploração fundamentadoras do modo de produção capitalista? Entre todas estas questões e outras possíveis, o que é interessante observar é a partir de onde ou de que estudiosos constituímos nossa posição pessoal e profissional crítica sobre o pós-moderno e sobre os autores considerados como pertencentes a esta linha de pensamento. Sobre este aspecto, as Entrevistadas 8 e 5 questionaram:

[...] O que eu quero saber é o contato que você teve com aquilo que você acredita ser o pensamento pós-moderno e o que é que lhe faz chamar isso de pensamento pós-moderno... É uma curiosidade mesmo, porque o de Josiane, Simionatto..., os autores do Serviço Social, eles não são [...] pensadores... pós-modernos. Eles estão falando do pensamento pós-moderno, certo? [...] E o que é que [...] leva você a caracterizar esse pensamento como pós-moderno? (Entrevistada 8).

[...] Eu já li David Harvey, já li Vattimo... , eu fico tentando ler Maffesoli, e eu acho que eles não sabem bem discernir o que é pós-moderno: “–Como é que alguém taxa o outro de ser pós-moderno?!” Então, ser pós-moderno virou sinônimo de ser reacionário [...], de ter dito não ao marxismo... né? E, na verdade, eu acho que não é por aí... (Entrevistada 5).

Ao levarmos em consideração estes questionamentos, percebemos as consequências prováveis advindas com a não observação do lugar de onde partem os comentadores ou leitores das correntes de pensamento sobre as quais nos debruçamos. No próprio Serviço Social, as interpretações de Althusser sobre a obra de Marx legitimaram distorções e equívocos (PAULO NETTO, 1989, p. 97; QUIROGA, 1991, p. 84-91; BARROCO, 2010, p. 154-155), provocando no momento desta aproximação, uma visão

diferente da proposta inicialmente pela teoria marxista. Entre outras coisas, Althusser foi responsável pela articulação entre marxismo e cristianismo dentro da profissão, propalando um “marxismo científico, de feições neopositivistas”, que compreendia a “filosofia marxista [como] [...] teoria do conhecimento e o marxismo [como] uma ciência, nos moldes positivistas, ou seja, objetiva e neutra” (BARROCO, 2010, p. 154).

Nos movimentos cristãos, a apropriação de Marx por Althusser também aconteceu de modo confuso, desenvolvendo um marxismo anti-humanista. Esta apropriação se visibilizou na incidência de um ecletismo teórico metodológico que tentava conciliar o humanismo cristão ao marxista e, assim, em alguns momentos o marxismo era visto como uma filosofia aproximável ao humanismo e em outros momentos era visto como uma ideologia<sup>83</sup> (*Ibid.*, p. 156). A compreensão deste autor reatualizou uma ética marxista-positivista, que via o pensamento de Marx a partir da aplicação prática de leis científicas desvinculadas de juízos de valor<sup>84</sup>, o que se expressava em seu posicionamento de “nega[r] a influência hegeliana, a teoria da alienação, a presença de valores e conseqüentemente, a possibilidade de sistematização de uma ética fundada em Marx” (*Ibid.*, p. 155).

Pensar nos equívocos e deturpações no pensamento marxista, inclusive, na ideia inicial de que a inclusão dele nos currículos de Serviço Social poderia ser reflexo do ecletismo<sup>85</sup> (QUIROGA, *op. cit.*, p. 90), bem como entendê-lo como corrente revolucionária trazida para o Serviço Social brasileiro no período ditatorial a partir da leitura de Althusser nas universidades, leva-nos a interrogar: “De que lugar falam os intérpretes dos autores rotulados como pós-modernos sobre os quais ouvimos falar ou lemos no Serviço Social majoritariamente?”. A recorrência a fonte é sempre a melhor saída para evitar rotulações errôneas, visões deturpadas ou preconceituosas sobre qualquer linha de pensamento ou estudioso/a. O próprio histórico de recepção do pensamento marxista mundialmente já demonstrou várias outras deformações nas interpretações da obra deste autor, como as

---

<sup>83</sup> A primeira forma de justaposição gerou tensões e contradições devido à oposição entre as ideias materialistas e a metafísica cristã e a segunda forma devido à desvinculação aos fundamentos ontológicos do pensamento marxista (BARROCO, 2010, p. 156).

<sup>84</sup> Isto ocorreu em decorrência do uso apenas de “O Capital” e da conseqüente desconsideração de outras obras escritas por Marx, quando este era mais jovem. Apesar disso, não podemos esquecer que a dificuldade ou mesmo impossibilidade de acesso às obras marxistas se devia ao momento político em andamento: a ditadura. Esta propiciou um amplo e variado mercado de trabalho para o assistente social, recrutando-o como executor de políticas terminais, mas ao mesmo tempo obrigou os meios acadêmicos a adequarem-se às balizas que impunha, através da exigência de universidades acrílicas e respeitadas ao projeto modernizador da autocracia burguesa (PAULO NETTO, 1991a, *passim*).

<sup>85</sup> Nas palavras de Quiroga (1991): “se a disputa foi acirrada em algumas unidades [de ensino], o que revela a força do significado da abordagem da perspectiva marxista, sua inclusão, vista como uma dimensão importante dentro de uma visão pluralista, em algumas situações, passa a considerar-se componente de uma visão eclética da formação profissional” (QUIROGA, 1991, p. 90).

desenvolvidas dentro do campo marxista por pensadores da Segunda Internacional e da Terceira Internacional (que culminou no stalinismo) e dentro do campo dos não-marxistas, como algumas teses desenvolvidas por autores pós-modernos (PAULO NETTO, 2011, p. 11-16). É válido apontar, que cada estudioso/a fala de um lugar, de uma linha teórica e, portanto, suas posturas e críticas seguem uma direção. Inclusive, o Entrevistado 2, ressaltou a este respeito: “[...] toda produção de saber, eu acho que toda produção do conhecimento que nós produzimos, ela é conduzida por uma postura metodológica” (Entrevistado 2). A Entrevistada 8, sobretudo, expressou se incomodar com o excesso de rotulações direcionadas aos/as estudiosos/as:

Eu me incomodo muito com essa coisa de você taxar [...]: “-Ah, você é marxista!”. Quer dizer que você só lê Marx?!, ou então, “Você é pós-moderno!” [...]. E isso virou até uma antipatia [...], porque os discursos, eles acabam sendo tão radicalizados [...]. As pessoas vão antipatizando: “-Olha, lá vem você com seu discurso marxista” [...], lá vem você com seu discurso pós-moderno, fragmentado, raso, né?” Quer dizer, virou [...] uma antipatia... A ciência, a realidade em si não está dividida dessa forma... né? A própria ciência moderna [...] vem com a ideia do pensar relacional, do pensar complexo [...] (Entrevistada 8).

Pensando nestas questões, perguntamos aos/as nossos/as entrevistados/as se eles/as conseguiam utilizar em suas aulas a obra do próprio Marx e dos próprios autores considerados pós-modernos e todos/as afirmaram que “sim”. Logicamente, assinalaram algumas limitações para o uso, mas elucidaram a abertura para estudo de diferentes autores, pertencentes a diferentes paradigmas de pensamento, em conformidade com o conteúdo em debate nas disciplinas ministradas. Por exemplo, a Entrevistada 7, afirmou ser importante trazer autores com discussões relevantes sobre as questões contemporâneas para a aula, tendo em vista o fato de a formação dos alunos não se dar unicamente em sala, correspondendo ao professor, a tarefa de pelo menos fazê-los refletir sobre as problemáticas atuais – embasando-se em diferentes autores – e apontando a gênese dessas problemáticas na relação de exploração (que não é trabalhada pelos pós-modernos).

[...] Porque aí a gente diz: “- Puxa vida!”, mas é o risco [...] que a gente tem que correr... Primeiro, porque eu não sou responsável como professora, como docente, da formação total dos nossos alunos. Eles se formam na sociedade... e o pensamento pós-moderno tá aí, correndo e sendo fortalecido na sociedade. E ele tem uma certa fundamentação, porque ele dialoga um pouco com o real. Ele só não vai às últimas consequências. Mas quando você lê o Sennett, “A corrosão do caráter”... Você... “Poxa! Você pode jogar fora? Você pode negar [...]?” Quando ele fala da cultura do novo capitalismo, da nova sociedade, né?, que ele vai trazer exatamente o capitalismo da reestruturação produtiva. Aí você vai dizer: “-Realmente, o empreendedorismo, o freelancer” [...] (Entrevistada 7).

Já os/as Entrevistados/as 2 e 3 ressaltaram a relevância de algumas produções consideradas pós-modernas. Inclusive, o Entrevistado 2 enfatizou a liberdade de os alunos lerem e utilizarem os autores com análises e contribuições consideráveis para suas temáticas de estudo, independentemente da filiação teórica. Conhecer seria um imperativo e ajudaria a se evitarem posições religiosas frente quaisquer linhas de pensamento ou teóricos/as:

Você tem o Zygmunt Bauman, que... se você for falar de afetividade, fantástico! Então tem uma coisa mais clara [...] a meu ver hoje, aquele amor líquido, vida líquida, sociedade líquida... pra definir...e aí também a psicologia usa, usa muito... o que é que nós temos hoje nos relacionamentos. Eu não posso olhar pra isso... eu, eu acho que é ignorância da nossa parte, olhar pra isso e dizer: - é mentira! Ele não tá mentindo! Não... (risos)... Ele tá dizendo a verdade. Só que já entra numa vertente que eu não gosto muito, que é a vertente da autoajuda (Entrevistada 3).

Depende da disciplina, por exemplo, em “Trabalho e Sociabilidade”, eu usei “O Capital”, em “Processos de Trabalho”, eu usei “O Capital”, em “Ética e Direitos humanos”, eu usei “A Questão Judaica”, né?! O Marx, né!?. Em “Trabalho e sociabilidade” eu usava “A Ideologia Alemã”, né, em “Pesquisa”, eu usava “Introdução à crítica da Economia política”, né?... Então, eu uso, e eu acho que é necessário usar [...] os autores. Então, se eu tiver algum aluno nas orientações que fale sobre a questão penal, eu mando ler “Vigiar e Punir”, entendeu? Eu não mando ler esses outros autores que são da tradição da teoria crítica que vão pra linha do Foucault, mas eu acho que não dá pra ficar nessa relação religiosa. Pra mim, é uma relação religiosa com os autores. E eu costumo dizer em sala de aula: “-Olha, eu trago os meus textos que tão lá na xerox como referência, mas isso não quer dizer que você não possa usar outros textos e outros autores que não tão lá. Se eles tem relação com uma disciplina, com o conteúdo que a gente tá discutindo, você pode usar nas provas, nos trabalhos, não tem problema” (Entrevistado 2).

As falas dos Entrevistados acima ressaltaram que há autores com contribuições relevantes em seus campos de análise, mesmo que eles não cheguem às origens dos problemas atuais. O trabalho do docente está, portanto, em apresentar as colaborações destas diferentes análises teóricas, distinguindo as origens dos problemas contemporâneos, isto é, as contradições existentes na relação capital *versus* trabalho. Esta relação foi explicada primeiramente e com profundidade por Marx (2013). Para ele, há uma lei geral de acumulação capitalista que se estabelece a partir do momento em que o trabalhador vende sua força de trabalho (por não deter os meios de produção) para o capitalista. Este é responsável por explorar o trabalho do empregado e produzir mais valia, através do trabalho não pago. Neste processo, ocorre “[...] a acumulação de riqueza num pólo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral do pólo oposto” (MARX, 2013, p. 721). O que significa dizer que, na medida em que o trabalhador produz riqueza para o capitalista, ele, como a “mais miserável mercadoria” (MARX, 2010, p. 79), empobrece, degrada-se, fragiliza-se não apenas como

trabalhador, mas também como ser humano, deixando de atender suas necessidades básicas para atender as necessidades do capital. Dito de outra forma,

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas [...] aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens [...] (MARX, 2010, p. 80, grifos do autor).

O trabalho realizado pelo trabalhador não produz apenas mercadorias, mas ao próprio trabalhador e a si mesmo como uma mercadoria. Todavia, este trabalho se materializa como um trabalho estranhado. E o ato do estranhamento da atividade humana prática diante do trabalho se expressa por três aspectos principais: a relação do trabalhador com o produto do seu trabalho lhe aparece como um objeto estranho e poderoso sobre ele, sendo ao mesmo tempo uma relação com os objetos da natureza que lhe aparecem como um mundo alheio com o qual se defronta<sup>86</sup>; a relação do trabalho com o ato da produção no interior do trabalho é a relação do trabalhador com uma atividade estranha a ele e que não lhe pertence, logo, a atividade se materializa como miséria, isto é, o trabalho é externo ao trabalhador, não pertence ao seu ser<sup>87</sup>; e o trabalho estranhado faz do ser genérico do homem um ser estranho a ele, o homem se torna estranhado do produto do seu trabalho e do próprio homem, pois “na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o *gênero* [humano]<sup>88</sup> (*Ibid.*, p. 84, grifos do autor).

A Entrevistada 9 também postulou que o papel do professor ganha sentido justamente ao problematizar o conteúdo das teses dos autores trabalhados em sala. Logo, não há problemas em se estudarem diferentes autores e diferentes correntes de pensamento em sala, a partir do momento em que o professor assuma o papel de questionador das visões defendidas por estes, fazendo os alunos refletirem sobre a substância das obras: se conservadora, superficial, preconceituosa, ou quaisquer outras possíveis.

<sup>86</sup> “[...] O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria [...]. O objeto que o trabalho produz [...] se lhe defronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa, é a objetivação do trabalho”. [...] Esta efetivação do trabalho aparece [...] como desefetivação do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão do objeto, a apropriação como estranhamento, como alienação [...]. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital”. (MARX, 2010, p. 80-81).

<sup>87</sup> “[...] Portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mais infeliz, [...] mortifica a sua physis e arruina o seu espírito” (MARX, 2010, p. 82-83)

<sup>88</sup> “[...] Pois primeiramente o trabalho, a atividade vital, a vida produtiva mesma aparece ao homem apenas como um meio para a satisfação de uma carência, uma necessidade de manutenção da existência física” (MARX, 2010, p. 84).

Eu consigo... [...] fazer isso [usar diferentes autores em sala e textos originais deles], mas eu tenho que me posicionar criticamente perante o autor... Por isso que o professor, ele tem um papel muito importante..., porque uma disciplina que a gente tem, que são leituras altamente conservadoras, disciplina de “Planejamento e Administração em Serviço Social”. Primeira parte da disciplina é só falando sobre as teorias da administração. Eu trago textos do Chiavenato, um cara altamente teórico da administração [...]. O problema não é eu trazer o Chiavenato. O problema é o aluno incorporar aquilo ali de maneira acrítica. [E] ele não ver nada de errado naquele texto, ele achar que tipo: “-Ah, tá ótimo, eu vou poder usar”: é esse o problema! E se o aluno não identifica *per si*, o professor tem que fazer esse processo...: tem que cumprir esse papel de questionador, de problematizar, de: “-Pessoal, e aí, é desse jeito?”, “você acham que tá certo assim?”, “você acham que eu posso ver violência só dessa forma?”. Eu que tenho que fazer essa ligação...: o problema não é trazer o texto, o problema é assimilar o texto de maneira acrítica, entendeu? Então, o problema não tá no pensamento pós-moderno, tá é no Serviço Social ou nos profissionais assimilarem de maneira passiva os textos, as contribuições dos autores, você tá entendendo? (Entrevistada 9).

Em se tratando das obras mencionadas pelos Entrevistados 2, 3 e 7, para explicitar as colaborações de alguns autores considerados pós-modernos, podemos ver em Sennet (1999), que realmente há descrições bastante elaboradas sobre a flexibilização do trabalho no capitalismo atual e as consequências desta. Entre outras coisas, este autor aborda o modo como o trabalho flexibilizado impacta na vida das pessoas, fazendo-nos refletir se o capitalismo flexível gera crescimento pessoal ou se é simplesmente uma nova forma de opressão. Através dos personagens Rico e Rose, vemos a vida instável e rotinizada do trabalhador moderno, as limitações de tempo, as exigências por excesso de qualificação, a competitividade no mercado, a mobilidade ocupacional, a segregação dos trabalhadores mais velhos, a instabilidade e o risco no trabalho e em suas condições (SENNET, 1999, p. 48-49; 89-111).

No que tange à Bauman (2001), suas elaborações trazem a ideia de que o medo, o amor, as afinidades interpessoais, a ideia de emancipação, de individualidade, nossas relações com o trabalho, com a comunidade, com o tempo, com o espaço, entre outras, seriam abalados por novas configurações marcadas pela leveza e pela liquidez. Em outras palavras, diversos âmbitos da atualidade traduziriam a fluidez, a efemeridade, a superficialidade, proporcionando o surgimento de uma era “moderna de um modo diferente” (BAUMAN, 2001, p. 36). Esta se traduziria por duas características principais, que tornaram a modernidade da contemporaneidade nova e distinta: a derrocada da ideia ilusória da antiga modernidade de que a humanidade caminhava para um fim, isto é, uma sociedade justa e emancipada; e o deslocamento dos deveres e tarefas dos indivíduos, que passaram a valorizar suas diferenças e suas opções, autoafirmando sua individualidade (*Ibid.*, p. 37-38).

Com Foucault, temos uma variedade de publicações sobre diferentes assuntos. É comum, por isso, que alguns professores – inclusive no Serviço Social, como o Entrevistado 2 relatou, e as matrizes curriculares apresentadas na Introdução deste trabalho comprovaram – apontem a obrigatoriedade de se lerem determinadas obras deste autor por sua consistência teórica. Este pensador apresenta uma metodologia embasada numa arqueologia do saber por meio de uma genealogia do poder (MACHADO, 2012, p. 7), o que não invalida a importância das suas contribuições, conforme o Entrevistado 2 mencionou.

Dito de outra forma, autores de outras linhas de pensamento que não sejam a da teoria crítica podem proporcionar conhecimentos importantes e necessários para diferentes objetos de estudo. Assim, é recorrente a utilização de *História da loucura* para estudar a questão institucional e política; *História da sexualidade* para estudar a sexualidade ou *Microfísica do poder*, para estudar os sistemas prisionais e as relações de poder. Nesta última obra, inclusive, as descrições sobre as relações disciplinares, isto é, “a disciplina [que] fabrica [...] corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 2009, p. 133, grifos do autor) tem sido aplicadas para referenciar a coerção disciplinar vivenciada em diferentes instituições, como no ambiente de trabalho e na escola, por exemplo, sendo utilizadas com fôlego por estudantes e pesquisadores/as do Serviço Social.

Estas discussões ressaltam a necessidade de evitar rotulações e posturas intolerantes na universidade, as quais podem ser mobilizadas por posicionamentos intransigentes sobre uma corrente teórica. A Entrevistada 3 afirmou que “[...] até os próprios alunos são tão doutrinados que se você falar do pós-modernismo [...], você com certeza vai ser chamada... né? Eles nem sabem o que é... Tem muito isso: eles nem sabem o que é e já condenam” (Entrevistada 3). O Entrevistado 2 também ressaltou a necessidade de se compreender primeiro o que fundamenta cada corrente de pensamento, antes de criticá-la. Ele entende que “[...] já se criou dentro dessa expressão [pós-moderno] um certo preconceito, uma certa pré-noção...” (Entrevistado 2) e muitas vezes estas ideias preconcebidas autorizariam a gênese de segregações no seio universitário, ocasionando a atribuição de “etiquetas” para professores que estudam ou têm leituras de determinados assuntos.

O mesmo Entrevistado relatou: “[...] Eu mesmo deixei de ser chamado pra banca, porque eu tenho essa tradição de ser chamado um marxista radical, e eu nem sou, né?!” (Entrevistado 2). E complementou que é comum ocorrerem cenas como as seguintes: “– Ah, eu não vou chamar fulano de tal, porque é pós-moderno; ah, eu não vou chamar fulano de tal, porque é marxista” (Entrevistado 2). Da mesma forma, a Entrevista 5 se questiona: “Como eu estudo família e estudo gênero, sei que as alunas me dizem que alguém comenta no curso: “-A

professora é pós-moderna!” Eu não sei nem o que é ser pós-moderno, como é que eu sou pós-moderna? O que é ser pós-moderna?” (Entrevistada 5). O próprio Jameson (1997) alegou haver sido “concomitantemente identificado com um objeto de estudo” (JAMESON, 1997, p. 302), sem apresentar nenhuma pretensão para isso<sup>89</sup>.

Devemos ressaltar que estas falas traduzem experiências particulares e pessoais vivenciadas ou percebidas por nossos/as entrevistados/as<sup>90</sup>. O fato de o Serviço Social haver adotado uma postura teórica, metodológica e política relacionada ao marxismo terminou por determinar o modo como a profissão de modo geral encara a realidade profissional e social, mas também não apagou as opiniões particulares de cada indivíduo. Isto significa dizer que se o marxismo foi adotado pela profissão para que esta se afastasse do conservadorismo, ver a possibilidade de influência de outras matrizes teóricas que não sejam embasadas na teoria crítico-dialética poderia fomentar um retrocesso profissional e teórico, o qual deve ser evitado, conforme alguns membros da categoria.

Após termos como horizonte esta precaução de evitar rótulos e interpretações preconceituosas, podemos compreender as diferentes percepções sobre o pós-moderno, a pós-modernidade e/ou o pós-modernismo dos/as entrevistados/as. Estas giraram em torno da associação destes conceitos ao movimento ideológico de crise do capitalismo contemporâneo, que afronta diretamente as categorias marxistas e reafirma a alienação, conforme assinala a Entrevistada 4:

[...] O que eu entendo a partir dessas leituras breves que eu fiz, não das obras dos pós-modernos, mas da crítica marxista aos pós-modernos, né, eu vou falar nessa perspectiva. É entender que, primeiro, a pós-modernidade é a ideologia do capital em crise, né. O capitalismo, em todas as suas fases, ele teve que elaborar uma visão de mundo, uma interpretação de mundo, uma forma de gerar consenso, né, entre a classe trabalhadora: foi liberalismo, veio neoliberalismo, né. E eu entendo que a pós-modernidade é exatamente a ideologia da atualidade do capital em crise, né. Então, é a concepção [...] ídeo-teórica, né. [...] Então, eu entendo isso, que a pós-modernidade é a ideologia do capital em crise, né. E essa ideologia do capital em crise, ela é uma afronta, né, é uma contraposição direta ao marxismo. Fala das metanarrativas, mas, na verdade, o inimigo jurado da pós-modernidade é o marxismo, né. Porque o que eles tentam desconstruir são exatamente as categorias fundamentais do marxismo, né, a totalidade social, o trabalho, a classe trabalhadora como classe revolucionária. Enfim, eles vão tentando desconstruir todas essas categorias que são centrais pro pensamento de Marx, né. Dizer que o marxismo não dá mais conta da realidade é dizer que a teoria valor não se sustenta, a teoria valor-trabalho não se sustenta mais, né. Então, nesse sentido, eu entendo que a pós-

<sup>89</sup> No caso esta identificação advinha da publicação de um livro sobre o estruturalismo, sendo que na verdade, ele não se considerava nem “o principal porta-voz do estruturalismo” [...] [nem] “o ‘eminente’ crítico e opositor desse movimento” (JAMESON, 1997, p. 302, grifos do autor), como alguns críticos da época denominaram.

<sup>90</sup> Com isso queremos dizer que as falas de nossos/as entrevistados/as não devem ser encaradas como representantes do conjunto das experiências dos/as profissionais e professores/as de Serviço Social no Brasil ou no Ceará.

modernidade, ela é um recurso de maior alienação, que ela não explica a realidade, que ela não dá conta da realidade e ela se prende ao pequeno, ao micro, ao efêmero, né, e desvia a análise da totalidade social, das particularidades sociais pro singular. E, a meu ver, o singular não é capaz de explicar o todo, né. Ele faz parte do todo, ele só é compreendido à luz, como diz Marx, né, dessa totalidade de síntese de múltiplas determinações, que é a totalidade social (Entrevistada 4).

Para a Entrevista acima, a pós-modernidade corresponde a uma ideologia organizada para explicar e justificar o capitalismo na atualidade, que tem como elemento central ofender, injuriar ou desconstruir os elementos que deram sentido à teoria marxista. Se levarmos em consideração a postura, por exemplo, de Lyotard (1993, p. xvi) e Maffesoli (1996, p.9), podemos perceber uma crítica velada aos propósitos marxistas de construção de uma sociedade comunista e emancipada, pois eles consideraram os grandes discursos como construções irrealizáveis. Junto a estes, também Vattimo (1992, p. 9-11) questionou a materialidade da história unitária e das possibilidades de que a história tenha começo, meio e fim, isto é, exploração capitalista (começo), que leva às resistências, revoltas, manifestações engendradas por uma classe trabalhadora com consciência em si e para si (meio), construtoras de uma sociedade comunista emancipada (fim). Igualmente com Bauman (2001, p.38), temos a ideia de vivenciarmos uma modernidade “leve” por não sentir mais o peso de realizar a emancipação humana, que teria sido relegada para alguns indivíduos da classe média e inferior.

Ainda, segundo a Entrevistada 4, o pós-moderno é um dos reflexos da alienação desenvolvido na lógica do capitalismo, sem fundamentação suficiente para explicar a realidade, uma vez que suas análises se voltam para os elementos particulares e não para a totalidade social em suas múltiplas faces. Esta compreensão se aproxima bastante da visão de Jameson (1997) sobre o pós-moderno traduzir uma falta de profundidade teórica produtora do enfraquecimento da historicidade (JAMESON, 1997, p.32), além de existir uma relação entre estágio modernista e capitalismo monopólico e estágio pós-moderno e capitalismo multinacional (*Ibid.*, p. 306), pois para a Entrevistada referida, a pós-modernidade justifica o estágio do capitalismo atual em crise. Do mesmo modo, a percepção dela lembra a defesa de Callinicos (1995) de que a pós-modernidade é uma aversão à proposta de revolução socialista (CALLINICOS, 1995, p. 10) e a de Eagleton (1998), de que os pós-modernos tentam deturpar os valores modernos (EAGLETON, 1998, p. 30-35).

A noção de totalidade referida por ela ganha sentido por “confirmar o [seu] estatuto onto-gnosiológico e o [seu] valor lógico intrínseco [...], sem a qual qualquer interpretação teórica do mundo fica reduzida a um amontoado incoerente, amorfo e desarticulado de fragmentos” (CARVALHO, 2007, s/p.). Para que esta categoria se torne uma

categoria dialética e possibilite a superação da aparência do objeto em análise é importante alcançar sua essência, por meio de um processo reflexivo, isto é, o fato deve ser compreendido como um *todo* composto por partes, leis e relações que se vinculam entre si e em movimento. Logo, havendo a desarticulação e a fragmentação desse *todo*, é impossível conhecê-lo, uma vez que conhecer apenas uma parte ou partes do *todo* não implica o conhecimento nem das partes nem do todo. É necessário por isso, apreender a lógica que organiza as conexões da totalidade para estruturar a sua essência, a sua lei, compreendendo toda a transversalidade conectiva do todo. A partir disso, podemos chegar ao conhecimento e a uma relativa predição do movimento do todo (CARVALHO, *loc. cit.*).

Esta percepção da pós-modernidade como uma ideologia construída para justificar a crise do capital contemporâneo, que se desloca da análise da totalidade social para valorizar o micro, coaduna com a ideia de que os pós-modernos realizam uma descrição do cenário atual, a partir de uma base metodológica rasa ou de pouca profundidade teórico-conceitual e ainda com a interpretação de que a pós-modernidade corresponde a uma defesa de rompimento com a modernidade sem concretude material.

[...] Você chegou a outra questão. Por que que eles são pessimistas? Porque eles perderam a dialética da vida. Eles perderam de vista que o mundo é movimento. *Eles não olham pra história... pro passado, pro presente...* (Entrevistada 7, grifos nossos).

Eles [os pós-modernos] tão fazendo um diagnóstico da pós-modernidade... [...] Enfim, eles são estudiosos da sociedade contemporânea. [...] E estão buscando uma nomenclatura para classificar a sociedade contemporânea... [...] Mas a minha questão é: “E são pós-modernos por isso?” [...] Eu acho que a gente tem que ter muito cuidado [...]. Quando você me pergunta: “Qual a sua compreensão do pensamento pós-moderno?”. O quê que você tá entendendo sobre o pensamento pós-moderno, né!?. Porque a pós-modernidade era no sentido de ter uma ruptura com a ciência moderna; com um tipo de compreensão da ciência moderna; que tem aí, como [...] característica principalmente a ciência positiva, né? Quer dizer, o pensamento fragmentado, o pensamento que não leva em conta a historicidade, que prioriza a objetividade... né? Então, se o propósito da pós-modernidade fosse romper com isso... nós teríamos um pensamento que consideraria a historicidade, a totalidade... [...]. No entanto [...], nós temos uma tendência à fragmentação [...]. Então, é claro: “-Eu sou contra o pensamento fragmentado?, só pra fechar aqui: sou! Acho que o pensamento não deve ser fragmentado: o pensamento deve ser complexo, deve ser histórico... *Eu acredito muito no método de apreensão da realidade dialético.* Acredito muito [...] e acho que a pessoa com um pensamento raso, com um pensamento que não vê a raiz, que é [...] a crítica radical... ir até a raiz... [...], que isso de fato ameaça o compromisso com o projeto ético-político do Serviço Social? Acho! né?! Mas o meu pensamento, o pensamento de fulano ou ciclano é classificado assim, né... por quais características? (Entrevistada 8, grifos nossos).

Os pensadores pós-modernos eles fazem um diagnóstico perfeito da realidade: a sociedade tá assim! Mas eles não se perguntam, pelas causas..., eles não se perguntam pelas consequências... Alguns até ensaiam, alguns apontamentos: nós vamos chegar a isso, mas eles não fazem o movimento, que [...] é uma das coisas

que eu gosto do materialismo. [...] Eu vou com marxismo até onde eu acho que dá pra ir, que é o método. E que pra mim ,é o que mais se adapta a leitura da realidade... [...] *O pensamento pós-moderno não faz o caminho de volta...*: “*Quais são as causas? O quê que tá por trás disso? O que vem com a reestruturação produtiva? O que vem com a posse do capitalismo? O que vem com essa captura da subjetividade operária?*” (Entrevistada 3, grifos nossos).

[...] A ideia de pós-modernidade ela tá muito relacionada porque não existe uma unicidade... , não existe um discurso unívoco que defina pós-modernidade, porque eu poderia dizer que pós-modernidade é o tempo posterior à modernidade, como o próprio nome indica etimologicamente. Eu poderia dizer que pós-modernidade tem a ver com uma lógica de pensamento. Eu poderia dizer que pós-modernidade é um posicionamento frente ao real, frente à realidade. Então, se fosse um posicionamento, é um posicionamento que tende a esvaziar as discussões mais macro, as macro teorias, as macro explicações, os metadiscursos, que é bem trabalhado nesse sentido, né, que valorizam o indivíduo, que valorizam as narrativas (Entrevistada 9).

Antes de tudo, devemos ressaltar que realmente não há unicidade nas concepções sobre o pós-moderno para os próprios autores rotulados como pós-modernos, como destacaram as Entrevistadas 3 e 9. Mesmo se considerarmos os teóricos pós-modernos como os que desacreditam o projeto emancipatório da modernidade ou propõem outro método para a análise da realidade, que não o método dialético, temos inúmeras formas, perspectivas e metodologias diferentes para explicar a forma como a realidade atual se efetiva (SOUSA, 2004, p. 157), sobretudo, no que tange a visibilidade da dimensão subjetiva, particular e individual dos sujeitos e seus discursos e a caracterização dos fenômenos típicos da atualidade, como o avanço da tecnologia da informação e da comunicação.

A Entrevistada 8 mencionou que a pós-modernidade se liga à crítica dos valores da modernidade e a ruptura com estes. Muitos dos que teorizaram a pós-modernidade afirmaram que esta deve ser compreendida realmente como a indicação de uma quebra com a modernidade, devido à obsolescência dos valores e propostas desta última, como sua ideia da emancipação humana e do progresso da humanidade pela vida da razão (SANTOS, 1997, p. 18; 70-72; VATTIMO, 1996, p. vii; EVANGELISTA, 2007, p. 40-42; 77-79). Contudo, não há consenso sobre a existência de uma pós-modernidade (EVANGELISTA, 2007, p. 38-41), já que aceitar sua existência é afirmar a impossibilidade de realização do projeto civilizatório moderno e, dentro dele, da ideia de construção de uma nova ordem societária. A aceitação do fim da modernidade pode corresponder ainda à posição fatalista e derrotista diante das condições atuais. E mesmo com as dificuldades de mobilização e de efetivação de estratégias de resistência, no bojo do avanço do neoliberalismo (não apenas no Brasil), devemos apontar a concretude e visibilidade das manifestações, lutas e “idas à rua” pelos sujeitos organizados.

Conforme Evangelista (2007), os traços fundamentais do pós-moderno se relacionam às mudanças operadas no mundo contemporâneo, as quais fizeram os homens construir novas formas de sentir e representar o mundo. Com a sensação de “irrealidade, de vazio e de confusão”, os sujeitos estariam esvaziando sua capacidade de representação, ocasionando a “desreferencialização do Real, a desmaterialização da Economia, a desestetização da Arte, a desconstrução da Filosofia, a despolitização da Sociedade e a dessubstancialização do Sujeito<sup>91</sup>” (EVANGELISTA, 2007, p. 77, grifos do autor).

Assim, a realidade social estaria se processando pela “efemeridade, pela fragmentação, pela indeterminação, pela descontinuidade, pelo ecletismo das diferenças e pelo caos paradoxal” (EVANGELISTA, *loc. cit.*), acarretando a ideia de a contemporaneidade ser pensada “com base numa *heterogeneidade auto-referente* como princípio ontológico” (*Ibid.*, p. 78, grifos do autor), em que o cotidiano se apresenta como espaço para condensação dos elementos materializadores da pós-modernidade. Esta cotidianidade viria marcada “pela individualização, pelo consumismo e pelo predomínio da informação fugaz” (EVANGELISTA, *loc. cit.*), tendo a publicidade um papel importante na elaboração de formas para estetizar os objetos de consumo, erotizá-los e personalizá-los (EVANGELISTA, *loc. cit.*).

Entre os/as Entrevistados/as acima, é recorrente a percepção de que a pós-modernidade carece de base metodológica em comparação à teoria social crítica. Quando pensamos na pós-modernidade como uma interpretação superficial da sociedade contemporânea, é necessário esclarecer que realmente as análises pós-modernas não resgatam as origens de todos os processos sociais, políticos e culturais e muito menos compreendem o todo como um emaranhado de representações, as quais devem ser pensadas, analisadas e articuladas para se chegar à essência determinante de seu modo de ser, originando um concreto que é a síntese de múltiplas dimensões ou entendendo o objeto como um *complexo de complexos*.

Na perspectiva de Lyotard (1993), por exemplo, a decomposição dos metarrelatos aparece como o motivo para “a dissolução do vínculo social e [d]a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta de átomos individuais” (LYOTARD, 1993, p. 28). Todos nós estaríamos imersos em círculos de comunicação que nos influenciam

---

<sup>91</sup> O fenômeno da “desreferencialização do real e dessubstancialização do sujeito”, ocorre justamente quando a realidade – o referente – se transforma em algo fantasmagórico, ao mesmo tempo em que o sujeito – o indivíduo – se transmuta em alguém vazio, sem substância interior (SANTOS, 1997, p. 16). E isto decorre do fato de os sujeitos irem respondendo às exigências dos signos, de modo impulsivo e rápido, satisfazendo o consumo (*Ibid.*, p. 17).

em nossas tomadas de posição como remetentes, destinatários ou referentes de mensagens. Consoante a isso, os jogos de linguagem poderiam ser o método geral para a análise das relações sociais, apesar de nem toda relação social poder ser analisada por ele. Os jogos seriam “o mínimo de relação exigido para que haja sociedade<sup>92</sup>”, uma vez que “a questão do vínculo social, enquanto questão [...] é um jogo de linguagem, o da interrogação, que posiciona imediatamente aquele que a apresenta, aquele a quem ela se dirige, e o referente que ela interroga” (*Ibid.*, p. 29).

Foucault, por seu turno, também propôs um método diferente do dialético para a compreensão da realidade, fundamentado em uma perspectiva genealógica, cartográfica ou mesmo de mapeamento. Sua ideia era a de que os objetos poderiam ser estudados por meio de uma arqueologia do saber, desenvolvida pelo projeto de uma genealogia do poder. Obras como *História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*, demonstraram a utilização de instrumentos metodológicos que construíram o exercício da arqueologia e o método da genealogia, através “[d]o conceito de saber, [d]o estabelecimento de discontinuidades, [d]os critérios para datação de períodos e suas regras de transformação, [d]o projeto de inter-relações conceituais, [d]a articulação dos saberes com a estrutura social [...]” (MACHADO, 2012, p. 10-11). Esta metodologia trouxe “um novo caminho para as análises históricas sobre as ciências” (*Ibid.*, p. 11), por fornecer, a partir da arqueologia, o modo *como* os saberes se colocam e se modificam, analisando suas inter-relações discursivas e suas articulações às instituições. A partir disso, com a genealogia, enfocaram-se os *porquês* dos saberes, analisando-se a existência e as transformações deles como peças de relações de poder ou aparelhos políticos (*Ibid.*, p. 11-12, grifos do autor).

Diferentemente de Lyotard (1993) e Foucault (2012), o método desenvolvido por Marx traz em si a percepção de teoria como “o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – *é o real produzido e interpretado no plano ideal* (do pensamento)” (PAULO NETTO, 2011, p. 21, grifos do autor), ou seja, é pela teoria que o sujeito pode conhecer o objeto, ao reproduzir idealmente o movimento real deste em seu pensamento. Dessa forma, o pesquisador – que tem um papel ativo na produção do conhecimento – deve superar a aparência fenomênica do objeto para alcançar sua essência. E esta superação se dá pela captura da estrutura e da dinâmica do objeto, que é analisado até alcançar-se a sua

---

<sup>92</sup> Podemos tomar como exemplo, o fato de que uma criança humana é automaticamente colocada como referente da história contada pelos que convivem com ela, ocasionando mais tarde o seu deslocamento desta história (LYOTARD, 1993, p. 29).

síntese, após a mobilização de uma grande diversidade de conhecimentos, que devem ser criticados, avaliados, revisados pelo sujeito da pesquisa (*Ibid.*, p. 21-25).

A despeito de não haver discorrido detidamente sobre seu método de pesquisa diretamente, Marx forneceu os elementos que o caracterizavam, demonstrando a necessidade de analisarmos concretamente as situações visíveis, por meio de sucessivas aproximações que produzam o amadurecimento de uma elaboração teórico-científica (*Ibid.*, p. 28). Sua primeira exposição aprofundada sobre estas concepções apareceu n' *A ideologia alemã*, publicada pela primeira vez em 1932 (*Ibid.*, p. 29-30). Neste texto, ele afirmou:

“[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. [...] Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. No primeiro modo de considerar as coisas, parte-se da consciência como do indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como sua consciência. Esse modo de considerar as coisas não é isento de pressupostos. Ele parte de pressupostos reais e não os abandona em nenhum instante. Seus pressupostos são os homens, não em quaisquer isolamento ou fixação fantásticos, mas em seu processo de desenvolvimento real, empiricamente observável, sob determinadas condições (MARX, 2007, p. 94).

A formulação acima mostra a concepção materialista marxista de análise da realidade histórica, ressaltando-se uma articulação perene entre o ser que conhece e a consciência do homem, que deve ser fiel ao objeto que pesquisa no processo de conhecimento por sucessivas aproximações. Esta mesma metodologia é a que Marx utiliza para conhecer seu objeto de estudo, a sociedade burguesa, conforme assinala em *Contribuição à crítica da economia política*:

Quando estudamos um país determinado do ponto de vista da Economia Política, começamos por sua população, a divisão desta em classes, seu estabelecimento nas cidades, nos campos, na orla marítima; os diferentes ramos da produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias etc. Parece mais correto começar pelo que há de concreto e real nos dados; assim, pois, na economia, pela população, que é a base e sujeito de todo o ato social da produção (MARX, 2008, p. 257-258).

Esta passagem elucida que no método marxista o objeto é explicado pelo real e pelo concreto, ocorrendo a abstração de todos os elementos analisados, progressivamente, até chegarmos aos conceitos e as determinações mais simples. Depois de alcançadas estas

“determinações mais simples”, o papel do pesquisador é o de fazer o caminho de volta, até reencontrar o primeiro elemento analisado, no caso de Marx, a população (*Ibid.*, p. 258-260): este caminho de volta seria o método mais apropriado para compreender o objeto. Dito de outra forma, “[...] ‘teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas’” (PAULO NETTO, 2011, p. 43, grifos do autor).

As falas dos Entrevistados supramencionados também ressaltaram a questão da perda da importância da historicidade para os pós-modernos. Jameson (1997) assegurou que esta “crise de historicidade” (JAMESON, 1997, p. 49) nas produções pós-modernas está articulada à “organização da temporalidade em geral no campo de forças do pós-moderno e também ao problema da forma que o tempo, a temporalidade e o sintagmático [assumem] em uma cultura cada vez mais dominada pelo espaço e pela lógica espacial” (*Ibid.*, p. 52). Desse modo é que o pensamento pós-moderno parece acreditar em um sujeito que produz uma cultura marcada por um “amontoado de fragmentos” (JAMESON, *loc. cit.*, grifos do autor), na qual coexiste uma “prática da heterogeneidade [...] fragmentária” (JAMESON, *loc. cit.*). Segundo este mesmo autor, os próprios pós-modernos se compreendem como determinados por esta carência de historicidade, atribuindo-se a eles a “escrita esquizofrênica” (JAMESON, *loc. cit.*), materializada como uma textualidade que rompe com a cadeia de significantes formadora por um enunciado ou um significado, nos termos de Lacan (*Ibid.*, p. 53).

Igualmente, Giddens (1991) articulou a pós-modernidade a uma crise de historicidade. Ele esclareceu que o pós-modernismo vem sendo associado tanto com o descrédito nos fundamentos anteriores da epistemologia, assim como com o “fim da história” (GIDDENS, 1991, p. 52-55, grifos do autor) – que perde sua teleologia e em consequência deslegitima qualquer versão de progresso humanitário – e o surgimento das preocupações ecológicas e de novos movimentos sociais (*Ibid.*, p. 52). De modo particular, as reflexões em torno da “história” precisariam supor as possibilidades de construção de uma pluralidade de histórias e não apenas de uma história com “direção evolucionária”, que se liga “às instituições da modernidade” (*Ibid.*, p. 55). O materialismo histórico de Marx haveria cometido o erro de considerar estas duas expressões da história como sinônimas, sendo que na verdade a historicidade representaria o conhecimento do passado para articular modos de romper com este ou manter o que ele trouxe de positivo e a história seria uma forma de “codificar a temporalidade” (GIDDENS, *loc. cit.*). Assim, a pós-modernidade surgiria pela percepção de que não existe uma noção de história pré-determinada (*Ibid.*, p. 56-57).

O Entrevistado 2 trouxe para o debate a proposta de que haja uma vulgarização do termo pós-moderno, quando na realidade, o movimento, os autores e o fenômeno intitulado de pós-modernismo e/ou pós-modernidade seriam uma materialização do pós-estruturalismo e não o surgimento de uma nova era histórico-social.

Mas eu acho que... que “pós”... O que seria um pensamento pós-moderno? Seria um pensamento contemporâneo? A própria referência a ele já diz muita coisa, né, porque ninguém diz: “o pensamento pós-medieval, pós-antigo”. É o pensamento medieval, o pensamento antigo, o pensamento moderno. Do pós-moderno, já é uma definição de algo que não se sabe o que é. Por isso, que eu não gosto muito dessa expressão, né. Eu acho que talvez a gente [deva] pensar num pensamento pós-estruturalista, né, e ainda tá dentro dessa tradição moderna. Eu acho contemporâneo, né, talvez, não sei, caberia aí outras reflexões... (Entrevistado 2).

De fato, outros Entrevistados (Entrevistados 3, 5, 6 e 8, majoritariamente) também expressaram sua perplexidade diante de alguns posicionamentos lançados sobre o pós-moderno ou mesmo sugeriram existir uma problemática de fundo no cerne desta palavra: a de que talvez ela carregue consigo algumas pré-noções ou ideias já pré-existentes sobre os conteúdos que polemiza, dirigindo-se maquinalmente algumas vezes estas pré-noções para os professores leitores ou estudiosos do pós-moderno. Pensar no pensamento pós-estruturalista conforme recomenda o Entrevistado 2, é compreender os teóricos da pós-modernidade como estudiosos fundamentados no estruturalismo, porém com emersão após a crise da modernidade.

É interessante ressaltar que a crise dos valores da modernidade estava articulada à problematização sobre a centralidade da subjetividade, à valorização do indivíduo e à centralidade do homem (MARCONDES, 2005, p. 254). Contudo, com a fenomenologia, o existencialismo, a filosofia analítica, o positivismo lógico, a teoria crítica da Escola de Frankfurt (considerada dos “herdeiros da modernidade”), novos elementos e perspectivas teóricas entraram em voga. Ao mesmo tempo, surgiram as posturas alicerçadas em “inaugurar uma nova forma de filosofar” (*Ibid.*, p. 256), em que Heidegger, Wittgenstein e os pensadores pós-estruturalistas ou pós-modernos se destacaram. Estes últimos efetivaram uma relação profunda com o estruturalismo, desenvolvido inicialmente pelo linguista Ferdinand de Saussure e posteriormente pelo antropólogo Lévi Strauss (*Ibid.*, p. 254-255).

O estruturalismo tinha a estrutura como elemento central e rompia com o “subjetivismo e a filosofia da consciência do início da modernidade” (*Ibid.*, p. 272). A análise desenvolvida por seus adeptos entendia as estruturas como propriedades “autônomas, objetivas, independentes do pensamento ou da mente dos indivíduos, sendo constitutivas da

realidade em seus diferentes domínios, biológicos, físico, cultural [e] linguístico” (MARCONDES, *loc. cit.*). À ciência caberia o papel de “identificar, explicitar e descrever essas estruturas e suas regras e princípios constitutivos” (MARCONDES, *loc. cit.*).

Assim, os autores rotulados como “pós-estruturalistas” associaram-se aos fundamentos desenvolvidos pelo estruturalismo, sendo também chamados hoje de pós-modernos. Entre seus representantes mais conhecidos temos Foucault, com sua metodologia da arqueologia e genealogia; Deleuze, com sua releitura da filosofia tradicional a partir dos conceitos de identidade e diferença; e Lyotard, com sua defesa do esgotamento de diversos valores centrais da modernidade e sua descrença nas metanarrativas (*Ibid.*, p. 272-274). Além deles, existem outros com maior contato com o público do Serviço Social, como Bauman, com sua defesa da liquidez dos valores e das relações na contemporaneidade; Giddens, com sua ideia de uma modernidade radicalizada e seus estudos sobre a intimidade e a sexualidade; e Sennet, com seu trabalho sobre a corrosão do caráter do trabalhador no capitalismo flexível.

Um mapa “reduzido e incompleto” de algumas das temáticas centrais estudadas pelos filósofos incluídos no “pós-estruturalismo” ou no “pensamento da diferença” pode ser o seguinte:

A verdade como ficção, invenção e criação. Uma visão perspectivista e interpretativa do conhecimento. O conceito como produção e intervenção e não como descoberta ou reflexo. A insistência no caráter produtivo da linguagem. O privilegiamento da diferença e da multiplicidade em detrimento da identidade e da mesmidade. Rejeição da transcendentalidade e da originariedade do sujeito. O caráter heterogêneo, derivado, das formações de subjetividade. A não-identidade do “sujeito” consigo mesmo. A opção por uma genealogia em prejuízo de uma ontologia. A pesquisa não das essências e das substâncias mas das forças e das intensidades. Insistência no “poder” de inventar, fixar, tornar permanente e não na capacidade cognitiva de descobrir, revelar, desvelar. Contra o duvidoso gosto pela essência, uma declarada predileção pela aparência. Não a presença (do ser?), mas seu deferimento, sua diferença, seu retardamento, seu espaçamento. Horror ao pensamento da negação e da contradição. O devir em vez do ser. Não os valores mas sua valoração. Não a moral mas sua proveniência (SILVA, 2002, p. 1, grifos do autor).

Nesta linha, a postura sobre a pós-modernidade dada pela Entrevistada 5 é a de que esta categoria enfatiza a dimensão culturalista, no que tange ao aprofundamento dos estudos da diferença.

[...] Pós-moderno hoje de uma forma bem, bem, bem rasa... pós-moderno é aquele que defende a perspectiva culturalista. “O que é a perspectiva culturalista?” É aquela que vai buscar o significado da sociabilidade das relações tentando entender o diferente. Aí os marxistas ortodoxos dizem que esse é um discurso ultraconservador, porque no momento em que você defende a diferença você pressupõe a hierarquia e

não há como conviver [...] com a igualdade pressupondo a diferença. [...] (Entrevistada 5).

A fala desta Entrevistada demonstra haver uma crítica dos marxistas ortodoxos sobre a categoria da diferença, contrastando com a afirmação de Harvey (2014) de que uma das reformulações realizadas na obra marxista foi a de observarem-se a diferença e a alteridade como aspectos inerentes à dialética da transformação social (HARVEY, 2014, p. 320). Com efeito, os teóricos pós-modernos exploraram a questão da diferença com profundidade (SANTOS, 1995; VATTIMO, 1992; BAUMAN, 2001), articulando-a ao debate das minorias e da invisibilidade das demandas destes.

Vattimo (1992, p. 11-12) postulou que a sociedade pós-moderna é produto justamente dos diversos discursos existentes e da expressão das minorias, permitida pelos meios de comunicação de massa (VATTIMO, 1992, p. 11-12). O avanço dos *mass media* e das possibilidades de comunicação transformaram tudo em objeto de comunicação para o mercado da informação, determinando a passagem para a pós-modernidade. Com os *mass media*, portanto, libertaram-se as variadas formas de expressão das culturas e as visões de mundo de diferentes povos em suas diferentes perspectivas, deslegitimando a prerrogativa da ciência moderna de existência de uma realidade única fundamentada em uma sociedade transparente (*Ibid.*, p. 14-15).

Com os sistemas pós-industriais e o poder dos *mass media*, o “consumo personalizado” (SANTOS, 1997, p. 28) se tornou regra, objetivando uma grande variedade de mercadorias para atender individualmente as demandas de mercado, fragmentando o social em blocos específicos, que desejam produtos também específicos. Ao atender os gostos individuais, o sistema também acoplou a variedade de ideias e comportamentos dos sujeitos, despolitizando as demandas coletivas por objetivos mais universais, como propôs a modernidade. Logo,

[...] A participação social [...] se orienta para pequenos objetivos, pragmáticos e/ou personalizados, embutidos na micrologia (nos pequenos espaços) do cotidiano: hobbies, esportes, ecologia, feminismo, direitos do consumidor, macrobiótica. Um sujeito pós-moderno pode ser ao mesmo tempo programador, andrógino, zenbudista, vegetariano, integracionista, antinuclearista. São participações brandas, frouxas, sem estilo militante, com metas a curto prazo, e onde há expressão pessoal. Renuncia-se aos temas grandiosos como Revolução, Democracia Plena, Ordem Social – coisas da modernidade industrial. Na pós-modernidade, só há revolução no cotidiano (SANTOS, 1997, p. 29).

Neste contexto, é importante apontar que a Entrevistada 4, assinalou a grande ênfase dada às lutas das minorias como uma possibilidade de abrandamento da luta coletiva

proposta pelo marxismo, em decorrência do risco de não considerarmos a origem das opressões:

Os chamados novos movimentos sociais, [...] isso nasce exatamente da negação do trabalho como categoria central, né, porque pra concepção marxiana o determinante é a classe, né, a classe não pode desconsiderar esses fatores singulares da luta, né, contra a exploração sexual, da luta contra a violência, da violência contra as mulheres, dessas micro [...]. Dos vários grupos sociais que se organizam: mulheres, negros, idosos, grupo LGBT (as várias siglas, que todo dia aparece uma, a gente nunca tá atualizado). Então, nós não podemos negar a luta desses grupos, né, mas nós também não podemos negar que essa luta, ela tem que estar articulada à classe. As lutas singulares, elas não se resolvem sozinhas no âmbito delas mesmas, né, porque nós entendemos que o que gera tudo isso, o que gera a violência contra a mulher, o que gera abuso contra criança, o que gera o preconceito contra negro, né, as várias etnias, contra os grupos, é... transexuais, LGBT, etc. e tal, que a raiz de tudo isso está nessa forma de sociabilidade humana, né, que opera, se fundamenta numa violência muito grande que é a expropriação do capital sobre o trabalho, que se funda numa sociedade machista, patriarcal. Enfim, toda a história que nós sabemos [...] da formação sócio-histórica do Brasil (Entrevistada 4).

Além de o paradigma pós-moderno defender a “democraticidade interna da comunidade interpretativa” (SANTOS, 1995, p. 330), valorizando as comunidades silenciadas, ele também rejeita “a intemporalidade das verdades científicas e a distinção absoluta entre aparência e realidade” (SANTOS, *loc. cit.*), dois aspectos típicos da ciência moderna. Neste novo paradigma, não há espaço para a intemporalidade, pois ele se projeta como um conhecimento do presente e que ganha inteligibilidade no presente. Por conseguinte, “o futuro só existe enquanto presente, enquanto argumento a favor ou contra conhecimentos e práticas presentes” (SANTOS, *loc. cit.*).

Isto garantiria a contemporaneidade dos conhecimentos, colocando em pé de igualdade a diversidade, pois “todos os conhecimentos são contemporâneos, são igualmente contemporâneas às práticas sociais e os sujeitos ou grupos sociais que nelas intervêm. Não há primitivos nem subdesenvolvidos, há, sim, opressores e oprimidos” (SANTOS, *loc. cit.*). A ciência moderna, diferentemente, teria se autoproclamado contemporânea de si mesma, ao mesmo tempo em que inferiorizou todos os outros conhecimentos, provocando, entre outras coisas, a reprodução de comportamentos racistas e xenófobos, com a ideia de superioridade. Por exemplo, a superioridade biológica ariana seria fundamentada na ideia de superioridade temporal da modernidade quando comparada às outras épocas históricas, além da produção de atitudes racistas decorrentes desta ideia de superioridade (*Ibid.*, p. 331).

Vattimo (1991) ainda elucidou a impossibilidade de que na sociedade pós-moderna dos *mass media* se concretize um ideal emancipatório baseado no princípio da

realidade. Para ele, devemos criar um novo ideal de liberdade, alicerçado na pluralidade do real, originando uma nova liberdade. O universo dos meios de comunicação de massa seria a chave para a emancipação e a libertação através do processo de “desenraizamento” ou “libertação das diferenças”, pois com o término da perspectiva de existência de uma história centralizada e unitária, a comunicação das múltiplas informações das minorias (étnicas, sexuais, religiosas, culturais ou estéticas) haveria produzido o reconhecimento das racionalidades “locais” (VATTIMO, 1992, p. 16-17; MARINHO, 2015, p. 158). E foi a partir deste reconhecimento, que as individualidades, os aspectos particulares e individuais destas minorias passaram a ser valorizados (VATTIMO, *op. cit.*, p. 15-19).

Contrariando estes posicionamentos, Paulo Netto (2011) enfatizou que mesmo que muitas das interpretações deturpadas da obra de Marx já tenham sido solucionadas, há na atualidade duas críticas fundamentais – também errôneas – sobre a produção marxista: a de haver uma “suposta irrelevância das dimensões culturais e simbólicas no universo teórico marxista” (PAULO NETTO, 2011, p. 15) e a de o pensamento de Marx se relacionar a um “pretenso ‘determinismo’” (PAULO NETTO, *loc. cit.*, grifos do autor), por expressar um suposto comprometimento com uma teleologia evolucionista que culminaria obrigatoriamente no desenvolvimento da história para um fim único previsto, o socialismo. Muitos teóricos da pós-modernidade, como Lyotard (1993), Santos (1995), Maffesoli (1996) e Vattimo (1992) se apoiaram justamente nestas questões para criticar os valores da modernidade ou questionar a materialidade de suas propostas. Todavia, o socialismo não se fundamentaria numa obrigatoriedade histórica, mas sim numa possibilidade histórico-social.

Ainda sobre os movimentos sociais ou as lutas sociais, alguns/as Entrevistados/as enfatizaram a necessidade de haver a articulação dos movimentos locais minoritários para a organização de uma luta global por entenderem o imperativo de não desconsiderarem-se as diferenças (Entrevistado 2 e Entrevistada 5), outros afirmaram haver necessidade de se aprofundarem os estudos sobre a problemática da relação de subordinação e não apenas da relação de exploração, sendo um viés ortodoxo a consideração de que apenas a luta de classes pode modificar as relações pré-estabelecidas (Entrevistada 6).

[As lutas das minorias deslegitimam a luta coletiva por um bem comum: o socialismo?] Eu acho que são dois movimentos distintos e não contraditórios. Dois movimentos distintos e contraditórios, não necessariamente opostos e que se rompem. [...] Eu acho que há uma necessidade mesmo de transformação radical dessa sociedade, né, que esses movimentos eles podem ser muito inclusivistas, né?! Eles acabam sendo meio particularistas e aí você não tem essa relação de uma totalidade [...], essa compreensão de uma sociedade que de algum modo pode se constituir igualmente, né, mas ela acaba fragmentando mesmo, de uma perspectiva fragmentadora. O que isso não quer dizer que essas outras leituras não

sejam necessárias para nos ajudar a compreender esses movimentos chamados aí de seguidados [...], mas pra gente entendê-los, já que a gente não falou sobre isso, Marx mesmo não falou sobre isso, longe disso? Ele não fala sobre isso, no sentido de separação... de não pensar sobre isso. é importante a gente ler esses autores que pensaram sobre isso, pra compreender, pra entender, né... de que modo, de que aspectos a gente pode articular com essa luta mais geral, que eu acho que é a luta pela ruptura com a lógica da propriedade privada, com a lógica das relações de opressão da sociedade capitalista, certo?, que não devem se separar da luta pela emancipação da mulher, da luta pela emancipação do movimento LGBT, da luta pela emancipação dos negros, da luta pela emancipação das pessoas com deficiência, etc., etc., né?! Então, eu acho que não são duas coisas opostas, que eu acho que a nossa tendência foi ou se conduzir muito pra essa lógica fragmentada, de que cada um luta pelo seu, ou você achar que essa é só a luta geral e as outras lutas elas são secundárias, e que aí você não vai lutar por elas, e que pela simples superação da sociedade burguesa, você vai superar todas essas questões, sem entender, compreender essas outras questões, sem se aproximar delas... (Entrevistado 2).

[...] A gente pode até em tese achar que sim [que a luta das minorias desmobiliza a luta coletiva], mas ou a gente reconhece as diferenças ou então nós não podemos falar em coletivo nenhum. [...] Então, mesmo que a gente feche os olhos, as diferenças, elas são muito claras, né!? Em tese, a gente pode até dizer assim: [...] as minorias [...] elas [...] fracionam [...] [mas], “diferença pressupõe hierarquia. Onde há hierarquia, não há igualdade: essa é uma coisa pra se pensar (Entrevistada 5).

Então, são organizações da sociedade civil que, não necessariamente, lutam por classe social, mas não quer dizer que eles não se mobilizem e não se misturem e tem determinados momentos que essa luta... [...]. O viés ortodoxo é esse viés que a luta de classe é a única luta reconhecida. Então, vão aparecer esses novos movimentos sociais que vão dizer que não é essa explicação única, que vão existir os movimentos de classe, mas eles não podem colar os outros movimentos só no movimento de classe, independente até de colar, eles surgiram, eles surgiram e eles estão aí, né?! E você vai ver que isso é tão verdadeiro que a gente vai ver hoje no Brasil, hoje, nesse dia, estão juntos os operários, as mulheres, os negros, os homossexuais. E tem, também, gente que não vai. Então [...], tem os movimentos de direita que é outra coisa. [...] Então, é isso que a gente quer dizer, né?!, que a determinação de classe pra hoje, ela depende do momento e da relação dos movimentos de classe, dos movimentos dos trabalhadores, é movimento de classe. Os movimentos sociais, como os movimentos de mulheres, os movimentos de negros, embora passe a situação de classe, mas ele não vai determinar a situação, e a situação não é de exploração... que Marx vai estudar só essas relações de exploração, Marx não vai estudar as relações de subordinação (Entrevistada 6).

Devemos ressaltar que a discussão da libertação das minorias pela valorização das diferenças se propõe como identificação, autoconhecimento e consciência da historicidade por parte destas próprias minorias. Igualmente, a liberdade é encarada como uma possibilidade, uma vez que os *mass media* poderiam sempre reconhecer a voz de outros que não sejam esta minoria ou mesmo do que seja banal e estereotipado, provocando a não transparência da própria sociedade da comunicação generalizada (VATTIMO, 1992, p. 14-15).

O sentido emancipador da libertação das diferenças e dos ‘dialetos’ consiste mais no complexo efeito de desenraizamento que acompanha o primeiro efeito de identificação. Se falo o meu dialeto, afinal num mundo de dialetos, também estou consciente de que ele não é a única ‘língua’, mas precisamente um dialeto entre outros. Se professo o meu sistema de valores – religiosos, estéticos, políticos,

étnicos – neste mundo de culturas plurais, terei também uma consciência aguda da historicidade, contingência e limitação de todos estes sistemas, a começar pelo meu (*Ibid.*, p. 14-15, grifos do autor).

Da mesma forma, a tese de Lyotard (1993) sobre a pós-modernidade se caracteriza pela descrença nos metarrelatos; os sistemas comunicacionais, as tecnologias e as máquinas informacionais substituírem o papel dos especialistas e dos políticos nas decisões sociais, permite interpretar a importância dos pequenos relatos na sociedade pós-moderna, rebatendo nos movimentos sociais alternativos. Em consequência deles, os grandes ideais, instrumentos políticos e representativos da coletividade característicos da ciência moderna perderiam espaço, dando visibilidade às noções de individualidade por meio de pequenos grupos (MARINHO, 2015, p. 204).

Neste debate, é interessante assinalar que entre os Entrevistados aos quais lhes foram perguntados se acreditavam na existência de uma pós-modernidade, a grande maioria afirmou não crer nesta, apontando a posição de que estaríamos em uma época com traços diferentes, que poderia ser moderna ou pós-moderna, estabelecendo, acima de tudo, a crença e a defesa de possibilidades de concretização do projeto emancipatório de construção de outra forma de sociedade. É válido ressaltar que a Entrevista 4 enfatizou que a ideia de pós-modernidade como uma superação do capitalismo não tem fundamento, uma vez que a superação da modernidade, deveria se estabelecer justamente pela superação do capitalismo com o surgimento pelo comunismo.

[...] Eu acho [...] que nós ainda temos referências modernas. Eu acho que ainda se trata de uma dimensão, de uma realidade, de características mesmo que marcam a modernidade, que é essa relação com o Estado, a institucionalidade burocrática. Embora, você tenha aí algumas mudanças, né... no que a gente vai chamar dos processos democráticos, a partir do Agamben por exemplo, né?! da suspensão da constituição, mas segundo ele, o Agamben, a constituição é suspensa pela exceção, pelo Estado de exceção, que se tornou a regra, mas eu acho que ainda a gente vive numa modernidade (Entrevistado 2).

A meu ver, não existe pós-modernidade, né?! [...] Tem um texto do Ivo Tonet [...], “Modernidade, pós-modernidade e razão”, que ele faz exatamente essa discussão, né?! “–Se nós não mudamos, se nós não superamos o capitalismo, que é quem inaugura o período histórico da modernidade, então, como é que nós chegamos a uma pós-modernidade?” Ele ainda diz mais, *a pós-modernidade, se nós chegarmos lá, será o comunismo, né?! Não é essa compreensão que se tem da pós-modernidade como a incapacidade, né, das teorias que a modernidade foi capaz de elaborar no sentido das grandes narrativas de analisar a realidade a partir da totalidade social, né, de ter o trabalho como fundamento da sociabilidade humana [...].* (Entrevistada 4, grifos nossos).

[...] Eu acho que... a gente pode até dizer que é uma pós-modernidade, mas não é uma ruptura que a gente vive. [...] A gente não pode deixar... o capitalismo sob a reestruturação produtiva, ele tem novidades, em relação ao que era o outro..., mas a base, a contradição central continua sendo a relação capital e trabalho. Agora, ela

tem outras mediações: ela tem suas particularidades, né!? Aí o desafio [...] dos pensadores de dar conta dessas particularidades, né? Então assim, eu acho que a gente poderia chamar uma sociedade pós-moderna, mas não no sentido de que se rompeu... né? A modernidade não resolveu o que prometia, e continuamos sem resolver o que esperávamos com a modernidade. A verdade é essa, né? (Entrevistada 7, grifos nossos).

[...] A pós-modernidade no sentido mesmo literal seria uma busca de romper com os valores da modernidade... [...]. A busca [...] pela visão mais complexa [...], mais relacional, tá?! É... relação entre os fatos sociais, entre os fatos e a totalidade, tá certo? Uma busca também de ruptura com a objetividade: não dá pra gente compreender no âmbito das Ciências Sociais, né? os fatos sociais a partir de leis naturais, leis postas, né... e [...] de aspectos simplesmente objetivos, né? romper com a modernidade, seria isso, né? E aí, você tem pensamentos que vem questionar a modernidade como época e como modelo de ciência moderna, propondo novas formas de conhecimento, de busca do conhecimento. Eu entendo nessa perspectiva... a pós-modernidade, né..., essa ruptura, tá? Isto ocorre? Toda a dinâmica da sociedade capitalista ocorre justamente pra que isso não aconteça... pra que, muito pelo contrário, a modernidade, né... avance. *Nós não temos uma ruptura com a modernidade. Nós temos é uma exacerbação dessa modernidade. A sociedade capitalista contemporânea mostra isso... né? [...].* O Giddens fala justamente [...] das consequências da modernidade: não fala numa ruptura. E aí tudo tende a [...] levar as pessoas ao pensamento superficial, a não suspenderem o cotidiano para fazerem a crítica, num é?, a fragmentar ainda mais isso [...] (Entrevistada 8, grifos nossos).

A partir das falas destes Entrevistados, fica claro o posicionamento majoritário de que não se realizou qualquer ruptura com a modernidade. Com efeito, estaríamos vivenciando uma época histórico-social com traços novos, mas não desligados dos princípios da modernidade. Acreditar no rompimento com esta, seria ao mesmo tempo, desconfiar da efetividade do projeto revolucionário e da construção de uma nova ordem societária. Este posicionamento foi também defendido por Jameson (1997), quem afirmou não existir uma pós-modernidade, mas sim uma realidade capitalista diferente, devido à inauguração do capitalismo tardio (JAMESON, 1997, p. 18). Do mesmo modo, Giddens (1991) asseverou que vivenciamos uma “modernidade radicalizada” (GIDDENS, 1997, p. 150-162), materializada, entre outras coisas, pela necessidade de realização dos movimentos locais. Com Harvey (2014) temos apenas uma modificação de terminologia. Ele afirmou que o pós-modernismo é uma condição histórico-geográfica diferenciada por materializar modificações na cultura, na economia, na política e nas condições de relação entre o tempo e o espaço (HARVEY, 2014, p. 294).

O que se depreende destas posições é que talvez a comunidade acadêmica ainda não tenha uma terminologia única para intitular as expressões objetivas da realidade na contemporaneidade ou careça de apontar os elementos que melhor descrevem as alterações no modo como a sociedade vem se exprimindo. Contudo, é interessante ressaltar na fala dos/as nossos/as Entrevistados/as, que a crença deles/as na existência ainda da modernidade

determinou o crédito nos valores deste período histórico, sendo a ultrapassagem dessa era uma aceção pessimista ou fatalista sobre falência dos valores modernos. Percebemos que, independente da terminologia utilizada, todos os/as Entrevistados/as reconheceram alterações na sociedade atual, mas não se olvidaram de recordar que sua base permanece sendo a relação de exploração do capital pelo trabalho, isto é, mesmo que utilizem a terminologia modernidade ou pós-modernidade e reconheçam as reais transformações inauguradas na contemporaneidade com o capitalismo, a fonte das explorações, opressões e desigualdades sociais, segue sendo a relação incutida no embate entre capital e trabalho: e esta não deve ser subalternizada.

Nossos/as Entrevistados/as apresentaram visões bem diversas sobre o fenômeno do pós-moderno. Grosso modo, eles/as o articularam a alguns de seus aspectos, descrevendo-o como crítica aos valores da modernidade e proposta de rompimento com estes; crítica direta aos fundamentos da teoria marxista; balanço das condições atuais; interpretação fragmentada e superficial da sociedade contemporânea; exploração aprofundada dos valores culturalistas com ênfase na diferença; ou vulgarização de um termo que corresponde ao pós-estruturalismo.

Além de conhecer estas posições, pensamos ser salutar compreender quais as relações que se estabelecem entre o pós-moderno e o Serviço Social, encarado como profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, que lida com as mais diversas expressões da questão social, mobilizando diferentes conhecimentos, técnicas e instrumentais. Dessa forma, o tópico posterior propõe refletir a respeito de algumas questões que surgem quando a problemática do pós-moderno esbarra no Serviço Social brasileiro, como as que incluem o ecletismo, o pluralismo e o (neo)conservadorismo profissional.

#### **4.2.2 Posicionamentos sobre as relações entre o pensamento pós-moderno e o Serviço Social: pluralismo, ecletismo e (neo)conservadorismo**

Nossas questões buscaram compreender como nossos/as entrevistados/as percebiam as relações estabelecidas entre o Serviço Social e o pensamento pós-moderno, tendo em vista algumas produções, como as de Paulo Netto (1996; 2012), Simionatto (2009), Santos (2005/2006; 2007), Ortiz (2006/2007), Barroco (2011) e Iamamoto (2014), além de inúmeros trabalhos apresentados nos CBAS e nos ENPESS, em dissertações, artigos e teses (descritos no Capítulo 2), enfocarem haver um teor (neo)conservador acoplado ao pós-moderno, penetrando no Serviço Social a partir de seu contato com este. Ao mesmo tempo em

que outros autores, como Silva (2008) e Galdino (2016) ressaltaram a necessidade de compreender o uso de diferentes linhas teóricas como pluralismo (SILVA, 2008, p. 144-146) e de revisar o método em Marx (GALDINO, 2008, p. 103), respectivamente, como uma proposta necessária para o Serviço Social brasileiro.

Ao longo da realização das entrevistas com os/as docentes, uma das questões direcionadas aos/às entrevistados/as se referiu às compreensões sobre pluralismo e ecletismo, já que a discussão sobre uma “incorporação” (SANTOS, 2007) do pós-moderno pode sugerir o respeito ao pluralismo defendido no projeto profissional do Serviço Social, por meio do CE em seu 7º princípio e do texto da proposta de *Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social* da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABESS, 1996), mas também pode indicar que “de forma clara ou de forma velada, o ecletismo ou sincretismo ideológico torna-se de uma forma geral a tendência *up* do momento com a satanização da totalidade dialética” (SANTOS, 2007, p. 103, grifos da autora).

A Entrevistada 1 afirmou que o Serviço Social tomou como fundamento sua noção de pluralismo de Carlos Nelson Coutinho, entendendo-o como não mesclar correntes teóricas incompatíveis, e já que a pós-modernidade “nega” (Entrevistada 1) as propostas marxistas, elas seriam inconciliáveis para qualquer relação teórico-metodológica.

No caso, o pluralismo nosso, pelo menos o pluralismo que tá no nosso projeto profissional, que tá no nosso Código de Ética, nos princípios [...] desse projeto..., não é o sincretismo, não..., né?! O Carlos Nelson Coutinho foi que [...] deu [...] o fundamento teórico para... [...] nós, assistentes sociais, discutirmos sobre o pluralismo e colocarmos o pluralismo no nosso Código de Ética Profissional, né?! como princípio, né... [...] Aí ele diz que o pluralismo não é misturar teorias que não tem compatibilidade. Por exemplo, o marxismo não tem compatibilidade com a pós-modernidade, não tem! Não tem, por quê, né!? Pelo que eu conheço... [...] sobre a pós-modernidade [...], a pós-modernidade nega o marxismo como teoria de explicação da realidade, porque segundo eles, [o marxismo] não dá conta da realidade, da micro realidade social, das singularidades humanas, né? E eu acho que dá! [...]. Voltando ao pluralismo, o pluralismo é um pluralismo dentro do campo do marxismo; porque [...] o marxismo [...] dentro dele mesmo, há muit[o]s [...] pensamentos diferentes, né?! Vertentes diferentes... né!? Tem os, [...] os ortodoxos, né..., tem os mais abertos..., tem vários autores..., muita gente que, [...] os mais ortodoxos não gostam [...]. Quer dizer, dentro do marxismo, tem uma [...] uma variação de [...] pensamentos, mas tem um tronco comum que é o Marx, né?!..., que é a lógica, que é a crítica radical à lógica do capital..., né? Todos têm em comum isso, mas as estratégias [...] políticas... né..., dos movimentos é diferente. Por isso, que tem tantas divergências dentro da esquerda, né? Aí o pluralismo que ele coloca, é o pluralismo das ideias, né? Não significa dizer que o projeto vá abarcar [...] um projeto profissional nosso vai pegar um monte [...] de pós-modernos, de liberais, de não sei o quê e colocar... (Entrevistada 1).

O pluralismo, portanto, seria um pluralismo de ideias dentro do campo dos marxistas, que teriam como norte o pensamento marxiano. A visão do autor citado pela

Entrevistada acima, porém, é mais ampla: ele defende que o pluralismo inclui considerar e admitir as colaborações possíveis com as posições de outrem, que possam sugerir e ajudar no desenvolvimento das nossas próprias posições.

[...] [Pluralismo] é sinônimo de abertura para o diferente, de respeito pela posição alheia, considerando que essa posição, ao nos advertir para os nossos erros e limites, e ao fornecer sugestões, é necessária ao próprio desenvolvimento da nossa posição e, de modo geral, da ciência (COUTINHO, 1991, p. 14).

Podemos inferir que esta definição se aproxima do princípio VII do nosso CE atual e de um dos princípios da formação profissional inserido na proposta de *Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social* de 1996, da ABEPSS. Nestes documentos o pluralismo é tido como elemento importante para as discussões acadêmicas e profissionais. O primeiro deles, o CE de 1993, afirma a “garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual” (princípio VII) (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, p. 24) e o segundo o “exercício do pluralismo [como um] [...] elemento próprio da natureza da vida acadêmica e profissional, impondo-se o necessário debate sobre as várias tendências teóricas, em luta pela direção social da formação profissional [...]” (ABEPSS, 1996).

Sobre este aspecto, devemos apontar que Carvalho (1990 *apud* IAMAMOTO, 2010b, p. 187) aludiu sobre a necessidade de que o Serviço Social não se isolasse das novas disposições teóricas em desenvolvimento nas Ciências Sociais, interagindo com elas para não se tornar alheio ao pensamento contemporâneo. Dessa forma, poderíamos pensar que

[...] o pluralismo se dá a partir da integração de conceitos e teorias que não são logicamente contraditórios, com base em uma postura epistemológica e teoricamente coerente. Esta postura pluralista requer o conhecimento aprofundado de todos os campos que se pretende abordar evitando assim o ecletismo, enquanto postura simplista e simplificadora (ROCHA, 2005, p. 79).

Iamamoto (2010a) também ressaltou que o pluralismo no Serviço Social “supõe o reconhecimento da presença de orientações distintas na arena profissional assim como o embate respeitoso com as tendências regressivas do Serviço Social” (IAMAMOTO, 2010a, p. 226). Estas tendências seriam fundamentadas no liberalismo e no conservadorismo e ao apontarem um retorno ao passado da profissão não possibilitariam um debate plural efetivo, por poderem fragilizar o vínculo com o projeto societário da classe trabalhadora, assim como por poderem mascarar as relações de desigualdade existentes. Por isso, “o pluralismo

propugnado não se identifica com a sua versão liberal, na qual todas as tendências profissionais são tidas como supostamente paritárias [...] e os vínculos que estabelecem com os projetos societários [são tidos como] distintos e antagônicos” (*Ibid.*, p. 227).

Para que a postura pluralista se efetive segundo Rocha (2005), o/a teórico/a deve conhecer com profundidade “todos os campos” com os quais está trabalhando (ROCHA, 2005, p. 79), quer sejam diferentes teorias, quer sejam diferentes autores/as e linhas de pensamento. Consoante a Entrevistada 4, todavia, a incorporação ou a presença do pensamento pós-moderno no Serviço Social brasileiro é uma expressão não do pluralismo, mas sim do ecletismo. O caminho metodológico usado pelos ecléticos seria justamente “a ‘mistura’ de várias correntes científicas para justificar suas teorias sociais” (ROCHA, 2005, p. 104, grifos da autora) e nas produções teóricas do Serviço Social do Brasil teria surgido devido o caldo conservador trazido para a profissão através da heterogeneidade do conservadorismo burguês (*Ibid.*, p. 112).

[...] Tem tudo a ver com a base sincrética, né, o sincretismo que está na questão social, na ideologia, né. Mas, me parece muito mais com ecletismo do que o pluralismo, né. Eu posso dialogar com teorias que não me neguem. Por exemplo: como é que o positivismo pode dialogar com o marxismo? Não há diálogo, [por]que um representa os interesses e necessidades da classe dominante, o outro representa os interesses e necessidades da classe dominada, né. Então, são métodos que são antagônicos, eles se chocam. Então, eu não posso pegar um autor, pra elaborar um texto, um autor que se situa no campo do positivismo e outro que se situa no campo do marxismo pra analisar a mesma coisa como se fosse o mesmo método, né. Então, então são posições que se chocam. E, a meu ver, a pós-modernidade, ela tem essa mesma característica. E hoje, ela é a ideologia que representa os interesses e necessidades da classe dominante, né. Então, a sua inserção no Serviço Social, ela não se dá numa forma de diálogo, do pluralismo, mas, na forma do ecletismo, que seria juntar compreensões que se chocam, visões de mundo que se chocam, que se negam. Claramente, a pós-modernidade é uma negação do marxismo (Entrevistada 4).

Esta Entrevistada vinculou a incompatibilidade de relação entre o pós-moderno e o marxismo à diferença de métodos entre eles. Por exemplo, se temos uma genealogia com Foucault, com Marx temos o método materialista-dialético. Além disso, as visões de mundo defendidas por estas duas linhas teóricas seriam muito diferentes, inviabilizando o diálogo plural entre elas. Diferentemente das Entrevistadas 1 e 4, o Entrevistado 2 pensa ser o pluralismo uma expressão da compreensão entre as diferentes formas de conhecimento, uma vez que todas elas – como teorias científicas – teriam algo a oferecer para determinados campos teóricos. Partindo desse pressuposto, o contato entre Marx e outros autores, de diferentes linhas de pensamento, seria possível. O próprio Marx haveria se utilizado de outros pensadores, como Adam Smith ou Hegel, atualizando suas teorias, corrigindo-as ou mesmo

contribuindo com elas, em seus escritos, o que reafirmaria a necessidade de conhecimento e debate entre diferentes autores, conforme os Entrevistados 2 e 7, apontam abaixo.

Eu penso que nunca ficou claro pra gente a diferença entre pluralismo e ecletismo [...]. Eu acho que se a gente for pensar numa perspectiva de ecletismo, é você achar e dizer que tudo é a mesma coisa, né. É você achar: “-É, até aqui, eu sou marxista e eu não assumi uma posição”. E eu acho que é muito do que eu diria de uma falsa neutralidade. “-Ah, nós temos que ser Deus? e tal e não sei o que!” E então..., e não nos assumirmos né enquanto uma corrente... [...]. Eu acho que a gente esquece muito a dimensão metodológica, né, a dimensão metodológica, a dimensão do método [...]. É claro que as minhas respostas estão sendo orientadas pela proposta da teoria crítica, como eu disse. [...]. Do ponto de vista da tradição da teoria crítica, algo fundamental a essa perspectiva metodológica, é que esse entendimento que as categorias são expressões das relações sociais e de que há uma forte relação indeterminante entre os processos de produção e o modo como essa sociedade, ela se expressa na cultura, na política, que são expressões, desse modo de produção [...]. Claro que autores hoje como Foucault, eles não vão partir desse pressuposto... Então, o pluralismo, seria eu entender essas outras correntes teóricas e metodológicas, mas na medida em que eu digo assim: “Foucault ele só observa o fenômeno”, ok, Foucault só observa o fenômeno. O que é diferente de eu dizer que ao observar só o fenômeno, Foucault não conseguiu dizer nada sobre essa realidade, porque se ele se baseou apenas no fenômeno, ele isolou. Qual seria o papel da teoria crítica? Relacionar, reestabelecer esse vínculo que o Foucault esqueceu ou que o Foucault não fez, que é o que o Marx [faz] com o Adam Smith... É o que Marx faz com outros autores que ele vai pensar [...]. Pra mim, isso é pluralismo: *é você entender que essas formas de conhecimento, seja o positivismo, seja a fenomenologia, seja o chamado pós-estruturalismo ou o pós-modernismo, elas partem da realidade.* Toda perspectiva teórica e científica, se não, não é científica. Elas não partem de uma..., não são religiosas que partem de uma revelação divina (Entrevistado 2, grifos nossos).

[...] Eu gosto sempre de tá dialogando e chamando atenção, que o próprio Marx dialoga com todos os pensamentos, pensadores de sua época. O Marx não escreve do nada. O Marx não discordou de tudo de Adam Smith, nem de Ricardo, né? Nem do Hegel; mas, no entanto, ele se alimenta deles e avança; e faz a crítica radical e vai às últimas consequências; e levanta questões que os outros não levantaram (Entrevistada 7).

Realmente, o pensamento de Marx foi marcado pelas produções dos economistas clássicos ingleses, precipuamente, Adam Smith e David Ricardo, além dos socialistas utópicos Owen, Fourier e Saint Simon e de Engels, que colaborou, foi coautor, parceiro de lutas políticas e amigo de Marx (ANDERY et. al., 1996, p. 399). Dos primeiros, Marx recuperou a noção de valor trabalho, provocando que sua obra e sua análise sobre o capitalismo “dev[a] muito ao seu diálogo com [estes] [...] economistas [clássicos] anteriores” (ESCORSIM NETTO, 2011, p. 116), e dos segundos, a ideia de possibilidade de criação de uma nova forma de sociedade, com a transformação das condições pelas quais se dá o capitalismo (ANDERY et. al., *op. cit.*, p. 399). Além disso, aproximou-se das discussões da economia política pelo contato com Engels. Logicamente, Marx não se apropriou simplesmente das produções destes autores, ele as atualizou, revisou, criticou cientificamente

e as analisou de acordo com seu método materialista-dialético e “[...] mesmo discordando de juízos, apreciações, etc. de seus interlocutores, tomava-lhes a parcela de realidade por eles apreendida” (ESCORSIM NETTO, *op. cit.*, p. 116).

A partir desta apropriação e revisão científica exercida por Marx, podemos dizer, apoiados pelo Entrevistado 2 e em Rocha (2005), que seria possível dialogar entre diferentes correntes de pensamento, a partir do momento em que dominemos os fundamentos de cada uma delas, diferenciemos suas bases metodológicas e esclareçamos de que ponto de vista teórico estamos partindo. Também a Entrevistada 6 compreende o contato entre o Serviço Social e o pensamento pós-moderno como expressão do pluralismo. Para ela, inclusive, esta aceção automática entre Serviço Social, pós-moderno e ecletismo, decorre da falta de aprofundamento teórico dentro do próprio Serviço Social brasileiro. Nesta mesma linha, a Entrevistada 9, afirmou que o ecletismo chegaria para a profissão, sobretudo, a partir da utilização acrítica entre as correntes teóricas.

[E a senhora vê esse contato desses autores pós-modernos com teóricos do Serviço Social como expressão do pluralismo?] Sim. O que eu acho é o seguinte [...]. O que eu noto no Serviço Social é muito pouca teoria ainda, viu? É uma necessidade... eu estudo uma coisa e tenho que logo que aplicar. Eu tenho que estudar profundamente as teorias pra ver, pra vislumbrar. Por isso que eu fui, assim, eu digo, né: quanto mais eu estudo teorias, mais eu sou assistente social, porque eu tenho um leque maior e de conseguir enxergar uma realidade, né. Então, por isso eu acho que muitos, não quero dizer todos [mas], muitos autores do Serviço Social foram logo assim, foram com uma censura prévia. Para o conhecimento, você não tem censura prévia. Você vai estudar religião, você vai estudar todas as religiões, o fundamento do cristianismo, o fundamento do protestantismo. Você tem que estudar o que você pensa e os opositores. Então, por isso, *é que eu acho, assim, que o caráter dogmático, não ideológico, dogmático da formação, ela prejudica* nesse sentido. Porque eu vou dar os textos para os meus alunos que eu acredito, que eu domino e não quero que os outros sejam postos. Então, na formação, nós temos que dar os diversos autores, não fazendo uma... [...], não é uma junção do que é, vamos tirar o que é melhor em todos os autores: não é isso que a gente chama de ecletismo. Não é ecletismo. Mas eu tenho que me aprofundar pra ver, pra ver a crítica, pra ver a tese daquele... (Entrevistada 6, grifos nossos).

Eu não acho, porque tá trocando causa e efeito. Você diz que a incorporação do pensamento pós-moderno tem a ver por causa do ecletismo, mas o ecletismo é o efeito dessa incorporação, dessa assimilação acrítica, dessa assimilação passiva desses autores. Então, se eu assimilo passivamente eu vou utilizar tudo de maneira indiscriminada e não vou fazer distinção, é esse o problema, entendeu? Então, eu discordaria dela, porque eu acho que é a gente confundir o que vem primeiro: “o ovo ou a galinha”, entende? (Entrevistada 9).

Talvez além de nos aprofundar nas leituras marxistas e marxianas, devêssemos conhecer o conteúdo das outras correntes teóricas para poder ter elementos concretos e verdadeiros para elaborar qualquer crítica aos outros paradigmas de pensamento, com os quais

discordamos (ou não discordamos, porque não os conhecemos, mas pensamos discordar). O conhecimento pelo próprio conhecimento seria a chave para realizar uma crítica fundamentada, ao mesmo tempo em que evitaria posições dogmáticas na profissão. Diferentemente disso, Santos (2007) argumentou que afirmar que a tradição marxiana é dogmática é uma crítica improcedente. Esta retiraria todo o caráter dialético do marxismo, sugerindo a ideia de que além de dogmático, ele é autoritário e reducionista e que dentro do Serviço Social há uma dominação intelectual do pensamento de Marx, originadora de um “atraso intelectual” e de um distanciamento das novidades teóricas do momento, as quais apresentariam forte utilidade para o Serviço Social<sup>93</sup> (SANTOS, 2007, p. 98-106).

As críticas ao marxismo, na verdade, revelariam simplificações na leitura da realidade, devido à defesa “simplista” de que o marxismo é insuficiente para explicar a realidade e suas propostas para superação da crise são inviáveis, reduzindo esta tradição crítica a “um modelo teórico similar aos produzidos no interior da lógica formal” (SANTOS, *loc. cit.*, p. 96). As críticas de autores/as do Serviço Social ao marxismo seriam muitas vezes infundadas por questionarem elementos que nem estão presentes na teoria de Marx. Daí que existiriam autores/as que não fazem críticas diretas ao marxismo, mas incorporam a percepção fragmentada da realidade por meio do sincretismo; os que se dizem marxistas, mas unem o ponto de vista da totalidade ao da defesa do pluralismo metodológico; e os que fazem as mesmas críticas do grupo anterior, mas absorvem a noção de que o fragmento é o nível privilegiado de análise<sup>94</sup> (SANTOS, *loc. cit.*, p. 98).

Para evitar estas posições distorcidas sobre o pensamento marxista, devemos, portanto, evitar determinadas interpretações sobre sua obra, isto é, as que confundem personagens e criam “caricaturas” para explicar a suposta crise do marxismo. Quando estas visões distorcidas ganham fôlego, surgiriam como problemas as declarações de que não se podem estabelecer estudos aprofundados com base em Marx, por exemplo, sobre: “a relação indivíduo e sociedade; a conjugação entre as dimensões macro e microssocietárias; a

---

<sup>93</sup> Gentili, por exemplo, defenderia “uma produção teórica que se aproxime das requisições imediatas do mercado de trabalho [...], correspondentes aos ‘antigos’ modelos do Serviço Social tradicional, que seja instrumentalizante, especialmente do ponto de vista técnico” (GENTILI, 1998, p. 72; 142; 185; 205 *apud* SANTOS, 2007, p. 105).

<sup>94</sup> Assim, Faleiros, por exemplo, afirma não ser fechado ao determinismo e não descartar os novos paradigmas teóricos em curso nas Ciências Sociais, assim como a valorização do sujeito como um elemento com desejos, mundo simbólico e individualidade que precisam ser priorizados. No entanto, Santos (2007) afirma que estes posicionamentos que se colocam como críticas são improcedentes. A tradição marxista jamais incorreu na análise desprivilegiada das particularidades: “no pensamento de Marx a unidade estabelecida entre as partes não dissolve sua diversidade” (SANTOS, 2007, p. 101). Do mesmo modo, a particularidade do objeto na teoria social de Marx não anula o papel do sujeito. Para visualizar esta assertiva basta lembrar a teleologia como aspecto central na teoria marxista, a qual aponta a capacidade propriamente humana de projetar finalidades, ou seja, a teleologia demonstra a importância dada ao sujeito na relação sujeito-objeto (SANTOS, *loc. cit.*).

articulação entre os planos da objetividade e da subjetividade na vida social e entre universalidade, particularidade e singularidade” (IAMAMOTO, 2010a, p. 238).

Entre os/as nossos/as Entrevistados/as, houve uma posição majoritária de defesa de que o marxismo deve dialogar com outras correntes de pensamento conforme podemos visualizar pelos excertos abaixo, referentes aos/às Entrevistados/as 2, 6, 9 e 7.

[...] Eu não tenho essa relação ciumenta com os meus autores, de: “-Ah, o meu autor é melhor do que o seu, o meu estudo é mais importante do que o que você estuda”. Eu não tenho nenhuma pretensão de dizer isso, entendeu? Eu não acho que isso engrandeça do ponto de vista. Eu acho isso muito mais prejudicial, tá entendendo? Por isso que eu acho que é essa relação religiosa, essa relação é... de uma defesa de apologética de um determinado tipo de saber, de uma perspectiva, que nos engessa, mais do que nos abre possibilidades (Entrevistado 2).

Existe sabe o quê? O marxismo, o ortodoxismo não dá conta mais hoje [...]. Ora, se eu vou trabalhar com idoso, eu tenho que estudar geração, eu tenho que estudar família [...]. Então, [...] ou você dá essa formação e os profissionais encontram o caminho, ou então, vamos ficar só: “-*Não, isso é pecado!*”, e vou continuar conservadora (Entrevistada 6, grifos nossos).

É que na verdade quem dialoga é a gente, não é próprio Marx. Se a gente vai dialogar, a gente pode. Marx não dialoga com gente altamente conservadora, pra fortalecer os nossos argumentos, não é? A gente não dialoga com Bolsonaros da vida, né? A gente não dialoga com gente com pensamento altamente moralizante? Dialogar a gente pode. A gente não pode é permitir com que esse diálogo viesse a nossa formação. Na verdade, dialogar, a gente deve, né?! Quanto mais a gente dialoga, mais ciente, ou pelo menos mais forte é o nosso discurso o nosso argumento em cima da teoria social que nós utilizamos, né?! Eu acho que quanto mais coisa eu leio [...], mais eu sou certa do pensamento [desse autor...] (Entrevistada 9).

[...] Eu acho que a gente tem que defender o pluralismo, a gente tem que [...] aprofundar alguns autores, principalmente aqueles que se relacionam com os nossos objetos de pesquisa, né? Então, se eu estudo os movimentos sociais, eu tenho que tá dialogando com [...] o Manuel Castells, por exemplo, né? Se [...] o meu objeto é [...] a flexibilização da produção, a crise do capital..., eu tenho que dialogar com o Sennett, com o Gorz, com o Claus Offe e tantos outros que trazem perspectivas divergentes [...] (Entrevistada 7).

As Entrevistadas 1, 5 e 8, também apontaram que apesar dos limites do marxismo, sua teoria segue com atualidade e seu método materialista-dialético com propriedade suficiente para explicar a realidade capitalista.

[...] [O marxismo] tem os seus limites, porque [...] muitas coisas mudaram, mas a análise do Marx sobre a sociedade capitalista, nenhum autor... [...] nenhum, nenhum..., nenhum autor é capaz, nenhum... depois do Marx, é capaz... alguns marxistas, sim... alguns marxistas porque tão vivendo outro tempo, mas pra pensar... o capitalismo, né... a gente tá vendo o capitalismo em crise hoje... pra pensar o capitalismo... [...], a explicação do Marx sobre o capitalismo [...] é a que melhor se adequa, né? [...] (Entrevistada 1).

[...] Esse diálogo entre as teorias eu acho que ele é extremamente salutar. Até porque pra que você possa fazer escolhas, você tem que conhecer o diferente. Vou rejeitar o diferente sem conhecer, é uma atitude preconceituosa... num posso! Num é? Então, eu, não... isso aqui é pós-moderno, eu não quero nem ver! Sei nem o que é pós-moderno, como é que eu rejeito? [...]. Eu acho o seguinte... Eu sei que eu fui pra um evento da ADES, onde eu fiz uma fala e que [...] nesse evento..., eu não sei como [...] não me botaram pra baixo da mesa, porque [...] eu comecei a falar que o marxismo era muito fecundo, que o marxismo era uma [...] teoria muito fecunda, que dava conta, mas ele não [...] podia nesse momento, sozinho, dar conta da complexidade da vida contemporânea, e que não via nenhum problema em o marxismo dialogar com outras teorias... “-Para dar conta de quê?” Do efêmero, do passageiro, do pontual, do individual... para dar conta da dimensão cultural da vida, para dar conta de uma série de coisas que estavam acontecendo na sociedade dita pós-moderna, que o marxismo não dava conta, e que *eu tinha certeza que se Marx tivesse vivo, ele sugeria esse diálogo do marxismo com outras teorias*. Por que que o marxismo não poderia digo, dialogar, por exemplo, com as teorias culturalistas? Marx não deu conta de tudo, os marxistas não deram conta de tudo. Como é que o Marx ia [...] explicar, porque a produção dele para numa época... a questão do indivíduo [...], da pessoa que vive na sociedade atual e que diz que quer morar só, que vive só, que respeite a individualidade dele. E aí comecei a ficar muito curiosa com essa relação entre igualdade e diferença, entre o universal e o particular... certo? (Entrevistada 5, grifos nossos).

[...] O seu estudo é sobre um determinado objeto situado num determinado momento histórico, tá? Ao estudar aquilo ali, você vai fazer um resgate histórico, os processos que [...] trouxeram até isso aqui..., mas você faz também uma análise das particularidades desse objeto na sociedade, né?!..., no tempo e no momento em que ele se situa, né assim não? [...]. Todos os autores fazem isso, tá certo?. Então é preciso que eles digam..., tá? [...] Ai [...] claro, se a pessoa tá dizendo: “-Eu não concordo com Marx por isso, por isso e por isso”, não é o mesmo que dizer: “-Marx não dá conta de explicar a realidade completamente!” Completamente, quem é que dá!?, tá certo? Agora, divergência é quando você propõe um caminho e o outro autor propõe outro completamente diferente..., tá? [...]. Eu prefiro acreditar que possa sempre [dialogar], inclusive, os próprios autores ao longo do tempo... “O quê que a gente tem como ciência?, Com a Filosofia e com a Sociologia?” Um diálogo entre os autores. [...]. Na verdade, nenhuma análise de qualquer autor vai dar conta de tudo (Entrevistada 8).

Os/as Entrevistados/as mencionados/as veem o diálogo entre Marx e outros pensadores como algo benéfico para a construção do conhecimento, assim como a Entrevistada 3, que inclusive, questionou:

[...] Como a gente pode usar um pensamento pós-moderno pra explicar alguma coisa quando a gente usa Marx? A gente ainda tá meio preso [...] a essa intolerância, né? Claro que, não dá pra você usar Marx e um pensamento pós-moderno quando eles se contrapõem [...] (Entrevistada 3).

Dito de outra forma: existiriam possibilidades de diálogo entre o pensamento marxista /marxiano e o pós-moderno se não tentemos unir as posições contraditórias entre eles. Desconsiderar esta evidência poderia produzir posturas intolerantes diante de outras formas de conhecimento. A Entrevistada 5, complementa este posicionamento ao dizer que não devemos analisar diferentes objetos de estudo apenas pela teoria marxista, pois esta não é

a única fonte de conhecimento válido. Acreditar que apenas a teoria marxista pode fundamentar nossas análises teóricas poderia constituir “[...] uma postura ultraconservadora [...], tipo assim: ‘-Eu vou enterrar a minha cabeça nesse buraco aqui e só vou olhar pra essa coisa’” (Entrevistada 5). Para ela, a própria realidade atual coloca novas questões, como a eleição de Donald Trump para presidente dos E.U.A., o período do *impeachment* e do pós-*impeachment* da presidenta Dilma no Brasil, entre outras coisas, que estariam mostrando a necessidade de nos abirmos às novas discussões teóricas para conhecer o que elas têm a dizer. Igualmente, acreditar que tudo que é pós-moderno é “reacionário”, seria um erro: não haveria uma ligação imediata entre reacionarismo e pensamento pós-moderno (Entrevistada 5). Inferimos dessa forma, que um estudioso pode se compreender como vinculado à teoria crítica, utilizá-la como método de análise, mas associar as teses que acredita melhor explicarem seu objeto de estudo (Entrevistado 2), ao mesmo tempo em que a utilização de autores rotulados como pós-modernos na teoria não lhe tornaria um representante do reacionarismo e do conservadorismo na vida pessoal e política (Entrevistada 5).

Esta mesma Entrevistada usou como exemplo o caso dos estudos referentes à igualdade e à diferença para falar da importância de entendermos as particularidades dos sujeitos na vida contemporânea. Na verdade, Maffesoli (1996) evidenciou que os valores, a sensibilidade, a experiência sensível e a afetividade são supervalorizados na vida social contemporânea (MAFFESOLI, 1996, p. 82). E, por conseguinte, as experiências da coletividade, com sua mobilidade e agitação produzem um caldo de cultura (*Ibid.*, p. 95) que coloca em destaque o enraizamento, o apego à terra, à memória, às origens. A partir disso, o “familiarismo” pode ser pensado como uma expressão das relações sociais contemporâneas, no que concerne “às culturas de empresas na ordem da economia [...], aos grupos afins no seio do mesmo trabalho, sem esquecer [...] a multiplicidade das pequenas ‘tribos’ que proliferam na cultura, nas instituições, ou, muito simplesmente, na vida cotidiana” (*Ibid.*, p. 96, grifos do autor). Nestes, o sentimento típico das famílias se destacaria, fazendo com que o emocional se materialize em sentimentos comuns compartilhados nas vivências e experiências coletivas<sup>95</sup> (MAFFESOLI, *loc. cit.*).

---

<sup>95</sup> Igualmente, as experiências cotidianas ganham importância, ocorrendo um “reencantamento do mundo” a partir da experiência, vista como “cimento coletivo” e neste mundo, apesar dos fatores “centrífgos”, como agressividade, conflitos e individualismo, a solidariedade ainda prevalece como expressão da experiência partilhada, materializada pelas “relações interlocutivas”, verbais ou não verbais (indo desde uma conversa de bar até a todas as outras situações cotidianas) (MAFFESOLI, 1996, p. 121). Estas relações permitem que a experiência individual e a coletiva se destaquem e remetam a outras experiências, provocando que a solidariedade existente na atualidade seja precipuamente estética. E uma estética ampliada por revelar diferentes formas de existência, tendo diferentes elementos para compô-la, como “o sensível, a imagem, o corpo, o

O debate da igualdade e da diferença, devemos frisar, corresponde ao destaque para questões antes menos visibilizadas nas teorias sociais. Silva (2002) argumentou que Foucault, Deleuze e Derrida são os filósofos da “diferença” mais importantes, reconhecidos dentro do campo dos autores concentrados no chamado “pós-estruturalismo”, “pensamento da diferença” (SILVA, 2002, p. 1) ou vulgarmente “pós-modernismo”. Estes autores foram herdeiros de questões já trabalhadas por Friedrich Nietzsche, como “o perspectivismo, a visão interpretativa da verdade, a crítica do sujeito, o questionamento do pensamento identitário, a força e o poder como elementos formadores e constitutivos” (*Ibid.*, p. 2). Eles teriam em comum a crítica ao projeto emancipatório da modernidade por compreenderem, grosso modo, que “o saber, a razão e o conhecimento não são mais sinônimos de liberdade como o fora[m] na modernidade” (MARINHO, 2014, p. 21), colocando como elemento central em suas discussões, o pensamento da diferença.

Para a Entrevistada 8, com relação aos estudos sobre as particularidades, existem muitos autores pós-modernos estudando estes aspectos com sagacidade. De toda forma, o método de Marx ainda segue sendo o mais adequado para a análise da realidade social, em suas múltiplas expressões. Esta Entrevistada também evidenciou que nem sempre os autores ditos pós-modernos concordam com o modo como se materializa a sociedade contemporânea que descrevem: eles apenas fazem um diagnóstico do que visualizam como aspectos diferenciadores da época intitulada de moderna.

[...] Quando se diz assim: -Que se segue a teoria social crítica, principalmente com base no pensamento marxiano e marxista, é porque esse pensamento faz uma leitura mais aprofundada da sociedade do capital, né... e dos pilares da sociedade, né...do trabalho alienado, do Estado, [...] do próprio capital como sistema, como relação social de produção..., tá certo? Entretanto, isso não significa dizer que Marx daria conta de compreender todas as relações sociais e humanas... né?! daria conta de compreender os diversos aspectos da vida social, né? E isso não é porque a leitura dele seja insuficiente, atrasada, porque tá aí a realidade mostrando a atualidade do pensamento de Marx, quando ele fala das tendências do capital, né... [...]. Entretanto, não dá conta de tudo porque a realidade é muito mais complexa, muito mais dinâmica [...], como ele próprio dizia do que a nossa capacidade de acompanhar. E para que a gente [...] tenha a compreensão [...] das particularidades [...], como essas relações na sociabilidade capitalista se manifestam, outros autores também são importantes. E não é que eles estejam desmentindo, negando [...], contradizendo Marx, né... ou os marxistas, tá? Mas é porque eles fazem leituras dessas particularidades; e como ninguém dá conta de tudo, nem [...] eles trazem esses outros aspectos, né..., levam em conta a historicidade dessas relações. Eles fazem uma espécie de diagnóstico, né... dos tempos contemporâneos [...], desses tempos pós-modernos... e eu não entendo que [...] ao fazerem o diagnóstico, eles façam apologia a esses tempos, pelo contrário, muitos fazem a crítica...né? (Entrevistada 8).

---

doméstico, a comunicação, o emocional, coisas que se enraízam na experiência, essa estética é essencialmente ética, ela permite a ‘religação’ social” (*Ibid.*, grifos do autor, p. 122).

Com efeito, por exemplo, em Vattimo (1992), temos a tese de que a sociedade que se formou com o fim da modernidade é uma sociedade dos *mass media*, na qual a emancipação não se dá mais modelada pela autoconsciência, mas sim pelo desenraizamento, a apresentação das diferenças e dos elementos locais (VATTIMO, 1992, p. 13-16) e em Maffesoli (1996) temos uma dúvida de fundo: “o desengajamento político, a saturação dos grandes ideais longínquos, a fraqueza de uma moral universal podem significar o fim de uma certa concepção de vida [...], mas isso também pode indicar que uma nova cultura está nascendo” (MAFFESOLI, 1996, p. 16). Nestes dois autores, o que observamos, é realmente uma descrição da realidade a partir de elementos que a constituem, quer o poder dos *mass media*, quer a probabilidade de nascimento de uma nova forma de cultura. Sobretudo, neste último, é interessante apontar que ele supõe a possibilidade de nascimento de uma nova sociedade, apesar de que esta não seja a comunista.

Ainda sobre o debate sobre o pluralismo e o ecletismo, as Entrevistadas 5 e 9, compreenderam o primeiro como o diálogo entre diferentes correntes de pensamento que se complementam.

Pra mim, o pluralismo é exatamente essa tentativa de complementariedade. [...] Vamos dar um exemplo: eu tô fazendo [...] uma pesquisa sobre o trabalho infantil, sobre a exploração do trabalho infantil. Então, eu resolvi escolher Marx pra poder fundamentar toda essa minha curiosidade sobre a exploração do trabalho infantil. Ele estudou profundamente o trabalho, a exploração do trabalho do homem, da mulher e da criança na época. Então, eu posso muito bem ver Marx. Eu fiz um recorte no meu objeto [...], onde eu gostaria de entender a [...] questão da libido das crianças que são precocemente condicionadas ao trabalho..., condicionadas ao trabalho produtivo, meninos que passam cedo da condição de consumidor para a de provedor: trabalho infantil. Eu disse assim: - Como é que desenvolve a sua libido? Curiosidade... Vamos supor, é um exemplo: Marx nunca falou em sexualidade infantil: nunca, né!? Ele fala da exploração do trabalho da criança e do adolescente. Se eu tenho um recorte no meu objeto que trabalha a questão da libido, [...] Freud estudou profundamente a questão da sexualidade na pré-infância, na adolescência e na infância. Qual é o problema de Marx entrar nessa...? [...] Dialogar com Freud?! Entendeu? [...] Porque um não vai se contrapor a[o] outro... Então, pra mim, isso é uma perspectiva pluralista. É um exemplo meio grosseiro, mas é isso! Agora, jamais poderia pegar uma produção marxiana sobre a exploração do trabalho infantil e, por exemplo, é... pegar a teoria do funcionalismo, por exemplo [...] Não tinha como eu juntar marxismo e funcionalismo. Aí é ecletismo, na minha ótica. *O pluralismo é como se existisse uma possibilidade de complementação para explicar a essência do objeto, a essência da realidade* (Entrevistada 5, grifos nossos).

[...] Falar do pluralismo em serviço social é reconhecer que existem outras teorias sociais... re-co-nhe-cer a existência. é possibilitar a leitura e o conhecimento da existência dessas teorias sociais, é... mas tem que ser uma leitura de conhecimento crítico... cientes de qual é a base, de qual é a teoria social que fundamenta o nosso fazer profissional, que é a teoria marxista e disso não há dúvida (Entrevistada 9).

Como podemos notar, há uma questão central diferenciando o posicionamento dos/as professores/as entrevistados/as: para alguns, pluralismo, no caso do Serviço Social, resume-se ao diálogo entre Marx e os estudiosos marxistas, para outros, pluralismo seria o diálogo entre perspectivas teóricas que se complementam. Ao mesmo tempo, as falas dos/as entrevistados/as permitem dizer que, majoritariamente, compreende-se o diálogo de Marx com outros autores – marxistas ou rotulados como pós-modernos – como uma necessidade, o método materialista-histórico como o método mais adequado para analisar com profundidade a realidade social e a importância de leitura e conhecimento das diversas correntes de pensamento como um imperativo. Além disso, para a literatura e para os/as entrevistados/as, uma coisa é clara: ecletismo é misturar, mesclar posições teóricas divergentes, o que nos leva a outra questão: o que determina a complementariedade ou a divergência entre duas ou mais linhas de pensamento?

Certamente, o primeiro aspecto que devemos ter em mente é que nem todas as ideias e produções teóricas chegam ao grande público, muitas vezes existe um pensamento tornado hegemônico, que não suprime uma heterogeneidade de pensamentos e posturas profissionais existentes. Além do mais, qualquer pesquisa tem um nível de parcialidade: nenhum pesquisador consegue ser totalmente imparcial, porque a partir do momento em que ele escolhe seu objeto de pesquisa, ele já exerce um juízo de valor e este aparece ao longo das suas outras opções ao longo do texto, como com relação à teoria e ao método utilizados. Logo, muitas das produções que afirmam o contato e a incorporação do pensamento pós-moderno no Serviço Social como expressão do ecletismo ou do pluralismo podem ser de autores que se afirmam marxistas ou não marxistas e mesmo dos que se dizem curiosos por *conhecer o conhecimento* em todas as suas formas. Sobre este ponto, na verdade, apenas um de nossos entrevistados, a Entrevistada 1, expressou claramente se compreender como “marxista e anticapitalista”, enquanto a Entrevistada 3 se autointitulou antimarxista, e a maioria dos outros se disseram vinculados à teoria crítica, e outros ainda expressaram evitar rótulos.

Nesta perspectiva, ressaltamos que superando qualquer tipo de rotulação e de “etiquetas” sobre os/as entrevistados/as, alguns deles/as, tendo como referência a necessidade de aprofundamento e o gosto pela leitura e o conhecimento – independente de qualquer coisa – afirmaram existir um ortodoxismo entre os teóricos marxistas. Segundo Paulo Netto (2011), na realidade, a “*ortodoxia* em matéria de marxismo” (PAULO NETTO, 2011, p. 59, grifos do autor), nada mais é do que a “fidelidade à perspectiva metodológica” construída por Marx (PAULO NETTO, *loc. cit.*). Esta é formada pela articulação entre totalidade, contradição e

mediação, categorias nucleares para a elaboração da teoria social marxista, a partir do estudo da produção material da sociedade burguesa. No momento da elaboração desta, Marx propiciou muitos outros elementos sobre as totalidades representadas na sociedade burguesa, demonstrando que a construção permanente da teoria social marxista embasada nesta perspectiva seria benéfica (*Ibid.*, p. 58-59).

Para as Entrevistadas 3 e 5, no entanto, muitas vezes a formação do/a assistente social apenas aprofunda com os/as estudantes/as uma única linha de pensamento e, levando em consideração que esta é o marxismo e a direção de nosso projeto profissional é também marxista, podemos inferir que às vezes distorcemos o conteúdo de outras correntes teóricas por não conhecê-las com propriedade.

[...] Eu percebo em sala de aula [...], que eu acho que é um movimento social que eu venho vendo hoje, principalmente entre os jovens. Eu acho que os jovens estão meio perdidos, em algumas coisas, e eu percebo sempre em sala de aula que muita gente tá ali, mas tá ali, não sabe por que tá e tal..., e vai passando, muita gente absorve o discurso e fala e grita, mas... [...] reproduz..., não problematiza, não se posiciona. E às vezes você não tem na graduação, *você não tem abertura pra um pensamento diferente*, então você acaba mesmo calando e só escutando: é o marxismo, é o marxismo. E quando você sai, você se liberta ou não..., que eu já vejo no mestrado. Embora haja uma posição direta, clara, expressiva da grande maioria dos professores pela dimensão dessa nova ordem societária [...]. Mas se você prestar atenção na sala de aula, os alunos do mestrado, eles são... eles resistem...por exemplo na aula da XXXXXXX<sup>96</sup>... é uma resistência horrível... Assim, as pessoas detonavam o texto e eu disse: “-Não tô entendendo, gente!”..., porque era Foucault... Aí uma vez até ela disse: “-Mas porque você não gosta de Foucault? com a menina, [...]”. Aí ela: “-Não, professora, eu não gosto”. “-Não”, ela disse: “-Não, a gente não gosta por algum motivo” (Entrevistada 3, grifos nossos).

[...] Não! Eu não, eu não vejo o Serviço Social fortalecido; nem no marxismo, nem nos pós-modernos. Eu vejo uma coisa assim meio... nebulosa ainda [...]. Inconsistente [...], por exemplo, eu me nego a fazer apostilas e deixar na xerox pro aluno tirar xerox. Vamos para a fonte! Vamos para o autor! Vamos acabar com esse apud! Eu me nego a deixar coisa pra tirar xerox, que você ver que às vezes são coletâneas de pedaços de livros, pedaços de autores que os alunos vêem, assim, de forma pulverizada. Pra mim, *é uma formação ainda doutrinária, mas ainda mais fragilizada do que foi na década de 90*. Sabe? Os professores saíram, fizeram pós; aí eles se especializam nas suas linhas; mas no conjunto você ainda ver muita fragilidade . [...]. O Serviço Social na contemporaneidade, entendeu? Então, os alunos ficam presos à 1920 falando sobre marxismo, marxismo, marxismo...não conseguem chegar no pós-80, nem conseguem dizer nada do que tá acontecendo no momento contemporâneo... Sabe? Eles apreenderam aquela coisa, mas eles só conseguem explicar a história. A história do Serviço Social fortemente influenciada pelo marxismo, um discurso, é... ideologizado, totalmente ideologizado e despreparado para dar conta da realidade em movimento. Não consegue chegar no atual e nem conseguem entender o atual. Como se eles tivessem policiados... (Entrevistada 5, grifos nossos).

<sup>96</sup> Omitimos o nome da professora citada, para garantir o sigilo desta informação.

Conforme a Entrevistada 3, muitas vezes, os/as alunos/as são levados a reproduzir o conteúdo das disciplinas absorvendo-os, sem questioná-los. Disso decorre que em outros níveis mais especializados de estudo, como no mestrado, haja alunos com alguma resistência à leitura de autores orientados por uma linha de pensamento diferente do marxismo, como Foucault. Entretanto, pela situação vivenciada pela Entrevistada, nem sempre os estudantes formados pela linha orientadora do Serviço Social e sua proposta pedagógica, conseguem explicar concretamente os reais motivos que lhes fazem não gostar, evitar ou rechaçar leituras de autores tidos como não-marxistas. Para a Entrevistada 5, por sua vez, o Serviço Social carece de uma formação mais aprofundada em seus elementos basilares, a fim de evitar “fragilidades” na concepção real sobre os autores e suas propostas, inviabilizando uma análise mais completa dos aspectos caracterizadores das alterações em voga na contemporaneidade. Cabe inclusive perguntar: “Realmente nós compreendemos, lemos, estudamos, pelo menos o próprio Marx?” Há quem acredite que “[...] a falta de apropriação do método crítico dialético no interior do Serviço Social [...] é uma das portas abertas ao campo de apropriações indiscriminadas não só das elaborações pós-modernas, mas também de outras vertentes teórico-metodológicas” (CANTALICE, 2013, p. 246).

Nesta reflexão, cabe lembrar que a adoção do marxismo pelo Serviço Social brasileiro foi produto do trabalho das vanguardas intelectuais da categoria, que num processo organizado e profundo de discussões com o corpo mais amplo de profissionais, concluíram que a partir da legitimação dos valores marxistas, do materialismo histórico-dialético e da defesa do projeto societário da classe trabalhadora, nós, assistentes sociais, poderíamos de fato romper com o conservadorismo e alcançar o estatuto de profissão não assistencialista, nem caritativa, mas sim necessária socialmente para atuar junto às demandas advindas com a questão social, mediante o manejo das políticas sociais (IAMAMOTO, 2004; 2010a; 2010b; *passim*).

Relacionado a este fato, ressaltamos que o Serviço Social é uma profissão considerada liberal, mas tem parte dos meios e condições para a realização do seu trabalho, fornecidos pelas entidades empregadoras (Cf. IAMAMOTO, 2010b, p. 96). O/a assistente social, como trabalhador/a assalariado/a, ao inserir-se no mercado de trabalho, vende sua força de trabalho para ser consumida por determinada jornada em troca de um salário e, nesta relação, vende “sua capacidade de trabalho” (IAMAMOTO, *loc. cit.*) para a entidade que o contratou, dispondo de uma “relativa autonomia” (*Ibid.*, p. 96-98) para o exercício das suas funções. Esta se materializa pela “relativa independência na definição de prioridades e das formas de execução de seu trabalho” (*Ibid.*, p. 97), em que tendo como instrumento básico a

linguagem, o/a assistente social vai interferindo na “reprodução material e social da força de trabalho”<sup>97</sup> (*Ibid.*, p.98, grifos da autora).

A instrumentalidade, entendida como “as propriedades e as capacidades sócio-históricas que a profissão vai adquirindo no confronto entre as condições objetivas e as posições teleológicas de seus agentes profissionais e dos agentes sociais que demandam o exercício profissional” (GUERRA, 2000, p. 6), mostrou que o Serviço Social pode fornecer respostas pensadas às demandas colocadas aos/às profissionais, articulando sua necessidade social às necessidades sociais dos sujeitos que demandam os seus serviços. Ao mesmo tempo, percebemos que a mediação (PONTES, 2009, *passim*) é essencial para a prática profissional e que “materializar princípios éticos na cotidianidade do trabalho” (IAMAMOTO, *op. cit.*, p. 77), por meio do CE de 1993 deve ser um compromisso de todo/a assistente social, com o fim de evitar que estes princípios “se transformem em indicativos abstratos, descolados do processo social” (IAMAMOTO, *loc. cit.*).

Segundo a Entrevistada 7, a formação em Serviço Social contempla sim os estudos dos pós-modernos, cabendo ao/à professor/a orientar as leituras e distinguir os elementos de cada linha de pensamento estudada.

Agora, por exemplo, a gente vai ver que na nossa formação, né, do Serviço Social do projeto pedagógico, né...; do nosso projeto pedagógico; a gente tem as disciplinas dos dois primeiros anos, que são disciplinas que estão vol... que estão [...] dialogando com a filosofia, com a sociologia, com a economia, né... com a economia política. Então a gente queira ou não, nesses momentos não vai ser pensamento do Marx que vai ser defendido... não vai ser! Porque assim, raramente; não vou nem ser assim também tão fechada; mas raramente o pensamento da teoria crítica, dos pensadores críticos; eles vão ter um destaque. Eu acho que os nossos alunos logo no início do semestre, eles já vão ter contato com o pensamento pós-moderno... Certo? É... e talvez o nosso erro seja insistir de que não seja assim... [...].Então isso é um... e a gente dialoga com as Ciências Sociais. E a gente tem que dialogar com as filosofias porque nós não constituímos o conhecimento sozinho, né!? Então eu acho assim, que é um risco, mas a gente tem que enfrentar o pensamento pós-moderno, a gente tem que dialogar... O negócio é o tempo também pra gente fazer um debate... profundo, né... ,responsável, honesto, né...mas assim, é... eu acho que a gente tem que ter...não tem que ter preconceitos e acho que a gente tem que dialogar com os alunos no sentido de que, de que eles tenham espaço para trazer pra sala de aula o que eles já estudaram, para além do Marx...né? Quais as ideias que eles tem... pra que eles possam dialogar com, com essa direção teórica nossa; porque ela ainda é hegemônica, né? (Entrevistada 7).

A partir do exposto, podemos considerar o ecletismo e o pluralismo como opostos e se pudéssemos fazer uma comparação, diríamos que seguindo a Terceira Lei de Newton, são

---

<sup>97</sup> Ao desempenhar atividades dependentes de sua competência para o acompanhamento dos processos sociais, da elaboração de relações e vínculos com os indivíduos junto dos quais atua, bem como ao exercer um trabalho no campo político-ideológico (Cf. IAMAMOTO, 2010b, p. 96-98).

opostos que se atraem, uma vez que o pluralismo pode resvalar no ecletismo e vice-versa, dependendo do cuidado teórico e do relativismo do autor. Conceitualmente,

[...] o ecletismo [...] [é] a liberdade de tomar idéias de vários autores e articulá-las segundo a conveniência do pensador. Isto normalmente é feito sem o cuidado de verificar com rigor a compatibilidade de idéias e paradigmas diferentes, dando origem a uma colcha de retalhos, quando mais, inteligentemente tecida. É bom resvalar que há ecletismo de baixo e de altíssimo nível. Às vezes, ele é entendido no sentido de relativismo, cuja afirmação essencial é de que não há verdade, mas apenas verdades, não há método, mas apenas métodos. Verdade, critérios de verdade, método, todos eles têm um valor, relativo porque todos eles são parciais. Teríamos, neste caso, quando levado ao extremo, a chamada pós-modernidade (TONET, 2007, p. 2).

A percepção de Tonet (2007) é a de que o ecletismo corresponde ao ato de articular posições teóricas divergentes, com a finalidade de apontar verdades, no plural, expressando um relativismo no trato das ideias. A pós-modernidade seria a expressão mais extrema do ecletismo por relativizar os conceitos, propor inúmeras verdades e métodos para explicar a realidade. E como “o ecletismo ocorre quando são misturados diferentes conceitos de corpos teóricos diferentes, ou até mesmo antagônicos, supondo uma aparente coerência” (TINTI, 2014, p. 79), haveria possibilidade de se misturarem posicionamentos teóricos marxistas e pós-modernos, afirmando sua complementariedade, quando na verdade esta não teria procedência alguma.

Dessa forma, um dilema se coloca: “Como manter um debate teoricamente plural no Serviço Social, sem resvalar para os efeitos danosos derivados do ecletismo teórico?” (IAMAMOTO, 2010b, p. 187). E Tonet (2007) nos dá a resposta ao dizer que existe a possibilidade de diálogo entre ideias, se estivermos vigilantes em não afirmar a complementariedade do que se opõe e reconhecemos a relatividade dos métodos de análise.

O pluralismo metodológico [...] pretende não ser nem dogmático, nem eclético e nem relativista. Pelo menos aquele que se declara anti-pós-moderno. Ele pretende chegar à verdade, mas o problema que enfrenta é: como não ser dogmático, nem eclético ou relativista? A solução encontrada consiste em apelar para o rigor do sujeito que, reconhecendo a relatividade dos métodos, propõe-se a tomar como norma o diálogo, a articulação, o entrecruzamento de paradigmas diferentes, sempre com vigilância crítica. Diálogo não no sentido do confronto de idéias, mas de fusão de matrizes diferentes (TONET, *op. cit.*, p. 2).

Esta questão da diferença entre ecletismo e pluralismo no Serviço Social nos parece ainda um pouco indefinida, principalmente, porque ao mesmo tempo em que Tonet (2007) nos dá a solução quanto às possibilidades de exercício do pluralismo, deixa claro que o pós-moderno é uma expressão do ecletismo, do dogmatismo e do relativismo. Mas somente o

pós-moderno? E as outras linhas de pensamento, como o positivismo, a fenomenologia ou o (neo)tomismo?

Outra questão levantada ao longo da entrevista semiestruturada se referiu a relação entre o pensamento pós-moderno e o (neo)conservadorismo na profissão. Esta questão buscou problematizar uma afirmativa recorrente de algumas obras da categoria sobre o teor (neo)conservador da pós-modernidade (PAULO NETTO, 1996; 2012; SIMIONATTO, 2009; SANTOS, 2005/2006; 2007; ORTIZ, 2006/2007; BARROCO, 2011; IAMAMOTO, 2014) rebater no substrato “ideo-teórico” do Serviço Social (SANTOS, 2007, p. 11), a ponto de que “pela primeira vez após a reconceituação, o conservadorismo profissional não est[ivesse] restrito apenas ao chamado campo da prática” (*Ibid.*, p. 110), aparecendo no conjunto das produções teóricas dos/as pesquisadores/as do Serviço Social.

É necessário pensar que existem “marcas” (IAMAMOTO, 2004, p. 17) articuladas à herança conservadora da profissão de assistente social que “subsistem hoje, redefinidas, e que conferem certos traços peculiares ao exercício desses profissionais” (IAMAMOTO, *loc. cit.*). Estas marcas teriam sua gênese no “*reformismo conservador*” (IAMAMOTO, *loc. cit.*, grifos da autora) e preservariam seus traços, estabeleceriam compromissos sócio-políticos e elaborariam sua justificação teórico-metodológica com base no conservadorismo “*no decorrer da evolução do Serviço Social*” (IAMAMOTO, *loc. cit.*, grifos nossos).

Relacionado a isso, conforme a Entrevistada 6, sempre existiram assistentes sociais conservadores/as e não conservadores/as, sendo o conservadorismo uma realidade existente no mundo, independente de qualquer coisa, mas que pode sim influenciar diferentes âmbitos, inclusive as profissões. Acreditar que a “[...] teoria vem da prática” ou que o pós-moderno atualiza o conservadorismo na profissão seria uma visão idealista, uma vez que a própria realidade social vem se colocando como conservadora na atualidade, e esta realidade interfere, influencia e rebate na totalidade social, incluindo as ocupações, como a de assistente social ou de pesquisador/a com formação em Serviço Social.

Eu acho, assim, o Serviço Social nunca ele foi unânime. Eu via, na época da Virada, na época, antes mesmo, sempre existiam muitas assistentes sociais conservadoras, muitas assistentes sociais de direita. Quer dizer, não é uma influência de um pensamento. Eu vou achar aí que é uma opção, também, individual. Quer dizer, o conservadorismo, ele tá no mundo desde que o mundo existe, como o outro lado também. O que eu tenho que fazer é o seguinte, quais foram as explicações... [...], porque aí, eu acho que, o Serviço Social, ele vai marcar, também, [por um] muito profundo idealismo. Eu vejo, por exemplo, o que é que Marx vai dizer das relações? O que é que ele vai...? A teoria vem da prática, a teoria vem do olhar sobre a realidade. A teoria não é uma coisa que eu vou, eu crio a teoria. Isso é idealismo, isso é religião, isso é hegelianismo. Eu crio uma teoria e vou ver na prática, isso é prática de modelo. Eu crio uma teoria e vou olhar se na prática aconteceu. Não é!

Marx, ele foi, ele mostrou esse caminho. Materialismo de Marx é, vem da empiria, vem das relações sociais, vem desses estudos, por isso é que os estudos dele, metodologicamente, são profundamente interessantes. Agora, Marx viveu numa época de uma sociedade que não era complexa. Capitalismo comercial, capitalismo industrial começando, né?! [...]. Então, se eu vivo hoje, eu vou analisar essa conjuntura, eu não vou analisar do ponto de vista do modelo que tá na minha cabeça. Eu vou olhar quais são as relações sociais, o que é que é emana e vou ver quais são os teóricos que vão explicar, fazer minhas críticas também a eles, né. E vou ver o teórico que vai propor o conservadorismo, a manutenção, o status quo, e, vou ver os teóricos que buscam a questão da transformação da sociedade. Então isso, e rever que, todo momento teve conservadores independente... se a gente... qual é o papel que tem uma ideologia de... a ideologia não transforma a cabeça das pessoas [...]. A gente sucinta, mas as pessoas tomam o caminho ideológico que quiserem, né. Eu vou, você vem discutir comigo e eu vou ver. Mas, é a partir de uma realidade, é a partir desses entendimentos (Entrevistada 6).

A Entrevistada 9 afirmou que o pensamento pós-moderno não é o responsável por ajudar na reatualização de posições conservadoras para o Serviço Social, mas sim a própria sociedade atual vem trazendo consigo valores conservadores, que muitas vezes foram explicados pelos teóricos pós-modernos:

[...] Não é que o pensamento pós-moderno é responsável, é que a sociedade atual, ela é uma sociedade pós-moderna, no jeito de encarar a realidade, no jeito de se posicionar frente essa realidade, no sentido de política tá tudo cooptado: então, não é só o pensamento, é o modo de se posicionar frente a realidade social. Então, a culpa não é do pensamento pós-moderno, até porque [...] às vezes esse pensamento ele é incorporado de maneira inconsciente. O fato de ele ser incorporado de maneira inconsciente não significa dizer que as suas consequências não sejam graves, porque o aluno, ele pode até não saber, mas ele tá por trás dos argumentos e dos resultados que ele apresentou, ele tá reproduzindo o pensamento conservador, mas ele não sabe disso, porque ele não tem o discernimento em torno das teorias sociais, entendeu? (Entrevistada 9).

Também, para a Entrevistada 1, o conservadorismo permeia a realidade e, no caso brasileiro, a conjuntura política viria demonstrando muito mais amplamente as influências conservadoras, apresentadas na supressão dos direitos sociais, na aprovação da Proposta de emenda à Constituição nº 55, de 2016 - PEC do Teto dos gastos públicos (PEC 55), entre outros aspectos.

[...] No Brasil, uma onda conservadora, assim que... [...] claro que essa onda conservadora fere o nosso projeto ético-político, né?!, porque o nosso projeto é um projeto [...] emancipatório, questionador dos valores burgueses..., né? E o que a gente tá vendo agora?! [...] vem se construindo isso [...]. Começou assim [...] com a visibilidade na campanha eleitoral da Dilma, né?!..., e depois um ódio à esquerda, né... ao PT, um ódio muito grande à esquerda e... *não sei se...* [...] *os pós-modernos, assim, que estudam, eles estão [...] tão fechados com esse conservadorismo forte que tá no mundo e principalmente aqui na realidade brasileira*, né? Porque assim... eu nunca vi, [...] na minha existência... [...] esse conservadorismo com força política, não é conservadorismo só no sentido de [...] não apostar mais no marxismo, né?

Porque, por exemplo, tem pessoas que acham que o marxismo não é mais [...] a forma [...] de pensar a realidade social, né? Mas, [...] querem um [...] capitalismo mais abrandado, né? [...] Da primeira coisa que o [...] capitalismo em crise faz é destruir os valores, destruir os direitos sociais... e destruir os valores emancipatórios, né? Então há uma onda muito grande... [...] (Entrevistada 6, grifos nossos).

De modo especial, nos últimos anos, temos presenciado, segundo matéria da Carta Capital, no congresso, uma bancada “BBB”, isto é, a “Bancada do Boi, Bíblia e Bala [que] coloca em curso o projeto para reduzir a maioria penal” (MARTINS, Carta Capital, 14/04/2015), entre outras ações que ferem os direitos humanos das minorias, como dos integrantes do movimento LGBT e das mulheres. A Entrevistada acima chegou a questionar se realmente os pós-modernos são tão conservadores quanto à aceção de conservadorismo que geralmente conhecemos, pois as próprias expressões políticas de nosso país têm demonstrado que o conservadorismo ganha força na cena contemporânea, mas nunca esteve inexistente na realidade do Brasil.

De fato, entendê-lo exige saber que a ideia mais recorrente sobre o conceito de pensamento conservador ou de conservadorismo pode não ter validade alguma para a análise científica. Esta ideia é a que identifica o conservadorismo ao verbo “*conservar*” e o assemelha à noção de preservação do que valorizamos e acreditamos (ESCORSIM NETTO, 2011, p. 36). Todavia, nas Ciências Sociais, o conservadorismo tem uma noção mais técnica, ligando-se à Revolução Francesa e suas expressões posteriores: “o conservadorismo é uma resposta reativa a tudo o que a queda da Bastilha sinaliza” (*Ibid.*, p. 38). Apesar do consenso com relação às origens do pensamento conservador ou do conservadorismo, a palavra em si tem um sentido polissêmico, que dificulta uma caracterização fechada quanto a sua natureza (*Ibid.*, p. 38-40). Podemos dizer que

o pensamento conservador [...] não é um ‘estilo de pensamento’ intemporal, a-histórico, encontrável em qualquer tempo e em qualquer sociedade. Nem se confunde com quaisquer formas intelectuais e comportamentais que valorizam, sancionam e defendem o existente – formas a que cabe a denominação de *tradicionalismo*. Antes, o pensamento conservador é uma expressão cultural [...] particular de um tempo e um espaço sócio-histórico muito precisos: *o tempo e o espaço da configuração da sociedade burguesa* [...]” (*Ibid.*, p. 41, grifos da autora).

E esta sociedade burguesa e seu modo de produção, objeto de estudo de Marx (2008, 2010, 2013), devem ser compreendidos como uma totalidade, sendo a sociedade burguesa comercial, aquela que assistiu o nascimento do pensamento conservador, com a revolução política que colocou a burguesia no poder e destruiu o Estado feudal. A obra

fundante do conservadorismo, de Burke<sup>98</sup>, funcionou como uma resposta ao impacto da Revolução Francesa no mundo (ESCORSIM NETTO, 2011, p. 44). Nesta, o autor rechaçou o modo como a ação política dos burgueses se deu por mobilizar as massas e a derrocada de instituições sociais consagradas pela tradição (*Ibid.*, p. 44), ou seja, “Burke quer a continuidade do desenvolvimento econômico capitalista sem a ruptura com as instituições sociais pré-capitalistas (o privilégio da família, as corporações, o protagonismo público-temporal da Igreja, a hierarquia social cristalizada etc.)” (*Ibid.*, p. 45).

O pensamento conservador clássico, que vai desde a Revolução Francesa (1789) à Primeira Guerra Mundial (1914), avançou “da recusa à ordem social construída pela burguesia revolucionária para uma atitude de defesa da ordem burguesa consolidada (mas ameaçada pelo movimento operário revolucionário)” (*Ibid.*, p. 69). Nesse sentido, quando o pensamento conservador se mostrava como um “projeto restaurador, antirracionalista e antidemocrático”, ele criticava a cultura da Ilustração e alguns valores da Modernidade, como “[a] autonomia do sujeito, [a] secularização, [a] industrialização e [a] urbanização” (ESCORSIM NETTO, *loc. cit.*), pregando a continuidade das instituições e princípios pré-capitalistas. Mas após 1848, ele passou a assumir uma expressão “especialmente contrarrevolucionária, oferecendo alternativas reformistas para preservar a ordem estabelecida e [...] [ao incorporar] [...] a racionalidade instrumental-positiva, mobilizou-se para elaborar a representação teórico-metodológica da sociedade burguesa” (ESCORSIM NETTO, *loc. cit.*). Isto ocorreu, sobretudo, devido o contato do conservadorismo com a questão social e o movimento revolucionário operário embasado no socialismo (ESCORSIM NETTO, *loc. cit.*).

Na fala dos/as nossos/as entrevistados/as, o debate sobre o conservadorismo e a percepção sobre ele apareceu geralmente relacionado à religião ou ao fundamentalismo religioso e também à ausência de posição pessoal e consequentemente profissional de defesa do marxismo. A Entrevistada 1, por exemplo, asseverou que deve existir uma articulação entre a posição pessoal de defesa do marxismo e a atuação profissional, a fim de não se incorrer em ações que descaracterizem o PEP da categoria, embasado na direção hegemônica do marxismo.

Eu dando aula, aí a aluna levantou e disse que seria uma ótima assistente social [...], mas não é marxista, mas não é marxista! Eu fiquei tão revoltada com essa menina, que eu disse assim: “-Você tem o direito de ser o que você quiser - eu disse -. “Você tem o direito de ser o que você quiser... de ser o que você quiser, mas tá na hora...,

---

<sup>98</sup> Seus sucessos – passando por Tocqueville e Durkheim – apresentaram muitas alterações nesta visão de conservadorismo, mas tiveram como ponto comum, uma perspectiva otimista sobre a contemporaneidade (ESCORSIM NETTO, 2011, p. 56).

“você tá no quarto semestre..., de sair daqui, de sair do curso de Serviço Social!”. Me diga: “-Como você vai trabalhar, né?!... na sua vida, se você nega o projeto profissional que você foi formada, né!? Se você nega o projeto profissional que você é formada?! Tá na hora de sair daqui! [...]. Vá pra outro curso...é bem facinho ir pra Administração, ir pra Contabilidade que é do nosso próprio centro. Lá você vai se, se, se dar bem! Né? Porque lá é conservador! Lá, lá você pode... as suas ideias podem, podem casar, aí você fica bem! “-Não! Eu não quero sair daqui! Eu gosto do Serviço Social!” [...]. É [...] depois eu soube que ela é evangélica. [...] Aí tem os valores que os alunos chegam, já muito solidificados com a religiosidade que é muito ligado a religião..., as religiões mais conservadoras..., né? Então assim, eu fiquei muito preocupada com essa postura dessa menina! (Entrevistada 1).

Para a Entrevistada acima, não tomar como referência o marxismo pode ajudar na reprodução de ações conservadoras como profissional do Serviço Social: estas muitas vezes poderiam estar acopladas à posição pessoal de apego aos valores conservadores reproduzidos por algumas religiões. Da mesma forma, a Entrevistada 9 complementou que a religião pode trazer muito mais noções conservadoras para a atualidade, se comparada à influência do pensamento pós-moderno, diferentemente a Entrevistada 3, que afirmou existir uma ideia forte do senso comum de acreditar que a religião se adequa ao conservadorismo, sendo que isso seria uma crítica imprecisa e produtora de ações intolerantes.

[...] A gente enclausura a dimensão investigativa à formação profissional, à graduação, ao mestrado, ao doutorado, e não pode, nem deve ser assim, né. Ai assim eu penso: “Pode ser?” É, mas não é único: se culpar, só o pensamento pós-moderno é responsável por isso? “não”. Eu tenho alunos em sala de aula que reproduzem pensamentos altamente conservadores e práticas altamente conservadoras e não é culpa do pensamento pós-moderno não, é culpa da igreja, da moral cristã. Então, eu tenho gente aqui que se posiciona ainda contra o aborto e o problema não é se posicionar contra o aborto, é os argumentos que vai utilizar, entendeu? A questão não é o seu posicionamento enquanto indivíduo é o argumento que você vai utilizar, o argumento ele vai reiterar o pensamento conservador, tá? então, *a culpa não é só da pós-modernidade, porque a igreja é altamente conservadora*, entendeu? Já a igreja tem sido a grande responsável, as igrejas, a moral cristã, por assim dizer, têm sido a grande... pelo menos pela minha experiência em sala de aula, tem sido a grande responsável pela veiculação de posicionamentos altamente conservadores, né?, muito mais do que o pensamento pós-moderno..., muito mais (Entrevistada 9, grifos nossos).

[...] Uma das coisas que eu fui aprendendo..., eu não sei se eu sempre soube separar muito bem, é a minha [...] questão religiosa, minha questão pessoal, da questão profissional. Então, pra mim, isso é resolvido dentro de mim [...]. Primeira coisa: choca muito os alunos, alguns alunos que já vem..., porque quando eu vou pra Ética, eu já tô no quinto semestre..., né? Então, primeiro, choca muito o sinal [...], a minha expressão de religião, né?! Então, eles já têm uma resistência. Tipo... de achar que eu vou ser aquela professora conservadora, né..., neoconservadora, que tá ali pra doutrinar o povo e destruir Marx, né? (Entrevistada 3).

A pesquisa de Pinheiro (2013) mostrou que muitas discentes do curso de Serviço Social da UECE reportavam “um forte caráter conservador, abalizado pelo fundamentalismo religioso” (PINHEIRO, 2013, p. 203). Para ele, as discentes entrevistadas reproduziram um

discurso “reiteradamente relacionado à defesa da família tradicional e reivindicado como um valor individual que deve ser garantido em todas as esferas da vida” (*Ibid.*, p. 98), o que poderia incorrer no desafio da atuação como assistente social. Os depoimentos recolhidos lhe mostraram que a religião não seria a responsável por expressar publicamente posicionamentos conservadores, mas sim o fundamentalismo religioso, que poderia reproduzir ações preconceituosas e de alienação moral (*Ibid.*, p. 202-203).

Segundo Rocha (2005), o Serviço Social, como uma profissão relacionada ao conservadorismo desde as suas origens, atuando junto às demandas das classes populares, mas tendo como empregador o Estado ou as instituições privadas, deu espaço para o ecletismo se desenvolver ao “infiltra[r]-se no campo de intervenção profissional, refletindo na dimensão teórico-metodológica, o sincretismo<sup>99</sup> prático [...]” (ROCHA, 2005, p.112). Por isso, o ecletismo que existe na profissão desde os anos 1920/1930<sup>100</sup> viria adquirindo novas formas de expressão com as novas demandas colocadas pela questão social, com a crise de paradigmas nas Ciências Sociais, a escolha ideológica, política e ética dos profissionais e o reavivamento do conservadorismo (*Ibid.*, p. 114-115).

Ao compreendermos uma das percepções possíveis sobre os rumos que o conservadorismo tomou no século XX, percebemos que ele perdeu a noção “otimista” frente à ordem burguesa (que acreditava que os desenlaces da história seriam positivos), característica do pensamento conservador clássico, para dar lugar à sua associação ao “reacionarismo moderno”, ao “desespero”, “à angústia”, que ocasionou sua vinculação, por exemplo, ao fascismo (ESCORSIM NETTO, 2011, p. 57). Os “pós-modernos neoconservadores” poderiam até, em alguns momentos, desenvolver um “ceticismo capitulacionista diante das realidades sociais”, com sua descrença nos valores modernos e sua disposição para duvidar das verdades, mas o otimismo dos conservadores clássicos aparentemente foi esquecido no pensamento conservador da contemporaneidade (ESCORSIM NETTO, *loc. cit.*).

---

<sup>99</sup> Paulo Netto (2001) postulou em *Capitalismo monopolista e Serviço Social* a tese de que o Serviço Social tem como princípio constitutivo o sincretismo, que lhe acompanha desde as suas origens, devido à “carência de um referencial teórico crítico-dialético” (PAULO NETTO, 2001, p. 92). O sincretismo possui três expressões principais no Serviço Social: a prática indiferenciada, o sincretismo ideológico e o sincretismo científico.

<sup>100</sup> Para Yamamoto (2004), houve uma atualização da herança conservadora das origens do Serviço Social no pós-1964, materializada pelas respostas de uma ampla parcela de profissionais às demandas do capitalismo monopolista. Esta atualização apareceu na concentração dos/as assistentes sociais em discussões sobre aspectos que pudessem traduzir algo de peculiar à profissão, como seu “objeto, objetivos, métodos e procedimentos de intervenção, enfatizando a metodologia profissional” (IAMAMOTO, 2004, p. 33). Esta tendência apareceu, entre outras coisas, nos seminários de “Teorização do Serviço Social”, promovidos em Araxá (1967) e Teresópolis (1970) (*Ibid.*, p. 32). Desse modo, é que apenas no final dos anos 1950, que observamos no Serviço Social, o questionamento sobre a manutenção do *status quo* e a prática institucional em voga (*Ibid.*, p. 35).

Para Silva (2015), o conservadorismo vem se “modernizando” no Serviço Social sem modificar sua “estrutura interna”, uma vez que na pós-modernidade e com a crise de paradigmas, as “velhas teses” foram colocadas como novas e mais atualizadas, sendo reeditadas para se aproximarem da estrutura concreta do fazer profissional (SILVA, 2015, p. 113), assim como pela via da produção do conhecimento (*Ibid.*, p. 114). Logo, “as expressões do conservadorismo moderno, como manifestações (neo)conservadoras, tendem ao recrudescimento também no campo teórico-prático e ético-político do Serviço Social (*Ibid.*, p. 120).

Entre os pensadores pós-modernos, Lyotard (1993), principalmente, há os que defendem a impossibilidade de concretização do comunismo, tendo em vista o modo como o projeto emancipatório moderno se constituiu no socialismo real, com totalitarismo e por meio de ditaduras. Não questionamos a todos os/as nossos/as entrevistados/as sobre suas percepções a respeito da efetividade da tese marxista de soerguimento de uma nova ordem societária, porém, para a maior parte dos/as entrevistados/as aos quais lhes questionamos isso, o comunismo foi caracterizado como uma possibilidade real de nascimento nos moldes propostos por Marx e diferente das ditaduras ou regimes totalitários concretizados com o socialismo real. A Entrevistada 9, afirmou:

[...] Eu acredito que a história não está terminada. Se eu não acreditasse, eu não poderia pensar em ser assistente social, porque se eu não acreditar que o meu trabalho ele vai possibilitar mudanças e o futuro, o horizonte dessas mudanças, é alterar essas condições de vida das maiorias que são mazeadas, que são estigmatizadas... Se eu não acreditar nisso, não tem porque eu ser assistente social. Isso vale pra qualquer um, certo? Eu tenho que acreditar..., porque se não [...], eu vou me ver imersa em práticas altamente fatalistas..., eu vou me ver imersa numa realidade altamente institucionalizada, rotinizada, pragmatizada, né?! Eu tenho que acreditar... (Entrevistada 9).

Diferentemente dessa concepção, a Entrevistada 3, após analisar a realidade contemporânea em suas expressões atuais, alegou que:

[...] Eu não acredito, não no sentido pessimista e nem acho que a sociedade capitalista é a melhor opção, sabe?! Eu tenho plena consciência da exploração. Não concordo, não aceito [...]. Tenho posicionamentos muito, muito claros com relação ao capitalismo. Não precisa ser marxista pra ver que o capitalismo não tá dando certo! Mas [...] não vejo que o marxismo vai trazer essa resposta hoje e não vejo que a sociedade esteja aberta [...] a ter essa resposta, porque [...] rola um processo de intensificação da própria alienação mesmo do ser humano, a indiferença, a intolerância, né!? [...]. Você pode não ser marxista, você pode ser conservador, você pode ser o que você quiser, desde que você considere aquela pessoa que você está atendendo: ela é uma pessoa. Se você acredita em Deus, ela é um filho de Deus e ela merece todo respeito. Se você acredita na sociedade comunista, ela é uma explorada

que precisa ter seu direito garantido. Antes de tudo, eu acho que pra mim, que o ponto principal é a dignidade da pessoa humana [...] (Entrevistada 3).

Para esta Entrevistada, não há necessidade de acreditar – como pessoa, não como profissional – na materialização de uma nova ordem societária, na medida em que o capitalismo se mostra exploratório e suas expressões degradando a vida das pessoas, do meio ambiente e das relações de trabalho são explícitas, ou seja, independentemente do que se acredita, a consciência da exploração do trabalho pelo capital é clara. E completou:

Olha [...], eu vou ser muito sincera: [...] eu não gostaria do modelo de socialismo que eu conheço no mundo, nem de comunismo..., porque eu vejo [...] a contradição..., e [...] pra mim, existe um elemento que é fundamental, que é a coerência. Então, eu vejo muita incoerência... [...] A meu ver são pessoas doentes, né..., essas pessoas que são intolerantes, essas pessoas que são racistas, pessoas que fazem comentários assim, que eu fico: “-Gente, isso existe?” [...] porque pra mim é tão surreal... [...] Você tem muito assistente social que se diz comunista, que se diz não sei o quê, que é muito grosseiro com os usuários..., que não atende bem, que não tem compromisso com o usuário, que tá preocupado com a revolução, só que a revolução é aqui, é hoje, é agora, é no cotidiano, né? (Entrevistada 3).

Para ela, portanto, o modelo como o socialismo real se efetivou no mundo foi permeado de contradições e a atualidade demonstra novas contradições, que dificultariam a materialidade do projeto marxista de construção do socialismo e do comunismo. No comunismo, estágio mais avançado do socialismo, não há exploração do homem pelo homem, sim um sistema de produção associada, em que todos contribuem para a produção da riqueza social satisfazendo suas próprias necessidades e não as do capital: pensar nesse projeto com a forma como as relações sociais se dão hoje – embasadas no individualismo, no egoísmo, nos projetos pessoais de crescimento profissional, na ambição, etc. – pode ser bastante difícil. Conforme Marx,

[...] Na sociedade comunista, onde cada um não tem um campo de atividade exclusivo, mas pode aperfeiçoar-se em todos os ramos que lhe agradam, a sociedade regula a produção geral e me confere, assim, a possibilidade de hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar pela manhã, pescar à tarde, à noite dedicar-me à criação de gado, criticar após o jantar, exatamente de acordo com a minha vontade, sem que eu jamais me torne caçador, pescador, pastor ou crítico (MARX, 2007, p. 38).

Ao apresentarmos os depoimentos dos/as Entrevistados /as acima sobre o diálogo entre Marx e outros pensadores percebemos que a maioria deles considerou esta articulação benéfica e necessária. Em alguns momentos, justamente para que a teoria marxista se contrapusesse ou apontasse as falhas das outras teorias e, em outros momentos, para complementar os estudos de outras temáticas pouco desenvolvidas nas obras de Marx, como a

questão do gênero, da geração, dos novos movimentos sociais, da subordinação feminina. Santos (2007), todavia, argumentou que os avanços advindos com a aproximação à tradição marxista pelo Serviço Social vêm sendo questionados por “algumas manifestações da ofensiva pós-moderna na produção teórica do Serviço Social na década de 1990” (SANTOS, 2007, p. 85), reveladas em pelos menos duas vias principais:

A primeira consiste na revitalização do conservadorismo por meio da absorção sincrética do irracionalismo pós-moderno. A segunda, mais sutil, porém igualmente ordenada pelo histórico traço sincrético do Serviço Social, aparece junto aos segmentos da vertente marxista que, na década de 1990, apresentam uma apropriação epistemológica desta teoria social, uma vez que esse veio é uma das bases privilegiadas do pensamento pós-moderno (SANTOS, *loc. cit.*).

Estas duas vias de “incorporação” do pensamento pós-moderno dentro da teorização do Serviço Social seriam profundamente negativas conforme a autora, pois o pós-moderno partiria da concepção simplificadora de que o marxismo é insuficiente para explicar diversos aspectos da contemporaneidade, justificando o uso de teóricos que não partem da centralidade da relação entre capital e trabalho para esclarecer as questões problemáticas da realidade, como propõe a tradição marxista. O pós-moderno compreenderia a teoria social de Marx como insuficiente para lidar com diversos problemas teóricos atuais, exigindo sua “reconstrução”, “complementação” e “reinvenção” (*Ibid.*, p. 86).

E a utilização deste por inúmeros/as estudiosos/as do Serviço Social seria retrato da “[...] tendência do sincretismo ideológico constitutiva do tecido profissional [...], somada à também já histórica afeição pelas dimensões ‘microsociais’ da realidade social” (SANTOS, *loc. cit.*, grifos da autora). Em outras palavras, o Serviço Social já apresentava a tendência de absorção de teorias diversas e busca de análises fragmentadas da realidade, ocasionando a facilidade de introdução do pensamento pós-moderno em suas discussões teóricas. As consequências dessa introdução, aproximação e utilização do pós-moderno seriam “as críticas à totalidade como totalitarismo, à ortodoxia como dogmatismo, à universalidade como estruturalismo (e conseqüente negação do sujeito)” (SANTOS, *loc. cit.*).

Se compreendermos a incorporação e a utilização do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social como um reflexo do sincretismo ideológico, devemos considerar que originalmente Paulo Netto (2001) mencionou que esta expressão do sincretismo acompanha toda a evolução do Serviço Social, desde sua gênese até os seus estágios mais profissionalizados (PAULO NETTO, 2001, p. 108). O sincretismo ideológico foi produto da intersecção entre “o caldo cultural europeu” e o “caldo cultural norte-americano”,

nomeadamente diferentes e já sincréticos em suas origens (*Ibid.*, p. 118). Estes teriam influenciado a história ideológica do Serviço Social brasileiro em seus fundamentos e práticas (*Ibid.*, p. 109-110) ao terem contato. Dessa forma é que compreendemos o Serviço Social, no que diz respeito a sua concretude ideológica, como a materialização de uma mescla de componentes com divergências fundamentais. Por exemplo, o caldo cultural europeu vinha de uma base ligada às influências da Igreja Católica, seu caráter restaurador, e sua vertente do catolicismo social, produto do neotradicionalismo; enquanto o caldo norte-americano teria sido produto de um desenvolvimento da ordem competitiva e do incentivo ao espírito capitalista (*Ibid.*, p. 110-115).

A interação entre estas duas vertentes no Serviço Social brasileiro começou a ocorrer em torno dos anos 1930, alicerçada na “psicologização que passou a percorrer todo o bloco cultural-ideológico hegemônico” (*Ibid.*, p. 122), por conta das proposições de Mary Richmond, que ganharam fôlego na década seguinte. A partir do contato com esta, o projeto profissional da época tendeu a se “psicologizar” (*Ibid.*, p. 121-122) e houve uma interação com a tradição europeia, originalmente fundada na “redução da problemática social às suas manifestações individuais com a hipertrofia dos aspectos morais” (*Ibid.*, p. 122). O catalisador para a articulação entre essas duas linhas evolutivas foi o personalismo norte-americano, propagado no Serviço Social com o tratamento da questão social pelo “âmbito da personalidade” e, posteriormente, pelo da “*relação interpessoal*” (*Ibid.*, p. 123, grifos do autor), como aconteceu com o Serviço Social de Grupo. Igualmente, a partir dos anos 1940, quando o sincretismo “rebate decisivamente, *sem qualquer reserva crítica de fundo*, no desenvolvimento do Serviço Social profissional” (*Ibid.*, p. 126, grifos do autor) e também nos anos 1950, a interação entre os “*backgrounds* europeu e norte-americano” (*Ibid.*, p. 128) influenciou no Desenvolvimento de Comunidade.

Para Santos (2007), as origens sincréticas da profissão, especialmente em sua versão de sincretismo ideológico, e a proximidade com as dimensões micro da vida, ajudaram nas incompreensões errôneas sobre o pós-moderno divulgadas entre os/as assistentes sociais e pesquisadores/as da área (SANTOS, 2007, p. 86). Estas, inferimos, produziram a incorporação dos estudos pós-modernos na teoria desenvolvida no Serviço Social, existindo dois grupos ou duas vias desta incorporação pós-moderna na profissão:

Existem aquelas críticas de origem conservadora que rejeitam o marxismo e atualizam-se absorvendo, numa moldura sincrética, as proposições pós-modernas e existem aquelas críticas que, ainda reivindicando o marxismo em alguns de seus aspectos, recomendam a superação de “lacunas” e o aumento de sua potencialidade explicativa com os “paradigmas pós-modernos” (*Ibid.*, p. 87, grifos da autora).

Neste primeiro grupo de crítica à tradição marxista, há a incursão contra a direção ético-política do PEP, já consolidada como uma das expressões opostas ao conservadorismo e, no segundo, a não desqualificação do PEP, mas sim a ideia de uma disputa por hegemonia dentro deste. A influência pós-moderna dentro do Serviço Social poderia, portanto, se classificar em dois blocos de características particulares: o grupo que se relaciona à epistemologia pós-moderna e o grupo de críticas ao marxismo. No primeiro, apareceriam os teóricos que analisam a realidade do ponto de vista pós-moderno e no segundo, o recurso às simplificações (*Ibid.*, p. 89).

Segundo Santos (2007), o primeiro grupo é também o responsável por adicionar à epistemologia pós-moderna uma concepção de Serviço Social bastante endógena. É o que acontece com os posicionamentos de Martinelli sobre a questão da identidade, de Faleiros sobre a necessidade de que o Serviço Social se particularize por meio da reorganização de uma metodologia própria - sua ênfase é nos componentes técnico-operativos, como teoria, metodologia e poder, deixando de lado, a dimensão ética do fazer profissional ou mesmo as referências ao PEP – e de Gentili com o debate sobre as “representações sociais” no Serviço Social – pois ela defende que para solucionar os problemas da prática, os assistentes sociais devem criar “novas representações”<sup>101</sup> (*Ibid.*, p. 91-96).

A “incorporação” do pós-moderno pelo Serviço Social é vista pela autora em apreço como uma expressão da reatualização do conservadorismo. Este haveria sido intimidado pela vanguarda da vertente marxista, posta como direção social hegemônica do Serviço Social (*Ibid.*, p. 10), mas não teria conseguido intimidar todas as posições divergentes. Se para esta autora, o principal alvo do neoconservadorismo pós-moderno é a vertente crítico-dialética e sua principal consequência é a “deslegitimação da direção social” (*Ibid.*, p. 14) marxista do PEP da categoria, para os/as nossos/as entrevistados/as, nem sempre o pós-moderno é o responsável por isso. Houve, por exemplo, os que apontaram o “risco” do contato com o pós-moderno como algo positivo, no sentido de afirmar o reconhecimento da

---

<sup>101</sup> Assim, há referências teóricas no Serviço Social que demonstram a inutilidade da tradição marxista: “Algumas indicações explicitam respostas num sentido francamente acrítico e tecnicista, submetido à lógica do mercado, que não é a da defesa da esfera pública, contida no projeto ético-político da profissão. Em Martinelli (1994), temos o imperativo de adequação à competitividade e ao trabalho com os usuários na perspectiva de fomentar esses valores; em Faleiros, o silêncio quanto ao Programa Comunidade Solidária, a crítica ao princípio da universalização das políticas públicas (1996) e a defesa do terceiro setor (1999); em Gentili (1998: 72), a reivindicação de “modelos de instrumentalidade”. Mas é em Fritsch (1996; 128) que temos esboçado um exemplar de Serviço Social plenamente funcional à lógica das ‘inovações organizacionais’, com direito à apologia da participação nos moldes ‘adensacionais’ próprios da crise capitalista na atualidade” (SANTOS, 2007, p. 95-96, grifos da autora).

atualidade de Marx (Entrevistada 7), os que argumentaram que o pós-moderno é responsável pelo relativismo, mas ele não é o “culpado” de todos os males sociais, pois estes são estruturais (Entrevistada 3) e os que enfatizaram a heterogeneidade da profissão, sendo o marxismo a direção hegemônica, mas não única da categoria profissional (Entrevistada 3).

[A incorporação do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social estaria ajudando a possivelmente deslegitimar o projeto ético-político?]. É um risco! A vida é um risco! (risos). A gente só vive, porque a gente se arrisca..., né!? [...]. Esse debate sobre o diálogo com a pós-modernidade [...] eu acho que é inevitável! Então, não adianta a gente querer [...] botar o pensamento pós-moderno do lado de fora do Serviço Social..., não dá..., não dá! [...]. Mas assim, eu acho que é esse contato honesto que eu acho que tem que procurar, porque às vezes a gente é tão também, entroncado, né..., tão fechado...(risos) [...].O outro, ele tem um papel muito importante, porque o outro ajuda a gente a se ver. Então, *o pensamento pós-moderno pode fortalecer a defesa do marxismo em sua atualidade, né?! Então eu acho que esse diálogo só tem a nos fazer crescer* (Entrevistada 7, grifos nossos).

Pois é..., mas a base é hegemônica: ela não é unilateral, tá certo? E o próprio projeto ético-político fala em pluralismo... tá? É claro que a gente não vai falar de ecletismo; que é quando há uma incoerência, uma incompatibilidade total entre ideias... certo? Um autor diz “X” e o outro diz “Y” e “X” e “Y” não se unem... tá certo? Mas o pluralismo, a liberdade... inclusive, isso tá lá no próprio projeto ético-político: a questão do aprimoramento intelectual, né..., desse processo de formação continuada, né... dos assistentes sociais, tá? [...] (Entrevistada 8).

É... eu acho que o pensamento pós-moderno é responsável por muitas coisas: o relativismo, por exemplo, mas [...] o problema não é o Serviço Social, entende? As pessoas estão tendo, para além do Serviço Social, contato com autores pós-modernos [...], porque é o que a sociedade tá colocando: é a sociedade da autoajuda [...], tem crescido demais na dimensão da saúde mental, muita gente adoecida mentalmente. É pânico, é depressão, é uma série de coisas..., esquizofrenismo, estafa, depressão, esgotamento... e há [...] um avanço, né... da psicologia, há um avanço da psicoterapia e há um avanço [...] dessa corrente de autoajuda. E você vê também que há um avanço dessa busca por uma religiosidade que se adequa ao meu problema... [...] E aí você vê (essa é uma análise minha e sem nenhum preconceito com nenhum tipo de igreja), mas você vê essa disseminação de igrejas evangélicas que muitas são franquias, né... [...]. Eu trabalhei num abrigo e eu tinha contato com CAPS... “-Gente, você não tem noção de a criança é agitada e [...] dar logo um remédio, entende? Tudo é aquela coisa do efêmero, do rápido, da resposta... Então, isso não é uma questão que diz respeito ao Serviço Social em si. Isso tá no Serviço Social, isso tá na Administração, isso tá na Engenharia, isso tá na Contabilidade... [...]. Claro que o impacto é diferente... que aí a gente precisa realmente fazer a reflexão de como é que isso tá impactando na nossa prática profissional, que eu não posso ter um atendimento [...] acrítico..., um atendimento que eu respondo às necessidade do cotidiano sem fazer a reflexão, até porque a nossa profissão tem a dimensão investigativa e interventiva (Entrevistada 3).

As dimensões investigativa e interventiva são essenciais para o exercício profissional do/a assistente social. Na realidade, um grande desafio da formação profissional é justamente a “integração entre os fundamentos teórico-metodológicos, com a *pesquisa concreta de situações concretas*, que figuram como objeto desse profissional” (IAMAMOTO, 2010a, p. 241, grifos da autora). Isto porque o/a assistente social precisa desvendar as

múltiplas expressões da questão social com as quais lida no cotidiano do trabalho profissional, entendendo-as como uma totalidade histórica no âmbito do movimento da sociedade e como campo das políticas públicas, em particular (IAMAMOTO, *loc. cit.*). Neste processo, moldado pela mediação – articulando singularidade, particularidade e universalidade (PONTES, 2009, *passim*) – e com o exercício de ações portadoras de instrumentalidade (GUERRA, 2000; 2005), o/a profissional precisa reconhecer suas possibilidades de atuação, junto à viabilização de direitos nas instituições onde atua.

A questão é que “o Serviço Social rompeu com a endogenia na análise da profissão, defrontou-se com os processos sociais macroscópicos que circunscrevem seu desempenho, sendo necessário agora realizar a ‘viagem de retorno à profissão’” (IAMAMOTO, *op. cit.*, p. 241, grifos da autora), com a finalidade, de assim como propõe o método dialético, reconstruir a profissão como “concreto pensado”, após múltiplas e sucessivas aproximações (IAMAMOTO, *loc. cit.*). Dito de outra forma, a profissão deve investir na produção de uma literatura especializada sobre aspectos referentes aos segmentos de classe com os quais trabalha; além de analisar-se a si própria, demonstrando as alterações no seu significado social, balizada pela opção ético-política assumida (*Ibid.*, p. 241-245).

Também para a Entrevistada 4, o pensamento pós-moderno pode estar se materializando na prática profissional do/a assistente social pela perda da “compreensão da totalidade social” (Entrevistada 4), que gera um retrocesso nos avanços gestados com o projeto profissional em voga.

Então, essa perda da compreensão que o materialismo histórico nos deu, né, e que nos fez dar um salto imenso em relação ao que nós, a compreensão que nós tínhamos de atuação, que nós tínhamos antes, nós podemos retroceder, né, retroceder isso tudo, e, já que nós, já que a pós-modernidade entende que trabalho não é central, que a classe trabalhadora não é a classe revolucionária, que o importante é o micro, né, o pequeno, então, nós vamos perdendo, inclusive, a nossa identidade como trabalhador, né, como representante dessa classe, e como aquele que tomou partido também. O nosso código de ética deixa isso claro, né, que nós tomamos um partido e, que nosso partido, é a classe trabalhadora. Nós estamos do lado da classe trabalhadora por mais que continuemos sendo demandado pela classe dominante pra atuar junto à classe dominada, na qual nós também nos inserimos. É muita contradição (Entrevistada 4).

É importante lembrar, que o PEP alcançou hegemonia no Serviço Social na década de 1990, o que não significa dizer que seja o único presente no corpo profissional e esteja num patamar superior aos debates e questionamentos quanto aos princípios que defende. Na verdade, sua hegemonia existe de modo “ameaçado”, desde a crise do grande capital ocorrida nos anos 1990, devido às inspirações políticas baseadas no neoliberalismo e

sua tendência de supressão dos direitos sociais, privatização do Estado, falta de investimentos nas instituições públicas, desemprego, concentração de renda, etc. (PAULO NETTO, 2007b, p. 157-158). O PEP que conquistou hegemonia se alicerça nos seguintes elementos:

a) uma dimensão teórica, que envolve o conjunto da produção de conhecimentos no Serviço social; b) uma dimensão jurídico-política, identificada no âmbito dos construtos legais da profissão, (tanto as leis estritamente profissionais, quanto a legislação social mais ampla); c) e uma dimensão político-organizativa, ancorada nos fóruns coletivos das entidades representativas do Serviço social (BRAZ, 2007, p. 6).

Braz (2007) defende que a quebra com o conservadorismo e as novas demandas postas fizeram com que as bases da profissão fossem reconstruídas, dando surgimento e legitimidade ao CE de 1993 e à Lei de Regulamentação da Profissão, que junto a outros elementos deram suporte ao PEP que se tornou hegemônico. O autor alerta que

[...] ainda que o projeto se plasme na realidade como uma forma de ser da profissão, ele só se materializa, se se objetivar na existência efetiva, a partir de diversas mediações socioprofissionais e das variadas demandas contraditórias que determinam o Serviço social [...] (*Ibid.*, p. 7-8).

Por isso, as análises que apontam a fragilidade do PEP em apreço seriam lúcidas, tendo em vista as dificuldades para consolidá-lo na contemporaneidade, mas ao mesmo tempo seriam indicativas da materialidade das estratégias e articulações realizadas pelos/as profissionais para exercê-lo cotidianamente em seus ambientes de trabalho. Concernente a isso, devemos sinalizar que para a Entrevistada 4, a utilização do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social é uma situação preocupante, porque esta pode fragilizar a apreensão do método marxista pelos/as profissionais, dificultando, portanto, o compromisso com o PEP.

Eu vejo com preocupação, né, uma vez que nós temos assistido uma aglutinação da crise estrutural do capital, um processo acelerado de barbarização da vida social, né, e, pra nós atuarmos sobre essa realidade, nós temos que estar unidos, né, como diz o Lessa, da melhor teoria. Da melhor teoria não porque a gente acredita que o marxismo seja, por uma questão de fé, né, que eu acredito que o marxismo é o que melhor dá conta da realidade, mas por uma questão de que nós temos que ter a compreensão, o método que melhor nos aproxima da realidade, dessa realidade que não é estática, mas uma realidade que ela é completamente móvel, né, sobretudo, nos tempos atuais. Essa mobilidade, ela se dá num ritmo bastante acelerado por conta das mudanças que vem se processando. Então, se nós não tivermos um método que nos dê um suporte para desvelar essa realidade, nós vamos estar velando, cada vez mais, a realidade, e não desvelando. E se nós não conseguirmos desvelar, se nós não conseguirmos compreendê-la [...], nós também vamos atuar de forma equivocada [...] (Entrevistada 4).

Os depoimentos recolhidos neste tópico nos permitem pensar na variedade de posicionamentos discutidos pelos/as entrevistados/as. Houve muito poucas respostas com o mesmo tom conceitual ou a mesma defesa de posição. Assim, por exemplo, enquanto todos os professores consideraram, grosso modo, o pluralismo como o debate e o respeito entre os diferentes pontos de vista teóricos e o ecletismo como a mescla com teorias divergentes e opostas, não houve univocidade quanto com quais teorias o marxismo poderia dialogar ou se este diálogo plural deveria se dar apenas no campo dos marxistas. Outra questão interessante foi que grande parte dos/as entrevistados/as ressaltaram que, independente de qualquer coisa, conhecer as diferentes teorias em disputa é necessário, enquanto outros enfatizaram que deveríamos pelo menos nos apropriar com propriedade do marxismo na formação acadêmica e profissional.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“... e toda ciência seria supérflua, se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente”.  
(MARX).

O início é sempre difícil e o processo de investigação é sempre uma árdua, mas gratificante tarefa de aproximações sucessivas ao nosso objeto de pesquisa, com a finalidade de conhecer seus fundamentos e os processos que originam suas múltiplas determinações. Para alcançar a essência de nosso objeto, entre outras coisas, é imprescindível liberar-se de visões generalistas e reducionistas, assim como de preconceitos, que podem ter um caráter social e interferir em nossos juízos científicos. Além de poderem se transformar em fé e gerarem ódio não apenas contra o que não temos fé, mas também contra as pessoas que não acreditam no mesmo que nós (HELLER, 1985, p. 43-49).

O processo investigativo desenvolvido ao longo de nossa pesquisa trouxe consigo o desvelamento do seguinte objeto: os posicionamentos da categoria profissional sobre a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro, permeado por inúmeras tensões, quer relacionadas ao conteúdo do que sugere o pensamento pós-moderno, quer originadas pelos rebatimentos deste no Serviço Social. Recorremos ao reconhecimento dos elementos fundamentais, das principais ideias divulgadas, das informações mais fortemente referenciadas nas análises sobre o pós-moderno, a pós-modernidade e o pós-modernismo, caucionados pelo exercício de um contato sucessivo, profundo e questionador com nosso objeto, até alcançar os fundamentos e os condicionamentos caracterizadores dele. Isto se deu em decorrência de nosso objetivo ser analisar os posicionamentos da categoria profissional sobre a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro.

Percorrer este caminho nos levou a momentos de verificação das bases com as quais o pensamento pós-moderno se comunica, ao mesmo tempo em que nos permitiu problematizar os modos como o próprio Serviço Social brasileiro como categoria profissional interpreta e divulga as compreensões sobre o conteúdo das obras dos autores tidos como pós-modernos. Estas interpretações e divulgações da categoria são as que, majoritariamente, chegam ao grande público do Serviço Social no Brasil, podendo originar diferentes percepções sobre o que de fato o pós-moderno veicula e defende como proposta teórico-metodológica e paradigma de conhecimento.

Um aspecto conclusivo preliminar da nossa pesquisa é justamente a impossibilidade de concluir taxativamente sobre o que é o pós-moderno para a categoria dos/as assistentes sociais e sobre as consequências da “incorporação” do discurso pós-moderno no Serviço Social brasileiro. Dizemos isso, porque geralmente o conteúdo das nossas proposições – como sujeitos ativos na construção de um objeto – é orientado por juízos de valor e opções teórico-metodológicas. Igualmente, nem sempre temos contato, como estudantes ou pesquisadores/as do Serviço Social, com a ampla variedade de posturas científicas em desenvolvimento mundialmente. Muitas vezes, nosso desconhecimento do conteúdo “real” da tese de um autor, pela falta de leitura, ou pela leitura de um ledor ou comentador da sua obra, ou uma má tradução do original, provoca distorções e equívocos de interpretação. E isto origina posições preconceituosas, visões ortodoxas e dogmatismos. Inúmeras correntes de pensamento já passaram por estas taxações e possíveis erros de interpretação, por exemplo, o marxismo na primeira aproximação com Serviço Social<sup>102</sup> (QUIROGA, 1991) brasileiro e, quem sabe, o pós-moderno, na contemporaneidade.

Acreditamos que uma forma razoável de evitar quaisquer tipos de reducionismos, distorções, deturpações e dogmatismos seria partir sempre da obra do próprio autor e buscar as diferentes interpretações sugeridas para as suas teses em diversas linhas de estudo. O exercício da leitura e o conhecimento das diferentes matrizes teóricas com as quais o Serviço Social se comunicou e se comunica atualmente *e com profundidade* se coloca como um imperativo, podendo fornecer elementos reais e concretos para uma crítica fundamentada sobre os paradigmas com os quais discordamos.

Nossas bases filosóficas ou matrizes teóricas iniciais, neotomismo, funcionalismo, positivismo e fenomenologia tiveram uma grande importância para pensar a formação profissional de hoje e o modo de ser da profissão antes que ela realizasse suas primeiras aproximações com o marxismo: nossas origens filosóficas foram o degrau para romper com o conservadorismo e desmascarar a pretensa neutralidade da categoria profissional. Do mesmo modo, desde os anos 1990, com a “suposta” crise de paradigmas nas Ciências Sociais, um “novo paradigma” foi colocado no debate do Serviço Social, o pós-moderno, e com o passar do tempo, este veio se “infiltrando” nas discussões da categoria, de modo plural ou eclético.

---

<sup>102</sup> O pensamento marxista foi a tradição teórica utilizada pelas vanguardas intelectuais do Serviço Social brasileiro para dotar a profissão de um novo ponto de vista, mais “próspero”. Estas vanguardas foram os que se dispuseram a trazer uma nova corrente de pensamento para o seio profissional num momento de restrições à liberdade intelectual e crítica na universidade e onde imperavam as abordagens de Caso, Grupo e Comunidade, ocasionando que o próprio marxismo fosse tomado como uma corrente de pensamento eclética quando comparado à teoria e à metodologia em uso na época (QUIROGA, 1991, p. 87-92).

Não podemos esquecer a importância do marxismo para as diferentes ciências, como as Ciências Sociais Aplicadas, em que se inclui o Serviço Social. O método materialista-dialético, a teoria do valor trabalho, o desvendamento da lei geral de acumulação capitalista, o desenvolvimento da ideia de uma alternativa ao capitalismo, mediante a construção de uma nova ordem societária emancipada e comunista, atestam a relevância do marxismo como teoria e metodologia, assim como direcionamento político e ideológico. Contudo, ao mesmo tempo em que pensamos em sua relevância e atualidade, também recordamos que quando pensamos na suposta “crise” do marxismo, estamos nos referindo ao questionamento sobre as possibilidades reais de este dar respostas às exigências da contemporaneidade e efetivar suas propostas emancipatórias iniciais.

Por isso, devemos considerar a partir de quando um paradigma pode ser questionado por não mais responder ou resolver as perguntas da comunidade científica, isto é, Quem diz que o paradigma moderno está em crise? Quem afirma que junto dele, as promessas marxistas não têm mais validade? A partir de que lugar os que consideram haver uma crise de paradigmas falam? No caso da crise dos paradigmas especificamente nas Ciências Sociais, que levou à suposta crise do marxismo e suas implicações sobre o Serviço Social, é interessante observar que ainda mantemos – com força – o projeto profissional marxista da categoria, defendido em nossos documentos e legislações vigentes. Ao mesmo tempo, cabe dizer que se o paradigma moderno está em crise nas Ciências Sociais desde os anos 1990, nesta mesma década, o Serviço Social firmou o projeto profissional marxista acima aludido.

A pós-modernidade parte de um ponto de vista diferente da modernidade e os pós-modernos desacreditam a possibilidade utópica de construção do projeto comunista, ou seja, de materialização das grandes narrativas. Poderíamos cogitar a possibilidade de que o pensamento pós-moderno surgido no seio das discussões sobre uma “suposta” pós-modernidade, funcione como campo fértil para a gênese de uma alternativa a mais de compreensão da realidade, moldada como uma nova perspectiva e uma nova proposta de reconhecimento dos sujeitos, da sociedade, da política, do conhecimento, da cultura e da vida em geral, divergindo do campo de visão elaborado pelos pensadores da modernidade, os quais acreditavam no não esgotamento de seus princípios e valores característicos, o que não significa dizer que o pós-moderno é uma afronta direta ao marxismo.

Diferentemente disso, também admitimos que é razoável pensar na descrença nos metarrelatos como uma interpretação derrotista sobre o soerguimento do comunismo e a construção da emancipação humana. Contudo, não podemos negar que esta postura parte de uma opção ideológica e política, baseada numa interpretação sobre o modo como a realidade

vem se materializando, assim como na forma como o capitalismo vem cada vez mais gerando a exploração, a miséria e a degradação ambiental. Muitos dos que creem na pós-modernidade, acreditam que nem todos os seres humanos – atores históricos – desejam o comunismo ou querem lutar para construí-lo. Além disso, a realidade demonstrou que as tentativas de compreensão, aplicação e efetivação do socialismo nos moldes previstos por Marx nunca se concretizaram, sim ditaduras e regimes totalitários, como o marxismo-leninismo, o socialismo real. Apesar disso, o fato de o comunismo não haver se concretizado, não anula o pensamento marxista, já que inúmeros teóricos demonstraram a atualidade das suas discussões, assim como, enquanto houver capitalismo, a chama da resistência e a esperança por um novo modo de vida, serão legítimas. Mas legítimas, ressaltemos, para os que acreditarem nas possibilidades da revolução.

A “infiltração” ou a “incorporação”, como quer Santos (2005/2006; 2007), do pós-moderno no Serviço Social foi considerada, majoritariamente, pela categoria profissional, como uma tendência já característica do Serviço Social, isto é, a de adotar concepções divergentes pela via do sincretismo ideológico e por sua inclinação às dimensões microsociais da realidade (SANTOS, 2007, p. 86). Este traço do Serviço Social lhe teria possibilitado “absorver” o conteúdo do discurso pós-moderno e, com ele, reatualizar o conservadorismo. Dessa forma, é que a incorporação do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social seria propulsora de posturas profissionais tecnicistas, imediatistas, individualistas, fatalistas, descaracterizando a direção social hegemônica do PEP do Serviço Social.

A bibliografia defensora desta acepção é vasta e tem credibilidade junto à categoria profissional (SANTOS, 2005/2006, p. 44-47; 2007, p.86-87; ORTIZ, 2006/2007, p. 25; SIMIONATTO, 2009, p. 18-19; FONSECA, 2016, p. 215; JUNIOR, 2016, p. 176-179) e aparece reproduzida em suas ideias fundamentais nos trabalhos apresentados nos XI CBAS (2004), XIII CBAS (2010), XIV CBAS (2013) e XV CBAS (2016), assim como nos XI ENPESS (2008), XII ENPESS (2010), XIV ENPESS (2014) e XV ENPESS (2016), conforme trouxemos no Capítulo 3 desta dissertação. Além destes, em produções acadêmicas, como dissertações e teses de doutoramento (MARTINS, 2012; CANTALICE, 2013; SERAFIM, 2014; QUERINO, 2014; BORBA, 2015) e, podemos inferir, no discurso de parte dos/as assistentes sociais em exercício.

Com efeito, podemos dizer que nossa pesquisa permitiu demonstrar que há uma inexistência de consensualidade sobre os efeitos, as causas, ou os desdobramentos da presença, dos influxos e dos rebatimentos do pensamento pós-moderno sobre o Serviço Social

do Brasil. Há entre os autores do Serviço Social brasileiro, um grupo de teóricos de ampla credibilidade defensores de uma “incorporação” do pós-moderno como um reflexo do ecletismo e do sincretismo ideológico na profissão, enquanto há outro grupo afirmando ser o pluralismo o permissor do debate aberto entre diferentes linhas de pensamento, como a pós-moderna, que poderia garantir o diálogo benéfico entre o marxismo e outras linhas de pensamento que não se oponham a ele<sup>103</sup>.

De modo geral, podemos afirmar que as informações recolhidas pela análise dos anais dos ENPESS e dos CBAS no que tange ao pós-moderno nos permitiram observar a diminuta produção do conhecimento no que diz respeito às discussões sobre este tema sendo realizadas pelos/as pesquisadores do Serviço Social. Apesar disso, com avanços e retrocessos, as produções têm se aprofundado, conforme apontaram os ENPESS e CBAS mais recentes. Notamos em outras leituras, inclusive, que nem sempre o pensamento pós-moderno é tratado como temática central nos artigos científicos de autores da área de Serviço Social, entretanto que este aparece como tópico secundário ou em curtos parágrafos onde se discutem elementos concernentes às relações do Serviço Social com a contemporaneidade. Por isso, elegemos os termos neoconservador/conservador/conservadorismo para buscar os textos que pudessem tratar do pós-moderno nos eventos mencionados. E com a coleta dos artigos nos anais destes confirmamos esta associação frequente dos/as pesquisadores/as de Serviço Social entre (neo)conservadorismo profissional e pensamento pós-moderno em pelo menos quinze (15) trabalhos. Quando esta associação não aconteceu, em muitos momentos, os autores revelaram sua percepção do pós-moderno como uma expressão intelectual justificadora do capitalismo e, portanto, contrária aos objetivos revolucionários marxistas.

É importante sinalizar para quatro observações perceptíveis mediante a análise dos artigos nos anais destes eventos. A primeira é a de que muitos dos artigos que abordaram as relações do Serviço Social com a contemporaneidade sequer citaram os influxos pós-modernos na profissão. Na verdade, analisaram o capitalismo no momento atual, as condições de materialidade do PEP, o mercado do trabalho, mas não apontaram as relações mais profundas que vem em seu bojo. A segunda é a de que poucos dos trabalhos apresentados e publicados nos anais elucidaram uma discussão aprofundada sobre o pensamento pós-moderno no Serviço Social. Por outro lado, houve artigos tratando com propriedade sobre as características particulares do pensamento pós-moderno e sobre o movimento histórico de surgimento da pós-modernidade. A terceira é a de que se são tão escassos os trabalhos em que

---

<sup>103</sup> Não buscamos criar paralelismos, sim apresentar a real existência de diferentes posições sobre o pós-moderno dentro do Serviço Social do Brasil.

o pós-moderno é tratado ou é citado pelos pesquisadores e estudantes do Serviço Social hoje, isto poderia indicar a insuficiência de discussões em sala desde a graduação a respeito desta corrente de pensamento. A quarta é que quanto aos artigos tratando do eixo feminismo/gênero, há a utilização de autores considerados pós-modernos e de autores considerados marxistas, mas nem sempre ocorre uma menção explícita sobre uma complementariedade entre as duas linhas de pensamento: às vezes, o leitor é avisado sobre a diferença de perspectiva teórica dos autores utilizados e outras vezes os autores apenas elencam as ideias dos vários autores, como se eles dialogassem por trazerem mais definições para os tópicos referentes às discussões de gênero e feminismo.

Nossa percepção sobre o resultado da análise dos anais dos CBAS e ENPESS é que muitas vezes somos levados, como pesquisadores/as de Serviço Social, a reproduzir o posicionamento majoritário da categoria, sem problematizar suas origens ou compará-lo às nossas posições pessoais críticas. Nosso CE prevê o respeito profissional aos seus princípios de teor marxista, mas não nos obriga a fecharmo-nos na superficialidade teórica e metodológica, sim nos instiga a realizarmos uma prática comprometida com seus valores e com a garantia dos direitos sociais para os/as usuários dos nossos serviços: ser assistente social é, portanto, ser também um sujeito crítico e consciente das suas ações e opções. Poderíamos nos perguntar: Quantas vezes na graduação discutimos os fundamentos do pensamento pós-moderno? Quantas outras vezes nos são distinguidos o paradigma pós-moderno do marxista? Estudamos as correntes de pensamento que embasaram a prática profissional inicial do Serviço Social, isto é, o neotomismo, o positivismo, o funcionalismo e a fenomenologia, como estudamos o pós-moderno? Aliás, nós aprendemos sobre o pós-moderno com a mesma propriedade com a qual aprendemos sobre os marcos teóricos e metodológicos do Serviço Social? Conhecer sobre o pós-moderno poderia evitar posicionamentos ecléticos? Poderia materializar o pluralismo?

É fato que estamos sendo formados para compreender o pensamento marxista, por ele embasar nossa opção pelo projeto societário da classe trabalhadora, mas não podemos olvidar a compreensão da dimensão plural que também defendemos em nosso PEP. É crucial evitar o ecletismo teórico-metodológico e o reavivamento do sincretismo. Entretanto, para conseguir esta feita, devemos conhecer as diferenças, as particularidades e o que os diferentes autores têm a nos dizer. Isto é, precisamos dos recursos teóricos permissores de uma compreensão realmente fundamentada com as discussões contemporâneas, que nos permitam ser plurais e não ecléticos, para ter argumentos reais para criticar as teorias que se opõem às em que acreditamos.

Muito da tensão em torno do pós-moderno é, sem dúvida, originada pelo receio da categoria e de suas vanguardas intelectuais, de incorrerem no retrocesso teórico-metodológico, uma vez que o Serviço Social brasileiro vem construindo desde os anos 1960, por meio da adoção do marxismo, um arcabouço legítimo de fundamentação que lhe possibilitou superar a antiga imagem de profissão associada à caridade e à filantropia, em favor de uma imagem de profissional especializado e qualificado para o manejo das políticas públicas e sociais e a defesa dos direitos da população. Neste processo, as aproximações com o marxismo foram as responsáveis por dotar o projeto profissional do Serviço Social de um estatuto teórico, metodológico e operativo abertamente orientado ao projeto da classe trabalhadora. Poderíamos até dizer, que o marxismo funcionou como o *Santo Graal*<sup>104</sup> do Serviço Social, ao trazer as propriedades “curativas” da teoria social crítica, superando as abordagens em voga na época, marcadas pelo psicologismo, a fenomenologia e o positivismo. O pensamento marxista, portanto, apropriado pela categoria na década supramencionada, foi elevado ao pilar de norte condutor do projeto de formação profissional, bem como do PEP da profissão, nos anos 1990, produzindo avanços nos aspectos teóricos, metodológicos, éticos e políticos do Serviço Social brasileiro.

Todavia, na atualidade, são frequentes as reflexões em torno de uma crise deste projeto (PAULO NETTO, 2007b; BRAZ, 2007, p.6-9) e referentes às ideias divulgadas pelo pensamento pós-moderno. As ideias sobre estes últimos ajudaram a diluir a noção de que o teor (neo)conservador acoplado ao pós-moderno poderia impulsionar ações profissionais e teóricas deslegitimadoras do projeto profissional marxista em voga, ocasionando grande preocupação na categoria. Na verdade, o pós-moderno tem sido encarado muitas vezes como *o fruto proibido* do Jardim do Éden do conhecimento, sendo questionado por posturas teóricas e práticas que ao mesmo tempo em que criticam suas interpretações errôneas sobre o marxismo, não dão lugar para as possibilidades de diálogo com o diferente, pelo menos, para saber o conteúdo do que estes têm a dizer.

---

<sup>104</sup> A Demanda do Santo Graal corresponde a uma novela de cavalaria cristianizada, escrita em sua origem em francês, mas traduzida para o português no século XIII. Em síntese, seu texto retrata a busca incessante e corajosa de cavaleiros medievais pelo Santo Vaso, o Graal, isto é, o cálice que Cristo bebeu na Última Ceia e de onde o sangue santo será recolhido por José de Arimateia e levado para Inglaterra posteriormente. Acreditava-se que o Graal continha características curativas e assim garantiria a prosperidade para o povo de Camelot, reino do Rei Artur. A miraculosidade presente nos poderes curativos e de prosperidade contidos no Graal fornece elementos para pensar na incorporação do pensamento marxista pelo Serviço Social. Se anteriormente houve uma aproximação com intérpretes e leitores de Marx, os quais muitas vezes transpuseram leituras equivocadas ou superficiais de sua obra, na década de 1990 observamos uma aproximação mais fecunda, aprofundada e crítica com a tradição marxista – iniciada já na obra de Yamamoto de 1982, na “abertura” do CE de 1986 e no recurso a Gramsci e a Lukács principalmente –, o que nos permite ousar refletir sobre a similaridade entre o Santo Vaso e a incorporação do pensamento marxista pelo Serviço Social. Conferir: A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII (MEGALE, 1988, p. 306).

É interessante colocar, por isso, que no Serviço Social português os valores pós-modernos são compreendidos como valores emancipatórios, correspondendo a (des)individualização, a igualdade, a justiça social, o partenariado, o *empowerment* e a cidadania. Todos estes juntos funcionariam como elementos trazidos pelo debate da pós-modernidade com possibilidades de qualificar a teoria e a prática dos/as assistentes sociais de Portugal, possibilitando a superação da ação puramente caritativa e de controle repressivo da população pela via da defesa dos direitos humanos, da capacitação e do *empowerment* (CARVALHO, 2016, p. 88-89, grifos da autora).

Acreditamos que o pensamento pós-moderno não é o responsável pelas posturas profissionais e teóricas conservadoras existentes no Serviço Social atual, sim que o conservadorismo sempre existiu no Serviço Social e o pós-moderno tem exercido influências na categoria profissional por se deter em questões relacionadas aos públicos incluídos nas “minorias” sociais com as quais o/a assistente social geralmente lida. Mesmo assim, é válido considerar que quando existe uma mescla entre marxismo e pós-moderno, afirmando que estes se complementam, materializa-se o ecletismo e se reafirma à proximidade da profissão ao sincretismo desde suas origens. Dito de outra maneira: o pós-moderno não pode ser culpabilizado pelo conservadorismo – e muito menos pode ser equiparado ao reacionarismo indistintamente – que existe na profissão desde que ela se tornou legítima, mas pode ser indicada a veracidade de que ele possa estar se incorporando no debate teórico e na prática profissional como reflexo do ecletismo.

Reconhecemos que os debates elaborados pelos autores considerados pós-modernos geralmente criticam os pressupostos modernos e o projeto iluminista emancipatório, considerando-os falidos. A ideia de uma crise dos paradigmas das Ciências Sociais e de uma crise do marxismo tem origem justamente nessa assertiva e dentro dela se degladiam pós-modernos e marxistas, pois de um lado, defende-se a impossibilidade de construção de uma nova ordem societária, a representatividade dos novos movimentos sociais, o fim da história unitária, o subjetivismo; de outro, reafirma-se a atualidade do marxismo, seu método, a historicidade, o poder do homem como ator da história e as possibilidades históricas reais de efetivar a revolução.

Diferentemente de Ianni (1991), Tonet (1993) e Guerra (2002), Plastino (2010) afirmou que acredita enfaticamente numa crise dos paradigmas no conjunto dos saberes, onde se incluem as Ciências Sociais. Para ele, “[...] não é de uma crise *dos* paradigmas que devemos falar, porque não se trata de substituir um modelo que se verifica incapaz de refletir uma realidade dada. O que enfrentamos é a crise do conceito mesmo *de* paradigma”

(PLASTINO, 2010, p. 47, grifos do autor). Teríamos uma crise do conceito *de* paradigma, pois não deveríamos considerar a realidade como algo fechado às alterações da realidade. E a racionalidade é construída a partir dos objetivos estabelecidos entre os homens e o mundo natural, legitimando as decisões tomadas por cada um de nós: cada pesquisador sempre fala de um “lugar”, de uma posição e, por isso, a crítica do conceito de crise *dos* paradigmas não advém do fato de um determinado paradigma ser inapropriado para explicar ou resolver os problemas de uma realidade, mas sim da não conciliação e do conflito com posições éticas (*Ibid.*, p. 45-47).

Talvez por isso possamos falar da crise de paradigmas como uma expressão da impossibilidade de existência de um paradigma hegemônico na História das ideias, incluindo-se nesta, a filosofia contemporânea e as discussões e perspectivas que influenciaram outras ciências como as Sociais e as Humanas. Quiçá possamos falar, até mesmo, numa “[...] crise da própria necessidade e possibilidade de um paradigma hegemônico. Estamos, portanto, em busca de caminhos, de respostas” (MARCONDES, 2010, p. 30). A História da Ciência (por exemplo, com os processos de constituição e crise do paradigma da modernidade) já teria demonstrado que os momentos de crise são imensamente fecundos para o surgimento de novas formas de pensamento e de percepção e compreensão da realidade (*Ibid.*, p. 30). Logo, quem sabe o próprio pensamento pós-moderno possa corresponder a uma dessas compreensões sobre a realidade, legitimando mais uma expressão do progresso histórico, característico de mais uma das fases do capitalismo, o capitalismo tardio ou o capitalismo neoliberal.

Para Jameson (1997), realmente o pós-modernismo é apenas mais um reflexo de uma modificação no capitalismo, enquanto para Callinicos (1997) seria um equívoco pensar na ideia de uma sociedade pós-industrial, sendo a pós-modernidade um sintoma do estado de espírito da intelectualidade na cena contemporânea. Harvey (2014), por sua vez, afirmou que o pós-modernismo é uma condição histórico-geográfica com particularidades; Eagleton (1998), que ele é um conjunto complexo de percepções sobre elementos diversos da contemporaneidade, que se caracteriza por ter o marxismo e o projeto socialista como alvo; e Giddens (1991), que estamos em uma modernidade radicalizada, devido às alterações no modo como a modernidade vem se materializando.

Os pensadores referidos demonstram por eles mesmos, as diferentes percepções sobre o que é a pós-modernidade, o pós-modernismo ou o pensamento pós-moderno. Um elemento-chave para ser pensado é, dessa forma, como podemos não menosprezar a variedade de posições entre os autores de uma mesma linha de pensamento ou não e por quê há a

necessidade de “enquadrar” um autor numa linha teórico-metodológica ou outra. Como Plastino (2010) e Marcondes (2010) problematizaram, talvez haja uma crise da necessidade de determinar um paradigma como hegemônico numa ciência, já que a própria História demonstrou a modificação progressiva dos paradigmas aceitos.

Caso analisemos a história da ciência e da Filosofia, veremos que foram poucos os momentos de estabilidade científica, no sentido da “aceitação generalizada de determinados modelos explicativos” (MARCONDES, 2010, p. 19). Mesmo no período clássico existiram mudanças dentro de um mesmo paradigma em meio aos períodos de relativa estabilidade nos quadros conceituais. A revolução científica dos séculos XVI-XVII, que deu surgimento ao pensamento da modernidade pode ser apontada, como um dos momentos ímpares de uma crise de paradigmas ao desencadear uma “nova ciência” elucidada pelo modelo heliocêntrico de sistema solar elaborado por Nicolau Copérnico, que se opunha ao modelo geocêntrico de cosmo aristotélico, ordenado por Ptolomeu na Antiguidade Clássica (*Ibid.*, p. 19-20).

Precisamos sinalizar que entre os autores rotulados como pós-modernos vemos um eixo comum, apesar das suas inúmeras posições sobre o fenômeno da pós-modernidade, o de que os valores da modernidade se tornaram irrealizáveis, justificando o surgimento ou a transição para uma nova era, a pós-moderna, marcada pela efemeridade, a transitoriedade, a contingência, a subjetividade, o poder dos meios de comunicação e das tecnologias, a explosão das diferenças e dos movimentos locais, e em que os sujeitos vivenciam novas experiências sociais, culturais e trabalhistas.

No que concerne a algumas das temáticas de destaque estudadas por alguns dos autores tomados como pós-modernos, é importante dizer que para Vattimo (1992), vivemos a sociedade da comunicação generalizada e do poder dos *mass media*, na qual as diferenças se libertaram, dando legitimidade às particularidades dos grupos minoritários e à descentralidade das visões de mundo baseadas apenas no contexto europeu. Conforme Maffesoli (1996), estamos em um tempo de mito e simbolismo, no qual a surrealidade se expressa cotidianamente na vida das pessoas das diversas tribos culturais, sendo a pós-modernidade uma “colcha de retalhos”, que reúne as diversas expressões, significados, imaginários, emoções e subjetividades dos sujeitos.

Segundo Lyotard (1993), a sociedade pós-moderna é o lugar dos diversos “jogos de linguagem”, que validam as verdades científicas por meio de uma “pragmática das partículas de linguagem”, constituindo-se como uma prática que não apenas disponibiliza informações, mas sim apresenta uma verdade intencional que se deseja ser conhecida. Por seu turno, Santos (1995) postula que estamos num momento de transição paradigmática – do

paradigma moderno para o pós-moderno – originado pelo descumprimento das promessas modernas, de igualdade, emancipação e progresso pela razão. Ainda, no paradigma pós-moderno, entre outras coisas, as minorias seriam reconhecidas, assim como seus discursos e histórias, anteriormente apagados, por meio do epistemicídio realizado pelos conquistadores europeus.

Uma diversidade de percepções sobre o pós-moderno e sua relação com o Serviço Social vieram a lume em nossas entrevistas semiestruturadas. Estas entrevistas se realizaram como uma conversa direcionada, dando possibilidade para que os/as entrevistados/as respondessem às questões como um processo de reflexão teórico-metodológica livre, apesar de orientado pelas perguntas do roteiro de entrevista. Por isso, em diversas vezes, suas respostas constituíram questionamentos pessoais e estabeleceram articulações com outros tópicos que superavam o conteúdo presente nas discussões restritamente sobre o pós-moderno. Em outros momentos, houve uma reflexão comparativa firme com o marxismo e o projeto da modernidade, assim como com o movimento do capital na contemporaneidade e os desafios postos para o Serviço Social e seu PEP.

Convidamos dezesseis (16) docentes do curso de Serviço Social da UECE para participar da entrevista. Todavia, apenas onze (11) aceitaram – mas dois (2) destes não tiveram tempo disponível em suas agendas até o momento de finalização desta pesquisa. Assim, apenas nove (9) professores/as além de aceitarem o convite, realizaram a entrevista conosco. Entre os/as professores/as que se negaram ou desconsideraram o convite, percebemos uma proeminência de produções com utilização<sup>105</sup> de autores pós-modernos. Os convites para todos/as os/as professores/as foram realizados por meio de *whats up*, *e-mail* e/ou pessoalmente. Referidos/as professores/as do curso de graduação em Serviço Social da UECE foram selecionados/as para nossa entrevista, em decorrência do rigor científico de suas produções teóricas, sua criticidade diante de suas análises e por suas experiências profissionais ou como docentes, independentemente de serem estudiosos do pós-moderno, da pós-modernidade ou do pós-modernismo.

Entre os/as entrevistados/as, ao longo da entrevista, alguns preferiram usar o termo pós-moderno, outros pós-modernidade e outros pós-modernismo, sem a preocupação de apontar algum tipo de diferença entre eles. Muitas vezes, estes termos foram tomados como sinônimos, mas outras vezes foram ressaltadas a necessidade de os visualizarmos como complexos heterogêneos de significações e construtos histórico-sociais determinados. A nosso

---

<sup>105</sup> Percebemos esta informação após consultar as referências de trabalhos publicados ou das teses de doutoramento dos professores/as convidados/as.

ver, devemos pensar o pós-modernismo, como manifestação cultural, artística, literária e mesmo arquitetônica do pós-moderno; a pós-modernidade como a defesa de nascimento de uma nova etapa histórica mundial, iniciada pela descrença na efetividade dos valores modernos; e o pensamento pós-moderno como a expressão intelectual da pós-modernidade. Esta expressão não é, para nós, necessariamente a defensora do capitalismo, mas sim a justificadora da necessidade de que observemos as mudanças em curso na sociedade e não fechemos os olhos para as alterações que ela determina. O pensamento pós-moderno poderia ser assim, uma forma de pensar a realidade atual pelo que ela vem se materializando, no presente, pelo que ela é, desconsiderando-se as possibilidades futuras utópicas e os planos de longo prazo que podem ou não ser materializados pelos atores históricos, isto é, o pensamento pós-moderno defende a necessidade de modificar o hoje, de valorizar os movimentos sociais do hoje, de lutar pelo que pode ser feito no hoje, com os recursos que temos à disposição na contemporaneidade.

Sobre este aspecto, é necessário enfatizar, que reprovamos a associação imediata entre pós-moderno e reacionarismo, pois há valores pós-modernos defensores, por exemplo, da luta social e do empoderamento dos sujeitos. Logicamente, referidos valores não seguem a mesma linha pregada pelo marxismo ou até se contrapõem à ideia de luta revolucionária pela classe operária, tomada de poder pelos sujeitos históricos e potencialidade do capitalismo para o comunismo, mas isto não significa dizer que o pós-moderno queira a exploração exacerbada do capital pelo trabalho e o excesso de desigualdade social entre os indivíduos sociais.

As percepções mais recorrentes sobre o pós-moderno enfatizadas por nossos/as entrevistados/as se relacionaram à superioridade do materialismo-dialético para a análise da realidade, conforme Löwy (2000) já referiu, ao ressaltar que este método foi a maior contribuição de Marx para a posteridade e é a melhor referência para o pensamento e para a ação transformadora (LOWY, 2000, p. 59-61). As análises pós-modernas do real foram, por sua vez, grosso modo, vistas como rasas ou carentes de consideração sobre os elementos macrosociais. Além disso, a perda da noção de historicidade, o apego pelo indivíduo, pela subjetividade e pelos fenômenos efêmeros, consideraram-se características tipicamente pós-modernas. Mais detalhadamente, podemos afirmar, que todos/as os/as entrevistados/as apontaram ser a teoria crítico-dialética, a mais adequada para compreender os fundamentos da exploração do capital pelo trabalho e do modo como as desigualdades sociais vem se estabelecendo a partir dela.

Concordamos com referida compreensão, até porque esta relação de exploração foi abordada e conceituada com mais profundidade por Marx, ao desmistificar a relação de

colaboração entre patrão e empregado e sinalizar para aspectos como o trabalho alienado, a mais-valia e o valor trabalho, os elementos do processo de trabalho, enfim, a lei geral de acumulação capitalista. Suas análises sobre seu objeto de estudo, isto é, a sociedade burguesa e sua expressão por meio do modo de produção capitalista, fizeram-no ser considerado por alguns estudiosos, como um autor “deslocado” dentro da modernidade ou um antecipador de ideias e prerrogativas já não concernentes à modernidade propriamente dita, período histórico sobre o qual, inclusive, teceu críticas. O método histórico-dialético foi certamente uma nova forma de pensar o mundo e vincular a reflexão teórica à práxis humana na história (QUERIDO, 2010, p. 123).

Alguns/as entrevistados/as afirmaram considerar a pós-modernidade como uma descrição ou um diagnóstico da realidade contemporânea, enquanto outros disseram que, de uma forma sintética, o pós-moderno poderia ser a expressão da perspectiva culturalista, decorrente do desenvolvimento da filosofia da diferença. A partir desta, o realce foi colocado em aspectos subjetivos e a luta dos movimentos sociais minoritários também teria ganhado mais ênfase. Para alguns/as entrevistados/as, estes novos movimentos sociais, com suas demandas individuais, poderiam trazer como consequência um abrandamento do foco na luta coletiva pela construção de uma nova ordem societária, enquanto para outros/as, esses movimentos locais ajudariam a fortalecer a luta maior em torno do comunismo. A respeito disso, pensamos que a luta individualizada dos movimentos sociais das minorias pode funcionar como um segmento legitimador do poder revolucionário social, mobilizando e dando fôlego às lutas coletivas a serem engendradas pelo conjunto da sociedade. O maior desafio nos parece ser, na realidade, fomentar nos/as trabalhadores/as, a percepção ampliada de classe trabalhadora, isto é, a de sermos uma classe-que-vive-do-trabalho, nos termos de Antunes (2002, p. 101-118).

Para a maior parte dos/as nossos/as entrevistados/as, nós permanecemos na modernidade. A pós-modernidade seria uma ilusão ou uma terminologia inadequada para intitular as modificações originadas na contemporaneidade, em decorrência dos novos processos gestados com o capitalismo, suas crises e seus dilemas. Acreditar no rompimento com a modernidade poderia funcionar também como um decreto pessimista de desprezo pelo projeto emancipatório moderno e seus valores e uma falta de esperança no futuro ainda não escrito pelos homens e mulheres. Pensamos que realmente permanecemos na modernidade, porém em uma modernidade que, como é natural à realidade histórica, vem apresentando alterações e transformações em seu modo de ser, assim como no modo de ser e de se relacionar dos sujeitos sociais. Particularmente, acreditamos que pensar na superação da

modernidade pode sugerir ou que a esperança de uma nova forma de vida sem exploração foi derrotada ou que os indivíduos não querem jamais modificar sua condição de explorados. No hoje, mesmo que a potencialidade comunista pareça um sonho distante e não vejamos o grande conjunto da sociedade dizendo abertamente que quer e pretende lutar pelo comunismo, acreditamos que ele não é irrealizável, mas sim é parte de um futuro imprevisível, que pode ser construído pouco a pouco pelas pessoas e pode ser modificado por nossas ações no presente.

Ao longo das entrevistas, elucidou-se uma preocupação de grande parte dos/as entrevistados/as, que também é nossa, em entender o que de fato determina a rotulação de um autor como pós-moderno. Alguns/as enfatizaram sua repulsa às rotulações, pois estas poderiam legitimar posturas ortodoxas e preconceituosas na universidade e outros deixaram clara a importância de, como professores/as, trazerem o debate entre diferentes correntes teóricas para a sala de aula, esclarecendo sempre, a direção social hegemônica da categoria dos/as assistentes sociais, mas também as contribuições dos autores vinculados a outras linhas de pensamento. Nosso ponto de vista é o de que os/as professores/as e os/as pesquisadores/as do Serviço Social devem favorecer os debates abertos e as possibilidades de diálogo plural na academia, além da exposição das opiniões dos/as discentes em sala, com a finalidade de sanar as dúvidas concernentes às nossas crenças individuais e a nossa posição profissional pela hegemonia das teses marxistas. O fato de que nossa profissão tenha elegido esta referência teórico-metodológica não pode gerar a divulgação equivocada de que todos/as os/as profissionais têm um mesmo pensamento, mas sim deve produzir a vigilância teórica e prática na materialização de nosso PEP e no afastamento do conservadorismo de nossas ações profissionais e discursos institucionais e teórico-científicos. Desse modo é que devemos, por exemplo, evitar “taxar” um profissional do Serviço Social, que é visivelmente religioso, de conservador, pois é possível sim materializar nossos compromissos profissionais defendidos pelo PEP e separá-los de nossas opções pessoais.

É interessante ressaltar que na matriz curricular do curso de Serviço Social da UECE, as disciplinas de *Antropologia cultural* e *Sociologia contemporânea* trazem um debate aprofundado sobre o pós-moderno e sugerem em suas bibliografias autores e obras de autores rotulados como pós-modernos. A disciplina de *FHTMSS III*, por sua vez, também traz leituras sobre o pós-moderno, porém prioritariamente obras de autores do Serviço Social vinculados à crítica dialético-marxista falando sobre este fenômeno, ou seja, prioriza-se a visão dos ledores do Serviço Social sobre a pós-modernidade e o pensamento vinculado a ela. Mesmo assim, é válido dizer que a matriz curricular do curso acima referido traz possibilidades para um

debate plural em sala de aula, tendo em vista a variedade de bibliografias indicadas para algumas disciplinas. Em *Trabalho e sociabilidade, Oficina II – Psicologia, Questão urbana e rural, Desenvolvimento capitalista e questão social, e Pesquisa em Serviço Social II*, são recomendadas para leitura, obras pertencentes a autores que criticam aspectos da teoria social crítica ou apresentam discussões sobre aspectos da pós-modernidade, que não se embasam na relação capital *versus* trabalho, e mesmo compreensões diferentes das defendidas pelo Serviço Social, como o caso do debate francês sobre uma nova questão social e a polêmica sobre o fim da centralidade do trabalho.

Estas evidências revelam a possibilidade de existência da pluralidade na academia e no curso de Serviço Social da UECE, oferecendo elementos para o exercício da criticidade em sala de aula e para considerar a importância de os/as professores/as diferenciarem a posição hegemônica do Serviço Social da liberdade individual de cada aluno/a, lembrando-os sempre do compromisso com o cumprimento do PEP, mas também da liberdade como valor ético central – que lhes permite escolher seus posicionamentos pessoais estando livres de situações de coerção e opressão, mas que os imprime a responsabilidade de como profissionais, atuarem dentro do que nosso CE prevê. Ressalvamos a importância de que o/a docente consiga estabelecer reflexões claras sobre os elementos divergentes entre as posições dos autores tidos como pós-modernos, sinalizando que o PEP do Serviço Social defende a pluralidade no ambiente acadêmico e profissional.

Entre os/as nossos/as entrevistados/as, não houve consenso sobre a possibilidade de diálogo entre Marx e os pós-modernos: alguns sinalizaram acreditar que pelo exercício do pluralismo Marx poderia dialogar com diferentes linhas de pensamento quando existisse complementariedade entre suas ideias, enquanto outros defenderam ser o diálogo entre Marx e os autores pós-modernos no Serviço Social, uma expressão do ecletismo e do sincretismo ideológico a ser evitada. Os/As professores/as que defenderam a importância de Marx dialogar com outras correntes de pensamento argumentaram ser necessário compreender os fundamentos das diferentes formas de conhecimento a serem utilizadas e da própria pesquisa exigir o contato com o diferente, que pode ser apropriado, reescrito, avaliado, corrigido. Sinteticamente, a noção de pluralismo dos/as entrevistados/as foi majoritariamente explicada como o relacionamento com outros autores e o respeito as suas teses; e o ecletismo, como a mistura entre posições teóricas e metodológicas divergentes e opostas.

A nosso ver, neste contexto, em primeiro lugar, para nos apropriarmos de diferentes paradigmas teóricos é crucial reconhecê-los, interpretá-los e apreciá-los a fundo, a fim de não desaguar nas “misturas” entre paradigmas que se contrapõem ou levam em

consideração formas diferentes para explicar a realidade social. Em segundo lugar, no caso do Serviço Social, nosso cuidado deve ser ainda maior, porque como Lessa (2012) enfatizou, o Serviço Social é a única profissão a divulgar em seu CE a menção explícita de defesa da necessidade de superação da sociabilidade capitalista alienada por uma “nova ordem societária” (LESSA, 2012, p. 11). Por isso, cremos que o grande mote está em identificarmos que valores, ideologias, pensamentos e ações podem estar vinculados a determinada linha de pensamento ou não. Daí que cabe questionar se realmente o pós-moderno é o responsável por reatualizar o (neo)conservadorismo profissional na contemporaneidade e se todo marxista é revolucionário no cotidiano e em suas ações, ou mesmo se uma opção teórica influencia na atuação profissional do/a assistente social e se é possível nos apropriarmos dos diferentes elementos em que acreditamos com base em diferentes paradigmas teóricos. Dito de outro modo: É apenas com a adoção do marxismo como fundamento teórico e metodológico que podemos superar o conservadorismo profissional? Para não ser conservador, o/a assistente social deve ser marxista? Até onde minhas opções teóricas e crenças pessoais podem influir nas minhas opções como profissional de Serviço Social, que apresenta um PEP de teor marxista e defensor de uma nova ordem societária? A única alternativa para superar o conservadorismo na profissão é o marxismo? Todos os estudos tidos como pós-modernos devem ser rechaçados, por que são necessariamente divergentes do materialismo histórico-dialético?

Entre os/as entrevistados/as não houve consenso sobre a profundidade com que estudamos o pensamento marxista e o pós-moderno no curso de Serviço Social. Todos/as eles/as afirmaram utilizar Marx, autores marxistas e autores pós-modernos em sala, a partir das obras dos próprios autores, adequando as leituras de acordo com os assuntos estudados, mas houve discrepância sobre a forma como estes conteúdos aparecem na formação profissional: para alguns/as professores/as, a formação em Serviço Social no Brasil e na UECE aprofunda as leituras sobre o marxismo e esquece de nos fornecer os elementos teóricos para conhecer e criticar – quando necessário – a pós-modernidade, enquanto outros/as professores/as afirmaram termos leituras suficientes de Marx e insuficientes dos pós-modernos, possibilitando a reprodução de equívocos e interpretações preconceituosas sobre os últimos.

Grande parte dos/as nossos/as entrevistados/as não acredita na relação imediata e direta do pensamento pós-moderno com a onda (neo)conservadora em reatualização na profissão. O conservadorismo profissional sempre teria existido no Serviço Social e o (neo)conservadorismo, materializado em posturas tecnicistas, subjetivistas, pragmáticas,

mecanicistas e no Serviço Social de Caso Clínico, seria apenas mais um reflexo do movimento da realidade. Na verdade, a profissão sempre teria tido profissionais atuando de modo conservador ou embasando sua prática em outros paradigmas, como o positivista ou o fenomenológico, sendo o paradigma marxista, o viés hegemônico, mas que não anulou outras práticas consideradas “conservadoras” pela vanguarda intelectual orientada pelo marxismo. Não considerar esta evidência poderia corresponder a uma posição idealista e de inversão do movimento do real, uma vez que o conservadorismo abarca toda a realidade social na atualidade e, logo, afeta as profissões, como a de assistente social. Nosso posicionamento é o de que realmente o conservadorismo no Serviço Social advém desde suas origens e os influxos pós-modernos na profissão não reatualizam o (neo)conservadorismo, mas sim correspondem às opções, às vezes pensadas, às vezes não, às vezes ecléticas, às vezes não, dos/as profissionais e pesquisadores/as, por conhecerem seus objetos de estudo. Contudo, somos cientes, de que na teoria e na prática profissional, estão presentes uma heterogeneidade de posições e valores, que, ajudados pelas condições atuais, podem estar ganhando mais visibilidade e preocupando os membros inseridos na vanguarda intelectual do Serviço Social, mobilizadores dos compromissos marxistas com os quais coadunamos.

As percepções e os depoimentos resgatados a partir das entrevistas realizadas, pela leitura das obras referenciadas ao longo deste trabalho e advindas com a análise dos trabalhos publicados nos anais dos CBAS e ENPESS que abordaram o fenômeno do pós-moderno, permitem-nos afirmar, que existe uma gama de posicionamentos – heterogêneos e, às vezes, conflitantes – sobre o pós-moderno e sua recepção e influência no Serviço Social brasileiro, sendo desenvolvidas pela categoria dos/as assistentes sociais, pesquisadores/as e professores/as de Serviço Social. Devemos frisar que cremos que a postura mais lúcida que podemos ter dentro do debate sobre o pós-moderno no Serviço Social do Brasil é a de respeitar as diferentes posições existentes, penetrando nos fundamentos das correntes de pensamento sobre as quais pretendemos nos debruçar e carregar esta prática para as discussões em sala e para as bibliografias das matrizes curriculares dos cursos de graduação em Serviço Social.

Este exercício pode nos ajudar a realmente conhecer com profundidade os fundamentos do marxismo, que orienta nosso PEP, assim como pode nos permitir ter embasamento teórico suficiente para criticar os paradigmas com os quais discordamos, ao mesmo tempo em que nos fornece argumentos para fortalecer a atualidade do marxismo e a opção teórica e metodológica do Serviço Social brasileiro por ele. Entre outras coisas, a discussão da recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social tem nos mostrado que

*receber* uma nova linha de pensamento em nossos estudos – que vem sendo “incorporada” acriticamente ou utilizada conscientemente por se conhecerem elementos nesta que podem ser aproveitados ou podem contribuir para discussões importantes – significa *dialogar* com o novo. No entanto, para dialogar, é imprescindível conhecer as bases, as ideias, as posições, os valores e as atitudes que o pós-moderno transporta em si, com o alvo de compartilhar conhecimento e trazer mais recursos para questionarmos e nos posicionarmos ética e politicamente.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO EM SERVIÇO SOCIAL; CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO EM PESQUISA E POLÍTICAS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL (ABESS; CEDEPSS). Proposta básica para o projeto de formação profissional. In: CONVENÇÃO, 29., 1995, Recife. **Anais...** Recife: Universitária, 1995. p. 3-40.

\_\_\_\_\_. Proposta básica para o projeto de formação profissional. **Serviço Social & Sociedade**, v. 17, n. 50, p. 143-171, abr. 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS) . **Lei de Diretrizes Curriculares. Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social** (com base no currículo mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996). Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <  
[http://www.cressrs.org.br/docs/Lei\\_de\\_Diretrizes\\_Curriculares.pdf](http://www.cressrs.org.br/docs/Lei_de_Diretrizes_Curriculares.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2015.

ABREU, Marina Maciel. Pesquisa em Serviço Social: tendências na implementação das Diretrizes Curriculares. **Temporalis**. Brasília, v. 7, n. 14, p. 119-148, jul./dez. 2007.

ABREU, Marina Maciel; SIMIONATTO, Ivete. A situação de pesquisa em Serviço Social no Brasil 1990-1996. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO EM SERVIÇO SOCIAL. **Formação profissional: trajetórias e desafios**. São Paulo: Cortez Editora, 1997. p. 113-140. (Cadernos ABESS, n.7).

ALVES, Sylvia de Aguiar. Patriarcado, capitalismo e assédio moral: a desigualdade de gênero contra as mulheres no mercado do trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 15, 2016, Olinda, PE. **Anais...** Olinda, PE: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2016. p. 1-10.

AGUIAR, Érika Alves de Sousa. Tendências pós-modernas em pesquisas do serviço social: uma análise das apresentações orais do ENPSS 2010. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-11.

AGUIAR, Antônio Geraldo de. **Serviço social e filosofia: das origens a Araxá**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Érica Terezinha Vieira de. Neoconservadorismo, desresponsabilização do estado e culpabilização dos trabalhadores no Brasil: implicações para a Política de Assistência Social e para o Serviço Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 13, 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2010. p. 1-9.

ALMEIDA, Bernadete de Lourdes Figueirêdo de. As Novas Expressões da Pobreza Decorrentes das Rupturas Pós-modernas: um estudo a partir dos chefes de família usuários dos atuais programas sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p. 1-4.

ALVES, Havana Maria Ribeiro; BESERRA, Mikaele de Sena. Neoconservadorismo pós-moderno e Serviço Social brasileiro: elementos para uma análise crítica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 15, 2016, Olinda, PE. **Anais...** Olinda, PE: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2016. p. 1-14.

ALVES, Havana Maria Ribeiro. Análise da influência pós-moderna no serviço social brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-11.

ALVES, Mônica Clavico. Serviço Social e neoconservadorismo influências na prática profissional e implicações para o projeto ético político profissional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p.1-8.

AMORIM, Elba Ravane Alves et al. Formação para igualdade gênero: reflexões a partir da experiência do Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra a Mulher Elma Novaes da Faculdade ASCES em Caruaru-PE. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 15, 2016, Ribeirão Preto, SP. **Anais...** Ribeirão Preto, SP: ABEPSS, 2016. p.1-11.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ANDERY, Maria Amália Pie Abib *et al.* **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. São Paulo: EDUC Espaço e tempo, 1996.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

ARANHA, Lúcia. Serviço Social: formação profissional, matriz hegemônica e direção social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p. 1-5.

ASSUMPCÃO, Raiane Patrícia Severino; CARRAPEIRO, Juliana de Magalhães. Ditadura e Serviço Social no Brasil: contribuições para prosseguir rompendo com o conservadorismo na profissão. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014. p. 1-11.

BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas em pesquisa. In: MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999. p. 31-39.

BARROS, Kelvia de Assunção Ferreira. A dimensão das relações de gênero e o enfrentamento da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 13, 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2010. p. 1-8.

BEZERRA, Pedro Henrique Almeida. Butler, performance de gênero e as potencialidades do fazer drag como agência subversiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 15, 2016, Olinda, PE. **Anais...** Olinda, PE: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2016. p. 1-12.

BORBA, Tiana de Jesus Araújo. **As formas de expressão do conservadorismo na política de assistência social e sua reprodução na prática profissional dos(as) assistentes sociais nos CRAS de João Pessoa-PB.** 2015. 120f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de pós-graduação em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética e serviço social: fundamentos ontológicos.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. Barbárie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético-político. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 106, p. 205-218, abr./jun. 2011.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna.** Teixeira Coelho (Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

BAUMAN, Zygmunt, 1925. **Modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEHRING, Elaine. **Brasil em contra reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos.** São Paulo: Cortez, 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura/SESu. Comissão de Especialistas de Ensino em Serviço Social. Diretrizes Curriculares – Curso: Serviço Social. Brasília, 1999. **Temporalis**, v. 7, p. 199-249, jul./dez., 2007.

\_\_\_\_\_. Resolução CNE/CES 15, de 13 de março de 2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Serviço Social. Brasília, 2002. **Temporalis**, v. 7, jul./dez., 2007, p. 199-249.

\_\_\_\_\_. Conselho de Saúde. Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2014.

BRAZ, Marcelo. A hegemonia em xeque. Projeto ético-político do Serviço social e seus elementos constitutivos. **Revista Inscrita**, Brasília, n. 10, p. 5-10, 2007.

CALLINICOS, Alex. **Contra o postmodernismo: uma crítica marxista.** Santiago de Compostela: Edición Laiovento, 1995. Disponível em: <<http://www.lahaine.org/amauta/b2-ing/Callinicos.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

CANTALICE, Luciana Batista de Oliveira. **As incidências do pensamento pós-moderno na produção do conhecimento em Serviço Social.** 2013. 245 f. Tese (Doutorado em Serviço

Social do Programa de Pós-graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

CARDOSO, Franci Gomes. A pesquisa na formação profissional do Assistente Social: algumas exigências e desafios. In: ABESS. **Diretrizes Curriculares e pesquisa em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, nov. 1998. p.27-32. (Cadernos ABESS, n.8).

CARVALHO, Maria Irene de. **Ética aplicada ao Serviço Social: dilemas e práticas profissionais**. Lisboa: Pactor, 2016.

CARVALHO, Daiana da Silva; SILVA, Cícera Elaine da. Os rebatimentos na formação profissional da (o) assistente social com o advento da pós-modernidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-9.

CARVALHO, Edmilson. Totalidade como categoria central na dialética marxista. **Revista Outubro do Instituto de Estudos Socialistas**, n. 15, v. 1. sem., p. 177-193, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Click-HD%20Info/Desktop/TODOS%20OS%20CAPITULOS%20E%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FINAL/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-15-Artigo-06%20carvalho%20edmilson.pdf>. Acesso em: 10 nov. de 2016.

CARVALHO, Ivy Ana de. Expressões (neo)conservadoras e Serviço Social: uma análise crítica sobre o debate do empoderamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPSS, 2010, p. 1-9.

\_\_\_\_\_. Expressões (neo)conservadoras e serviço social: uma análise crítica sobre as polêmicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 13, 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2010. p. 1-8.

CASSEMIRO, Luiza Carla. Reflexões acerca da diversidade sexual e de gênero: os desafios e limites na formação dos profissionais do Serviço Social. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal, **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-11.

CASTRO, Manuel Manrique. **História do serviço social na América Latina**. Tradução de José Paulo Netto e Balkys Villalobos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Código de Ética do/a Assistente Social: Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão**. 10. ed. rev. e atual. Brasília: CFESS, 2012.

COSTA, Thaysi Cruz da. Os rebatimentos da pós-modernidade na discussão de gênero: uma análise sócio-histórica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-11.

COUTINHO, Carlos Nelson. Pluralismo: dimensões teóricas e políticas (Conferência). In: ABESS. **Ensino em Serviço Social: pluralismo e formação profissional**. São Paulo: Cortez editora, nov. 1991. p. 5-17. (Cadernos ABESS, n.4).

\_\_\_\_\_. **Contra a corrente**: ensaios sobre democracia e socialismo. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2008.

Currículo na Plataforma lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 1 fev. 2016.

DINIZ, Beatriz Rodrigues et al. Desafios do projeto ético-político do Serviço Social frente ao neoconservadorismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 15, 2016, Ribeirão Preto, SP. **Anais...** Ribeirão Preto, SP: ABEPSS, 2016. p.1-12.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

EMMERICK, Rulian. O controle do corpo feminino, a criminalização do aborto e a desigualdade de gênero no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p.1-7.

ESCORSIM NETTO, Leila. **O conservadorismo clássico**: elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Cortez, 2011.

EUFRÁSIO, Amanda. Conservadorismo e Serviço Social brasileiro: um estudo sobre os modos de ser conservador na profissão. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-13.

\_\_\_\_\_. A prática da assistência social e o conservadorismo na cena contemporânea. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-9.

EVANGELISTA, João Emanuel. **Teoria social pós-moderna**: introdução crítica. Porto Alegre: Sulina, 2007.

EVELIN, Heliana Baía. **Serviço Social no contexto das ciências da cultura**. Curitiba: Appris, 2013.

FERREIRA, Camila Manduca. Neoconservadorismo: a terceira via e o terceiro setor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-7.

FERREIRA, Verônica; FROTA, Francisco Horácio da Silva. Feminismo e saúde: análise crítica das lutas pela saúde integral da mulher no Brasil, do final dos anos 70 ao início dos anos 90. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p.1-5.

FERRI, Mônica Freitas. O orçamento participativo no município de Vila Velha (ES): perpetuação do conservadorismo no exercício da democracia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPSS, 2010, p. 1-8.

FONSECA, Cleomar Campos da. O projeto de formação do Serviço Social e as inflexões do pensamento pós-moderno. **Temporalis**, Brasília, v. 16, n. 31, p. 189-218, jan./jun. 2016.

\_\_\_\_\_. O ideário pós-moderno e sua superficialidade analítica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 15, 2016, Olinda, PE. **Anais...** Olinda, PE: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2016. p. 1-10.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil, 1).

FROEMMING, Cecília Nunes. Possibilidades da inserção de “gênero e sexualidade” como tema: uma experiência do curso de Serviço Social na formação universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 13, 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2010. p. 1-8.

GALDINO, Shellen Batista. **A produção de conhecimentos no Serviço Social**: entre a hegemonia do marxismo e a pós-modernidade. 2016. 112f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de pós-graduação em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. (Coleção Biblioteca básica).

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, Izabel Solyszko; BERTOLINE, Vera Lúcia. Da beira do fogão às grades da prisão: uma análise da criminalidade feminina na região metropolitana de Cuiabá. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 13, 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2010. p. 1-8.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967/3642>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

GUERRA, Yolanda. Modernidade: crise de “paradigmas” ou final do sonho?. **Boletín electrónico Perspectiva Latinoamericana**, p. 1-18, 2010. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000421.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **A instrumentalidade do serviço social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social. **Serv. Soc. & Soc.** São Paulo, v. 20, n. 62, p. 5-34, 2000.

GUIMARÃES, Eliane Martins de Souza. Neoconservadorismo e saúde da família: reconhecendo as contradições dos instrumentais e abordagens na prática assistencial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-8.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro et. al. Digressões sobre Serviço Social e pós-modernidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-8.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Trabalho e gênero em tempos de precarização: um estudo sobre as trabalhadoras da confecção de Divinópolis/MG. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPSS, 2010, p. 1-8.

GURGEL, Telma. Gênero e Serviço Social: reflexões epistemológicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p. 1-4.

HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action: lifeworld and system: a critique of functionalist reason.** Boston: Beacon Press, 1987a. v.2. Disponível em: <<http://blogs.unpad.ac.id/teddykw/files/2012/07/Jurgen-Habermas-The-Theory-of-Communicative-Action-Volume-2.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2016.

\_\_\_\_\_. A nova intransparência: a crise do Estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 18, p. 103-114, set. 1987b. Disponível em: <[http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Habermas,%20J%C3%BCrgen/A%20nova%20intranspar%C3%Aancia%20\(CEBRAP%20-%20Carlos%20Novaes\)%20A%20crise%20de%20bem%20estar%20social%20e%20o%20esgotamento%20das%20energias%20utopicas.pdf](http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Habermas,%20J%C3%BCrgen/A%20nova%20intranspar%C3%Aancia%20(CEBRAP%20-%20Carlos%20Novaes)%20A%20crise%20de%20bem%20estar%20social%20e%20o%20esgotamento%20das%20energias%20utopicas.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Técnica e ciência como ideologia.** Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1968.

\_\_\_\_\_. Modernidade versus Pós-modernidade – Jürgen Habermas. **Arte em revista**, ano 5, n. 7, 1983. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/modernidade-versus-pos-modernidade-jurgen-habermas>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 25. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e história.** 2. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no serviço social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

\_\_\_\_\_. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2010b.

\_\_\_\_\_. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez. 2014.

IANNI, Octávio. A crise de paradigmas na Sociologia. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 32, p.195-215, jun., 1991.

IASI, Mauro Luís. **Ensaio sobre a consciência e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

INÁCIO, Miriam de Oliveira. Ethos e ação ético-política das assistentes sociais frente à violência de gênero: uma reflexão ética à luz da ontologia marxista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p.1-4.

\_\_\_\_\_. Gênero: categoria histórica na análise da Violência contra as Mulheres?. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p.1-8.

\_\_\_\_\_. Violências contra mulheres e esfera familiar: uma questão de gênero?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p.1-5.

JÁCOME, Palloma Maria Gomes et al. Serviço Social e “questão social”: rebatimentos do (neo)conservadorismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 15, 2016, Ribeirão Preto, SP. **Anais...** Ribeirão Preto, SP: ABEPSS, 2016. p. 1-10.

JÁCOME, Palloma Maria Gomes. Neoconservadorismo, Serviço Social e Assistência Social: apontamentos de uma investigação em curso. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPSS, 2010, p. 1-7.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Editora Ática, 1997. (Série Temas, Cultura e Sociedade, 41).

\_\_\_\_\_. Periodizando os anos 60. Tradução de César Brites e Maria Luiza Borges. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 81-126.

KAMEYAMA, Nobuko. A trajetória da produção de conhecimentos em Serviço Social: avanços e tendências (1975-1997). In: ABESS. **Diretrizes Curriculares e pesquisa em Serviço Social**. São Paulo: Cortez editora, nov. 1998. p.33-76. (Cadernos ABESS, n.8).

KOHAN, Néstor. **Aproximaciones al marxismo**: una introducción posible. Disponível em: <<http://educarteoax.com/pedagogizando/descargas/libros/libro21.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LARA, Ricardo. A incidência da teoria social crítica no Serviço Social. **Serviço Social & Realidade**, Franca, SP, v. 18, n.1, p.43-59, 2009.

LEITE, Maria Jose Augusto Correia et. al. Da ruptura ao debate contemporâneo do Serviço Social: revisitando a influência do marxismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-6.

LESSA, Sérgio. **Serviço Social e trabalho**: porque o serviço social não é trabalho. 2. ed. rev. amp. São Paulo: Instituto Luckács, 2012.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

LIMA, Ingridy Lammonikelly da Silva et al. As transformações em curso e as inflexões para produção do conhecimento no Serviço Social: uma análise a partir do legado da modernidade às inflexões da pós-modernidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 15, 2016, Olinda, PE. **Anais...** Olinda, PE: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2016. p. 1-14.

LIMA, Francisca Gomes; LUSA, Mailiz Garibotti. Serviço Social e educação: da tentativa de ruptura com o conservadorismo à crise do capital e neodesenvolvimentismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-8.

LIMA, Kátia. Expansão da educação superior brasileira na primeira década do novo século. In: PEREIRA, Larissa Dahmer; ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. (Orgs.). **Serviço Social e Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013. (Coletânea Nova de Serviço Social).

LISBOA, Teresa Kleba. Cidadania e equidade de gênero – políticas públicas para mulheres excluídas dos direitos mínimos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p.1-5.

LÖWY, Michael. Por um marxismo crítico. In: BENSÄID, Daniel; LÖWY, Michael. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000. p. 58-67.

LUKÁCS, Georg. **El asalto a la razón**: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. México: Fondo de Cultura Económica, 1959.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução de Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MACHADO, Leonildo Aparecido Reis. A inversão dos valores conservadores pelo ethos da mobilidade no serviço social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-7.

MACHADO, Roberto. Introdução de Microfísica do poder. In: FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

MAFFESOLI, Michel, 1944. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MANDEL, Ernest, 1923. **O capitalismo tardio**. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os economistas).

MARCONDES, Danilo. A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 17-32. (Coleção questões da nossa época, 21).

\_\_\_\_\_. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MARINHO, Cristiane Maria. **Pensamento pós-moderno e educação na crise estrutural do capital**. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e educação no Brasil**: da identidade à diferença. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARTINS, Rodrigo. A bancada BBB domina o Congresso. **Carta Capital**, São Paulo, 14 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/844/bbb-no-congresso-1092.html>>. Acesso em: 21 jun. de 2016.

MARTINS, Érika Alves. A ruptura teórico-crítica do Serviço Social com o conservadorismo: suas principais conquistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-12.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Karl Marx. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. (Coleção Marx-Engels).

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. 4. reimpr. São Paulo: Boitempo, 2010. (Coleção Marx-Engels).

\_\_\_\_\_. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Expressão popular, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política.** Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008b.

\_\_\_\_\_. **A ideologia alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARTINELLI, Maria Lúcia. (Org.). **Pesquisa qualitativa:** um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MARTINS, Érica Alves. **A ofensiva neoconservadora no Serviço Social contemporâneo:** recomposição de velhos dilemas. 2012. 197f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MEGALE, Heitor. **A Demanda do Santo Graal:** manuscrito do século XIII. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

MIRANDA, Ana Paula Rocha de Sales et al. O pensamento conservador no Serviço Social: influência e aproximações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p. 1-7.

MOTA, Ana Elizabete. Espaços ocupacionais e dimensões políticas da prática do assistente social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 120, p. 694-705, out./dez. 2014.

MOURA *et al.* Os desafios do Serviço Social diante da conjuntura atual para a efetivação do projeto ético-político. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p. 1-8.

MOURA, Maria da Conceição dos Santos et al. Os desafios do Serviço Social diante da conjuntura atual para a efetivação do projeto ético-político. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p. 1-7.

NASCIMENTO, Josilene Barbosa do. A desconstrução da invenção do termo homossexualismo e do seu significado a partir de uma visão construtivista e de gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p. 1-5.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas.** 2. ed. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1978. p. 225-265.

NIETZSCHE, Friedrich. Para além de bem e mal: prelúdio de uma filosofia do porvir (1885-1886). In: NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas.** 2. ed. Trad. e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1978. p. 267-294.

OLIVEIRA, Michele Ribeiro de. Pensamento conservador, teoria social e Serviço Social: elementos para debate. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 15, 2016, Olinda, PE. **Anais...** Olinda, PE: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2016. p. 1-12.

OLIVEIRA, Ana Paula de Souza; SASSAKI, Yoshiko; FREIRE, Jeane de Amorim. A política de educação superior: entre a inovação e conservadorismo do projeto neoliberal. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-10.

OLIVEIRA, Leidiane Souza de. As determinações capitalistas nas relações sociais de gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-8.

OLIVEIRA, Edneia Alves de. O Serviço Social na Itália: uma trajetória de reificação das práticas conservadoras. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p.1-8.

ORTIZ, Fátima Grave. Desafios contemporâneos para o Serviço Social: algumas considerações. **Libertas**, Juiz de Fora, MG, v.6 e 7, n.1 e 2, p. 1-31, jan./dez./2006, jan./dez./2007.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira; BRASIL, Glaucéria Mota; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. A produção do conhecimento nas Ciências Sociais e a provisoriedade da realidade material e simbólica. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 113, p.152-170, jan./mar. 2013.

PASSOS, Vanessa Barreto Corrêa. Reflexões sobre o trabalho: espaço e relações a partir da categoria “gênero”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 15, 2016, Olinda, PE. **Anais...** Olinda, PE: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2016. p. 1-11.

PAULA, João Antônio de. O marxismo e seus rebatimentos no Serviço Social. 1. A atualidade do marxismo. In: ABESS. **Ensino em Serviço Social: pluralismo e formação profissional**. São Paulo: Cortez, nov. 1991. p. 64-75. (Cadernos ABESS, n.4).

PAULO NETTO, José. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção questões da nossa época, 44).

\_\_\_\_\_. Crise do capital e consequências societárias. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 111, p. 413-429, jul./set. 2012.

\_\_\_\_\_, 1947. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_\_\_\_\_. Transformações societárias e Serviço Social- notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Serv. Soc. & Soc.**, v. 17, n. 50, abr. 1996. p. 87-132.

\_\_\_\_\_. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. São Paulo: Cortez, 1991a.

\_\_\_\_\_. O marxismo e seus rebatimentos no Serviço Social. 2. Notas sobre marxismo e Serviço Social, suas relações no Brasil e a questão do seu ensino. In: ABESS. **Ensino em Serviço Social: pluralismo e formação profissional**. São Paulo: Cortez, nov. 1991b. p. 76-96. (Cadernos ABESS, n.4).

\_\_\_\_\_. O Serviço Social e a tradição marxista. **Serv. Social & Soc.**, São Paulo, Cortez, n. 30, mai./ago. p. 89-102. 1989.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 3. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. A construção do projeto ético-político do Serviço Social. In: MOTA, Ana Elizabeth *et al.* (Orgs.) **Serviço social e saúde: formação e trabalho profissional**. São Paulo: Cortez Editora, 2007a. p. 141-160.

\_\_\_\_\_. Das ameaças à crise. In: **Revista Inscrita**, n. 10. Brasília: CFESS, 2007b. p. 37-40.

PERANTONI, Fillipe. A pesquisa marxista no marco da contrarreforma da educação superior brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-8.

PEREIRA, Antonio Marcondes dos Santos. **História, educação e crise estrutural do capital: crítica ao currículo pós-moderno**. 2015. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

PEREIRA, Mariane Araújo Mendes. O Serviço Social no século XXI: a direção social marxista e a polêmica teórica contemporânea. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 13, 2010, Brasília. **Anais...** Brasília: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2010. p. 1-7.

PINHEIRO, Paulo Wesley Maia. **Serviço social e neoconservadorismo religioso: a percepção dos/as estudantes e os desafios para o projeto ético-político**. 2013. 238f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

\_\_\_\_\_. Neoconservadorismo, religião e Serviço Social: a percepção dos estudantes no processo de formação profissional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-12.

PINTO, José Marcelino de Rezende. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP, p. 77-96, fev./ago. 1995.

PLASTINO, Carlos Alberto. A crise de paradigmas e a crise do conceito de paradigma. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 33-50. (Coleção questões da nossa época, 21).

PONTES, Reinaldo Nobre. Mediação: categoria fundamental para o trabalho do assistente social. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL/ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA

DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. **Serviço Social: Direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

QUERIDO, Fabio Mascaro. Crítica da modernidade e “marxismo weberiano”: aspectos da trajetória indisciplinada de Michael Löwy. **Perspectivas**, São Paulo, SP, v. 38, p. 113-141, jul./dez. 2010.

QUERINO, Anmaina Andriola. **A formação em serviço social: superação ou reprodução do conservadorismo?**. 2014. 152f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de pós-graduação em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa, 2014.

QUIROGA, Consuelo. **Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da metodologia no serviço social**. São Paulo: Cortez, 1991.

ROCHA, Sheilla Nadéria Rodrigues. **A influência do ecletismo na produção teórica do Serviço Social na contemporaneidade**. 2005. 310f. Tese (Doutorado em Serviço Social do Programa de Pós-graduação em Serviço Social) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

RIBEIRO, Sâmbara Paula. Influências das premissas pós-modernas nas referências analíticas das lutas sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-12.

ROCHA, Regia Darcia da Silva. A titularidade feminina na política habitacional de Fortaleza: uma análise de seu desdobramento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPSS, 2010, p. 1-17.

ROCHA, Sheilla Nadéria Rodrigues. Conservadorismo e pós-modernidade nos embates teórico-metodológico e ideológico-político do Serviço Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p. 1.

ROUANET, Sérgio Paulo, 1934. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Bárbara Bento dos; ROCHA, Islânia Lima da; PINHO, Luana Cavalcante. A reprodução do conservadorismo no Serviço Social e os limites para a consolidação do marxismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 15, 2016, Ribeirão Preto, SP. **Anais...** Ribeirão Preto, SP: ABEPSS, 2016. p.1-13.

SANTOS, Edson dos; OLIVEIRA, Catarina Maia. Projeto ético-político do Serviço Social brasileiro e neoconservadorismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-10.

SANTOS, Débora Rodrigues. As configurações da ética profissional do Serviço Social tradicional e a influência do conservadorismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-8.

\_\_\_\_\_. O conservadorismo como fundamento da intervenção do Estado no enfrentamento da questão social e os rebatimentos para o Serviço Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-7.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Jair Ferreira dos, 1986. **O que é pós-moderno**. 17. reimpr. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1997. (Coleção Primeiros Passos).

SANTOS, Tiago Barbosa dos. A reatualização do conservadorismo e as práticas “psi” no Serviço Social brasileiro: suas novas roupagens e ressignificações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014. p. 1-12.

SANTOS, Josiane Soares. Pós-modernidade, neoconservadorismo e Serviço Social. **Temporalis**, Recife, v. 5, n. 10, p. 29-50, jul/dez., 2005/2006.

\_\_\_\_\_. **“Questão social”**: particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção biblioteca básica de serviço social, 6).

\_\_\_\_\_. **Neoconservadorismo pós-moderno e serviço social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção questões da nossa época, 132).

SENNET, Richard, 1943. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SERAFIM, Merilainy Dayana Lima. **A relação entre o crítico e o conservador**: a formação e a prática dos assistentes sociais que atuam no Programa Bolsa Família de João Pessoa. 2014. 168f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de pós- graduação em Serviço Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SERRIA, Joana dos Santos Rosa. As relações de gênero nos assentamentos do MST em Goiás. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p.1-8.

SILVA, Laura Isabel da; FERREIRA, Larissa dos. Pesquisa e produção do conhecimento no Serviço Social nos anos 1990: um estudo à luz da modernidade à emersão da pós-modernidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 15, 2016, Ribeirão Preto, SP. **Anais...** Ribeirão Preto, SP: ABEPSS, 2016. p. 1-10.

SILVA, José Fernando Siqueira da. Crise do capital, neoconservadorismo e Serviço Social no Brasil: apontamentos para o debate. **Revista em pauta**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 35, p. 99-125. 2015.

\_\_\_\_\_. Pesquisa e produção do conhecimento em Serviço Social. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 282-297, jul./dez. 2007.

SILVA, Juliana Alexandre da. O redirecionamento das lutas sociais erodidas pelo viés conservador/alienante da defesa dos direitos sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-13.

SILVA, Karollayne Germana Leal e; MELO, Maria Tereza Ávila. Feminismo, gênero e geração: refletindo sobre a construção social da sexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 14, 2014, Natal. **Anais...** Natal: ABEPSS, 2014, p. 1-12.

SILVA, Ricardo Silvestre da. A decadência ideológica burguesa e o método marxista: um debate necessário para o Serviço Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-8.

SILVA, Patrícia Maria da; SILVA, Michelle Dias da. Desafios da atuação profissional no atendimento de mulheres em situação de violência de gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 14, 2013, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2013. p. 1-9.

SILVA, Maisa Miralva da; SILVA, Nemy Batista da. A centralidade da família na política: os riscos do conservadorismo reeditado na atenção sócio-assistencial. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPSS, 2010, p. 1-8.

SILVA, Sheila Conceição da. Serviço Social, política de assistência social e programa bolsa família – novas possibilidades ou perpetuação do conservadorismo?. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPSS, 2010, p. 1-9.

SILVA, Maria das Graças Miranda Ferreira da. Marxismo, pluralismo e formação profissional do assistente social. **Teor. Pol. e Soc.**, v.1, n. 1, p. 145-150, dez. 2008.

SILVA, Maria Dalva Casimiro da. A produção do conhecimento no Serviço Social e sua relação com os princípios éticos. **Serv. Soc. e Soc.**, v. 27, n. 77, p.121-147, mar. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. Mapeando a [complexa] produção teórica educacional – Entrevista com Tomaz Tadeu da Silva. Entrevistadores: Luís Armando Gandin, João M. Paraskeva e Álvaro Moreira Hypolito. **Currículo sem fronteiras**, v. 2, n. 1, p. 5-14, jan./jun. 2002.

SILVEIRA, Clara Maria Holanda et al. Igualdade x diferença: a influência dos estereótipos de gênero na construção do ser homem e do ser mulher na sociedade brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 15, 2016, Olinda, PE. **Anais...** Olinda, PE: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2016. p. 1-13.

SILVEIRA JUNIOR, Adilson Aquino. A cultura pós-moderna no Serviço Social em tempos de crise. **Temporalis**, Brasília, v. 16, n. 31, p. 167-187, jan./jun. 2016.

SINGER, Paul. Apresentação de O capitalismo tardio. In: MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os economistas).

SOARES, Raquel Cavalcante; SITCOVSKY, Marcelo; SANTOS, Mara Betânia Jales dos. Modernidade, pós-modernidade e Serviço Social: a influência conservadora reatualizada. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p. 1-9.

SOUSA, Adrianyce Angélica Silva de; SOUSA, Daniela Neves de; SOARES, Morena Gomes Marques. Serviço Social e a categoria cotidiano: notas para a crítica ao pensamento pós-moderno. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 15, 2016, Ribeirão Preto, SP. **Anais...** Ribeirão Preto, SP: ABEPSS, 2016. p. 1-12.

SOUSA, Adrianyce Angélica Silva de. **Pós-modernidade: mistificação e ruptura da dimensão de totalidade da vida social no capitalismo contemporâneo**. 2004. 200f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social do Programa de Pós-graduação em Serviço Social) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

\_\_\_\_\_. O Pensamento Pós-Moderno e a Sociabilidade Capitalista Contemporânea: Elementos Críticos para o Debate. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 11, 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CFESS/ABEPSS/CRESS/ENESSO, 2004. p.1-5.

SOUZA JÚNIOR, Roberto Dutra de. Reflexões sobre as categorias gênero e sexualidade: uma perspectiva estrutural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEPSS, 2010, p. 1-10.

SILVA, Neíse Távora de França. **As relações sociais e o serviço social no Ceará (1950-1960)**. Fortaleza: NUPEDSS, 1987.

SIMIONATTO, Ivete. As expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-política. In: CFESS, ABEPSS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS-ABEPSS, 2009. p. 1-23.

TAVARES, Maria Augusta. Marx, marxismos e Serviço Social (editorial). **R. Katál.**, Florianópolis, v. 16, n.1, p. 9-11, jan./ jun. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1414-)>. Acesso em: 2 jan. 2017.

TINTI, Éliidi Cristina. **Capitalismo, Trabalho e Formação profissional: dilemas do trabalho cotidiano dos assistentes sociais em Ribeirão Preto/SP**. 2014. 108f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca. 2014.

TONET, Ivo. Pluralismo metodológico: falso caminho. In: \_\_\_\_\_. **Democracia ou liberdade**. Maceió: EDUFAL, 2007. p. 1-14.

\_\_\_\_\_. Crise das Ciências Sociais. **Serviço Social e Sociedade**, n. 41, p. 1-7. 1993./ **Democracia ou Liberdade?**. Maceió: EDUFAL, 2007. p. 1-7. Disponível em: <[http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/a\\_crise\\_das\\_ciencias\\_sociais.pdf](http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/a_crise_das_ciencias_sociais.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Modernidade, Pós-Modernidade e Razão. **Temporalis**, n. 10, p. 1-15. 2005. Disponível em: <[http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/MODERNIDADE\\_POS-MODERNIDADE\\_E\\_RAZAO.pdf](http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/MODERNIDADE_POS-MODERNIDADE_E_RAZAO.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2015.

TOURAINE, Alain, 1925. **Crítica da modernidade**. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Histórico do curso de serviço social da UECE. Disponível em: <<http://www.uece.br/servicosocial/index.php/historicodocurso>>. Acesso em: 10 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Programa das disciplinas do curso de serviço social da UECE. Disponível em: <<http://www.uece.br/servicosocial/index.php/programadasdisciplinas>>. Acesso em: 10 out. de 2016.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'água Editores/Antropos, 1992.

VIEIRA, Madalena Rodrigues dos Santos; SILVA, Marluce Aparecida Souza e. Marcas e contradições na aposentadoria precoce: uma análise de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 11, 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: ABEPSS, 2008. p. 1-8.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. In: Conselho Federal de Serviço Social. **Serviço Social**: direitos sociais e competências profissionais. 2009. p. 1-26.

\_\_\_\_\_. A dimensão política do trabalho do assistente social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 120, p. 677-693, out./dez. 2014.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

Caro participante,

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa intitulada PENSAMENTO PÓS-MODERNO E SERVIÇO SOCIAL: RECEPÇÃO E POSICIONAMENTOS DA CATEGORIA PROFISSIONAL NOS CBAS, NOS ENPESS E NA UECE, que se refere à dissertação de mestrado de Yashmin Michelle Ribeiro de Araujo, matrícula 09.2015 no Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE), tendo como professora orientadora, a Profa. Dra. Cristiane Maria Marinho. O objetivo geral deste estudo é analisar os posicionamentos da categoria profissional sobre a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro. Os objetivos específicos correspondem a: avaliar a produção do conhecimento sobre o pensamento pós-moderno no Serviço Social brasileiro nos últimos ENPESS e CBAS; caracterizar os fundamentos do pensamento pós-moderno e das críticas dialético-marxistas à pós-modernidade; apresentar o debate e os posicionamentos dos teóricos do Serviço Social referentes às influências e o contato da categoria com o pensamento pós-moderno. Os sujeitos pesquisados serão os professores do curso de graduação em Serviço Social da UECE. A pesquisa terá como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada, fundamentada em um roteiro prévio de perguntas. A aplicação da entrevista será realizada de forma individual, por meio de uso de gravador, caso o sr./a sra. permita. Os dados obtidos por meio desta entrevista serão utilizados somente para fins de pesquisa, como em nossa dissertação de mestrado e em artigos científicos. Nestes, o anonimato do sr./ da sra. será garantido, sua identidade não será divulgada, sendo plenamente guardada em sigilo. Esta pesquisa, através da entrevista, respeita os preceitos éticos da Resolução 466/2012 e não oferece riscos a sua integridade física como participante, mas no mínimo pode provocar um desconforto pelo tempo exigido para discussão das perguntas ou um constrangimento pelo teor delas. Portanto, o sr./ a sra. possui a liberdade de retirar sua permissão de participação a qualquer momento, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo para si. Se o sr./ a sra. aceitar participar, estará contribuindo para a compreensão sobre a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social brasileiro, precipuamente no que concerne às percepções dos/as professores/as do curso de Serviço Social da UECE sobre este. Ressaltamos que o sr./ a sra. tem o direito de ser mantido/a atualizado/a sobre os resultados parciais e finais da pesquisa. Esta não lhe trará despesas pessoais e também não oferece compensação financeira pela sua participação. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será impresso em duas vias, uma delas ficará com o pesquisador e a outra com o sr./ a sra. Em qualquer etapa do estudo, o sr./ a sra. poderá contatar as pesquisadoras para o esclarecimento de dúvidas sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa ou para retirar o seu consentimento de utilização dos dados coletados. Para tanto, o sr./ a sra. poderá entrar em contato com as responsáveis: Yashmin Michelle Ribeiro de Araujo, telefone: (85) 9 97331611 (email: yashminmichelle@yahoo.com.br) e Cristiane Maria Marinho, telefone: 85 9 99248589 (email: caiomarinho1@gmail.com), assim como com o Comitê de Ética em Pesquisa da UECE, que se situa na Universidade Estadual do Ceará (UECE), na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza/CE, CEP: 60.714.903, Fone/Fax: (85) 3101-9890.

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG \_\_\_\_\_, confirmo que Yashmin Michelle Ribeiro de Araujo explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como os procedimentos utilizados para minha participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordei em dar meu consentimento como participante desta pesquisa.

Fortaleza/CE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2016.

---

(Assinatura do participante)

---

(Assinatura do pesquisador)

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

1. Fale-me um pouco da sua trajetória acadêmica e profissional.
2. Como você compreende o pensamento de Marx hoje: a sua efetividade, a sua resistência diante do avanço neoliberal? Como você o utiliza em suas aulas: a partir de textos do próprio autor, de leitores, comentadores da sua obra? Como se deu a sua aproximação/contato/influência (ou não) com o pensamento marxista/marxiano?
3. Como você teve contato/conheceu (ou não) as discussões referentes ao pensamento pós-moderno: a partir da graduação, mestrado, doutorado, curiosidade pessoal?
4. Como você compreende a pós-modernidade, o pós-modernismo, o pensamento pós-moderno? Você acredita na existência de uma sociedade pós-moderna ou na continuidade e prevalência da modernidade na era contemporânea?
5. Você utiliza o pensamento pós-moderno em suas aulas? Como você o utiliza: a partir de textos dos próprios autores, de leitores, de comentadores das suas obras? Antes de abordá-lo em sala, você o diferencia do pensamento da modernidade previamente?
6. Como você vê a recepção do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social na formação acadêmico-profissional? Você acredita em uma aproximação, em uma absorção não avaliada criticamente, em uma influência deste a partir do pluralismo, do ecletismo, das origens sincréticas da profissão? No currículo, nos materiais utilizados em sala, nas referências utilizadas por professores e alunos em sala ou nos grupos de estudo ou laboratórios de pesquisa?
7. Como você entende o debate da categoria em torno da relação entre teoria crítica marxista e pensamento pós-moderno dentro do Serviço Social?
8. Você avalia a utilização de autores pós-modernos pelo Serviço Social como propulsora de atitudes profissionais relativistas, discrepantes da direção hegemônica do projeto ético-político?

## APÊNDICE C – Resumo das entrevistas

### ENTREVISTADA 1

#### Parte 1

##### **Como você compreende a pós-modernidade?**

Primeiro, eu acho muito complexa a pós-modernidade, né. Eu acho assim muito complexo o pensamento pós-moderno: ele é muito complexo. E dentro da pós-modernidade há toda uma gama de variações muito grandes, de pensamentos de autores diferenciados. Por exemplo, se diz que o Foucault ele é pós-moderno, né?!, mas eu acho que o Foucault, ele tem muitas considerações interessantes, né. A contribuição dele não vai ferir o projeto ético-político, na minha concepção, né?!, porque eu acho que a gente tem que manter a análise crítica da sociedade capitalista. Por exemplo, o que eu entendo de pós-modernidade, que eu já li algumas coisas e fiz um curso, né, com um professor lá da Paraíba, né, sobre a pós-modernidade, é isso, eu compreendi que é um leque muito grande de ideias, né, que várias delas, várias dessas ideias não tem uma concepção marxista de análise da realidade social, né, não tem o método marxista como método de análise social né. Na realidade, acham, que o projeto, é o que eu penso, né, das minhas leituras... que o projeto da modernidade ele tem a razão como norte de apreensão da realidade e que a razão... é que o Marx é muito econômico né, que essa análise macroeconômica da realidade não dá conta das singularidades humanas, né..., mais ou menos isso, e que há muitas questões que fogem ao marxismo, questões da existência humana, né, questões objetivas, que não dá conta de uma análise macrossocial. Também, eu até acho que tem muitas questões que a análise macro não dá conta, né, mas é f-u-n-d-a-m-e-n-t-a-l... por exemplo, as questões espirituais.

#### Parte 2

**Aproveitando a conjuntura política de ontem, com a aprovação da PEC, eu queria que você comentasse um pouco se você acredita numa relação entre o pensamento pós-moderno e o neoconservadorismo.**

A gente tá vivendo uma conjuntura tão, tão delicada agora que... [...] eu acho que, que a gente tem que fazer aliança inclusive com essas pessoas [...] que são sensíveis no escopo da questão social e a gente se unir contra essa onda conservadora, muito maior [...]. Claro que essa onda conservadora fere o nosso projeto ético-político, né? Porque o nosso projeto é um projeto é...

é... emancipatório, questionador dos valores burgueses, né? “E o que a gente tá vendo agora?” [...] Vem se construindo isso, né...?! Começou assim: com a visibilidade na campanha eleitoral da Dilma, né..., e depois um ódio à esquerda, né?!... ao PT... [...]. Não sei se... se os pós-modernos, assim, que estudam, se eles estão [...] tão fechados com esse conservadorismo forte que tá no mundo e principalmente aqui na realidade brasileira, né? Porque assim... eu nunca vi, né... assim, na minha existência...[...] a gente ver conservadorismo [...] com força política. Esse conservadorismo com força política não é conservadorismo só no sentido de não apostar mais no marxismo, né? Porque, por exemplo, tem pessoas que acham que o marxismo não é mais a forma de pensar a realidade social, né? Mas, é... querem um capitalismo mais abrandado, né? Por exemplo... mas... no capitalismo em crise, esse abrandamento [...] não existe. Da primeira coisa que o capitalismo em crise faz é destruir os valores, destruir os direitos sociais... e destruir os valores emancipatórios, né? Então há uma onda muito grande...

**E particularizando um pouco para o caso do PEP do Serviço Social e a sua relação com o conservadorismo profissional.**

Essa onda conservadora que tá no Brasil, ela fere completamente, completamente, é... o nosso projeto profissional. Eu, eu posso dizer isso, né? Mas eu tive uma experiência agora recente, semana passada, que eu fiquei... que eu fiquei muito triste. [...] Eu dando aula, aí a aluna levantou e disse que, que seria uma ótima Assistente Social..., [...] mas [que] não é marxista, mas não é marxista! Eu fiquei tão revoltada com essa menina, que eu disse assim: “- Você tem o direito de ser o que você quiser” - eu disse. “Você tem o direito de ser o que você quiser... de ser o que você quiser, mas tá na hora..., você tá no quarto semestre..., de sair daqui, de sair do curso de Serviço Social! Me diga: - Como você vai, é...trabalhar, né... na sua vida, se você nega o projeto profissional que você foi formada, né? Se você nega o projeto profissional que você é formada, tá na hora de sair daqui! [...] Se não se identifica com a proposta do curso? Saia...Vá pra outro curso...é bem “facinho” ir pra Administração, ir pra Contabilidade que é do nosso próprio centro. Lá você vai se dar bem, né?!, porque lá é conservador! Lá, lá você pode... as suas ideias podem, podem casar: aí você fica bem! - Não! Eu não quero sair daqui! Eu gosto do Serviço Social! Pois eu me deparei semana passada com isso...

**A atitude dela pode ter relação com as influências do contexto político social, que interferem na individualidade das pessoas, não?**

É... [...] depois eu soube que ela é evangélica. [...] Ai tem os... valores que os alunos chegam, já muito solidificados com a religiosidade que é muito ligado a religião... as religiões mais conservadoras..., né? Então assim, eu fiquei muito preocupada com essa postura dessa menina! E é até corajosa..., porque eu acho que é muito desse jeito... não se posiciona. E ela se posicionou, né? [...].

### **Como você entende o pluralismo e o ecletismo?**

No caso, o pluralismo nosso, pelo menos o pluralismo que tá no nosso projeto profissional, que tá no nosso Código de Ética, nos princípios, né... desse projeto..., não é o sincretismo, não..., né? [...] Eu me lembro que eu fui pra um debate sobre pluralismo com [...] o Carlos Nelson Coutinho. Foi [ele] que deu [...] o fundamento teórico para [...] nós assistentes sociais discutirmos sobre o pluralismo e colocarmos o pluralismo no nosso Código de Ética Profissional, né? Como princípio, né... o pluralismo, a liberdade, a democracia, né... [...]. Ele diz que o pluralismo não é misturar teorias que não tem compatibilidades. Por exemplo, o marxismo não tem compatibilidade com a pós-modernidade, não tem! Não tem por quê?, né! Pelo que eu conheço..., conheço pouco da pós-modernidade [...], a pós-modernidade nega o marxismo como teoria de explicação da realidade, porque segundo eles [o marxismo] não dá conta da realidade, da micro realidade social, das singularidades humanas, né? E eu acho que dá! Tem os seus limites, porque a realidade... muitas coisas mudaram, mas a análise do Marx sobre a sociedade capitalista: nenhum autor, nenhum [...] autor é capaz, [...] depois do Marx. [...] Pra pensar o capitalismo, a explicação do Marx sobre o capitalismo é a que melhor se adequa, né!? Ate um pós-moderno [...], ele mesmo disse: “–Fui chamado pra falar sobre desemprego: não cabe na teoria pós-moderna, só nas ideias marxistas. Aí eu tive que recorrer ao velho Marx pra explicar o desemprego... né?” Quer dizer, [...] pra explicar o capitalismo não existe outro autor que não [seja] Marx, porque ele desvelou, [...] o funcionamento desse capitalismo, né... a mais-valia, né..., essa questão do lucro, né..., da coisificação das relações sociais, de tudo virar mercadoria: isso é do Marx! E continua tão vivo, né... com o capitalismo em crise [...], que abonou o estado de bem-estar social, que abonou a relação do Estado com a sociedade, né!? Essa coisa fica mais [...] com um grande agravante hoje que é a destruição da natureza [...].

### **E o pluralismo?!**

[...] Voltando ao pluralismo, o pluralismo é um pluralismo dentro do campo do marxismo, porque [...] o marxismo é cheio de... dentro dele mesmo há muitas contradições, não

pensamentos diferentes, né? Vertentes diferentes... né? Tem os ortodoxos, né..., tem os mais abertos... Tem vários autores... [...] que os mais ortodoxos não gostam... [...]. Quer dizer, dentro do marxismo, tem uma variação de pensamentos, mas tem um tronco comum, que é o Marx, né... que é a lógica, que é a crítica radical à lógica do capital..., né!? Todos têm em comum isso, mas [...] as estratégias políticas, né, dos movimentos é diferente. Por isso que tem tantas divergências dentro da esquerda, né? Aí o pluralismo que ele coloca, é o pluralismo das ideias, né? Não significa dizer que o projeto vá abarcar [...] um projeto profissional nosso vai pegar um monte de pós-modernos, de liberais, de não sei o quê e colocar: não [...].

### **Como fica, já que o Serviço Social tem uma visão hegemônica marxista?**

[...] Vamos supor que ela diga que ela é liberal, que ela se posiciona como liberal... não vou taxar ela de nada não... ela se posiciona como liberal... aí ela se posicionando como liberal... [...], não significa dizer que as ideias liberais vão fazer parte do projeto..., não, né? [...] Vamos supor que ela lá no cotidiano profissional, quando ela for profissional, né... Ela está lá só reproduzindo o que a ideologia dominante coloca, determina, que o Estado liberal coloca e tal e tal... E vamos supor que um usuário conhece nosso projeto..., né? E diga assim: “- Olhe, aquela assistente social... ela não tem uma posição... Ela é uma pessoa conservadora!”[...] Não é tratar mal: ela acha que Serviço Social é tratar bem as pessoas, né? Ela bota na cabeça dela: “Eu vou tratar bem os usuários... eu vou tratar muito bem os usuários!” [...]. Mas assim... como você vai tratar bem os usuários, né... não é a questão de tratar bem o usuário, né... é [de] entender como é que o usuário tá inserido na realidade, né? [...]: que realidade é essa que ele tá inserido e proporcionar pra ele alguns elementos críticos pra ele pensar a realidade. Se você não acredita nisso, você não vai proporcionar isso nada ao usuário. E se o usuário quiser, por exemplo, ele pode denunciar você porque você não tá... [...].

## **ENTREVISTADO 2**

### **O que você entende por pós-moderno?**

É, na verdade assim, eu nem gosto muito da expressão pós-moderno, porque eu acho que o pós-moderno ele traz uma ruptura que que não é real assim, não é efetivo, né. É tanto que no concurso [...] o tema da minha aula foi teoria e método é... e a dimensão da pesquisa no Serviço Social e eu não trabalhei com essa expressão pós-moderno, eu procurei trabalhar com a expressão pós-estruturalismo, né, que é... de algum modo, alguns autores que rompem com aquela ideia de estrutura, é... que determina a dimensão da cultura, da sociedade né e que

pensam aí outras relações é... numa perspectiva não estruturante, né, de uma fundamento aí que se apresenta e que segundo eles tá presente em autores aí como Marx, né e tal... Então, eu acho que a expressão pós-moderno ela foi é... ganhando no Serviço Social, eu acho, que mais corpo que em outras áreas, eu acho. A impressão que eu tenho, né. E aí eu acho que há uma resistência [...], que ela em muitos aspectos ela pode até não ser muito saudável né, porque isso nos afasta de um conhecimento que [...] traz claro outras referências pra gente. [...] O próprio Marx ele não tinha essa relação avessa aos autores que ele dialogava. Ele buscava repensar a partir de outros autores, por exemplo, Adam Smith, ele faz referências ao Adam Smith, ao próprio Hegel, né... Então, eu acho que a gente deve ter essas leituras... Eu acho que às vezes me parece uma relação muito religiosa, né... eu me lembro que uma das coisas... Eu entrei no Serviço Social, eu era evangélico, né, e uma das coisas que a minha professora de Filosofia colocou, que eu fiquei preocupado, é que ela disse assim, que: “Quando a gente tem verdades absolutas, se elas de fato são verdades absolutas e a gente tem convicções sobre elas, por mais que a gente se aproxime de outras verdades, essa não vai deixar de ser a verdade... e, se, de fato, a gente tem outras verdades, é que de fato a gente não tem tanta segurança nessas verdades que a gente tem”. Então, eu acho que muitas vezes tem essa meio... que essa relação religiosa com os teóricos, com as correntes, né, em que: “eu, ah não vou ler”. Parece que é o cristão que não pode ler o Alcorão, né, ou o mulçumano que não pode ler a Bíblia, né. Então, eu acho que é uma relação meio religiosa com o saber e com o conhecimento, né?!, que eu acho que não é saudável. Esses autores mesmo eles dialogavam, discutiam... e até agora aqui abrindo isso, porque a Filosofia ela tem esses diálogos possíveis, e que você tem base de autores, discussões que são muito legais, e isso não faz que a pessoa vá mudar de perspectiva porque leu ou porque discutiu com alguém que tem outra perspectiva e tal, né?! E eu acho que falta um pouco pra gente... do Serviço Social... há um radicalismo muito mais religioso do que militante, né.

**Como você vê o diálogo do Serviço Social com outras correntes e a relação da nossa profissão com o neoconservadorismo e o debate em torno da crise do PEP?**

Eu acho primeiro que a crise do projeto não é a crise do projeto, eu acho primeiro [...] que os limites do projeto são os limites da própria realidade, porque o projeto já surge numa época em que há uma mudança na relação Estado, sociedade civil e mercado. [...] Muitas vezes, nós nos dizemos marxistas, né, e temos uma postura idealista. Muito mais idealista do que marxista. Por exemplo, a perspectiva que a gente tem que o projeto tem que ter um Estado. Eu não diria nem tanto o projeto, porque o projeto não é uma coisa, o projeto são todos os

processos que dizem respeito às instâncias organizativas da profissão que dizem respeito às novas diretrizes curriculares, à referência que a profissão assume na década de 80 que é a da defesa do Estado, mas essa perspectiva que o Serviço Social defende de Estado, não é uma perspectiva propriamente marxiana, né?! Ela é uma perspectiva muitas vezes hegeliana, que é o Estado acima de todas as coisas, o Estado sendo o grande precursor da liberdade, da efetivação da liberdade plena, quando na verdade, é... o Estado pra Marx não é isso... [...]. Então, essa dimensão muitas vezes idealizadora do Estado é uma perspectiva hegeliana né?! [...] Eu penso que: “claro que tem algumas leituras que eu acho que elas... Claro que tem algumas leituras que elas podem ser meio complicadas porque elas meio que tem uma perspectiva meio individualizadora, meio individualizante, etc. e tal”. Então, na minha perspectiva, não seria assim de uma abertura total, né, porque vai romper de certa forma com uma referência que o curso construiu historicamente. [...] A questão é... de você não poder deixar de ter um diálogo com outras correntes, sobretudo, essas que pensaram o Serviço Social, sobretudo, pelo processo histórico. E você entender que esse próprio processo histórico não se rompe assim como a gente gostaria que ele se rompesse: não é que pós-80 o Serviço Social abandonou tudo que fazia antes e passou agora a assumir uma outra perspectiva. Claro que permanecem hoje práticas positivistas, práticas fenomenológicas, né... e também a apropriação de outras práticas que se constituíram dessa relação do Serviço Social com outras formas de pensar. Isso como você disse né, disse que falou da escolha das pessoas pra entrevistas, essas nossas idas pra outras áreas, Sociologia, Educação, Filosofia, né, nas Políticas Públicas, vai também nos aproximando de outras leituras e outros diálogos que vão compor o que nós somos né, como sujeitos e tal. Então, eu penso que essa ameaça ao projeto, por isso que eu digo que nós somos muitos hegelianos – não é uma ameaça ideal é... Parece que é um embate das ideias que está essa disputa é não é... A própria perspectiva marxista, da teoria crítica, fala dessa materialidade, esses embates tão no campo do real, tão no campo das ideias, tá entendendo? Não é um simples embate de ideias que vai dizer quem vai vencer e quem vai perder. Isso pra mim é meio idealista entendeu? Parece que assim: essa ideia é a que vai se efetivar na realidade, né... e não, e se isso aparece pra nós a gente tem que ter a tranquilidade de entender que isso tá no campo da realidade. E não dá pra gente simplesmente fechar os olhos e dizer: “– Não, vamos, continuar defendendo o projeto, defendendo o projeto”, de uma perspectiva ideal, de uma perspectiva idealista, não é. Como é que isso tá se materializando no campo da realidade, como é que a gente efetiva isso no campo do real e o que é mesmo que eu também tô entendendo, entendeu? o que é mesmo... a clareza do que eu tô defendendo, do que eu tô propondo, né, e... tem pessoas que defendem aí que seus livros

são lindos e maravilhosos, mas no campo da defesa política, de propostas e ideias, de materializar algo diferente, se fecham pra isso. E aí eu acho que a gente tem um discurso muito destoante do que a gente defende do ponto de vista da prática, entendeu? Então tem pessoas aí que são extremamente marxistas, do ponto de vista dos seus discursos, do que escrevem, do que produzem, mas no campo da realidade são extremamente conservadoras [...], que negam aquilo que consideram do ponto de vista dos seus escritos, entendeu? [...] Eu não acho que o Foucault deva ser descartado, ele tem uma pesquisa histórica aí extremamente importante, que não dá simplesmente pra eu chamar de pós-moderno e dizer que não... que não foi importante. Então, né, eu acho que Vigiar e Punir é uma obra interessantíssima pra quem vai estudar a questão do aprisionamento e se não passar por Vigiar e Punir, eu acho que cometeu um grande erro, entendeu?: um grande equívoco, né. Claro que tem outros autores, por exemplo: [...] autores que trazem uma mesma leitura que o Foucault faz sobre a origem do cárcere, mas puxando pra uma vertente marxista, pra uma vertente da teoria crítica [...]. Por exemplo, o Wacquant, que tá sendo fortemente agora utilizado pelo Serviço Social [...]. Ele foi aluno do Bourdieu né e... [...] ele se aproxima da perspectiva do Bourdieu. Ele tenta aproximar a-t-é metodologicamente o Marx do Bourdieu, né, o Wacquant. Ele vai dizer que a concepção de ideologia por exemplo de Marx se aproxima à perspectiva lá do Bourdieu de... poder simbólico, né, que o poder simbólico de algum modo se aproximaria ali da discussão da ideologia em Marx. Claro que pode ser uma tentativa de forçar a barra, né dele, mas o que eu tô querendo dizer com isso, é que esse autor também tem uma pesquisa maravilhosa sobre a questão penal nos Estados Unidos... e que dá pra dialogar com a questão penal aqui e que não dá simplesmente pra se dizer: “ –Mas, ah, ele foi aluno do Bourdieu e ele defende o poder simbólico, e aí eu não vou ler”. E então, eu acho que isso é religioso. Isso não é você fugir do ecletismo e isso não é pra mim também..., você seguir uma corrente e tal. Até porque eu acho que na academia, na academia não cabe isso... na universidade não cabe isso.... eu acho que não dá pra você ter esse purismo, esse purismo negativamente né. Eu continuo me afirmando como da tradição da teoria crítica, inclusive eu não me chamo de marxista, eu não gosto dessa expressão marxista. Eu acho que inclusive que tem muita coisa de ruim produzida pelo marxismo, entendeu?. Inclusive, politicamente, os marxistas eles são muito ortodoxos, eles são radicais no sentido radicais negativamente numa perspectiva de não compreender outras instâncias que fazem parte da vida, né. Eles têm relações de gênero complicadas, eles têm relação com o movimento LGBT complicada, tá entendendo? Eles têm posições conservadoras, né?! Eu tô dizendo marxistas, no sentido esses que [...] se autodenominam marxistas e que abrem a boca pra se dizerem marxistas, mas que [...] tão lá, que é o cara que

tá com autoritarismo na assembleia dos professores, tá entendendo? é o cara que dentro de sala de aula é extremamente ríspido com os alunos e tem uma relação hierarquizada com os alunos, é o cara que acha que a questão de gênero não é importante, tá entendendo? [...] Por isso, que eu não gosto de me nomear marxista. Eu gosto de me nomear como dentro da tradição da teoria crítica. É claro que Marx, é um dos autores que trazem traz essa tradição da teoria crítica, mas tem outros autores que a gente pode pensar, como Benjamin, outros autores que vão também no âmbito dessa tradição...

### **E sobre a defesa das minorias, dos novos movimentos sociais e a luta por uma causa coletiva e a construção de uma nova ordem societária?**

Eu acho que são dois movimentos distintos e não contraditórios. Dois movimentos distintos e contraditórios, não necessariamente, opostos e que se rompem. E eu acho que a militância nos ajuda a entender algumas coisas também. E eu acho que a militância nos ajuda a entender algumas coisas também, por exemplo, uma aproximação com Foucault além da tese, teve também a parte do movimento surdo... [...] Eu acho que há uma necessidade mesmo de transformação radical dessa sociedade, né, que esses movimentos eles podem ser muito inclusivistas, né. Eles acabam sendo meio particularistas e aí você não tem essa relação de uma totalidade, né. Essa compreensão de uma sociedade que de algum modo pode se constituir igualitariamente, né, mas ela acaba fragmentando mesmo, de uma perspectiva fragmentadora. O que isso não quer dizer que essas outras leituras não sejam necessárias para nos ajudar a compreender esses movimentos chamados aí de seguidados, né?!, mas pra gente entendê-los, já que a gente não falou sobre isso. Marx mesmo não falou sobre isso, longe disso! Ele não fala sobre isso, no sentido de separação..., de não pensar sobre isso. É importante a gente ler esses autores que pensaram sobre isso, pra compreender, pra entender, né... de que modo, de que aspectos a gente pode articular com essa luta mais geral, que eu acho que é a luta pela ruptura com a lógica da propriedade privada, com a lógica das relações de opressão da sociedade capitalista, certo?, que não devem se separar da luta pela emancipação da mulher, da luta pela emancipação do movimento LGBT, da luta pela emancipação dos negros, da luta pela emancipação das pessoas com deficiência, etc., etc., né. Então, eu acho que não são duas coisas opostas, que eu acho que a nossa tendência foi ou se conduzir muito pra essa lógica fragmentada, de que cada um luta pelo seu, ou você achar que essa é só a luta geral e as outras lutas elas são secundárias, e que aí você não vai lutar por elas, e que pela simples superação da sociedade burguesa, você vai superar todas essas questões, sem entender, compreender essas outras questões, sem se aproximar delas..., porque quando

eu digo compreender e entender, eu digo..., veja bem, na minha perspectiva da teoria crítica, do materialismo histórico-dialético, esse entender e compreender tem uma necessária relação com o real: eu não entendo do âmbito do meu gabinete. É necessário a aproximação. Eu entendo hoje a questão surda [...] pela minha inserção no movimento. Por essa aproximação, por esse contato com o real com a questão surda. Então, esse contato com o real, com a realidade, que nos possibilita a compreensão, né?! [...]. Então [...], o projeto ético-político, ele é um projeto que tem começo, meio e fim. Ele aponta para o seu fim, o projeto ético-político aponta pro seu fim, na medida em que como ele tem como referência a transformação da sociedade burguesa, ele propõe o fim das relações de trabalho, o fim da lógica capitalista, ele tá apontando pra uma forma de sociedade que a meu ver não vai precisar de assistente social e que nem mais vai mais tá nessa lógica da defesa do direito e do Estado, que é uma outra lógica de sociedade. [...] Ele não é um projeto que se pretende eternizado. E muitas vezes eu acho que a referência que nós temos no Serviço Social é dessa eternização do projeto ético-político ou de uma saudade..., de uma saudade de uma época que a gente não viveu, que é o Estado de Bem-estar Social, da classe social. Aquilo é que mais se adequaria à perspectiva do projeto ético-político do Serviço Social seria o Estado de Bem-estar Social europeu, né, do pleno emprego, de uma certa universalização e ampliação dos direitos, que é o que a gente não viveu aqui, a gente nunca viveu aqui no Brasil, né. Então, talvez, por não termos vivido essa experiência histórica [...] de uma realidade em que os direitos eles ganham... [...] Não é que eu tô dizendo... É claro que a gente teve aqui a constituição dos direitos, das mulheres, dos idosos, das crianças, dos adolescentes: óbvio que a gente teve isso. Mas eu tô falando que a gente não teve isso tal qual a Europa teve, né, que é um Estado de Bem-estar Social efetivo. Então, de um tal modo, a gente fica nessa defesa e aí a gente esquece aquilo que é o que o projeto aponta, que é a defesa dessa nova sociedade.

### **A incorporação do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social vem sendo feita pela defesa do pluralismo ou do ecletismo?**

Eu penso que nunca ficou claro pra gente a diferença entre pluralismo e ecletismo. Eu acho que não ficou claro. Eu acho que se a gente for pensar numa perspectiva de ecletismo, é você achar e dizer que tudo é a mesma coisa, né. E você achar: “- É, até aqui, eu sou marxista”, e eu não assumi uma posição. E eu acho que é muito do que eu diria de uma falsa neutralidade. “Ah, nós temos que ser Deus? e tal e não sei o que”. E [...] não nos assumirmos né enquanto uma corrente..., mas toda produção de saber, eu acho que toda produção do conhecimento que nós produzimos ela é conduzida por uma postura metodológica. Eu acho que a gente esquece

muito a dimensão metodológica, né, a dimensão metodológica, a dimensão do método. [...] O pluralismo seria eu entender essas outras correntes teóricas e metodológicas, mas na medida em que eu digo assim: “Foucault ele só observa o fenômeno”. Ok, Foucault só observa o fenômeno. O que é diferente de eu dizer que ao observar só o fenômeno, Foucault não conseguiu dizer nada sobre essa realidade, porque se ele se baseou apenas no fenômeno, ele isolou. “– Qual seria o papel da teoria crítica?”. Relacionar. Reestabelecer esse vínculo que o Foucault esqueceu ou que o Foucault não fez, que é o que o Marx com o Adam Smith... é o que Marx faz com outros autores que ele vai pensar. [...] Pra mim, isso é pluralismo: é você entender que essas formas de conhecimento, seja o positivismo, seja a fenomenologia, seja o chamado pós-estruturalismo ou o pós-modernismo, eles partem da realidade. Toda perspectiva teórica e científica: se não, não é científica. Elas não partem de uma... não são religiosas que partem de uma revelação divina. [...] Então, pra mim, ecletismo não é você usar na mesma disciplina textos de autores distintos, não é ecletismo. Pra mim, ecletismo não é você, num trabalho que você tá escrevendo usar autores distintos, isso pra mim, também não é ecletismo, né. Pra mim, ecletismo é você não ter clareza das referências que você toma [...]. É você não ter clareza [...] das correntes e você fazer uma salada mesmo... Você dizer coisas distintas, num mesmo processo e isso é ecletismo. Mas se você utilizar diversos autores tendo a clareza da perspectiva [não é ecletismo]. Por isso, que eu digo pras minhas alunas, “– Olha, quando você for construir a metodologia, que você acha que é o menos valorizado que eu tenho observado... não é só você botar lá o que você achou mais bonitinho. “–Ah. eu acho a dialética mais bonitinha”. Não, é você ter clareza do que o processo da sua pesquisa vai seguir essa perspectiva.

### ENTREVISTADA 3

#### **Fala um pouco da sua trajetória acadêmica, profissional...**

[...] Na minha época eu sentia muita dificuldade, é... com relação a essa liberdade de expressão... Eu vim de uma época que nós éramos meio que doutrinados. Acho que essa que era a palavra. Era uma época em que você não poderia dizer que você tinha uma religião na sala de aula. Hoje eu já não vejo isso. Até porque a gente tem um crescente de alunos que vem de religiões bem... bem definidas socialmente, que é a questão [...] principalmente da Igreja protestante, né?! A gente vê esse movimento hoje. Mas na minha época tinha um doutrinamento tanto ideológico quanto a... ia desde essa dimensão da ideológica [...] até a dimensão de como você se vestia. Tudo isso era muito difícil, era muito tenso.

**Eu já encontrei muitos trabalhos com relação a essa questão religiosa em que eles associavam a religião ao neoconservadorismo profissional. O que você pensa disso?**

Isso! Sim, a gente tem hoje. [...] Eu dou aula de Ética, né? [...], e uma das coisas que eu fui aprendendo... [...] é a minha questão religiosa, minha questão pessoal da questão profissional. Então, pra mim, isso é resolvido dentro de mim, mas na faculdade, na época da graduação, tinha muito isso, tinha muito mais arraigado [do] que você tem hoje, porque [...] hoje você tem uma abertura, porque você tem uma busca pela liberdade de expressão, liberdade religiosa, de gênero, de raça, de orientação sexual. Então, a gente tá numa onda de se falar muito de tolerância, de respeitar o diferente, mas na verdade pouquíssimo disso se vive, que é uma das coisas que eu vejo como contradição na própria academia. Não é que a prática seja diferente da teoria, mas o discurso tem sido diferente da prática... né? Mas na minha época era algo muito doutrinado mesmo, assim de [...] se você fosse um pouco mais arrumado, você era malvisto, era realmente uma espécie de segregação...

**E como você aborda Marx nas suas aulas? Você usa os leitores do Marx ou o próprio Marx? Quando os alunos se deparam com as leituras, eles questionam como se conseguir construir a nova ordem societária que nós, assistentes sociais, defendemos no nosso projeto?**

É... Primeira coisa: choca muito aos alunos [...] a minha expressão de religião, né? Então, eles já têm uma resistência, [...] de achar que eu vou ser aquela professora conservadora, né?!, neoconservadora, que tá ali pra doutrinar o povo e destruir Marx, né? [...]. Não adianta eu jogar um Marx “pesado”, que eles não vão absorver nada. O que é que vai acontecer? Uma apropriação e compreensão do marxismo equivocada e isso é muito perigoso, na minha percepção: mas eu uso! [...] Quando você vai falar da teoria do valor, uso o texto de Marx [...], o que [é] alienação: essas categorias mais fundamentais que a gente utiliza. [...] Teve uma pessoa que perguntou se eu acreditava nessa nova ordem societária, por meio do marxismo, né?, comunista... E aí eu, sinceramente..., olhei pra ela e disse assim: “–Eu gostaria..., mas eu não acredito! Mas eu não acredito não no sentido pessimista e nem acho que a sociedade capitalista é a melhor opção. Sabe?!, eu tenho plena consciência da exploração. Não concordo, não aceito, [...] tenho posicionamentos muito, muito claros com relação ao capitalismo: não precisa ser marxista pra ver que o capitalismo não tá dando certo! Mas [...] não vejo que o marxismo vai trazer essa resposta hoje e não vejo que a sociedade esteja aberta a ter essa resposta, porque a gente rola um processo de intensificação da própria alienação mesmo do ser humano, a indiferença, a intolerância, né? [...]. Você pode não ser

marxista, você pode ser conservador, você pode ser o que você quiser, desde que você considere aquela pessoa que você está atendendo: ela é uma pessoa! Se você acredita em Deus, ela é um filho de Deus e ela merece todo respeito. Se você acredita na sociedade comunista, ela é uma explorada que precisa ter seu direito garantido. Antes de tudo, eu acho que pra mim, que o ponto principal é a dignidade da pessoa humana. Então [...], se eu vou atender uma pessoa, por exemplo, vou [...] atender um casal homossexual e a pessoa: “– Como é que vai ser? Eles querem adotar uma criança”. A Igreja Católica não aprova. Eu sou católica! Eu concordo com aquilo que a Igreja coloca, não só porque a Igreja coloca e eu concordo, mas por uma série de problematizações que eu mesmo já faço em alguns estudos. Mas eu vou atendê-la do mesmo jeito! Porque é a questão da suspensão do cotidiano, não é a minha vontade que deve imperar sobre a vontade do coletivo, sabe? E isso pra mim é muito claro! Eu não concordo, eu não aceito: mas existe uma lei, existe um direito... e eu não posso deixar que a minha individualidade, a minha religiosidade, o meu pensamento, a minha moral..., ela se sobreponha a um direito, né? Isso é uma das coisas que eu trabalho em Ética, para além de trabalhar o marxismo, porque você pode, você tem seus preconceitos. Tem pessoas que são marxistas que são preconceituosas... entende? [...] Eu percebo sempre em sala de aula que muita gente tá ali, mas tá ali, não sabe por que tá e tal... e vai passando, muita gente absorve o discurso e fala e grita, mas... [reproduz?] Reproduz..., não problematiza, não se posiciona. E às vezes você não tem na graduação, você não tem abertura pra um pensamento diferente. Então, você acaba mesmo calando e só escutando: é o marxismo, é o marxismo. E quando você sai, você se liberta ou não..., que eu já vejo no mestrado. Embora haja uma posição direta, clara, expressiva da grande maioria dos professores pela dimensão dessa nova ordem societária, que alguns já nem sabem mais nem dizer o que é, né? Mas se você prestar atenção na sala de aula, os alunos do mestrado, eles são... eles resistem... Por exemplo na aula da XXXXXX... é uma resistência horrível... Assim: as pessoas detonavam o texto [...] porque era Foucault... Aí uma vez até ela disse: “– Mas, por que você não gosta de Foucault?... com a menina, sabe?!... Aí ela: “– Não, professora, eu não gosto”. “– Não, ela disse.” – Não, a gente não gosta por algum motivo. [...] A pessoa tem que ter um motivo pra não gostar. [...] Então, na sala de aula eu tento trabalhar muito isso. É... esse cuidado com o projeto ético-político..., tanto que eu tenho algumas pessoas que são católicas [...] que vem me perguntar como é que eu consigo conciliar o marxismo. Aí eu disse: “– É muito simples! O marxismo não é a escolha da minha vida... mas, eu não sou a favor do capitalismo, porque não precisa ser marxista pra isso... E outra coisa: a gente precisa deixar... as pessoas... escolherem. E eu dou aula [...] eu tenho uma ementa, eu tenho uma indicação bibliográfica. [...] Você tem

todo direito de pensar diferente, desde que o seu pensamento diferente não comprometa o seu compromisso com a profissão e com a direção política da profissão. Mas nem todo mundo tem maturidade [...], por isso que às vezes as pessoas acham que o pensamento pós-moderno é perigoso... eu não concordo... assim com essa ideia, mas também não concordo com o pensamento pós-moderno, com algumas coisas. E eu não acho que ele todo em si é perigoso.

**Então, como você interpreta o pensamento pós-moderno? Onde estaria a parte perigosa dele pra sociedade e pro Serviço Social?**

Eu acho que pra sociedade como um todo, sabe? A gente não pode ficar só olhando pra nossa caixinha, né? Por quê? [...] Às vezes eu sinto falta de um chão, sabe? Os pensadores pós-modernos eles fazem um diagnóstico perfeito da realidade: a sociedade tá assim! Mas eles não se perguntam pelas causas..., eles não se perguntam pelas consequências... Alguns até ensaiam, alguns apontamentos: nós vamos chegar a isso, mas eles não fazem o movimento que é..., que é uma das coisas que eu gosto do materialismo [...]. Eu vou com marxismo até onde eu acho que dar pra ir, que é o método. É, que pra mim é o que mais se adapta à leitura da realidade... né? [...] O método em si e as leituras e as descobertas de Marx são válidas. O pensamento pós-moderno não faz o caminho de volta... “Quais são as causas? O quê que tá por trás disso? Que vem com a reestruturação produtiva? [...] Que vem com essa captura da subjetividade operária?” Você tem uma extensão da jornada de trabalho que vai além das instituições..., que o seu trabalho passa a ser parte da sua vida: você tá em casa, mas você tá trabalhando; você tá de férias, mas o seu celular tá o tempo todo ligado; você pede uma semana de folga, o seu patrão te dá, mas assim..., você ganha um telefone institucional e você acha que já...: “Vixi, eu tô num alto cargo da empresa, eu tenho um carro, tenho um telefone institucional”. Só que tudo isso são amarras pra que você fique o tempo todo disponível pra empresa. E aí você têm os adoecimentos, que a gente tem na sociedade: a ansiedade, bipolaridade, pânico, depressão, suicídio... porque não se pergunta sobre as causas..., que eu acho que é perigoso do pensamento pós-moderno. Você tem o Zygmunt Bauman, que... se você for falar de afetividade, fantástico! Então tem uma coisa mais clara [...] a meu ver hoje, aquele amor líquido, vida líquida, sociedade líquida... pra definir... e aí também a psicologia usa muito..., o que é que nós temos hoje nos relacionamentos... “Eu não posso olhar pra isso?” Eu acho que é ignorância da nossa parte, olhar pra isso e dizer: “ – É mentira!” Ele não tá mentindo! Não... (risos), ele tá dizendo a verdade. Só que já entra numa vertente que eu não gosto muito, que é a vertente da autoajuda. Fica naqueles livros de autoajuda, naqueles processos que são superficiais... Eu te digo o que é, mas eu não te digo o que causa... que eu

acho que o pós-modernismo traz esse perigo, porque aí você vive alheio na sociedade, você vive o seu dia hoje, você tem que se preocupar..., isso exacerba o individualismo, isso [...] pra mim, potencializa a intolerância, a indiferença..., por quê? Porque eu só me preocupo comigo mesma. [...] Eu acho que esse é o perigo do pós-modernismo, mas Marx não conseguiu atingir tudo: ele nem terminou a obra dele. Então tem coisas e uma das coisas que pra mim é mais sensível..., talvez eu esteja dizendo uma besteira, mas a percepção que eu tenho, é: quando as pessoas falam da mudança..., né!? da nova ordem societária... de que o proletariado vai se unir... o próprio proletariado hoje já não é o proletariado fabril. Você tem... claro que ainda existe o proletariado fabril, mas você tem uma série de trabalhadores que não se inserem nesse contexto, que é o que Giovanni Alves fala de a classe-que-vive-do-trabalho, que são pessoas que são tão exploradas, tão expropriadas na sua condição de trabalhador, tanto quanto esse trabalhador fabril, mas que não se identificam como trabalhadores..., que são o... sei lá, o engenheiro. Ele é explorado, o professor é explorado..., o professor da Unifor é explorado, mas ele não se acha explorado, entendeu? Ele se acha top! Ele não se reconhece como trabalhador. Então fica muito difícil você pensar numa mudança social, sobretudo, na magnitude da população mundial de hoje... [...]. Marx falava de uma época que tinha bem menos gente, né? E aí que eu acho o ponto mais sensível é que pelo menos eu não li tudo sobre marxismo, a minha apropriação é uma apropriação da academia, apropriação que eu tive no mestrado, li algumas coisas, li muitos autores marxistas, li muito Giovanni Alves, Ricardo Antunes, Mészáros..., mas... eu não vi... exceto Giovanni Alves que fala um pouco da subjetividade. E aí isso é interessante. Eu acho que é por isso que tão com medo do pós-modernismo, porque o pós-modernismo fala muito disso, mas não fala com propriedade, a meu ver.... [...]

### **E então, pelo que, o pensamento pós-moderno seria responsável?**

É... eu acho que o pensamento pós-moderno é responsável por muitas coisas: o relativismo, por exemplo. Mas, não sei se eu tô me fazendo entender...o problema não é o Serviço Social, entende? As pessoas estão tendo, para além do Serviço Social, contato com autores pós-moderno. Por que pós-modernos?, porque é o que a sociedade tá colocando. É a sociedade da autoajuda, é a sociedade da enfermidade [...], tem crescido demais na dimensão da saúde mental, muita gente adoecida mentalmente. É pânico, é depressão, é uma série de coisas...: esquizofrenismo, estafa, depressão, esgotamento... e há um avanço, né...da psicologia, há um avanço da psicoterapia e há um avanço dessa [...] corrente de autoajuda. E você ver também que há um avanço dessa busca por uma religiosidade que se adequa ao meu problema...

**E o que você pensa do socialismo. As pessoas querem o socialismo? Os/as assistentes sociais querem o socialismo?**

Olha [...], eu vou ser muito sincera: eu não quero, eu não gostaria do modelo de socialismo que eu conheço no mundo, nem de comunismo..., porque eu vejo a contradição... É que assim, pra mim, existe um elemento que é fundamental, que é a coerência. Então, eu vejo muita incoerência... [...] É muito complicado eu acreditar nessas pessoas que [...] conclamam a uma mudança, a uma ordem societária, quando na verdade, elas... não obtêm nada disso no cotidiano. Eu acho que a coerência, ela é uma coerência de vida. Quando eu olho pra China, eu fico pensando: eu não gostaria de morar na China..., porque por mais que a gente saiba que o capitalismo aprisiona, [...] a meu ver são pessoas doentes, né...essas pessoas que são intolerantes, essas pessoas que são racistas, pessoas que fazem comentários assim, que eu fico... “Gente, isso existe!”, né!? Porque pra mim é tão surreal... [...] Você tem muito assistente social que se diz comunista, que se diz não sei o quê, que é muito grosseiro com os usuários... que não atende bem, que não tem compromisso com o usuário, que tá preocupado com a revolução, só que a revolução é aqui, é hoje, é agora, é no cotidiano, né?, que é o que a Agnes Heller também coloca... é marxista. Então você vê discrepâncias. Eu vou analisando e vou vendo esse todo. Aí eu olho pra uma China, eu olho pra Cuba e... eu não quero isso pra mim! [...] Tanto que quando eu vou falar [...] dar o conteúdo que é um conteúdo marxista, eu percebo que algumas pessoas estão meio cansadas. Eu tenho percebido isso na aula também, do marxismo, porque [elas] não veem no cotidiano isso se materializar... Eu sempre digo: “– Ó, isso aqui é a visão do curso, a direção ídeo-política, é assim que a gente tem trabalhado, é a base do Serviço Social, são os fundamentos...”, se você acredita, ótimo! Se você não acredita, você tem todo o direito de não acreditar, de pensar em uma outra coisa..., de ser conservador, neoconservador, pós-moderno, enfim... desde que, você sempre lembre que você precisa garantir o direito, que não é o que você acha que é direito, mas é aquilo que foi construído socialmente ao longo dos anos, que são os direitos humanos, os direitos da pessoa, sobretudo, a dignidade da pessoa. Mas eu vejo que alguns estão bem cansados, ao mesmo tempo [em] que eu vejo também alguns mais intolerantes, sobretudo, e aí não só eles, mas, assim, [é] o que eu tenho visto, né? [...] O Serviço Social não é Serviço Social pra fazer revolução. Não é a gente que vai puxar o comunismo, não é..., né? Isso já tá mais do que claro dentro da própria história profissional, mas a gente ainda continua confundindo, muitas vezes, a nossa militância...

### **E para os alunos, como eles veem a efetividade do marxismo?**

Com relação a essa questão da efetividade do marxismo, o método... eu acho que o método é muito eficaz. Então, na maioria das vezes eu foco no método. Até porque eu não acredito nessa nova ordem societária... [...] não só porque a própria sociedade capitalista não permite que haja isso, porque pelo próprio movimento do sistema capitalista, a tendência é a alienação [...] e a expropriação do trabalho... cada vez mais consumirem o trabalhador em si. E não só os trabalhadores são alienados: os donos das empresas, a meu ver, também são alienados... né? Porque é muito difícil você convencer uma pessoa de que ela tá explorando a outra. Ela acha que é a coisa mais normal! E a própria classe trabalhadora já nasce e já é doutrinada e já é educada porque todo sistema de Estado também... porque a gente tá dentro do sistema. Ninguém tá numa bolha à parte! [...] Isso é uma das coisas que eu acredito: nós construímos a história! Então, nós podemos mudar? Podemos!, mas a sociedade capitalista não vai permitir essa mudança... se não for via... uma ditadura, se não for o totalitarismo, se não houver mortes, se não houver [...] supressão de direitos, se não houver... Enfim, o que tem em Cuba, o que tem na China e nas outras... [...]

## **ENTREVISTADA 4**

### **Como é que você vê a continuidade do pensamento marxista hoje?**

Bom, nós não estamos vivendo a mesma realidade né, que Marx viveu há mais de um século atrás, né. Mas, a meu ver, né?!, olhando pra realidade, não só porque eu penso que seja assim, o critério de verdade, o próprio Marx nos ensina, é a realidade, e não o que eu penso o que a realidade é. A meu ver, o fundamental não se alterou, né [...]. O critério de liberdade é a realidade, e não o que eu penso o que a realidade é, né. Então, de lá pra cá, várias transformações se processaram no interior do capitalismo. O próprio Marx, no Manifesto Comunista, né, ele observa que o capitalismo é o modo de produção que mais revoluciona, e revoluciona constantemente. Até porque, como ele é um modo de produção marcado por contradições internas, né, vive o tempo todo em crise, né, que até pouco tempo, eram as chamadas de crises cíclicas, crises de superprodução: não tinha como escoar tanta mercadoria, tanta produção, e aí passava por um processo de destruição da força de trabalho, destruição de mercadorias, até encontrar novos patamares de lucratividade, né. Só que esse capitalismo, ele entra numa nova fase, né, que alguns autores, no interior do marxismo, afirmam que nós não estamos mais diante apenas de crises cíclicas, mas que ele atingiu um patamar de crise que atinge a sua própria estrutura, né, como diz Mészáros, é uma crise estrutural do capital. Então,

essas crises, elas fazem com que o sistema, ele se refuncione o tempo todo, no sentido de superá-las, e isso faz com que ocorram mudanças significativas, né, na sua base produtiva, na sua base política, ideológica, né, ou seja, isso vai se refratar em todas as instâncias da vida social [...]. Então, essa crise estrutural do capital, ela trouxe consequências bastante significativas nas últimas décadas, né. [...] Um [...] recurso da superação da crise é a intensificação da mundialização do capital, o capital financeiro, né, a financeirização do capital. Então, tudo isso, né, traz consequências profundas tanto pra esfera da produção quanto pra esfera da reprodução, né. E aí fez surgir várias especulações, né, do âmbito da academia. Nos anos 90, sobretudo, não se falava em outra coisa [...] a não ser da crise dos paradigmas, né. Essa história da crise dos paradigmas das Ciências Sociais, do fim das grandes narrativas, porque hoje nós estaríamos vivendo um tempo tão... uma realidade tão efêmera, tão volátil, que as grandes narrativas não seriam capazes de dar conta de explicar essa realidade. E que, agora, por conta dessa aceleração do tempo, não era possível dar conta da totalidade social, mas apenas do micro, né, do pequeno, do momento, e que, portanto, o que explica a realidade hoje, como nós temos esse quadro de desemprego estrutural, o trabalho acabou, né, então é o fim do trabalho, é o fim da forma de trabalho como sociabilidade humana. E aí, nós temos que encontrar outra coisa que dê centralidade à vida humana, e alguns defenderam que era a linguagem, outros defenderam que era, sei lá... agora não me ocorre as outras... [...].

**Como você interpreta a luta dos trabalhadores organizados nos seus sindicatos? Como uma luta individual pode mobilizar uma luta mais coletiva, mais revolucionária?**

Bom, de tudo isso que nós vivenciamos né?!, os sindicatos, o movimento sindical, ele não saiu ileso, né. É claro que todos esses fenômenos, né, todas essas mudanças na base produtiva teve sérios reflexos internamente no movimento sindical. E, além disso, o movimento sindical, ele já... a esquerda num modo geral, né, no Brasil, no mundo, ela já vinha sofrendo uma crise ideológica muito forte desde a queda do muro de Berlim, né, desde o final da União Soviética, com a queda que, historicamente, marca 1989, com a queda do muro, que é exatamente... [Logo depois, a crise de paradigmas...]. Exatamente. Então, tudo isso está articulado, por quê? Porque, até então, entendia-se que aquilo que acontecia na União Soviética, que aquilo que acontece em Cuba e parte da China, é comunismo, é socialismo, né. E até nós termos acesso aos elementos, né, com mais clareza as informações, pra fazer uma autocrítica de que a revolução se deu no sentido do socialismo, do comunismo, mas uma série de fatores históricos impediram que isso acontecesse de fato, né. E, na verdade, o que

aconteceu foi uma experiência, foram experiências totalitárias, né, acabaram se transformando em ditaduras, a meu ver, até piores do que as ditaduras de direita, porque é uma ditadura feita pelas mãos dos trabalhadores. Então, tudo isso mexe profundamente com a concepção política ideológica, né, porque a primeira concepção que se passa, e aí, o capital vai trabalhar fortemente nisso, né, a ideologia dominante, é de dizer que aquilo ali era comunismo e, se não deu certo, né, não deu certo, então, acabou a história. Até o secretário do governo americano [...], ele diz que chegamos ao fim da história, que o comunismo não deu certo e que a única alternativa possível é o capitalismo, né. Então, isso é um golpe muito duro pra classe trabalhadora, que, até então tinha aquele projeto societário, né, como horizonte e que, aí, de repente, aquilo não é mais o que se sonhava e é um certo extravio da esquerda, né. Muitas pessoas viram mesmo a casaca, mudam de lado e há um arrefecimento da luta em defesa do socialismo. Durante muito tempo nem se falava em socialismo, o que dirá no comunismo, né?! Isso também vai explicar a mudança de rota da esquerda no Brasil tanto por conta do processo histórico que nós estávamos vivendo de saída de uma ditadura de mais de 20 anos, né, o processo de redemocratização, como também dessa ressaca, né, do fim do socialismo real e da concepção que passou a se apregoar de que não é mais possível socialismo, comunismo, porque [...] se não deu certo, se aquilo era comunismo e não deu certo, a única sociedade possível é o capitalismo. Então, há uma ressaca muito grande e a classe trabalhadora, ela passa a defender, né, em vários setores, não mais a revolução, mas a democracia, né, não mais o processo revolucionário que vai culminar com o socialismo, com o comunismo. Mas ela passa a levantar as bandeiras da democratização, que, como nós sabemos, é uma bandeira muito importante pra que, inclusive, a classe trabalhadora possa se organizar livremente, né, do que numa ditadura. [...] A concepção de sindicato do materialismo histórico dialético, né, o que nós encontramos nas obras de Marx e Engels sobre a concepção do sindicato e de alguns marxistas que vem depois dele, é que o sindicato, ele é uma instituição muito importante da classe trabalhadora desde que ele consiga articular dois fatores: o fator econômico e o fator político. Ou seja, o sindicato, ele deve encampar suas lutas na defesa dos direitos da classe trabalhadora, das conquistas, por menores que sejam, mas ele não pode, apenas, se pautar nisso, ele tem que articular a defesa dos direitos sociais, né, dos direitos trabalhistas, articulada a uma luta maior, a um horizonte maior que é a superação do capitalismo, né. Se não, se moverá uma luta apenas economicista, uma luta dentro dos muros do capitalismo. Só, por que que nós temos assistido? Por conta de todas essas coisas que vem se processando, né, a crise, o fim do socialismo real, a profunda crise do capital e o seus recurso de superação, reestruturação produtiva, políticas neoliberais,

globalização, isso tudo tem reflexo direto no interior da classe trabalhadora, né. E aí, isso vai atingir as formas de luta dos sindicatos, que vão ficar presos, cada vez mais, a uma lógica reativa, né, não mais uma atuação que articula os interesses imediatos, do aqui e agora, aos interesses mediatos, o horizonte com vista de transformação social. Então, passa-se a lutar, talvez, nem mais por novas conquistas, mas apenas pela manutenção do direito que já estão estabelecidos [...].

### **O que você acredita que seja o pensamento pós-moderno?**

Primeiro, eu gostaria de dizer que eu não sou estudiosa da pós-modernidade, tá certo? Assim, ainda espero encontrar um tempo, um tempo histórico pra estudar... [...] Assim, eu não li os autores, né, que são tidos como pós-modernos, eu nunca li nenhum deles. Então, eu gostaria de ler pra compreender melhor, né. E aí, o que que eu entendo a partir dessas leituras breves que eu fiz, não das obras dos pós-modernos, mas da crítica marxista aos pós-modernos, né, eu vou falar nessa perspectiva. É entender que, primeiro, a pós-modernidade é a ideologia do capital em crise, né. O capitalismo, em todas as suas fases, ele teve que elaborar uma visão de mundo, uma interpretação de mundo, uma forma de gerar consenso, né, entre a classe trabalhadora. Foi liberalismo, veio neoliberalismo, né. E eu entendo que a pós-modernidade é exatamente a ideologia da atualidade do capital em crise, né. Então, é a concepção [...] ídeo teórica, né. [...]. Então, eu entendo isso, que a pós-modernidade é a ideologia do capital em crise, né. E essa ideologia do capital em crise, ela é uma afronta, né, é uma contraposição direta ao marxismo. Fala das metanarrativas, mas, na verdade, o inimigo jurado da pós-modernidade é o marxismo, né. Porque o que eles tentam desconstruir são exatamente as categorias fundamentais do marxismo, né, a totalidade social, o trabalho, a classe trabalhadora como classe revolucionária. Enfim, eles vão tentando desconstruir todas essas categorias que são centrais pro pensamento de Marx, né. Dizer que o marxismo não dá mais conta da realidade é dizer que a teoria valor não se sustenta, a teoria valor-trabalho não se sustenta mais, né. Então, nesse sentido, eu entendo que a pós-modernidade, ela é um recurso de maior alienação, que ela não explica a realidade, que ela não dá conta da realidade e ela se prende ao pequeno, ao micro, ao efêmero, né, e desvia a análise da totalidade social, das particularidades sociais pro singular. E, a meu ver, o singular não é capaz de explicar o todo, né. Ele faz parte do todo, ele só é compreendido à luz, como diz Marx, né, dessa totalidade de síntese de múltiplas determinações, que é a totalidade social.

**Você acha que a “incorporação”, esse contato, do Serviço Social com o pensamento pós-moderno se dá pela via do pluralismo ou pela via do ecletismo?**

[...] Tem tudo a ver com a base sincrética, né, o sincretismo que está na questão social, na ideologia, né, mas me parece muito mais com ecletismo do que o pluralismo, né. Eu posso dialogar com teorias que não me neguem. Por exemplo: “Como é que o positivismo pode dialogar com o marxismo?” Não há diálogo, que um representa os interesses e necessidades da classe dominante, o outro representa os interesses e necessidades da classe dominada, né. Então, são métodos que são antagônicos, eles se chocam. Então, eu não posso pegar um autor, pra elaborar um texto, um autor que se situa no campo do positivismo e outro que se situa no campo do marxismo pra analisar a mesma coisa como se fosse o mesmo método, né. Então, então são posições que se chocam. E, a meu ver, a pós-modernidade, ela tem essa mesma característica, e hoje, ela é a ideologia que representa os interesses e necessidades da classe dominante, né. Então, a sua inserção no Serviço Social, ela não se dá numa forma de diálogo, do pluralismo, mas, na forma do ecletismo, que seria juntar compreensões que se chocam, visões de mundo que se chocam, que se negam. Claramente, a pós-modernidade é uma negação do marxismo [...].

**Como o pensamento pós-moderno pode estar se materializando nas posturas profissionais?**

Bom, se o profissional que está, né, atuando diretamente junto à classe trabalhadora, como assistente social, nas políticas públicas, [...] no arco diversificado de políticas públicas, hoje cada vez mais reduzidas, né. Se ele está lá e se ele, uma das primeiras coisas, se ele perde a visão de totalidade social, né, ele vai atender aquele trabalhador sem fazer as devidas conexões, né, com a realidade social que faz com que aquele trabalhador esteja ali precisando de uma política pública, né. Então, uma das coisas, uma das primeiras coisas, né, que se perde e que é fundamental pro assistente social, é essa compreensão da totalidade social, de entender aquele trabalhador que chega pra ser atendido no Serviço Social da forma mais fragilizada possível, né, mais desumana possível, né, e que não é culpa dele, mas que é culpa de um sistema maior que cria uma série de problemas a partir da exploração do capital sobre o trabalho, e que isso chega na totalidade da vida de todos nós. E aí, nós poderemos voltar àquela concepção, né, da atuação do Serviço Social como um estudo de caso, né. Um estudo de caso que vai analisar cada caso individualmente, entendendo que aquele problema é do indivíduo, é do sujeito e não da realidade social, que gera todos aqueles problemas sociais, né. Isso é um dos aspectos, mas vários outros seria a perda de compreensão de humanidade

mesmo, né, de ver aquele trabalhador e entender que ele é um trabalhador, que nós nos reconhecemos como companheiros dele, porque mesmo que de forma bastante diferente, né, nós não estamos vinculados à produção de mais-valia [...], nós não estamos na relação homem/natureza, nós estamos na relação homem/homem. Portanto, estamos mais no campo, estamos no campo da ideologia, e não no campo do trabalho em si. Então, essa perda da compreensão que o materialismo histórico nos deu, né, e que nos fez dar um salto imenso em relação [...] à compreensão que nós tínhamos de atuação, que nós tínhamos antes, nós podemos retroceder, né, retroceder isso tudo, e [...] já que a pós-modernidade entende que trabalho não é central, que a classe trabalhadora não é a classe revolucionária, que o importante é o micro, né, o pequeno, então, nós vamos perdendo, inclusive, a nossa identidade como trabalhador, né, como representante dessa classe, e como aquele que tomou partido também. O nosso Código de Ética deixa isso claro, né, que nós tomamos um partido e, que nosso partido, é a classe trabalhadora. Nós estamos do lado da classe trabalhadora por mais que continuemos sendo demandados pela classe dominante pra atuar junto à classe dominada, na qual nós também nos inserimos. É muita contradição!

## ENTREVISTADA 5

### **Como é que você vê a efetividade do marxismo e a proposta do Serviço Social de efetivar um projeto marxista neste momento?**

É... eu acho que nesse momento, o Serviço Social se fortalece, né... nessa linha. Tem também aí uma questão que não pode ser desconsiderada, que foi a entrada do PT em cena, né..., que na verdade eu nunca achei que Lula foi um governante socialista. Eu achava que ele era muito mais nacionalista, né? Porque na verdade ele nunca conseguiu romper com os princípios do neoliberalismo, mas era um governo [...] que tocava na questão das desigualdades, que lutava pela equidade e pela justiça social, pela redistribuição da renda, né? Então [...] foi muito bom, foi propício. Então, o Serviço Social se fortalece nessa linha, né... todos os movimentos sociais, né... o governo dava toda uma cobertura pra isso. Então eu acho que ele se fortaleceu. Mas, neste mesmo momento, no mundo, começa a surgir essas questões que são tratadas em nível [...] que já vinha na década de 50 no mundo, mas que vai chegando devagarinho, devagarinho... e que só se instala realmente [...] eu acho que na década de 80 e 90, que é essa questão do pós-moderno... [...] Dificilmente você vai encontrar um autor que coloque onde essa passagem da modernidade pra pós-modernidade. A gente não sabe! Ah, você encontra

até autores que podem demarcar que foi na década de 50, do moderno pro pós-moderno, e também uma dificuldade enorme de algum pensador dizer o que é pós-moderno.

**Você acha que o marxismo pode dialogar com outras correntes? E o que você entende por pós-moderno?**

Eu acho o seguinte... Eu sei que eu fui pra um evento [...], onde eu fiz uma fala e que [...] na verdade, nesse dia, [...] nesse evento..., eu não sei como não me botaram pra baixo da mesa [...], porque eu comecei a falar que o marxismo era muito fecundo, que o marxismo era [...] uma teoria muito fecunda, que dava conta, mas ele [...] não podia nesse momento, sozinho, dar conta da complexidade da vida contemporânea, e que não via nenhum problema em o marxismo dialogar com outras teorias....: “-Para dar conta de quê?” Do efêmero, do passageiro, do pontual, do individual..., para dar conta da dimensão cultural da vida, para dar conta de uma série de coisas que estavam acontecendo na sociedade dita pós-moderna, que o marxismo não dava conta, e que eu tinha certeza que se Marx tivesse vivo, ele sugeria esse diálogo do marxismo com outras teorias. Por que [...] o marxismo não poderia [...] dialogar, por exemplo, com as teorias culturalistas? Marx não deu conta de tudo! Os marxistas não deram conta de tudo! Como é que o Marx ia [...] explicar, porque a produção dele para numa época... a questão do indivíduo [...], da pessoa que vive na sociedade atual e que diz que quer morar só, que vive só, que respeite a individualidade dele. E aí comecei a ficar muito curiosa com essa relação entre igualdade e diferença, entre o universal e o particular... certo? Então, pra mim, ainda hoje, é muito fecundo essa dualidade: igualdade e diferença. Pra entender direitos humanos, direitos sociais, cidadania, pra entender o mundo atual, a gente precisa compreender e aprofundar esta relação entre igualdade e diferença, o quê que é ser igual e o quê que é ser diferente. Por exemplo, o Flávio Pierucci, que é o autor desse texto *Ciladas da diferença*, ele diz que quem defende a diferença propõe a hierarquia, e a hierarquia não interessa a quem propõe a questão da igualdade. A hierarquia [...] pressupõe privilégios. A hierarquia demarca posições hierárquicas [...]. Então, quando ele diz assim: “- Olhe, cuidado com esse discurso da diferença, porque a perspectiva culturalista, que é tida como a posição dos pós-modernos”. Pós-moderno hoje de uma forma [...] bem rasa... pós-moderno é aquele que defende a perspectiva culturalista. “O que é a perspectiva culturalista?” É aquela que vai buscar o significado da sociabilidade das relações tentando entender o diferente. Aí os marxistas ortodoxos dizem que esse é um discurso ultraconservador, porque no momento em que você defende a diferença você pressupõe a hierarquia e não há como conviver [...] com a igualdade pressupondo a diferença. Tem assim uma discussão muito profunda, muito

fecunda... e tá no cerne dessa coisa do que é ser pós-moderno, [...] Eu acho muito ruim, essa coisa de dizer[...]: “- A professora é pós-moderna!”. Eu não sei nem o que é ser pós-moderno, como é que eu sou pós-moderna? O que é ser pós-moderna? [...]. “Como é que alguém taxa o outro de ser pós-moderno?!”. Então, ser pós-moderno virou sinônimo de ser reacionário, [...] de ter dito não ao marxismo..., né!? E... na verdade, eu acho que não é por aí...

**Alguns autores marxistas defendem que o marxismo valorizou as minorias e que a ideia pós-moderna de que isso não teria acontecido seria um equívoco. Como é que você vê essa postura?**

[...] Veja bem [...] essa valorização das minorias vem muito da discussão do diferente, né... Essa questão da diferença, é... porque a teoria marxista na sua essência [...] ela converge pra questão do coletivo, do universal, da equidade, da igualdade...da igualdade! Então, fica muito complicado [...] você querer achar algum elogio à diferença no contexto de uma teoria marxista ou marxiana [...], se tem, é muito diluído, porque Marx na obra econômica dele, ele diz uma coisa muito interessante que eles podem pegar por aí. Ele diz assim: “- Até os dedos das mãos são diferentes. E aí vem com toda aquela história de que pra que haja igualdade, pra que haja equidade é preciso que se respeitem as diferenças... num é? Mas ele falava isso. [...] Eu entendo que se falava da seguinte maneira: [...] num era no sentido [...] do reconhecimento de grupo de diferenças das pessoas, etc., etc., muito mais no sentido da capacidade...né?, na capacidade de trabalho... que ele dizia: “- De cada um, segundo a sua capacidade. A cada um, segundo a sua necessidade!”. E Marx falava isso... certo? Mas era muito mais analisando força de trabalho, relações de trabalho e processo de trabalho. Não era nessa perspectiva culturalista de entender a existência do diferente e de respeitar a diferença, a multiplicidade e a complexidade: não era! Não é mesmo! Porque senão não seria o marxismo, né? Aquele marxismo que denuncia que toda uma estrutura capitalista, né... num momento em que ela tem a base econômica assentada na contradição capital e trabalho e a superestrutura onde o jurídico, político, ideológico está ali para garantir a reprodução do modo de produção capitalista: [...] esse marxismo que denuncia esse sistema, ele jamais faria uma apologia à diferença, nesse sentido. Eu acho que [...] quando ele trabalha a diferença é muito mais no sentido de capacidade do trabalho.

**E a luta das minorias ela desmobiliza a luta coletiva em favor da construção da nova ordem societária?**

Olha, a gente pode até em tese achar que sim, mas ou a gente reconhece as diferenças ou então nós não podemos falar em coletivo nenhum. E eu cheguei a essa conclusão quando eu participei ativamente da última Conferência de Mulheres daqui do Ceará. O auditório, tivemos, vamos dizer, 200 mulheres [...]. Depois eu fui pra uma sala onde eu coordenei um grupo de mulheres, é... pra encaminhar propostas pra Conferência Nacional. Eu nunca tinha visto tantas mulheres diferentes. Tinha mulher querendo formar um grupo de mulheres mastectomizadas, tinha um grupo querendo formar um grupo de mulheres cadeirantes, tinha um grupo de mulheres quilombolas, um grupo de mulheres vítima de violência. Elas próprias começaram a formar guetos. [...]: aquilo era um movimento! Um movimento espontâneo! Elas.... estavam lá numa conferência e a única coisa que não pairava era a unicidade do movimento. Então, mesmo que a gente feche os olhos, as diferenças, elas são muito claras, né? Em tese, a gente pode até dizer assim: “as minorias [...] elas fracionam. E é muito tentador o pensamento do Fábio Pierucci... quando ele [...] diz assim [...]: “- Diferença pressupõe hierarquia. Onde há hierarquia, não há igualdade”. Essa é uma coisa pra se pensar [...].

**E com relação a este contato com autores de outras linhas teóricas que o Serviço Social tem mais contato nas disciplinas da graduação e que você também teve contato na sua trajetória acadêmica...**

Bourdieu, né? Então... eu não cheguei a ver Foucault, não... [...], eu acho que ele faleceu antes de Bourdieu, mas esse contato... Quer dizer, pra mim, naquela época [...] que eu tive [...], e já percebia que a perspectiva culturalista era emancipatória. E quando eu chego aqui, me dá uma angústia horrível porque eu achava que aquelas pessoas doutrinadas, que não dominavam o marxismo, taxavam essa perspectiva de... é... tradicional e conservadora. E aí eu ficava assim sem saber como agir, porque tipo assim, fora do marxismo não há solução. E eu acho que Marx, ele... ele foi quem propôs nas entrelinhas que pra você penetrar na essência dos fatos, num é... você tinha que tá aberto. Uma postura aberta. Ele sempre propôs essa abertura.

**Como você avalia essa utilização dos autores pós-modernos pelo Serviço Social? O pós-moderno pode ajudar a reatualizar práticas relativistas, neoconservadoras?**

[...] Eu não, eu não vejo o Serviço Social fortalecido nem no marxismo, nem nos pós-modernos. Eu vejo uma coisa assim meio... nebulosa ainda. Pega metade daqui, um trecho texto dali... [...] Inconsistente... Por exemplo, [...] eu me nego a fazer apostilas e deixar na xerox pro aluno tirar xerox. Vamos para a fonte! Vamos para o autor! Vamos acabar com esse

apud! Eu me nego a deixar coisa pra tirar xerox. Que você vê que às vezes são coletâneas de pedaços de livros, pedaços de autores que os alunos vêem, assim, de forma pulverizada. Pra mim, é uma formação ainda doutrinária, mas ainda mais fragilizada do que foi na década de 90, sabe? Os professores saíram, fizeram pós, aí eles se especializam nas suas linhas, mas no conjunto, você ainda vê muita fragilidade. Vou lhe dizer o por quê. Porque participo das bancas de seleção de mestrado, e eu vi, na última seleção que eu participei, muita fragilidade dos alunos ao descrever a temática solicitada.... [...]. O Serviço Social na contemporaneidade, entendeu? Então, os alunos ficam presos a 1920 falando sobre marxismo, marxismo, marxismo..., não conseguem chegar no pós-80, nem conseguem dizer nada do que tá acontecendo no momento contemporâneo, sabe? Eles apreenderam aquela coisa, mas eles só conseguem explicar a história. A história do Serviço Social fortemente influenciada pelo marxismo, um discurso, é... ideologizado, totalmente ideologizado e despreparado para dar conta da realidade em movimento. Não consegue chegar no atual e nem conseguem entender o atual. Como se eles tivessem policiados... [...] E não se posicionam e por isso, eles ficam... como se boiando aqui...no final, no momento atual.

## ENTREVISTADA 6

### **Como é que você/a sra. vê, antes e hoje, a efetividade do marxismo?**

[...] Assim, é uma tradição que, no Serviço Social, o pessoal vai chamar as pessoas que não são ortodoxas, porque o que é [...] que eu vou compreender de ortodoxa? Com a Quarta Internacional, como estão esses Partidos Comunistas, os grandes congressos internacionais comunistas estão de ruptura com a questão do ortodoxismo. [...] Quando é que essas novas interpretações vieram? Aqui, chega em 1930, com a Escola de Frankfurt. A Escola de Frankfurt, ela vai questionar a ortodoxia do marxismo como expressão máxima da União Soviética. Porque, assim, o marxismo, ele vai ser analisado na sua prática também, não é só você teorizar. Então, a própria burocracia, burocratismo que tomou conta da Revolução, do processo russo [...].E aí, como nós ficamos muito voltados para dentro do Brasil, né, e o que chegava nos partidos comunistas, nos partidos. Os partidos, também, eles são muito manipuladores. Eles só chegavam porque, nessa época, a gente não tinha acesso a outras interpretações. [...] Essa interpretação mostrava o seguinte, o que é a não ortodoxia. O ortodoxo é você aceitar [...] como um dogma o que Marx diz. [...] “O que é que o marxismo ortodoxo vai dizer numa interpretação dos comunistas?” É que classe determina a determinação de todos os processos da determinação de classe. “O que é que as outras

interpretações e o mundo que já vivia muito mais desenvolvido, em relações mais tecnologicamente desenvolvidas?” Eles vão dizer que classe só não dá mais conta. É tanto que já começa a surgir, nesses países, as explicações de gênero, geração e etnia, as explicações culturais também. E, vai dizer o seguinte, reconhece a questão de classe, mas, em algumas situações, por exemplo, na questão trabalho, sim, mas Marx não vai explicar as relações de gênero, porque não há nas relações de gênero, não há uma exploração do homem, é... o homem não explora a mulher, o homem subordina a mulher. Então, nós vamos pegar autores como Bourdieu, nós vamos pegar autores que vão dar essa interpretação, né. Como, você vai ver, o primeiro momento ainda do livro da Saffioti é uma leitura de Marx. Então, o próprio sistema de gênero passou muito tempo enrolado nessa questão e não avançou, porque nós só avançamos quando nos descolamos do marxismo ortodoxo e fomos ver como era que essas relações se davam, né. Então, nesse momento, a pós-modernidade, ela vai se traduzir como outras interpretações que, não necessariamente, você... no pé das explicações de Marx, mas práxis não é um determinante pra explicar todas as relações sociais. Nós vamos ver que etnia, o aspecto cultural vai ter muita influência nas relações, né, de dominação e subordinação, porque exploração, assim, pegando na palavra de Marx, é exploração é quando você produz a mais-valia e, no trabalho doméstico, a mulher não produz a mais-valia, né. E além de tudo isso, vai ter crítica a Marx, porque Marx não é Deus, Marx é... Marx, conhecendo a análise feita do capitalismo, como já tinha havido no capitalismo vai haver a separação entre o público e o privado, ele não vai reconhecer que o trabalho doméstico é um trabalho com valor, que é um trabalho que é sabidamente quando houve a Revolução Francesa, se separou o público e o privado. Então, tudo o que é público, tudo o que é público tem valor e tudo o que é privado não tem visibilidade, não é mercadoria, não vai para o mercado, né. E, a partir disso aí, nós, grande parte dos marxistas do mundo inteiro, viram isso e eles foram considerados os pós-modernos. Quer dizer que nós somos, porque, a modernidade, ela vai se dar no meio da Revolução Francesa, ela vai se dar [...] na construção do indivíduo através de Rousseau. Eles vão construir o indivíduo, mas esse indivíduo, ele é homem, ele é macho, ele vai ter o princípio de individualidade, então, os direitos, né, todos os direitos humanos, o princípio do indivíduo, da liberdade e da fraternidade. “Mas qual é a liberdade?” É a liberdade individual, a fraternidade é também uma fraternidade individual, onde as mulheres não são cidadãs, onde as pessoas, os diferentes não aparecem, enquanto cidadãos não têm direitos, né.

**A luta de pequenos grupos individuais já pode ocasionar algumas diferenças da luta pela coletiva dos homens pela transformação da história. O que a senhora pensa disso?**

Então, é o seguinte, eu acho que isso é um não entendimento. Marx vai dizer que o processo de mudança é o processo de revolução, e quem vai fazer a revolução é o Partido Operário, por isso a luta de classe é o que determina o processo de revolução, né. Embora, em várias obras, ele conceba o processo acumulativo, né. Então, quando aparece esses outros [...] o mais importante é a luta de classes. Quando aparece os outros movimentos, vão ser chamados os novos movimentos sociais, que nós vamos colocar, que nós vamos estudar lá. Até então, o Brasil ainda não tinha tomado conhecimento disso. Então, são organizações da sociedade civil que, não necessariamente, lutam por classe social, mas não quer dizer que eles não se mobilizem e não se misturem e tem determinados momentos que essa luta... A grande questão é quem determina [...]. O viés ortodoxo é esse viés que a luta de classe é a única luta reconhecida. Então, vão aparecer esses novos movimentos sociais que vão dizer que não é essa explicação única, que vão existir os movimentos de classe, mas eles não podem colar os outros movimentos só no movimento de classe. Independente até de colar, eles surgiram, eles surgiram e eles estão aí, né. E você vai ver que isso é tão verdadeiro que a gente vai ver hoje no Brasil, hoje, nesse dia, estão juntos os operários, as mulheres, os negros, os homossexuais? E tem, também, gente que não vai. Então, [...] tem os movimentos de direita que é outra coisa [...] E nós vamos ver os movimentos de jovens de direita do Brasil. Então, é isso que a gente quer dizer, né, que a determinação de classe, pra hoje, ela depende do momento e da relação. Dos movimentos de classe, dos movimentos dos trabalhadores, é movimento de classe. Os movimentos sociais, como os movimentos de mulheres, os movimentos de negros, embora passe a situação de classe, mas ele não vai determinar a situação, e a situação não de exploração, que Marx vai estudar só essas relações de exploração. Marx não vai estudar as relações de subordinação. E aí, nós vamos ver que dentro do próprio Partido Comunista, existia esse embate. Nós vamos ver Rosa de Luxemburgo falando disso, né. Rosa de Luxemburgo não teve um protagonismo dentro do Partido Comunista russo [...]. Então, esses homens eram machistas, era profundamente machista. [...] E mostrando a opressão. As discussões dentro dos partidos eram severas, essas mulheres, elas eram inteligentíssimas e nunca estiveram à frente do partido porque eles não deixavam, entendeu?

**O pensamento pós-moderno pode trazer para o próprio campo teórico do Serviço Social posturas de teor conservador e, no campo da prática, explicar o pragmatismo, o voluntarismo?**

Eu acho, assim, o Serviço Social nunca foi unânime. Eu via, na época da Virada, na época, antes mesmo, sempre existia muitas assistentes sociais conservadoras, muitas assistentes

sociais de direita. Quer dizer, não é uma influência de um pensamento. Eu vou achar aí que é uma opção, também, individual. Quer dizer, o conservadorismo, ele tá no mundo desde que o mundo existe, como o outro lado também. O que eu tenho que fazer é o seguinte: “quais foram as explicações?” [...], porque aí, eu acho que, o Serviço Social, ele vai marcar, também, muito profundo idealismo. Eu vejo, por exemplo, o que é que Marx vai dizer das relações? [...]. A teoria vem da prática, a teoria vem do olhar sobre a realidade. A teoria não é uma coisa que eu vou, eu crio a teoria: isso é idealismo, isso é religião, isso é hegelianismo. Eu crio uma teoria e vou ver na prática, isso é prática de modelo. Eu crio uma teoria e vou olhar se na prática aconteceu. Não é Marx, ele foi, ele mostrou esse caminho. Materialismo de Marx é, vem da empiria, vem das relações sociais, vem desses estudos, por isso é que os estudos dele, metodologicamente, são profundamente interessantes. Agora, Marx viveu numa época de uma sociedade que não era complexa. Capitalismo comercial, capitalismo industrial começando, né?! Depois nós vamos ver Weber que vai mostrar o papel da burocracia. Weber vai discordar profundamente de Marx, que Weber vai mostrar o acesso às classes sociais não do domínio do modo de produção; quem vende a força de trabalho, as categorias são outras. Ele vai ver que você ascende à classe através do conhecimento, através do mercado de trabalho, né. Mas, eu não vou, na hora de mostrar a sociedade complexa, uma sociedade burocrática, eu vou buscar em Weber, eu não vou. [...]. Eu tô acostumada, no Serviço Social, dizer: “- Vão olhar Weber nas classes sociais!”. Por quê? No Brasil, se você se formar, muitas vezes, você ascende de classe social. Então, Weber vai explicar isso aí, né. Numa sociedade menos complexa, numa sociedade menos automática, nós ascendemos de classe social quando a gente estuda e faz um nível superior, né. Nós começamos agora, já tá um negócio muito mais complicado, porque você vai ver aí [...] também o imperialismo. Você não pode analisar Marx no contexto de início do capitalismo. Nós vamos ver a complexidade do imperialismo [...] do papel do conhecimento, né, de uma sociedade complexa. Então, se eu vivo hoje, eu vou analisar essa conjuntura, eu não vou analisar do ponto de vista do modelo que tá na minha cabeça. Eu vou olhar quais são as relações sociais, o que é que é emana e vou ver quais são os teóricos que vão explicar, fazer minhas críticas também a eles, né. E vou ver o teórico que vai propor o conservadorismo, a manutenção, o *status quo*, e vou ver os teóricos que buscam a questão da transformação da sociedade. Então isso, e rever que todo momento teve conservadores independente... [...]. “Qual é o papel que tem uma ideologia?”... a ideologia não transforma a cabeça das pessoas [...]. A gente suscita, mas as pessoas tomam o caminho ideológico que quiserem, né?! Eu vou: “Você vem discutir comigo e eu vou ver”. Mas, é a partir de uma realidade, é a partir desses entendimentos.

**Talvez essa limitação de aprofundamento em outras correntes metodológicas poderia estar gerando consequências com relação ao posicionamento que a categoria tem hoje diante do pensamento pós-moderno?**

Existe sabe o que? O marxismo, o ortodoxismo não dá conta mais hoje. E as pessoas também e os professores estão se formando e estão penetrando na formação que é a coisa mais... Ora, se eu vou trabalhar com idoso, eu tenho que estudar geração, eu tenho que estudar família. Até falei: pra vocês desenvolver, você trabalha nos programas do governo, a primeira coisa que tem que fazer é, por que é que era programa [...] da família? Porque, quer dizer, tudo isso, eu tenho que ter uma versão, eu tenho que estudar autores que interpretam isso, entendeu? Então, ou você... e aí, o que é que acontece, né, na formação? Ou você dá essa formação e os profissionais encontram o caminho, ou então, vamos ficar só: "- não, isso é pecado!", e vou continuar conservadora. Foi incrível, por exemplo, houve a mudança, que outra crítica que eu fiz, que eu faço, né, quando houve a Virada, eu digo: "- ótimo! Muito boa a Virada!" [...], o Congresso da Virada. Mas eu costumo dizer isso, por exemplo, estudo de caso. Estudo de caso sempre, todas as ciências continuam fazendo. Nós tiramos o estudo de caso da Psicanálise, da Psicologia e tiramos da Antropologia. Quem fazia estudo de caso era a Antropologia. Antropologia não foi jogar fora os instrumentos dela não. Eu digo, a nossa crítica foi tão mal feita que nós jogamos fora a bacia, o menino e a água. Eu digo: "- Vocês jogaram fora!" [...]. É uma não compreensão epistêmica, porque eu posso continuar, eu sou uma pessoa que trabalha a questão da transformação da sociedade fazendo caso, grupo e comunidade, fazendo reuniões de comunidade, reuniões de grupos grandes, fazendo debates, fazendo... [...] Tinha que fazer uma crítica à comunidade, que a comunidade subiu na questão do início, na época da Aliança para o Progresso e tal, mas essa abordagem, nós não podíamos ter jogado fora, que a gente teria aprofundado, como crítica às interpretações. Então, "o que é isso?" É um erro epistêmico, de epistemologia, de ver a relação entre o que é conceber e como praticar. Então, o que é que aconteceu? Se jogou, é porque vocês são novas, mas durante o tempo inteiro nós negamos essa profissão. Os assistentes sociais não diziam que eram assistentes sociais porque ele, na instituição, todo o pessoal tinha feito concurso, que nessa época tinha emprego pra todo mundo, né. [...]. Então, depois tinha muito concurso e tal, e o que acontecia, né? As pessoas não deixavam, tinham todo um discurso contra o sistema, mas estavam lá na Previdência Social fazendo as coisas que a previdência mandava. Então, há essa separação. Quando os alunos dizem: há uma separação entre a teoria a prática, acontece mesmo porque aqui é um discurso idealista, né, é um discurso idealista, é um discurso do vir a ser, né?! Você nega as políticas, o real é essa contradição. Há pouco tempo é que a gente

começou a ver, estudando instituições, que instituição é um campo contraditório. A própria profissão é um campo contraditório, como todas as profissões são um campo contraditório, não é só o Serviço Social não, entendeu? É nesse embate entre as políticas e nós vamos melhorando à medida que a sociedade se torna democrática, é onde as pessoas conseguem mais direitos, né. Essa separação entre o assistente social, o indivíduo e o assistente social profissional, né, então isso, esses entendimentos, eles são novíssimos, sabe? Porque, antes, “era o que?” Não, você é conservador, até o surgimento do PT. Então, eu tinha um bocado de gente que andava tudo de brochezinho de PT aqui. Um bocado de gente altamente conservadora, bocado de dedo duro, durante a Revolução que deduravam as outras pessoas, que entregavam, mas tudo... porque era moda, né. Então, é essa coisa assim, caráter dogmático que ainda permanece na profissão. Esse dogmatismo nós só enfrentamos na medida em que a gente vai atrás dos teóricos, né. E vendo nesse embate, dessa questão das ideias, né [...] e dessa relação com a prática e tudo emana da prática social, né. Tudo emana da realidade.

## ENTREVISTADA 7

### Parte 1

**Você pode comentar um pouco sobre o que se origina após a crise de paradigmas, com a divulgação destas explicações mais “pessimistas” para a realidade, com a deslegitimação do comunismo como uma proposta revolucionária.**

Eu acho que tem uma coisa aí que eu... eu tenho uma certa assim tranquilidade em relação a isso, porque você imagina a história, que que tava acontecendo na década de 80. Aqui no Brasil, a gente vivia [...] o ocaso da ditadura militar, o avanço dos movimentos sociais... isso era no Brasil e na América latina, mas na Europa, embora lá também tivesse os movimentos sociais, mas lá tinha uma questão que colocava em cheque dois modelos, né: o modelo ocidental capitalista, que também tava ruindo, mas o socialismo também, né. Então [...], eu gosto sempre de imaginar por exemplo, o Gorz vivendo aquele contexto, vendo ruindo.... um projeto que eles investiram... [...]. Ai eu fico imaginando todos aqueles intelectuais, que muitos deles eram marxistas, ou seja, muitos deles tavam apostando na superação do capitalismo e que tavam vendo a queda do muro de Berlim e que tavam vendo a insatisfação no leste europeu, mas a insatisfação também tava posta no ocidente, né?! Quer dizer... os movimentos também sociais e políticos e culturais da Europa e do mundo ocidental também era de negação desse modelo, né. Mas aí, “o que que vai acontecer nessa crise?”: o projeto

que ruuiu foi o do socialismo, né, esse é que foi dado ao fracasso. Ai é que eu vejo assim a importância do Marx. Eu não posso olhar o mundo dos homens pelo que tá acontecendo hoje, mas pelo que aconteceu há séculos atrás, o processo histórico da humanidade. “E o que que aconteceu dentro daquele projeto do socialismo, que foi o soviético, né, quer dizer, então, tudo isso tava ali presente, mas quem tava vivendo ali?” A gente pode dizer isso hoje, porque a gente tá vivendo quantos anos depois, né? 89 pra cá?, né. Quer dizer, a gente pode agora dizer: “-Puxa vida!”, mas quem tava vivendo na época, as coisas não são claras né?! e eu penso muito assim, que o pesquisador, o filósofo, ele também é um homem do mundo... Ele não é só filósofo [...] ele também tem suas paixões, ele também tem seus investimentos, que ele colocou naquele referencial, naquela defesa [...] defesas apaixonantes e intransigentes... e fundamentadas de que o mundo tinha que caminhar para o socialismo, né?! Quer dizer então, você imagina tudo aquilo ruindo, diante dos seus olhos, você já velho, você já dizendo, então: “-Poxa, investi tudo”. Eu fico pensando, eu [...] vivendo naquele momento e tendo dado uma grande contribuição para a compreensão do mundo dos homens, né. Então assim, a primeira coisa quando eu vejo um autor eu gosto de ver, o lugar de onde ele tá falando, o que que ele vinha construindo, o compromisso dele político e os desencantos. Então foi um desencanto de fato, que aí foi a crise dos paradigmas. A crise dos paradigmas foi fruto de um desencanto, né, e aí as pessoas foram buscar alternativas. “-Como que vou compreender isso, né?” Então, aí vem o pessimismo. Poxa, hoje, no Brasil, quem é que tá otimista hoje?, me diga! Nós todos estamos pessimistas. Nós todos estamos numa situação extremamente delicada, que a gente fica num esforço pra ver a dialética do mundo, a gente não pode deixar de ver, que o mundo é contraditório, que é movimento, que é parte de uma totalidade maior, m-a-s... é difícil você não deixar [...] que esse ambiente sociopolítico e ideológico não influencie você, né. Então, se a gente for pra década de 80, com a queda do muro de Berlim, as pessoas tavam vivendo aquilo, tavam vivendo isso que a gente tá vivendo hoje no Brasil, né. Então assim, “porque que mesmo com tudo aquilo, a gente, o Serviço Social, mesmo com aquilo tudo, continuou reafirmando né o marxismo?” Eu creio porque a América Latina permitia também isso. A gente não viveu um Estado de bem-estar social e a gente não viveu um socialismo, uma experiência de socialismo ali na sua esquina.... Porque imagine na Alemanha, cidades na Alemanha... até 61 se eu não me engane, não existia muro de Berlim, então, as pessoas conviviam umas com as outras.. só que a Guerra Fria, só que as contradições daqueles dois blocos... se aprofundam e de um dia pra noite um muro é construído e famílias são... separadas. Eu tenho uma amiga que ela disse: “Minhas primas, eu nunca mais vi minhas primas. Elas ficaram do outro lado da mesma cidade”. O pai dela era professor né e ficou lá

na cidade com o muro, com ela e a mãe e [...] o pai com a mãe chegou a dizer assim: “-Olha, vamos fazer o seguinte: eu tô sendo tencionado pra me inscrever no partido comunista”. Ele era uma pessoa crítica, mas ele não queria. Ele queria ter liberdade. E ele disse: “a coisa tá apertando pra mim”. Fugiu. Ai ele fugiu, só que foi combinado com a mãe, só que nenhum filho sabia de nada, de nada, e não podia saber... Imagina, você viver isso, né?! Então, tanto do lado do capitalismo, quanto do lado do socialismo, a gente tava vivendo questões extremamente perversas, per-ver-sas, né, que negam a democracia substancial que a gente defende, né. Então, com a queda do muro, as pessoas de lá tavam insatisfeitas, as daqui também, mas... quem venceu, ao final das contas, foi o fortalecimento do projeto do capital: esse foi o resultado né, pra dizer, imediato e processual, foi a vitória de um capitalismo que tinha uma grande população. A América Latina não viu o Estado de bem-estar social e isso eu acho que é uma condição importante para ter dado ao Serviço Social a sensibilidade, a ousadia, de ter mantido, né, um compromisso não... mantido a escolha de ver na... teoria marxista, na contribuição do Marx, o caminho pra entender a nossa realidade na América latina. [...] Então, é assim, eu acho que são elementos que a gente tem que trazer pra entender um pouco do pós-moderno, porque que ele é tão forte, foi... na Europa, porque se viveu essa realidade, mas também tem as escolhas dos próprios filósofos e pesquisadores e cientistas sociais. Quer dizer então... num contexto desse eles foram fazendo escolhas e foram vendo que grandes narrativas e essa perspectiva de totalidade não dava mais conta da leitura do real, enfim... Então, eu acho que... que tem esses elementos e aí eu acho que no Serviço Social nós tivemos essa, essa vantagem histórica concreta das condições objetivas da América Latina. A gente tinha Cuba [...] já tinha 3 décadas né, de uma revolução ousada, né. Então, para, vamos dizer assim, os intelectuais, os trabalhadores rurais engajados, os trabalhadores de maneira geral, engajados nos diversos movimentos sindicais numa perspectiva crítica, eles tinham um... como diz o José Paulo Netto, um caldo cultural que eu acho que permitiu essa teimosia: “Não, né, vamos continuar defendendo o paradigma do marxista e mantendo a defesa de que ele é atual, de que ele dá conta de entender a América Latina”.

## **Parte 2**

**Com relação à utilização de autores pós-modernos ou não em sala de aula, nós vemos que geralmente não existem disciplinas abordando com profundidade o pós-moderno...**

Na verdade, eu acho que a gente tem um receio exatamente de uma leitura superficial, tanto no marxismo como da pós-modernidade, né? [...] Porque aí a gente diz: “-Puxa vida!” [...] mas

é o risco... [...] que a gente tem que correr... Primeiro, porque eu não sou responsável como professora, como docente, da formação total dos nossos alunos. Eles se formam na sociedade... e o pensamento pós-moderno tá aí correndo e sendo fortalecido na sociedade. E ele tem uma certa fundamentação porque ele dialoga um pouco com o real. Ele só não vai às últimas consequências. Mas quando você lê o Sennett “A corrosão do caráter”, você: “Poxa!” Você pode jogar fora? Você pode negar... né? Quando ele fala da cultura do novo capitalismo, da nova sociedade, né... que ele vai trazer exatamente o capitalismo da reestruturação produtiva. Aí você vai dizer: “-Realmente, o empreendedorismo, o freelancer... Você hoje vê assistentes sociais... Como eu já tive alunas assistentes sociais da pós-graduação que colocou: “-Professora, isso é tão forte, essa coisa da gente ser flexível, da gente mudar de emprego com tanta facilidade, que eu estou há cinco anos no Estado, né... funcionária pública...”. [...] E ela disse assim: “Nossa! Eu já dei o que eu tinha que [...] dar aqui! Eu tenho que ir pra outro lugar!” Quer dizer, já cria um mal-estar nela... mas esse mal-estar é também socialmente construído. Já a minha geração e a dos meus pais, não... a gente foi construído em uma sociedade mais rígida, mais estável. Então a gente dizia: “-Meu Deus, eu tenho que ter um emprego público!” Se eu não tivesse meu emprego público, (risos) eu estaria numa situação não tão confortável como eu estou hoje; até porque a minha cabeça, a minha formação sócio-histórica é que eu precisava ter uma estabilidade, né... e não ter essa estabilidade pra mim, ia ser um sofrimento! “Por quê?” Porque a sociedade [...], nós nos formamos enquanto sujeitos, enquanto subjetividade... nesse diálogo... do mundo, da sociedade burguesa e da [...] minha subjetividade, dessa totalidade social que é o mundo que está sob o controle do capital... A gente não pode negar isso e minha subjetividade, com meus projetos pessoais, com meu projeto de Serviço Social, com o projeto ético-político do Serviço Social que eu defendo. Então tudo isso tá permeando o meu fazer profissional, mas essa totalidade tá ali também... se impondo e tendo uma força, uma... determinação. Agora, não é um determinismo: é uma determinação... né? [...]. O Lukács, ele traduz de uma forma muito... [...] acessível e muito [...] organizada de uma forma que a gente compreende a nossa prática cotidiana, profissional, política. Ou seja, essa práxis que a gente se coloca diante de um horizonte que tem múltiplas possibilidades. E eu faço escolhas...mas eu não faço escolha fora da minha história, que é o que Marx diz, né? A nossa prática, ela é evento de uma totalidade, senão eu posso correr, correr o risco de me arruinar... [...] enfim, então assim, eu acho que no Serviço Social a gente dialoga..., voltando ao tema [...], a gente tem que dialogar com a pós-modernidade, com o pensamento pós-moderno, a gente tem que dialogar com a fenomenologia e todas essas correntes teóricas, porque é assim que a gente vai construindo nossa maturidade e a defesa do

marxismo vai ser construída assim, nesse diálogo, e não numa [...] imposição arbitrária, né? Agora... é como ontem a gente tava discutindo: “- Quem é que responde?”. Ontem eu perguntei a um aluno: “-Por que o Serviço Social vai historicamente na América Latina?” [...]. Vai assumir uma perspectiva crítica e por que que é o marxismo que a gente vai defender? Ai um aluno disse: “-Professora, porque a gente, pra gente entender essas contradições nada como o diálogo com a teoria social crítica, né? Agora... não pode ser uma coisa fechada, não pode virar religião, né? Não pode...

**Com relação ao debate da incorporação do pós-moderno pelo Serviço Social ser uma expressão do pluralismo ou do ecletismo, o que você pode me dizer?**

[...] Então se a gente pensar o pensamento pós-moderno como algo assim..., mas ele traz novidades. A gente não pode deixar... o capitalismo sob a reestruturação produtiva. Ele tem novidades, em relação ao que era o outro..., mas a base, a contradição central continua sendo a relação capital e trabalho. Agora, ela tem outras mediações, ela tem suas particularidades, né? Aí o desafio dos pensadores de dar conta dessas particularidades, né? Então assim, eu acho que a gente poderia chamar uma sociedade pós-moderna, mas não no sentido de que se rompeu... né? A modernidade não resolveu o que prometia e continuamos sem resolver o que esperávamos com a modernidade. A verdade é essa! né?! Quer dizer, o que tá posto no debate do Serviço Social, quer dizer, desse pensamento pós-moderno, eu acho que foi a questão que você falou, né..., desse sincretismo, pluralismo, né? Eu acho que a gente tem que ter cuidado com o sincretismo porque de repente eu coloco junto, sem identificar as diferenças, né? Sem identificar [...] em que aspectos esses autores divergem. Então eu acho que a gente tem que ter esse cuidado. Daí que é diferente sincretismo de pluralismo, né? Eu acho que a gente tem que trazer o pensamento, o debate plural pra sala de aula, né?!... A gente tem que trazer.

**Como você vê a utilização desses autores pós-modernos pelo Serviço Social? A incorporação deles, muitas vezes acrítica, pode levar a prejuízos para o PEP?**

É um risco! A vida é um risco! (risos). A gente só vive porque a gente se arrisca, né? [...] Eu acho que é inevitável! Então não adianta a gente querer [...] botar o pensamento pós-moderno do lado de fora do Serviço Social..., não dá ..., não dá! Agora, por exemplo, a gente vai ver que na nossa formação, né, do Serviço Social do projeto pedagógico, né..., do nosso projeto pedagógico, a gente tem as disciplinas dos dois primeiros anos, que são disciplinas que estão [...] dialogando com a Filosofia, com a Sociologia, com a Economia, né... com a Economia Política. Então a gente queira ou não, nesses momentos, não vai ser pensamento do Marx que

vai ser defendido... não vai ser! [...]. Eu acho que os nossos alunos logo no início do semestre, eles já vão ter contato com o pensamento pós-moderno... Certo? É... e talvez o nosso erro seja insistir de que não seja assim...[...]. Então isso [...] a gente dialoga com as Ciências Sociais. E a gente tem que dialogar com as filosofias porque nós não constituímos o conhecimento sozinhos, né? Então eu acho assim, que é um risco, mas a gente tem que enfrentar o pensamento pós-moderno, a gente tem que dialogar... O negócio é o tempo também pra gente fazer um debate... profundo, né...responsável, honesto, né... [...] Eu acho que a gente tem que ter... Não tem que ter preconceitos e acho que a gente tem que dialogar com os alunos no sentido de que eles tenham espaço para trazer pra sala de aula o que eles já estudaram, para além do Marx..., né? Quais as ideias que eles tem... pra que eles possam dialogar com [...] essa direção teórica nossa, porque ela ainda é hegemônica, né? Mas, assim... eu acho que a gente tem que defender o pluralismo, a gente tem que buscar [...] aprofundar alguns autores, principalmente aqueles que se relacionam com os nossos objetos de pesquisa [...].

## ENTREVISTADA 8

**Você acredita que essa incorporação do pensamento pós-moderno pelo Serviço Social pode deslegitimar o PEP, já que nós temos uma base hegemônica marxista?**

Pois é..., mas a base é hegemônica, ela não é unilateral, tá certo? E o próprio projeto ético-político fala em pluralismo... tá? É claro que a gente não vai falar de ecletismo, que é quando há uma incoerência, uma incompatibilidade total entre ideias... certo? Um autor diz “X” e o outro diz “Y” e “X” e “Y” não se unem..., tá certo? Mas o pluralismo, a liberdade..., inclusive, isso tá lá no próprio projeto ético-político: a questão do aprimoramento intelectual, né... desse processo de formação continuada, né... dos assistentes sociais, tá? Então eu não vejo [...] é o que eu tô lhe dizendo desde o primeiro momento: “o que é que está se definindo como pensamento pós-moderno”? Porque [...] aquele autor Lyotard, por exemplo, né, ele diz que não se considera um autor pós-moderno, ele pode ser um estudioso da chamada pós-modernidade..., tá?!, mas não necessariamente ele tá fazendo apologia aquilo ali, defendendo, sendo... né? Então, a gente tem que ter muito cuidado [...] eu me incomodo muito com essa coisa de [...] taxar..., né? “Ah, você é marxista!” Quer dizer que você só ler Marx?! Ou então: “Você é pós-moderno!” Quer dizer...?! E isso virou até uma antipatia... né?!, porque os discursos, eles acabam sendo tão radicalizados...[...]. As pessoas vão antipatizando: “Olha, lá vem você com seu discurso marxista, esse discurso, né... do Capital, esse discurso que não dá mais conta da realidade, que só vê as relações sociais no nível macro, que não compreende as

particularidades dos sujeitos, que não dão voz aos sujeitos em si, às [...] suas motivações, às suas percepções”, né?!... E você: “Lá vem você com seu discurso pós-moderno, fragmentado, raso, né?” Quer dizer, virou uma antipatia... A ciência, a realidade em si não está dividida dessa forma... né? A própria ciência moderna, e aí seria a crítica da pós-modernidade, né... do pensar, que vem com a ideia do pensar relacional, do pensar complexo também como Edgar Morin, né...[...]. No doutorado, eu tava estudando Marx de um lado, mas tava estudando Bourdieu, Edgar Morin, né... quer dizer: “Por quê?” Porque a modernidade é que [...] estabeleceu essa divisão entre as ciências: “Isso aqui é ciência exata, isso aqui é ciência social, isso aqui é ciência humana”, num é? “O objeto das ciências exatas é esse, o objeto...”, quando na realidade tá tudo interrelacionado... né? Então, romper com essa visão de mundo... moderna, da modernidade... é buscar esse pensamento relacional, esse pensamento complexo, esse pensamento que estabelece a relação...né..., entre as partes..., entre as partes e o todo, a totalidade, né?

### **Como você vê o debate do Serviço Social sobre o pós-moderno?**

[...] Não, não estou falando isso! Não estou dizendo que é ortodoxismo. Eu estou dizendo que você tá dentro de uma universidade, né... até mesmo dentro de um programa de pós-graduação... É claro que os professores tem suas linhas de pesquisa, tem suas perspectivas teórico-metodológicas e fica difícil um professor que tem uma convicção, né?!, uma perspectiva teórico-metodológica orientar, por exemplo, um aluno que tá chegando com uma proposta completamente diferente, tá certo? Mas o fato é que nós como estudantes – eu tô me colocando [...] a gente tá sempre estudando... o professor é um eterno estudante, num é? –, nós temos que ter essa liberdade de pensar. E o medo é que... eu acho, eu sinceramente acho que o grande medo sabe qual é? É que os alunos não se apropriem do que deveriam se apropriar... Ou seja, vamos fazer com que os estudantes se apropriem mais da perspectiva crítica... tá? Não leiam os clássicos, não entendam o pensamento marxiano, sabe... não entendam qual é de fato o projeto... e sejam tomados, sejam absorvidos por este projeto neoliberal que está aí, que é projeto que reforça esse tipo de pensamento mesmo: acrítico. Porque é bom pra eles, é bom para o capital... que as pessoas não critiquem, que as pessoas não tenham memória, que as pessoas não lutem, que as pessoas sejam individualistas, consumistas... e até nas suas reivindicações, né... [...] pela diversidade sexual, pela diferenciação, né..., pela igualdade étnico-racial... até nessas suas lutas [...], elas sejam individualizadas. O projeto do capital posto aí, é isso! É eu me apropriar dessas lutas fragmentadas, sociais, né... e fazer com que elas não tenham relação nenhuma com a luta de classe. Aí esse medo é muito forte! “Por que

que esse medo é forte?” Porque tudo leva a isso! O capital mercantiliza tudo! Mercantiliza a educação, a educação fica rápida... a educação hoje tem que ser ligeira, ligeiro bala. É uma coisa fragmentada, sabe?!... As pessoas não têm tempo, porque elas vivem tanto a dinâmica do trabalho... os estudantes... hoje na UECE... [...]. O estudante da manhã? Era estudante profissional. Hoje as pessoas não têm tempo de estudar. [...] Os alunos não tem tempo de ler... e nós, professores, nos preocupamos com isso! “Por quê?” Uma coisa é eu tá lendo Marx, eu tá lendo esses autores e eu está tentando estabelecer o diálogo, quando existe, eu tá fazendo a crítica. Outra coisa, “sabe o que é?” Eu não querer fazer crítica nenhuma! Eu querer nem sequer ler o livro todo, eu querer [...] ler uma parte do texto e dizer o que eu acho... que é o achismo. Então há um medo enorme que o aluno não tenha essa compreensão, sabe? “Então o quê que é melhor?” “Não vamos dar muita liberdade pra isso aí não! Né? Não vamos não! A gente tem que fazer garantir é o que é hegemônico”. É um direcionamento: é esse, é esse, é esse! [...]. Então [...], eu não concordo com isso, mas o que é que eu entendo? Que foi a pergunta que você fez... “Por que que existe isso?” É um medo, é uma necessidade e dá pra entender por quê... Olha a crise que nós estamos vivendo: tá um caos, um retrocesso de direitos! Então, quanto mais pessoas acríicas, sem esse senso... quanto mais as pessoas... nem sabem, nunca leram Marx... E não é só: é porque foi ele que escreveu mais sobre isso, não é porque só tenha ele não, não é porque você só possa ler ele não. É porque é uma leitura que pra gente, pra compreensão da sociedade em que a gente vive, é indispensável... Mas o fato é que essa leitura não chega a todos os alunos. Não chega! “Aí o que é que chega?” E o que é que chega muito mais bonito, muito mais atrativo, muito mais convincente? É a leitura que num tá fazendo articulação [...]. Aí fica assim: os professores que estudam essas outras temáticas, né... são os pós-modernos... E às vezes parece que você tá chamando esses professores de ignorantes. “Num... lhe dá essa sensação, não?”. Ah, essas pessoas que estudam outros temas são ignorantes, elas num estão buscando a raiz, elas não conseguem estabelecer a relação com outras... né? “Mas por que isso?” Porque é perigoso mesmo por conta do medo dessa fragmentação. Quando você diz: questão étnico-racial não tem nada a ver com luta de classes... sabe? Num é que você não vai estudar as particularidades, né... dessa temática, mas é porque a gente tá precisando fortalecer é a luta da classe trabalhadora, que envolve homens e mulheres, negros, brancos, pardos, né..., homossexuais, heterossexuais...entendeu? A luta maior! E o capitalismo e essa tendência vai fragmentando tudo de modo que você fique na sua, vá lutando só pelos seus interesses...certo? Então é assim que eu consigo justificar! É o medo... de que os alunos, de que a categoria seja absorvida pelo projeto neoliberal, cuja fundamentação é uma fundamentação da modernidade, que é o que há

de melhor...as promessas da modernidade que na verdade não são cumpridas...tá? Então é por esse medo... né?

### **As pessoas classificam determinados autores como pós-modernos?**

Esses autores que estão sendo classificados como pós-modernos... e aí quando eu classifico os autores como os pós-modernos e estou dizendo que isso aí é um pensamento conservador, é um pensamento que deslegitima o projeto ético-político... Eu fico buscando: “Onde é [...] que tá isso? Por que é mesmo?”, porque eu não estou vendo eles dizerem: “-Nós concordamos. A sociedade tem que ser assim mesmo. A sociedade tem que caminhar é por isso aí mesmo... ninguém vai conseguir nada, porque”... Uma coisa... tá certo? Olha o que é que [...] num é a crítica que fazem diretamente ao Marx, a obra de Marx... não é contestada. Ninguém tá dizendo: “Ele errou! Não é isso, não!” Tá dizendo assim: “Óh, no máximo, isso aí já não dá conta de explicar a atualidade”. E aí, eles falam isso e aí vêm os marxistas e diz: “Dá sim. Por isso, por isso e por isso”. Tudo bem! Pode ser uma falta de leitura... Não é a questão! Parece que é uma briga entre os marxistas... e aí já mistura tudo. Não é só método de investigação, estuda também um projeto de sociedade [...]. É o que você acredita, né... ou não. E uma sociedade que tá confusa! Olhe o que é que a gente tá vivendo hoje... os movimentos sociais foram às ruas e a PEC foi aprovada... e o impeachment aconteceu...tá certo? [...]. Então, aí você vai dizer: “-Quem é que sabe qual será a saída? Como fazer esse socialismo?”. Ai porque Marx falou no comunismo, no socialismo... “Como é que se faz? Quem é que sabe, me diz aí? Onde é que teve o socialismo real, de fato? Onde foi que aconteceu? [...] E como fazer isso agora?” Então não é porque eu não tô defendendo isso que eu... [...]. Nós vivemos esse momento e os autores estão tentando caracterizar esse momento... e o que eu percebo é uma angústia geral..., porque ninguém está satisfeito com esse momento..., tá? [...]. Bauman, por exemplo, falando dessa modernidade líquida, das vidas que são desperdiçadas, das pessoas que se tornam sobrantes, refugo humano, o lixo... [...], num é verdade, não? Ele pode não está se referindo à lei de acumulação capitalista. Ele não está na sua obra descrevendo minuciosamente a lei de acumulação capitalista, como falou o Marx. [...]. Só que quando Bauman fala [...] é a verdade ou não? E é uma apologia que ele tá fazendo a isso? Eu não vejo como apologia. Eu vejo como uma grande crítica. As pessoas sendo desperdiçadas... certo... como mercadorias, descartadas como mercadorias. “E vão parar onde?” Vão parar nas prisões..., que ele vai dizer que são depósitos de lixo. “Não se pode nem falar em reciclagem. Prisão não recicla”, que é a metáfora que ele faz. Não ressocializa..., né? É o depósito da população, dessa população todinha... excedente; como ele diz, né...excedente..., que vai parar

lá. [...]. Eu coloco aqui também a minha inquietação, sabe... [...], porque são inquietações. Primeiro: “quem é o autor pós-moderno?” Porque nem eles falam isso... eu posso ser um estudioso daquilo que eu estou chamando de pós-modernidade. Eu tô chamando de pós-modernidade porque eu não concordo com fulano que tá chamando essa época [...], mas nós estamos fazendo uma análise desse momento... que é a sociedade contemporânea..., né? “Que valores são esses?” E eles tão dizendo por um acaso que esses são os valores [...], né? “Eles estão defendendo esses valores?” [...]. Então, é claro, eu sou contra o pensamento fragmentado? Só pra fechar aqui... Sou! Acho que o pensamento não deve ser fragmentado, o pensamento deve ser complexo, deve ser histórico... Eu acredito muito no método de apreensão da realidade dialético. Acredito muito... né? E acho que a pessoa com um pensamento raso, com um pensamento que não ver a raiz, que é a crítica radical... aí até a raiz; que isso, de fato, ameaça o compromisso com o projeto ético-político do Serviço Social? Acho, né?! Mas o meu pensamento, o pensamento de fulano ou ciclano é, é classificado assim, né... por quais características? [...].

## ENTREVISTADA 9

### **Você trabalha a partir dos originais dos autores?**

Eu consigo... eu consigo fazer isso, mas eu tenho que me posicionar criticamente perante o autor. O problema é... [Os alunos perguntam?] Não. os alunos não identificam. Essa é a grande questão: se você não provoca... Por isso que o professor ele tem um papel muito importante..., porque uma disciplina que a gente tem, que são leituras altamente conservadoras, disciplina de Planejamento e Administração em Serviço Social. Primeira parte da disciplina é só falando sobre as teorias da administração. Eu trago textos do Chiavenato [...]. O problema não é eu trazer o Chiavenato. O problema é o aluno incorporar aquilo ali de maneira acrítica. Ele não ver nada de errado naquele texto. Ele achar que tipo: “Ah, tá ótimo, eu vou poder usar”: é esse o problema! E se o aluno não identifica per si, o professor tem que fazer esse processo... tem que cumprir esse papel, de questionador, de problematizar, de: “Pessoal, e aí, é desse jeito?”, “Vocês acham que tá certo assim?”, “Vocês acham que eu posso ver violência só dessa forma?”. Eu que tenho que fazer essa ligação... o problema não é trazer o texto. O problema é assimilar o texto de maneira acrítica, entendeu? Então, o problema não tá no pensamento pós-moderno. Tá é no Serviço Social ou nos profissionais assimilarem de maneira passiva os textos, as contribuições dos autores, você tá entendendo? Eu vou fazer a leitura sobre a Butler, e eu não ver nada de estranho ali. Aceitar aquilo ali como cânone,

entendeu? Assim como o Marx mesmo. Eu vou ler o Marx e quer dizer que eu não vou sentir falta de nada? Foi por sentir falta que Gramsci elaborou as coisas dele e por isso ele foi mais ou menos marxista, entendeu? [...] Quer dizer que eu vou fechar os olhos pro que Hannah Arent escreveu, só porque não foi Marx?. Marx não escreveu tudo sobre todas as coisas, mas ele escreveu muita coisa importante sobre o período histórico que ainda não foi superado. Por isso, que as ideias dele ainda são tão atuais. “O capitalismo foi superado?”: Não! “E ele escreveu, o quê?”. Ele escreveu como uma sociedade está, ficou, o processo de transição com o advento do capitalismo, né... as experiências socialistas que não deram certo lá do Leste europeu e tudo mais. Elas ... porque a primeira questão que a gente vai ver... na minha leitura é... pode ser até superficial, mas... a primeira questão é que Marx pressupõe uma revolução mundial. Então, experiências socialistas localizadas... elas tendem ao fracasso... porque pra ele a revolução proletária tinha que ser... por isso, que no Manifesto, ele diz: “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”. De todo o mundo. Não é trabalhadores do Brasil, é do mundo. O processo de revolução é mundial, entendeu? Então, é... a dimensão do pluralismo...

### **O que é o pluralismo para o Serviço Social?**

[...] Falar do pluralismo em Serviço Social é reconhecer que existem outras teorias sociais... re-co-nhe-cer a existência. É possibilitar a leitura e o conhecimento da existência dessas teorias sociais [...], mas tem que ser uma leitura de conhecimento crítico... cientes de qual é a base, de qual é a teoria social que fundamenta o nosso fazer profissional, que é a teoria marxista e disso não há dúvida. Está tanto nos direcionamentos da ABEPSS, do conjunto CFESS/CRESS... todo o processo, as escolhas teóricas, os autores que são trabalhados ao longo da graduação... não são por coincidência não... Eles são trabalhados, pelo fato de que eles vão dentro de uma perspectiva... A gente tem que ter um direcionamento... Eu tenho vários caminhos pra poder [...] abordar os assuntos da formação profissional... e as escolhas dos autores elas tem que ter... tu imagina se todos os professores resolvessem adotar autores pós-modernos assim indiscriminadamente..., se sem adotar já causa uma confusão..., de natureza teórica e aí a gente vive descendo o pau no sincretismo... mas na verdade o que a gente reitera ao longo da formação, é uma formação altamente eclética, acrítica, entendeu?

### **Você acredita que a incorporação do pensamento pós-moderno é ecletismo?**

Eu não acho, porque tá trocando causa e efeito. Você diz que a incorporação do pensamento pós-moderno tem a ver por causa do ecletismo, mas o ecletismo é o efeito dessa incorporação, dessa assimilação acrítica, dessa assimilação passiva desses autores... Então, se eu assimilo

passivamente eu vou utilizar tudo de maneira indiscriminada e não vou fazer distinção, é esse o problema, entendeu? Então, eu discordaria [...], porque eu acho que é a gente confundir o que vem primeiro.

### **Você compreende que o pensamento pós-moderno pode ajudar a reatualizar práticas conservadoras?**

[...] Não é que o pensamento pós-moderno é responsável, é que a sociedade atual, ela é uma sociedade pós-moderna, no jeito de encarar a realidade, no jeito de se posicionar frente essa realidade, no sentido de política tá tudo cooptado: então, não é só o pensamento, é o modo de se posicionar frente a realidade social. Então, a culpa não é do pensamento pós-moderno, até porque eu te disse, às vezes esse pensamento ele é incorporado de maneira inconsciente. O fato de ele ser incorporado de maneira inconsciente não significa dizer que as suas consequências não sejam graves, porque o aluno, ele pode até não saber, mas ele tá por trás dos argumentos e dos resultados que ele apresentou, ele tá reproduzindo o pensamento conservador, mas ele não sabe disso, porque ele não tem o discernimento em torno das teorias sociais, entendeu? Então, tipo, ele faz sem saber. Só que a nossa formação, ela tem que ser uma formação continuada, mas não é isso que acontece. A gente enclausura a dimensão investigativa à formação profissional, à graduação, ao mestrado, ao doutorado, e não pode, nem deve ser assim, né. Ai assim eu penso: “pode ser?” É, mas não é único: se culpar, só o pensamento pós-moderno é responsável por isso? “Não”. Eu tenho alunos em sala de aula que reproduzem pensamentos altamente conservadores e práticas altamente conservadoras e não é culpa do pensamento pós-moderno não, é culpa da Igreja, da moral cristã. Então, eu tenho gente aqui que se posicionar ainda contra o aborto e o problema não é se posicionar contra o aborto, é os argumentos que vai utilizar, entendeu? A questão não é o seu posicionamento enquanto indivíduo é o argumento que você vai utilizar, o argumento ele vai reiterar o pensamento conservador, tá? Então, a culpa não é só da pós-modernidade, porque a Igreja é altamente conservadora, entendeu? Já a igreja tem sido a grande responsável, as igrejas, a moral cristã, por assim dizer, tem sido a grande... pelo menos pela minha experiência em sala de aula, tem sido a grande responsável pela veiculação de posicionamentos altamente conservadores, né? muito mais do que o pensamento pós-moderno... muito mais. Então, tem [...], não sei se você já viu... tem uma página serviço Social Libertário, né...[...]. A grande questão é que ela tá ali falando do ponto de vista humano, como pessoa, e o Serviço Social não se posiciona enquanto indivíduo, a gente se posiciona enquanto coletivo, o projeto ético-

político... o nosso projeto profissional não é um projeto individual, é um projeto profissional coletivo, é um projeto profissional de classe, ai a gente já debate, já diferencia bastante...

### **Como você vê o projeto marxista e a crítica pós-moderna sobre ele?**

Ah, eu acredito, que a história não está terminada. Se eu não acreditasse, eu não poderia pensar em ser assistente social, porque se eu não acreditar que o meu trabalho ele vai possibilitar mudanças e o futuro, o horizonte dessas mudanças, é alterar essas condições de vida das maiorias que são mazeladas, que são estigmatizadas..., se eu não acreditar nisso, não tem porque eu ser assistente social. Isso vale pra qualquer um, certo? Eu tenho que acreditar... porque se não [...], eu vou me ver imersa em práticas altamente fatalistas... Eu vou me ver imersa numa realidade altamente institucionalizada, rotinizada, pragmatizada, né?!: eu tenho que acreditar... Eu penso que a crença num horizonte diferente é o teor da luta, né... Eu acho que a luta faz valer... [...], a luta que faz valer, né, eu penso assim, né? Eu tenho que acreditar. Eu acredito, eu jamais trabalharia, daria aula, se eu não acreditasse, eu faria outra coisa, eu trabalharia com marketing, publicidade, sei lá, eu ia ser desses coaching pra ensinar a falar em público, dessas coisas, mas como eu acredito, sem pensar também numa maneira idealizada... sem pensar numa maneira idealizada da nossa profissão, né. Você vai encontrar muita gente por ai, na academia e fora dela, que vê a militância como profissão, que confunde a militância política com a dimensão ético-política da profissão e cai naquela armadilha do criticismo, que a Yamamoto fala, né. Você vai encontrar muita gente que vomita marxismo e que tem práticas altamente conservadoras, que fala de solidariedade de classe, mas sempre vê o seu par como concorrente, gente que vê muita teoria social crítica, mas que vê os espaços de participação como verdadeiras extensões pra realizar práticas de influencia, fisiologistas e igualmente clientelistas, que tanto criticam. Então, é preciso ter consciência disso também, porque se não, você desiste, porque se não, você vai dizer assim: “É..., ah, mas fala tanto uma coisa e faz outra”. Mas a vida é contradição, a nossa profissão não seria diferente. Eu não posso esperar das pessoas modelos ideais, né. Então, eu queria dizer que as pessoas, elas são um misto, elas são complexas, elas são contraditórias, elas encerram práticas antagônicas... [...].

### **Muitos alunos “misturam” os autores na graduação por não saberem diferenciar a linha teórica deles... E se o aluno “se apaixona” pela obra de outro autor que é contrário à direção hegemônica?**

É... porque já é difícil trabalhar Marx, ai você imagina trabalhar Marx e mais não sei quantos..., exige um nível de complexidade..., exige uma formação continuada, por isso que é

processo... Na minha trajetória quando que eu fui ter consciência do que eu tava fazendo, porque eu tava fazendo... de onde eu vinha e pra onde eu ia, né... Tipo, eu vou pesquisar no doutorado, performance. Performance são estudos altamente fragmentados que pegam o aqui e o agora. Ainda bem que eu tenho uma orientadora que diz: "Não, mas você não pode ficar assim, você tem que ver de onde que vem esses indivíduos, que práticas sociais eles reiteram fora daqui, de que classes sociais eles vem, eles trabalham, eles fazem o quê?", porque o indivíduo, ele não está desenraizado do seu pertencimento social, entendeu?! Então, assim, claro que na Sociologia, Bourdieu, ele vai ser aquele que se aproxima, um pouco, ali, flerta ai com o marxismo, sobre quais circunstâncias... Então, enfim... o desafio é longo, pode parecer clichê, mas acho que tem que ter um trabalho conjunto, fortalecimento das instâncias representativas. Eu acredito que o movimento estudantil forte, ele contribui muito. Agora assim, o movimento estudantil consciente e fundamentado teoricamente, né. Ele contribui muito para um processo de pensar numa guinada aí ou mesmo de um nascimento de um processo crítico, né...